

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ILEMAR CHRISTINA LANSONI WEY BERTI

PRÁTICAS E REGIME DE INFORMAÇÃO
Os acontecimentos “Carta de Temer a Dilma” e
“Marcela Temer: bela recatada e do ‘lar’”

Belo Horizonte
2018

ILEMAR CHRISTINA LANSONI WEY BERTI

PRÁTICAS E REGIME DE INFORMAÇÃO
Os acontecimentos “Carta de Temer a Dilma” e
“Marcela Temer: bela recatada e do ‘lar’”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade.

Orientador: Carlos Alberto Ávila Araújo.

Belo Horizonte
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFMG

Berti, Ilemar Christina Lansoni Wey.

Práticas e regime de informação [manuscrito] : os
acontecimentos "Carta de Temer a Dilma" e "Marcela Temer: bela
recatada e do 'lar'" / Ilemar Christina Lansoni Wey. Berti. - 2018.
209 f. : il.

Orientador: Carlos Alberto Ávila Araújo.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Ciencia da Informacao.

1. Práticas informacionais. 2. Regime de informação. 3.
Sujeitos informacionais. 4. Acontecimentos. 5. Facebook. I.Araújo,
Carlos Alberto Ávila. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Escola de Ciencia da Informacao. III. Título.



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

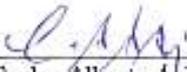
"PRÁTICAS E REGIME DE INFORMAÇÃO. OS ACONTECIMENTOS "CARTA DE TEMER A DILMA" E "MARCELA TEMER: BELA RECATADA E DO LAR"

Ilemar Christina Lansoní Wey Berti

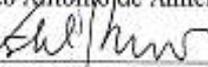
Tese submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de "doutora em Ciência da Informação", linha de pesquisa "Informação, Cultura e Sociedade".

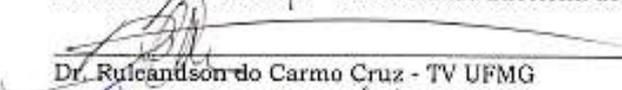
Tese aprovada em: 28 de maio de 2018.

Por:


Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo - ECI/UFMG (Orientador)


Prof. Dr. Marco Antônio de Almeida - USP

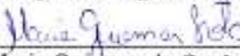

Profa. Dra. Isabel Babo - Universidade Lusófona do Porto


Dr. Rulfanderson do Carmo Cruz - TV UFMG

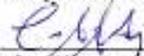

Prof. Dr. Fabricio José Nascimento da Silveira - ECI/UFMG


Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI


Profa. Maria Guimar da Cunha Frota
Coordenadora

Versão final aprovada em 30/05/18


Prof. Carlos Alberto Ávila Araújo
Orientador



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE TESE DE ILEMAR CHRISTINA LANSONI WEY BERTI, matrícula:
2014655361

Às 14:00 horas de dia 28 de maio de 2018, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada *ad referendum* pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 08/05/2018, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **Práticas e regime de informação. Os acontecimentos "Carta de Temer a Dilma" e "Marcela Temer: bela recatada e do lar"**, requisito final para obtenção do Grau de DOUTORA em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

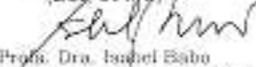
Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo - Orientador	APROVADA
Prof. Dr. Marco Antônio de Almeida	APROVADA
Profa. Dra. Isabel Babo	APROVADA
Dr. Rubeandson do Carmo Cruz	APROVADA
Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula	APROVADA
Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira	APROVADA

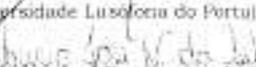
Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA. A banca recomendou sua indicação para os prêmios UFMG e ANCIB de teses da Ciência da Informação.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 28 de maio de 2018.

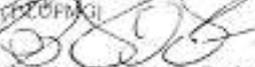

Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo
(ECI/UFMG)

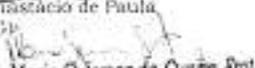

Profa. Dra. Isabel Babo
(Universidade Lusófona do Porto)


Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira
(ECI/UFMG)


Prof. Dr. Marco Antônio de Almeida
(USEP)


Dr. Rubeandson do Carmo Cruz
(PPG/UFMG)


Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula
(ECI/UFMG)


Profa. Maria Guilmar da Cunha Prota
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.

Aos meus pais, que me ensinaram a amar o saber,
guardei as suas palavras no coração.

À minha família, Decio, Felipe e Ana Luiza, pela
alegria da convivência. Suas vidas dão sentido às
minhas realizações e existência.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Carlos Alberto Ávila Araújo, que soube conjugar seu conhecimento na Ciência da Informação com dedicação e sensibilidade no trabalho de orientação, tornou-se um amigo e um referencial seguro dos rumos e delineamentos desta tese. Quando estabeleci os primeiros passos na academia, suas referências sobre o aspecto social da Ciência da Informação foram o que fizeram sentido e fortaleceram a minha caminhada. Foi uma honra tê-lo como orientador.

À Prof. Doutora Isabel Babo, Professora Catedrática da Universidade Lusófona do Porto, Portugal, que com sua erudição gentilmente disponibilizou seu tempo para me receber, realizando orientações precisas, especialmente em relação às leituras das Ciências Sociais, na área da Comunicação. Essas leituras significaram um marco para minha investigação, assim como as sessões do doutoramento em “Estudos em Comunicação para o Desenvolvimento” e a oportunidade de participar das discussões do Instituto Toposofia em parceria com o prof. Doutor Massimo Di Felice da Universidade de São Paulo.

Ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, por contemplar em suas linhas de pesquisa espaço para a abordagem sociocultural. Este trabalho é, certamente, resultado de um longo processo que se desenvolveu com diferentes contribuições, entre elas as disciplinas e avaliações do curso.

Ao grupo de pesquisa EPIC – Estudos em práticas informacionais e cultura – da UFMG pelas discussões sobre sujeitos, cultura e relações sociais, além da oportunidade de interlocução com pesquisadores de diferentes temáticas e nacionalidades. As leituras e debates significaram profundo aprendizado à minha formação.

À Professora Doutora Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, pela acolhida, pela amizade e pelas recomendações feitas à tese quando participou do exame de qualificação.

Aos Professores que compuseram a Banca de Defesa, cuidadosamente escolhidos e convidados para avaliarem o trabalho aqui elaborado, foi uma honra tê-los como interlocutores, Doutor Claudio Paixão Anastácio de Paula, Doutor Fabrício José Nascimento da Silveira, Doutor Marco Antônio Almeida e Doutor Ruleandson do Carmo Cruz.

À Capes, com especial registro, pela bolsa de estudos que subsidiou recursos para o desenvolvimento do projeto, inclusive para a realização do doutoramento sanduíche na Universidade Lusófona do Porto, em Portugal.

Aos amigos e às amigas que me apoiaram, Claudia Leonor, Daysi Lange, Diana Vilas Boas Souto Aleixo, Hércules Santos, Vinícius Tolentino, Ilza Almeida de Andrade e Ruth

Nascimento. Especialmente à Gabrielle Tanus, Janicy Rocha, Ariane Lemos e Olívia Gutierrez pelos *links*, referências e conversas sobre sujeitos e práticas.

À minha amiga Tatiane Gandra pela ajuda, competência e sensibilidade com que me incentivou na caminhada da tese.

Às minhas amigas de histórias de vidas e para a vida, Aline Queiroz, Isabella Santos, Paula Mota e especialmente a Thiara Alves, por ser a primeira de todas (a começar pela linda história do Cecílio).

Às minhas amigas e amigos que fizeram da rede social, um caminho possível para exercício do afeto.

Às minhas amigas que me inspiram, Gislaine Ferreira, Isabela e Isadora Pelisson, por todo amor e generosidade, suas vidas são presentes para mim.

À minha família, minha mãe, meus irmãos e meus sogros pelo cuidado e carinho de sempre.

Ao Decio Junior e aos meus filhos Felipe e Ana Luiza por todo amor, companheirismo e compreensão pelo tempo necessário para conclusão deste trabalho.

Ao meu Deus, pela vida, pela saúde e pela belíssima jornada que tem me concedido.

Um casal que dança participa de um ritmo comum, toma parte de um ato partilhado, já que, dançando, dois parceiros desenvolvem movimentos conjuntos, conduzidos por uma música. A ação pressupõe o domínio de técnicas e sensibilidade musical, assim como leveza, senso de harmonia e equilíbrio por parte de cada dançarino. Mas, ao lado da destreza individual, os parceiros devem ainda - e sobretudo - proceder a uma adequação mútua de corpos e movimentos, adequar-se à música e às regras daquele tipo de dança. Fazendo isto, eles estarão atualizando e dando existência àquela dança (que só existe em casais que dançam), numa experiência que é única, e feita a dois. Executada naquele momento e naquelas condições, ela não é mera repetição, mas uma recriação; e não é nem de um nem do outro, mas do que fazem juntos.

Vera V. França, 2012.p. 37

Cada vez que você escreve alguma coisa e envia para o mundo, torna-se público, obviamente, todo mundo é livre para fazer com ele o que lhe agrada, e é assim que deve ser. Eu não tenho qualquer desavença com isso. Você não deve tentar segurar sua mão sobre o que pode acontecer com o que você tem pensado para si mesmo. **Você deve sim tentar aprender a partir do que as outras pessoas fazem com isto (tradução nossa)**

Hannah Arendt, 1973 (prólogo)

BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey. **Práticas e regime de informação**: Os acontecimentos “Carta de Temer a Dilma” e “Marcela Temer: bela recatada e do ‘lar’”. 2018. 209 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

RESUMO

Com o propósito de compreender as práticas informacionais dos sujeitos no Facebook, a partir da perspectiva de regimes de informação formados no contexto dos acontecimentos “carta de Temer a Dilma” e “Marcela Temer: bela, recatada e do ‘lar’”, apresenta a relação entre as interações dos sujeitos e a produção, apropriação e reflexão da informação na rede social. O Facebook é um dispositivo que se constitui um espaço virtual emblemático da atuação das pessoas. Possui aproximadamente dois bilhões de usuários que marcam com suas ações e reações a rede social que retratam parte da vida cotidiana. Baseada na ação de informar e se informar no dispositivo, as práticas informacionais representam uma transversalidade de elementos, devido a pluralidade de atores, práticas e recursos que se fundem, conformando um fenômeno informacional importante para entender a relação dos sujeitos com a informação. O percurso metodológico desenvolvido na pesquisa foi baseado na pragmática comunicacional de González de Gómez (1996, 2000) cuja abordagem considera três dimensões: semântica discursiva que correspondeu a descrição dos posts para compreender o que o acontecimento virtual informou, tipificando o fenômeno a fim de apreender como as pessoas envolvidas se posicionaram a partir da caracterização de quem falou, o que falou e como falou. Meta – informação, a qual significou construir a contextualização do acontecimento virtual que conduziu o olhar interpretativo, com base nos valores construídos e nos possíveis sentidos das ações em uma determinada situação e temporalidade das ocorrências e a Infraestrutural, dimensão que relacionou as características do dispositivo na conformação do acontecimento no virtual. Os instrumentos e procedimentos metodológicos utilizados foram: questionário semiestruturado, observação, descrição, análise e interpretação das ações dos sujeitos. Quanto a análise dos resultados, três categorias foram construídas e desdobradas em eixos explicativos. A primeira categoria apresenta o uso do Facebook, como e porque os sujeitos usam o dispositivo. A segunda categoria, diz sobre a especificidade da linguagem quanto a sua indiciabilidade e a terceira categoria, destaca alguns aspectos da interação com os conteúdos das postagens, autoridades informacionais, critérios de valor, ações e significações no contexto dos acontecimentos selecionados. Os resultados sugerem a confluência entre os elementos, rede, ambiente tecnológico e pessoas na conformação de fenômenos informacionais. Um processo que inclui enquadramentos sociais e valores, capazes de comporem um universo híbrido de significação e valor informacional. As ações incidem sobre os sujeitos informacionais e, sobre os diferentes contextos, configurando-se informação com poder de agência.

Palavras-chave: Práticas informacionais. Regime de informação. Sujeitos informacionais. Acontecimentos. Facebook.

BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey. **Practices and information regime: the events "Temer's letter to Dilma" and "Marcela Fear: beautiful, prudish and 'homey'"**. 2018. 209 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ABSTRACT

With the purpose of understanding the subjects' informational practices in the perspective of a specific information regime, formed in the context of events "Temer's letter to Dilma" and "Marcela Fear: beautiful, prudish and homey" conformed at Facebook, the relationship is presented between the interactions of the subject and the production, appropriation and reflection of the information on the social network. Facebook is a device and constitutes an emblematic virtual space of people's actuation. It has approximately two billion users that mark with their actions and reactions the social networking and portray a part of everyday life. Based on the action to inform and advise on the device, the informational practices represent a transversality of elements, because the stakeholders' plurality, practices and resources that merge, conforming a informational phenomenon important to understand the subject's relationship with the information. The methodology developed in the research was based on the communicational pragmatics of González de Gómez (1996, 2000) whose approach relates the action to inform and advise in three dimensions: discursive semantics, corresponded to the description of the posts to understand what the virtual event informed, typifying the phenomenon in order to understand how the involved people positioned themselves from the characterization of who spoke, what spoke, and how he or she spoke. Goal - Information, meant to build the virtual event contextualization which led to the interpretative look, based on constructed values and the possible meanings of actions in a given situation, and temporality of the occurrences and infrastructural, related the device characteristics in the conformation of the event in the virtual. The methodological instruments used were structured questionnaire, observation, description, analysis and interpretation of the subjects' actions. Regarding the results analysis, three categories were constructed for understanding the phenomenon that unfolded in the explanatory axes. The first category shows the use of Facebook, how and why the subject uses the device. The second category, says about the language specificity concerning its indexicality and the third category, highlights some interaction aspects with the content of posts, informational authorities, value criteria and meanings in the context of the selected events. The results point to the confluence among the components, network, technological environment and people. A process that includes social frameworks and values, able to compose a hybrid universe of signification and informational value. The actions focus on the informational subjects and on the different contexts, configuring information with power of agency, in a reciprocal, continuous and powerful movement.

Keywords: Informational Practices. Information regime. Information subjects. Events Facebook.

BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey. **Prácticas y régimen de información: Los acontecimientos "Carta de Temer a Dilma" y "Marcela Temer: bonita recatada y 'hogareña'"**. 2018. 209 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

RESUMEN

Con el propósito de comprender las prácticas informacionales de los sujetos en la perspectiva de un régimen de información específico, surgido en el contexto de los acontecimientos “carta de Temer a Dilma” y “Marcela Temer: bonita, recatada y hogareña” conformados en el Facebook, se presenta la relación entre las interacciones de los sujetos y la producción, apropiación y reflexión de la información en dicha red social. El Facebook es un vehículo que se constituye como un espacio virtual emblemático de la actuación de las personas. Posee aproximadamente dos mil millones de usuarios que la demarcan con sus acciones y reacciones y en donde retratan parte de su vida cotidiana. Basada en la acción de informar e informarse, las prácticas informacionales representan una transversalidad de elementos debido a la pluralidad de actores, prácticas y recursos que se funden entre sí, constituyendo un fenómeno informacional importante para entender la relación que los sujetos tienen con la información. El trayecto metodológico desarrollado en la presente investigación está basado en la pragmática comunicacional de González de Gómez (1996, 2000) cuyo abordaje divide la acción de informar y de informarse en tres dimensiones: la semántica discursiva, que atañe a la descripción de las publicaciones para comprender lo que el hecho virtual pretendía informar, tipificando el fenómeno para aprehender cómo las personas involucradas se posicionaron a partir de la caracterización de lo que se dijo, de quién lo dijo y de cómo lo dijo; la metainformación, que edifica la contextualización del acontecimiento virtual que conduce la mirada interpretativa, con base en los valores construidos y en los posibles sentidos de las acciones en una determinada situación y temporalidad de los acontecimientos; y la infraestructural, que relaciona las características del dispositivo en la conformación del acontecimiento en el mundo virtual. Los instrumentos metodológicos utilizados fueron el cuestionario semiestructurado, la observación, la descripción, el análisis y la interpretación de las acciones de los sujetos. Con respecto al análisis de los resultados, se construyeron tres categorías para la comprensión del fenómeno que se desplegó en ejes explicativos. La primera categoría presenta el uso del Facebook, de cómo y por qué los sujetos usan el dispositivo. La segunda categoría trata sobre la especificidad del lenguaje al igual que de su indexicalidad, y la tercera, destaca algunos aspectos de la interacción entre los contenidos de las publicaciones, las autoridades informacionales, los criterios de valor, las acciones y significaciones en el contexto de los hechos seleccionados. Los resultados apuntan hacia la confluencia entre los elementos, la red, el ambiente tecnológico y las personas. Es un proceso que incluye encuadres sociales y valores capaces de componer un universo híbrido de significación y valor informacional. Las acciones inciden sobre los sujetos informacionales y sobre los diferentes contextos, configurándose como informaciones con poder de agencia, en un movimiento recíproco, continuo y potente.

Palabras clave: Prácticas informacionales. Régimen de información. Sujetos informacionales. Acontecimientos. Facebook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Representação objetivista-subjetiva e (intersubjetiva) da comunicação humana	28
Figura 2 - Modelo de busca de informações no cotidiano	34
Figura 3 - Regime de informação	45
Figura 4 - Tela de abertura do Facebook.....	59
Figura 5 - Números da “comunidade” Facebook (Post de 26 de julho de 2017)	63
Figura 6 - Constituição do fenômeno informacional.....	71
Figura 7 - Acontecimento	81
Figura 8 - Publicação do O Globo sobre carta de Temer enviada a Dilma.....	94
Figura 9 - Reportagem da Revista Veja sobre Marcela Temer	98
Figura 10 - Algumas capas de revistas sobre Dilma e o impeachment.....	112
Figura 11 - Formas de interação no Facebook	126
Figura 12 - Esquema de comunicação de Roman Jakobson	151
Gráfico 1 - Comparação entre os números de interações do post “carta de Temer a Dilma” e outras postagens do mesmo site.....	113
Gráfico 2 - Comparação entre os números de interações do post “Marcela Temer: bela, recatada e do ‘lar’” e outras postagens do mesmo site	121

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentação dos entrevistados	88
Quadro 2 - Apresentação dos acontecimentos e conformação de regime de informação	90
Quadro 3 - Primeiro acontecimento oficial: denúncia contra Dilma Rousseff.....	93
Quadro 4 - Reportagem sobre a morte de Jorge Bastos Moreno	95
Quadro 5 - Íntegra da carta de Temer a Dilma	95
Quadro 6 - Aprovação da abertura do processo de impeachment	97
Quadro 7 - Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”	98
Quadro 8 - Dilma perde o mandato e Temer assume a presidência.....	100
Quadro 9 - Dilma é destituída da presidência da República do Brasil	101
Quadro 10 - Temer comenta a morte do jornalista que divulgou a carta	114
Quadro 11 - Análise de dados: a interação entre os sujeitos, o dispositivo e os conteúdos das postagens	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Páginas do Facebook consultadas para análise.....	91
-------------------	---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARPA	Advanced Research Projects Agency
NSA	Agência Nacional de Segurança
CEMS	Centre d'Études des Mouvements Sociaux
CI	Ciência da informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CGU	Controladoria Geral da União
EHESS	École des Hautes Études en Sciences Sociales
HTML	HyperText Markup Language
IESP	Instituto de Estudos Sociais e Políticos
LEMEP	Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
SECIN	Seminário em Ciência da Informação
TCU	Tribunal de Contas da União
URL	Uniform Resource Locator
UNAM	Universidad Autónoma do México
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	SIGNIFICAÇÃO E VALOR DA INFORMAÇÃO	22
2.1	Ciência da informação	25
2.1.1	<i>Estudos de usuários</i>	29
2.1.2	<i>Práticas informacionais</i>	32
2.1.3	<i>Regimes de informação</i>	41
2.1.3.1	A materialidade da informação	45
2.1.3.2	Acontecimentos	48
3	A ORGANIZAÇÃO SOCIAL EM REDE	52
3.1	Sociedade da informação	52
3.2	Rede e Rede Social	55
3.3	O Facebook	57
4	A CONSTITUIÇÃO DO FENÔMENO INFORMACIONAL	67
5	METODOLOGIA	77
5.1	Construção geral do percurso metodológico	80
5.2	Métodos da pesquisa	82
5.2.1	<i>Construção do referencial teórico</i>	82
5.2.2	<i>Construção da empiria</i>	82
5.2.3	<i>Análise dos dados</i>	83
5.3	Corpus da pesquisa	85
5.3.1	<i>Interações com comentários nos posts selecionados e seleção para entrevistas</i>	86
5.3.2	<i>A constituição do regime de informação específico</i>	88
5.3.2.1	Um regime de informação específico apreendido no movimento da rede social	90
5.3.3	<i>A escolha das páginas ou sites que veicularam a informação e a constituição do acontecimento</i>	90
5.3.3.1	Acontecimento oficial: 02 de dezembro de 2015 – Dilma é acusada de Crime de responsabilidade fiscal	93
5.3.3.2	Acontecimento virtual: 07 de dezembro de 2015 – carta de Temer a Dilma	93

5.3.3.3	Acontecimento oficial 17 de abril de 2016 – Câmara aprova a abertura do processo de impeachment	97
5.3.3.4	Acontecimento virtual 18 de abril de 2016 – Marcela Temer: bela, recatada e do “lar”, Revista Veja	97
5.3.4	Contextualização do corpus	101
6	A OBJETIVAÇÃO DO REGIME DE INFORMAÇÃO NOS ACONTECIMENTOS VIRTUAIS	102
6.1	A materialização do regime de informação em acontecimentos virtuais	102
6.2	Materialidade do acontecimento virtual: 07 de dezembro de 2015	102
6.2.1	<i>Dimensão semântico-discursiva</i>	103
6.2.2	<i>Dimensão metainformacional</i>	107
6.2.3	<i>Dimensão infraestrutural – dispositivo</i>	111
6.3	Materialidade do acontecimento virtual: 18 de abril de 2016	113
6.3.1	<i>Dimensão Semântico-discursiva</i>	113
6.3.2	<i>Dimensão Metainformacional</i>	117
6.3.3	<i>Dimensão infraestrutural – dispositivo</i>	120
6.4	A relação das publicações com a interação dos sujeitos no dispositivo	119
7	A INTERAÇÃO ENTRE OS SUJEITOS, O DISPOSITIVO E OS CONTEÚDOS DAS POSTAGENS	123
7.1	O Uso do Facebook	125
7.1.1	<i>Como a rede social é usada</i>	126
7.1.2	<i>Por que usam a rede social</i>	134
7.2	A especificidade da linguagem	137
7.2.1	<i>A indicialidade da linguagem na rede social</i>	137
7.3	A interação com os conteúdos das postagens	147
7.3.1	Carta de Temer a Dilma	147
7.3.1.1	Quem fala?	151
7.3.1.2	Por que fala?.....	157
7.3.1.3	O que fala?	161
7.3.1.4	Quando e onde falam?.....	164
7.3.2	Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’	166
7.3.2.1	Objetivação da mulher	169
7.3.2.2	Protagonismo feminino.....	174

7.3.2.3	Entre o recato e o direito de voz.....	175
7.3.2.4	Entre o privado e o público “do lar” e de qualquer lugar	177
7.3.2.5	Mídia e valor	179
7.4	Práticas e o regime de informação	181
7.4.1	Algumas possíveis relações entre os acontecimentos.....	181
8	CONCLUSÃO	185
	REFERÊNCIAS	189
	OUTRAS FONTES DA PESQUISA	201
	APÊNDICES	204
	APÊNDICE A - Uma nota sobre a experiência do estágio sanduíche	203
	APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semiestruturada realizada com os sujeitos informativos que interagiram no Facebook	205
	ANEXO	208
	ANEXO A - Ranking das maiores redes sociais.....	206

1 INTRODUÇÃO

No dia 07 de dezembro de 2015, “Temer escreve uma carta a Dilma”. O tom da carta é de insatisfação, ele se sente figurativo no cargo de vice-presidente. A carta, supostamente não autorizada pelo conteúdo, segundo Temer, confidencial, é divulgada em primeira mão por um jornalista do site O globo, replicada no Facebook. O clima político no país é de apreensão, dias antes, Dilma, que presidia o país, era acusada por crime de responsabilidade fiscal, um prenúncio da possibilidade do impeachment. A investigação segue até o dia 31 de agosto de 2016, data em que a presidente é destituída do cargo. No intervalo de tempo entre o início da investigação e o impeachment, uma reportagem realizada pela Revista Veja, no dia 18 de abril de 2016, intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e do ‘lar’”, replicada também no Facebook, ganha repercussão com mais de 9 mil curtidas, 2 mil comentários e 2600 compartilhamentos. A matéria parecia “preparar o terreno”, diziam os sujeitos que interagiam com a reportagem “Isso é golpe”, “#Veja vendida e tendenciosa” “Ótimo que finalmente teremos uma primeira dama, e bonita, que Deus a abençoe, assim como a Temer”¹.

As duas reportagens têm em comum, entre outras características, a repercussão nos meios de comunicação, nas mídias alternativas e principalmente nas redes sociais, cujas publicações originadas no Facebook, escolhidas como objeto empírico da pesquisa, foram conformadas em acontecimentos. O Facebook, compreendido como um dispositivo, é um lugar de divulgação de informações, um lugar de debates e entretenimento entre os usuários da rede social, abarca interesses, intenções e valores que no caso dos acontecimentos, operaram como pano de fundo para as informações divulgadas nas notícias.

Na Ciência da informação (CI) é possível observar os acontecimentos de maneiras distintas. Entre as perspectivas contemporâneas da área, destaca-se os estudos de Práticas Informacionais e Regimes de informação que potencializam e enriquecem a leitura para compreender como os sujeitos, com base nas interações, na cultura e em contextos específicos, atribuem significado e valor às informações, a partir de um repertório construído intersubjetivamente e que conforma suas ações e reações refletidas no cotidiano.

Ao considerar estes aspectos, a pesquisa apresenta um esforço explicativo por meio da constituição de um regime de informação específico, baseado nos alinhamentos dos discursos, no contexto político e social, na atribuição de sentido da informação, na relação com os valores de uma sociedade e na influência de autoridades informacionais presentes na rede social, aliado ao seu funcionamento. Desse modo, compreende-se que, na

¹ Comentários retirados do post da notícia publicada no Facebook, conforme detalhado na metodologia (C11r, C47r, C75r)

confluência entre os elementos ambiente-tecnológico, informação, rede e pessoas, a dinâmica inclui valores, cultura e significados capazes de compor um universo híbrido em que informação, posts e usuários são unificados, outorgando aos sujeitos e à informação poder de agência, manifestada por meio de acontecimentos.

A pesquisa apresenta uma ordem de acontecimentos oficiais e virtuais conformados no Facebook com base no julgamento e critérios de valor pelos sujeitos. A importância da informação é relacionada a quem fala, como fala e de quem se fala na rede social, atribuindo sentidos à informação veiculada no Facebook. Numa reciprocidade de sentidos entre usuários e informação, considera-se um movimento amplo, que reverbera nas ações dos sujeitos e cria um processo de reforço dos valores que se desejam modificados ou mantidos na exposição da situação, por meio da emergência dos acontecimentos.

O contexto, o desencadeamento de reações associativas às manifestações a favor do impeachment, a mídia, os discursos que evocaram a tradição referente aos posicionamentos contrários à pauta da presidente, informações seletivas de suposta corrupção de atores políticos e acontecimentos aparentemente sem propósito, como a carta de Temer a Dilma e a construção da narrativa da esposa do vice-presidente como uma mulher tradicional, “bela, recatada e do ‘lar’”, presente no corpus da pesquisa, foram compreendidos como partes constituintes de um regime de informação, cuja finalidade era ratificar e vincular a governante eleita à imagem de incompetente e inapta para a presidência, merecedora da destituição do cargo.

Com o propósito de compreender as práticas informacionais fundamentada nas interações dos sujeitos no Facebook, com base no contexto descrito, delinear-se as seguintes questões: **quais elementos envolvem o fenômeno informacional? Como se constituem os processos de significação e valor da informação no contexto do Facebook? Por que esses elementos influenciam na constituição das práticas informacionais?** A fim de responder as questões propostas, definiram-se os objetivos específicos: apresentar a configuração do regime de informação específico com base nos acontecimentos virtuais como uma possibilidade interpretativa para as ações de informação, analisar as interações dos sujeitos no contexto dos posts selecionados no Facebook, verificar como os sujeitos se apropriam e refletem os valores atribuídos à informação em relação à especificidade da produção e interação com os posts selecionados e conhecer os critérios de interação dos sujeitos informacionais no Facebook, quanto ao fenômeno de significação e valor, a partir da contextualização dos acontecimentos que formaram o regime de informação específico.

A tese aqui apresentada está estruturada por capítulos teóricos e metodológicos. No segundo capítulo, são apresentados, primeiramente, os conceitos norteadores da pesquisa, fundamentados na área da Ciência da Informação, com base na abordagem social

e na aproximação com estudos da sociologia e da comunicação. Primeiramente, descreve-se um breve histórico da área da Ciência da Informação e dos estudos de usuários, a fim de expor a emergência dos estudos pragmáticos da informação centrados na relação dos sujeitos com a informação. As práticas informacionais são apresentadas na perspectiva do campo de usuários, entendidos no estudo como sujeitos informacionais ao abordar as ações e significação atribuídas à informação.

Como uma modalidade operacional e de apreensão das práticas informacionais, são apresentadas as discussões teóricas de regime de informação e de acontecimento na especificidade da pesquisa, as quais direcionaram os processos metodológicos para a compreensão das ações e reações dos sujeitos em situações peculiares das ocorrências, desenvolvidas nesta pesquisa.

No terceiro capítulo, é apresentada a caracterização da organização social em rede, tendo como marco o desenvolvimento tecnológico na chamada “Sociedade da informação”, que resultou implicações nas formas de interação dos sujeitos com o mundo, interação essa impulsionada por meio de dispositivos. Nesse sentido, a rede social foi escolhida por caracterizar um local importante de apreensão das práticas informacionais, ao considerar suas particularidades no contexto do Facebook, uma rede social que funciona como dispositivo.

No quarto capítulo, são apresentadas considerações da pesquisadora, em conformidade com aspectos teóricos das áreas supracitadas para a compreensão da constituição do fenômeno informacional proposto. O fenômeno apresentado é composto por elementos heterogêneos, relações híbridas que se constituem em actantes e agentes, conformando acontecimentos que provocam rupturas na normalidade social e imprimem valor na esfera social.

No quinto capítulo, é apresentada a construção do pensamento metodológico empreendido na pesquisa, baseado em González de Gómez (1996, 2000), organizado em três dimensões em relação às ações de informação: semântico-discursiva, metainformação e infraestrutural. Nesse aspecto, descrevem-se o contexto da pesquisa e a construção do objeto empírico, bem como apresenta a estrutura do regime de informação e os acontecimentos escolhidos para exposição do fenômeno observado.

O sexto capítulo apresenta a análise dos dados nas dimensões discutidas pelas ações de informação referentes à contextualização dos acontecimentos e à relação com os constructos históricos e culturais; descreve a emergência das categorias, cuja centralidade é voltada para os sujeitos e para as atribuições de significação e valor da informação.

No sétimo capítulo, são apresentados os resultados, discutidos no interior de cada categoria, dividida em eixos explicativos. Na primeira categoria são apresentadas algumas discussões sobre como e por que os sujeitos usam a rede social; na segunda categoria é

abordada a indicialidade da linguagem no Facebook; e na terceira categoria apresentam-se alguns aspectos da especificidade de cada acontecimento com base na centralidade das discussões, bem como a relação com o valor e a significação da informação dos posts selecionados.

No oitavo capítulo, são apresentadas as considerações finais em relação aos sujeitos e aos elementos que compõem o fenômeno informacional. Nas páginas seguintes são listadas as referências teóricas e metodológicas que colaboraram para a realização da pesquisa, seguidas de apêndices e anexo.

Assim são os problemas relativos à realidade humana e social. **Não se chega ao fundo da questão, a uma resposta cabal e absoluta, quando o objeto estudado é também sujeito, dotado de vontade, historicidade e condutor do seu destino.** O máximo que se pode fazer é promover novas e mais profundas incursões, encontrando sempre novos elementos explicativos, incorporando novas questões e aspectos que compõem a realidade explicada. Os usuários da informação, como seres humanos que são, compartilham dessa característica. Assim se constitui o limite e a riqueza do seu estudo científico.

(ARAÚJO, 2010, p.36, grifo nosso)

2 SIGNIFICAÇÃO E VALOR DA INFORMAÇÃO

Baseado na abordagem social e nos aspectos pragmáticos da CI defendida por Capurro (2003), o estudo das práticas informacionais relaciona o valor da informação atribuído pelos sujeitos com os fenômenos culturais e situacionais. Diz a respeito dos contextos e da subjetividade, referenciais de construção da intersubjetividade que influenciam na relação do sujeito com a informação. Para Araújo (2010, p. 26), trata-se de fenômenos da informação presentes nos “processos sociais (conhecimento produzido) e nas atividades humanas e sociais”, uma relação recíproca do indivíduo e das interações sociais na construção dos significados do que seja informação para os sujeitos.

Nessa concepção, as práticas informacionais estão centradas nas interações dos sujeitos, as quais foram investigadas a partir das relações informacionais ocorridas no Facebook. O Facebook é uma rede social que funciona como um dispositivo ao combinar aspectos técnicos, práticas, recursos, inclui campos do saber, relações de poder e modos de subjetivação (FOUCAULT, 2000). Conforme Peraya (1999), um dispositivo pode ser um lugar de interação e de cooperação, composto por elementos tecnológicos, de funcionamento material e simbólico, com seus modos próprios de funcionamento. Entendeu-se que em decorrência das conformações estruturais do modelo reticular do dispositivo, fosse possível identificar e conhecer os elementos que influenciam na apropriação e reflexão das informações disponíveis no Facebook.

A confluência entre os elementos rede, ambiente tecnológico, conhecimento e pessoas compõe um universo híbrido em que sujeitos, posts e informação são unificados na emergência do fenômeno informacional. Diante da necessidade de um conceito operacional para a compreensão dessa relação complexa entre diferentes elementos, optou-se pela configuração do regime de informação específico, a fim de elucidar as ações de informação.

O regime de informação, para Frohmann (1995), opera com base na cultura, os sujeitos são amarrados por uma espécie de oferta de opiniões e hábitos nem sempre observáveis, que sofrem os efeitos das marcações interpretativas produzidas no campo comunicacional e discursivo. Segundo González de Gómez e Chicanel (2008, p.2), os modos de produção da informação perpassam aspectos culturais e sociais estruturados pelas relações de poder.

Como uma forma objetiva de visualização do regime de informação, foram escolhidos acontecimentos virtuais cuja conformação foi entendida pelo alinhamento dos discursos sustentados por um contexto comum, que influencia nas interpretações das informações. Para Babo Lança (2012), acontecimentos exercem uma ruptura na normalidade social e incluem aspectos objetivos e situacionais, nesse entendimento a ocorrência de ruptura tem reflexo mesmo que seja um acontecimento na esfera virtual, mediada por recursos tecnológicos, pois é a ruptura e a surpresa que vai caracteriza-lo. O fenômeno informacional aqui apresentado afasta-se da ideia comumente sustentada pela lógica dualista, natureza e sociedade, ou usuários e comportamento, como domínios separados. Em oposição a essa condição, as práticas informacionais consideram um processo de translação capaz de entrelaçar épocas, gêneros, propriedades e características heterogêneas por meio de deslocamentos de atributos entre humanos e coisas, criando “seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura.” (LATOUR, 1994, p.16).

No escopo dos estudos de usuários, estudar a informação da perspectiva social vai além do aspecto mentalista e interpretativo do usuário, mas especialmente num movimento transversal de domínios, sobretudo ações que passam por fronteiras flexíveis do contexto que se convencionam ação informacional, comportamento, necessidade, busca de informação, sociabilidade, interação, relações sociais mediadas pela informação, cultura informacional. Essas características juntas respondem às práticas informacionais que, embora humanos e objetos tecnológicos e imagéticos, como no Facebook, sejam nitidamente diferentes, não significa uma divisão (LATOUR, 2012, p.114). De acordo com Araújo, os estudos contemporâneos precisam considerar a informação com diferentes dimensões, sem particularizá-las de modo utilitarista, destacando a significação e a intersubjetividade a partir de interações múltiplas, própria da condição humana social; referente ao valor semântico e pragmático da informação, condicionada ao processo histórico e cultural resultante da construção de fenômenos humanos e sociais (ARAÚJO, 2010).

O Facebook, ao constituir-se uma rede com características de dispositivo, configura-se como um coletivo heterogêneo que se engendra (LATOUR, 1994). Castells (1999, p.566) conceitua rede como “um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta”. No Facebook, os nós são parte de um modelo reticular que concretamente são ligações de relacionamentos de diferentes níveis, nas palavras de Recuero (2009, p.102), “um conjunto de atores (actantes), e suas relações”. Para melhor

compreensão, os actantes são pessoas e elementos da rede que exercem força sobre os conteúdos e colaboram para reforçar ou produzir significados, agenciando-os.

Giddens destaca que “agência não se refere às intenções que as pessoas têm ao fazer as coisas, mas à capacidade delas para realizar essas coisas em primeiro lugar” (GIDDENS, 1984, p. 10). O agenciamento são as negociações situacionais da qualidade e do valor da informação determinada pelas pessoas e pelos processos que as envolvem nas ações de informação. Para Giddens (1984), as pessoas têm lugar de importância no agenciamento dos conteúdos da rede, sem deixar de considerar a estrutura social, cujos elementos influenciam os indivíduos. Vista como uma forma de estrutura social, a organização em rede se manifesta sob várias formas que incluem diversidade cultural e institucional, associada a um modo de desenvolvimento informacional que desloca as relações com base na produção, experiência e poder (CASTELLS, 1999, p.566).

As dimensões destacadas por Castells implicam mudanças econômicas, políticas e culturais, não em função do aspecto tecnológico da formação em rede, mas da relação de diferentes actantes agenciados pelas ações que incluem usuários e informação, compondo artefatos híbridos. Um primeiro esforço explicativo da perspectiva do regime de informação entende que **o agenciamento é uma variável dependente da ação, marcada pela informação submetida a uma concepção de poder estabelecida na escrita, no discurso**, como acontece no espaço público do Facebook. Frohmann (1995) considera esse movimento como constituição da materialidade da informação, estabelecida à medida que é exposta numa ordem de acontecimentos e critérios de valor. Refere-se ao que é falado e por quem é falado os assuntos na rede social, equivale a uma reciprocidade de sentidos entre usuários e informação, considerando um movimento amplo, que reverbera diferentes significados estabelecidos em diversos regimes de informação, na própria ação de informar.

Um segundo esforço explicativo recai sobre o modelo de organização social em rede. Nesse aspecto, Latour (1999) destaca outros elementos na ação, indicando não exclusivamente os atores humanos, mas o poder contínuo de agenciamento, em que a fonte de produção se encontra na tecnologia de geração de conhecimento, no fluxo de informação e na geração de símbolo, alterando toda a cadeia produtiva da informação, especialmente do ponto de vista histórico. A experiência descaracteriza os sujeitos que agem na sociedade, constituindo identidades fragmentadas de ator e actantes diferentes, não unificadas devido à multiplicidade de significações e de representações culturais desconcertantes e intercambiantes, com as quais as pessoas usuárias do Facebook podem se identificar e se filiar nos modos de curtir, compartilhar e comentar, ainda que essa ligação seja temporária.

No âmbito dessa tese, as práticas informacionais abarcam o fenômeno informacional que é materializado nas postagens do Facebook, percebido na dinâmica das relações em exposição. Essas práticas compõem um campo de força que atua sobre o usuário

e a informação imersos em um contexto, de modo que ao mesmo tempo são influenciados por fatores internos e externos ao sujeito, influenciam suas ações e outros contextos reciprocamente, num movimento de reverberação. Esse movimento é caracterizado não por elementos concretos ou dados imediatos, mas por mediações e aproximações a partir de referenciais e modelos que operam num ciclo cultural, econômico e político. Portanto a maneira como as pessoas se relacionam demonstra as imbricações desses elementos que provocam efeitos por incidirem nos contextos sociais e culturais, quando materializados no sentido de Frohmann (1995). Isso significa que a impressão do valor dado à informação no discurso autoriza, valida e legitima sentidos, pode, nessa perspectiva, reproduzir ou criar significados, como o Facebook, caracterizado como um espaço importante das relações humanas na atualidade devido à quantidade de usuários e seu alcance, as remodelações ganham mais força de efeito e reverberação.

Nessa dinâmica, nota-se a importância de se focar nos aspectos públicos e sociais da informação no tempo presente, numa quase efemeridade que Bauman (2007) defende ser um comportamento que não ocupa um lugar ou um sentido, mas vários, num movimento de desprendimento, devido a sua fluência no tempo e no espaço. Fundada no terreno da cultura e dos sentidos, sua pertinência localiza-se na própria necessidade de conhecer como as pessoas agem no espaço virtual e por que agem, oportunizando saber a qualidade da informação que está sendo produzida e como ela pode ser orientada, nesse caso, conhecer um pouco melhor dos seres humanos envolvidos em fabricar o mundo inteligível a partir das interpretações que só são como são por algum motivo, ou seja, porque pertencem a um mundo comum.

2.1 Ciência da informação

Em decorrência da importância do conhecimento na sociedade, nos mais variados contextos, como a velocidade e a atualização estrutural dos ambientes informacionais e sobretudo a frequência dos fenômenos informacionais aliados às reverberações sociais, destaca-se que a CI surgiu da necessidade em buscar respostas para essas e outras demandas. A CI foi concebida em meio a uma explosão informacional também do período pós-guerra e da chamada Sociedade da Informação², fortemente influenciada pelo desenvolvimento tecnológico na disponibilização dos suportes e na recuperação da informação. Além dessa influência, a documentação e a bibliografia foram propulsoras que deram origem à CI. Embora haja divergências e convergências entre autores sobre as bases

² O termo “Sociedade da informação” é datado oficialmente em 1995, por ocasião de uma conferência do G7 – Grupo de países fortemente industrializados, reconhecidos mundialmente. Antes dessa ocasião, registros remetem à Porat (1977).

que fundamentaram a área, esses eventos certamente marcam a trajetória da CI (PINHEIRO, 2006, p.15).

Caracterizada como uma área científica interdisciplinar e social aplicada, a CI tem procurado se consolidar aproximando-se das formulações teóricas de outras áreas, como a da ciência da Computação e as Ciências Humanas e Sociais, devido ao papel de compartilhamento social da informação e do conhecimento e à preocupação com o uso efetivo dos registros de informação, embora se constituam em campos diversos. Portanto, para melhor compreensão do objeto de estudo informação, representado na CI e em seus campos, é necessário diferenciar os conceitos tratados nos diferentes paradigmas que subsidiam os focos de interesse de cada abordagem. Os conceitos de Informação foram formulados com base nas correntes teóricas que sustentam as pesquisas nos diversos segmentos que constituíram a CI e a consolidação de áreas e subáreas específicas (SARACEVIC, 1999).

Pinheiro (2006) destaca que a Teoria Matemática da Comunicação, também conhecida como Teoria da Informação, foi a primeira a enunciar um conceito científico de informação, por isso considerada um prenúncio do campo. Dos autores Shannon e Weaver, criada em 1948, a teoria matemática reflete a preocupação com a eficácia dos processos de comunicação, no contexto da guerra fria (1945 – 1991), e a necessidade do controle dos processos informacionais. Embora a primeira versão teórica preconizasse o aspecto físico, ligado ao transporte de dados da informação, outros dois níveis foram identificados nos problemas do campo, que deram origem a outros conceitos de informação. Portanto a CI aborda três níveis: o físico como formulado pela teoria matemática, o de significado e o pragmático, esses últimos relacionados à interpretação e ao valor da informação.

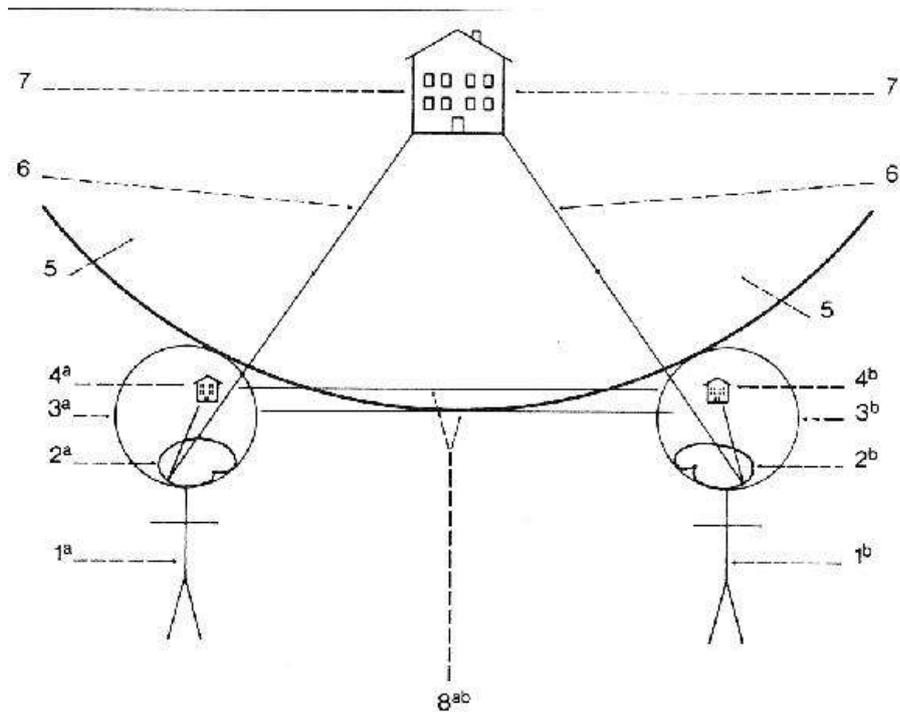
O nível físico refere-se a problemas técnicos como, por exemplo, à qualidade da imagem, volume do som ou a impressão. O nível de significado refere-se aos problemas semânticos dos significados atribuídos à informação e à operação mental dos indivíduos e o terceiro nível refere-se aos resultados das mensagens e das ações provocados pelo emissor das informações aplicados a situações específicas e aos artefatos informacionais e culturais produzidos a partir deles, na dimensão do coletivo. Os níveis de problemas considerados pela teoria matemática em relação à informação ou à comunicação da informação dimensionam a complexidade das outras possíveis abordagens, porém os dois níveis posteriores ao primeiro (de significado e pragmático) foram ignorados pela teoria, não contemplando, portanto, a subjetividade e a intersubjetividade do aspecto informacional. O primeiro nível compreende a informação como um fenômeno objetivo, de lógica linear, em que existe um transmissor, um canal e um receptor. Essa teoria, embora conceba visivelmente apenas alguns aspectos do objeto informação, segue por anos nos estudos do campo, especialmente aplicados à recuperação da Informação, entendida por alguns autores como o centro da área (SARACEVIC, 1999; PINHEIRO, 2006).

A fase conceitual da CI se deu na década de 1960, especialmente marcada pela publicação do artigo de Robert Taylor (1966), posteriormente apropriado por Borko em 1968, que serviu para responder o que era entendido como CI, destacando ser um estudo voltado à produção, organização, armazenamento, disseminação e uso da informação. Esses atributos referem-se principalmente a processos técnicos, de utilidade e aplicação, compondo a ideia de “coisa”, termo usado por Buckland (1991, p. 351) numa dimensão objetiva da informação, que Araújo (2009) compreende como unívoca de sentido, ignorando o significado, a subjetividade e a pragmática da informação. Para Araújo (2009), a lógica da compreensão da informação como coisa é aplicada amplamente nos estudos da CI, nos estudos de produção científica, gestão da informação, fluxo da informação e também nos estudos de usuários, quando vistos como algo que preenche a lacuna da mente, atribuindo à informação qualidade estática e de adequação a uma realidade específica, porém insuficiente para explicar os processos informacionais da sociedade atual. Nas últimas décadas, a crítica ao paradigma positivista tem sugerido o diálogo com as ciências compreensivas, possibilitando o estudo da interpretação das pessoas em relação à informação e à adoção de sentido aplicado às vivências humanas (ARAÚJO, 2009).

Em consideração a esses aspectos, Araújo (2009, 2010, 2012) com base na teoria social da informação, defendida por autores como Capurro (2003), Rendón Rojas (2005) e Frohmann (2008), postula que o objeto “informação” contempla além dos aspectos físicos e cognitivos, o aspecto social. A afirmação corresponde às construções sociais que levam em conta o caráter individual, coletivo, cultural, político e ideológico, distinguindo-se teórica e metodologicamente do proposto nos paradigmas físicos e cognitivos, conforme Capurro (2003). Portanto o entendimento a partir da abordagem social afeta os campos da CI, inclusive o de usuários refletido no conceito de práticas informacionais, objeto dessa pesquisa que conduz as investigações para além da ideia de que os sujeitos agem a partir de estímulos externos, calcado no behaviorismo ou na ação condicionada do ponto de vista cognitivo.

Para elucidar e possibilitar a compreensão, Capurro (1982, 1991, 2000) apresenta uma representação de como ocorre a conformação dos fenômenos informacionais que envolve os sujeitos e a informação, o qual ele atribui aspectos pragmáticos de significação e valor da informação. O autor chama a atenção para o uso compreensivo da linguagem, enquanto conhecimento compartilhado e atribuições em situação específica que envolve tanto as particularidades do sujeito, como a situação em que está envolvido, além dos valores e da cultura que o permeiam, sua formação, suas escolhas, sua forma de interpretar o mundo e viver.

Figura 1 - Representação objetivista – subjetiva e (intersubjetiva) da comunicação humana



Legenda:

1a / 1b: corpo de a e b

2a / 2b: cérebro de a e b

3a / 3b: psique (ou mente ou eu) de a e b

4a / 4b representação de um objeto (informação) do mundo exterior

5: mundo exterior

6: impressão do (ou processo '(in) (em) formação') do objeto

7: objeto do mundo exterior

8a / 8b: troca de informações entre a e b sobre suas representações dos objetos externos

Fonte: Capurro (1982)

Para Capurro (2003), a informação é um objeto social, o caminho informacional tomado pelos sujeitos relaciona os processos informacionais às associações cognitivas, às interações dos sujeitos e às construções de valores, ligados à cultura e ao modo como os sujeitos agem no mundo. No âmbito das práticas informacionais, essa perspectiva desvela o tecido social ao mesmo tempo que desenvolve e reforça aspectos sociais e culturais, para além de ambientes formais e institucionais (ARAÚJO, 2012). Tanto para Araújo (2012), quanto para Capurro (2003) os aspectos associativos da informação ligados à ação do homem configuram-se uma construção a partir do conhecimento produzido socialmente, contextualizado, decorrente das informações recebidas em determinada situação. Capurro (2003) reforça esses aspectos ao defender a informação da perspectiva social em corroboração com Wersig (1993), que defende o aspecto informacional para resolver os problemas peculiares da vida, tornando possível a contribuição para melhoria das condições do meio social ao ressignificar a informação, compondo uma relação dialética com o mundo, constituindo-se sujeito da relação, aliada à própria ideia de ator social.

2.1.1 Estudos de usuários

Os estudos de usuários da informação configuram um campo da CI que investiga como os sujeitos interagem com os fluxos informacionais, incluem aspectos objetivos, o que os sujeitos fazem com a informação; aspectos subjetivos, o que pensam e como interpretam determinada informação; e aspectos intersubjetivos, como a informação constitui-se artefato cujos significados são compartilhados e inteligíveis, no âmbito social e cultural, tratando-se, nesse caso, do fenômeno informacional que se quis compreender. Para o entendimento dessas relações, é necessária a diferenciação das abordagens, esclarecendo a forma de olhar para os objetos de pesquisa, sujeitos e informação e suas bases teóricas. Nesse sentido, é preciso conhecer a história do desenvolvimento do campo em questão.

Os estudos de usuários se consolidaram tendo por referência dois marcos na história do uso da informação (BATISTA; CUNHA, 2007). O primeiro foi na década de 1930, a partir da necessidade de se levantar características da população da cidade de Chicago, decorrente de uma imigração em massa, vinda de várias partes do mundo, e a necessidade de oferecer a estes novos moradores, por meio da biblioteca e de outros instrumentos sociais, informações com objetivo de socialização, minimizando as diferenças políticas, sociais e culturais na nova Chicago. O segundo marco foi a Conferência da Royal Society de Londres de 1948, que realizou reflexões sobre a necessidade, a busca e o uso da informação por técnicos e cientistas, provocando importante impacto na CI pelo valor da própria informação, compreendida pelos fluxos informacionais, seus resultados e efeitos. O período dessa conferência foi bastante fértil para estudos desta natureza, tratando a temática sob diferentes aspectos, um voltado para os sistemas de informação e outro para as pessoas que utilizavam os sistemas. Estudos como esses se multiplicaram até o final da década de 1970, sem a percepção clara dos conceitos e encaminhamentos metodológicos adotados (FERREIRA, 1995).

Segundo Ferreira (1995), as investigações do campo, com características voltadas para os usuários, inicialmente foram denominadas estudos de comunidades, estudos dos usos de informação, comportamento informacional e, posteriormente, com menor incidência, práticas informacionais (ARAÚJO, 2012). Os termos acompanharam as diferentes formas e características de se estudar a informação sob a perspectiva dos sujeitos. No entanto, na década de 1980, estudos começaram a demarcar distinções nas investigações, um deles em 1986, realizado por Dervin e Nilan. Nesse estudo, os autores anunciaram que, em decorrência da evolução dos estudos de usuários, fruto da complexidade da questão informacional que envolve os sujeitos e suas interações, duas abordagens poderiam ser identificadas, uma tradicional e uma alternativa (ARAÚJO, 2009).

A abordagem tradicional recebeu esse nome por ser inicialmente hegemônica e estar vinculada à forma pela qual a informação era investigada pela CI, compreendida a informação objetiva, aplicada especialmente na avaliação de coleções, indicadores de uso e sistemas de informação, relacionada ao “dado”, em que os significados e importância estão em si mesmos. A abordagem tradicional dimensiona melhor a informação de forma técnica e quantitativa, a partir de tipos ou fontes de informação relacionados a taxas demográficas e perfil de usuários, desconsiderando a identificação real dos significados e impactos pessoais e sociais da informação. Essa abordagem, segundo Ferreira, não poderia indicar de modo relevante, o comportamento de busca e uso da informação (FERREIRA, 1995, p. 222).

Atualmente, a abordagem alternativa tem o domínio sobre o campo por ter superado a abordagem tradicional, criticada principalmente pelo aspecto positivista, por ser vazia de singularidade, condição peculiar dos seres humanos. Na abordagem alternativa, a partir da década de 1970, várias teorias e modelos explicativos foram usados para discutir a questão da necessidade de informação, representados por investigações ligadas especialmente ao comportamento informacional dos usuários.

O conceito de comportamento Informacional está relacionado com a identificação da necessidade de informação, percebida pelos sujeitos que estão em busca de resolver seus problemas informacionais. Conforme Wilson (2000), um dos principais pesquisadores do comportamento de usuários na busca por informação, a pessoa que sente necessidade de uma informação e a identifica pode tomar diversos caminhos que são resolvidos com base em fatores internos e externos. Essa ideia de funcionalidade da informação para uma solução imediata de uma necessidade foi discutida em diferentes modelos desenvolvidos no campo, entre eles os de Dervin e Nilan (1986), de Taylor (1986) e de Kuhlthau (1991).

Dervin e Nilan (1986), no modelo chamado de Sense-making, atribuíram a condição da necessidade de informação à incompletude no sentido de falta, de lacuna de uma determinada situação. A partir de uma realidade empírica, a teoria do Sense-making pode ser compreendida metaforicamente como uma “peça” do pensamento e sentimento do usuário diante da falta (lacuna) que uma pessoa pode ter na sua realidade. Amplamente utilizada como modelo de busca da informação, essa teoria aborda a criação de significado da necessidade informacional. Dervin e Nilan (1986) utilizaram uma metáfora baseada em quatro itens constituintes: situação, lacuna, uso e estratégias utilizadas para transpor a situação. A teoria do Sense-making aborda a criação de significado representada pelo vazio cognitivo e o uso da informação para preenchê-lo por meio de estratégias utilizadas pelo indivíduo.

Robert Taylor (1986) discute a informação útil ao usuário que a busca a partir da atribuição de valor instalada nos processos de seleção, análise e julgamento, aplicados nas tomadas de decisão e ações pessoais. Taylor (1986), em seu modelo, acrescentou a dimensão ambiental ao processo de busca e uso da informação. Nesse contexto, a interação

com as pessoas é fundamental. De acordo com o autor, esse pode ser fator determinante de condições e características do processo de busca e uso da informação. São quatro as categorias inclusas no processo: o grupo, as características comuns dos problemas encontrados, o convívio e os condicionantes ambientais.

Carol Kuhlthau em 1991 propôs um modelo de observação de busca da informação por etapas: início, seleção, exploração, formulação, coleta e apresentação além dos aspectos cognitivos e emocionais, como sentimento de incerteza, otimismo e satisfação. Esse modelo considera elementos emocionais vinculados ao processo de busca da informação, compreendendo que as necessidades informacionais estão imbuídas de sentimentos, além do pensamento racional. Segundo Kuhlthau (1991), essa teoria aborda estágios atribuídos à busca informacional, nos quais o sentimento de incerteza é destacado dentro do processo e pode variar ao longo das etapas. A proposta de acrescentar a dimensão emocional considera que esses sentimentos influenciam no processo de busca e na forma com que as pessoas usam a informação.

Além desses modelos, na abordagem alternativa, muitos outros surgiram para explicar a relação dos sujeitos com a informação, os quais foram criticados por pesquisadores ligados à teoria social, contrária ao cognitivismo. Para a abordagem social, os modelos sugerem uma lógica linear ao se distanciarem ora dos contextos situacionais, ora dos constructos sociais, baseados principalmente na interpretação pessoal de usuários de informação, um dos pontos divergentes entre comportamento informacional e práticas informacionais. A crítica aos modelos de comportamento é que eles não respondem a uma dimensão coletiva das significações da informação ao explicar como os usuários buscam a informação a partir de uma necessidade particular e consciente.

Nesse aspecto, os modelos relacionam o comportamento a uma situação específica, como, por exemplo, quando o usuário se encontra no contexto da pesquisa, em bibliotecas ou espaços especializados. Estes modelos tornaram-se importantes referências para responder questões ligadas aos caminhos tomados pelas pessoas que necessitam de informação, mas não respondem à dimensão da relação social dos sujeitos com a informação. Contudo, conforme a abordagem social, as pessoas, sujeitos informacionais, em seu cotidiano, não operam apenas quando têm uma necessidade, mas em toda ação informacional relacionada ao conceito de informação pragmático, humanístico, baseado em relacionamentos, interações, linguagens convencionadas, marcadas culturalmente no âmbito de atividades rotineiras.

Portanto, com base na trajetória do campo, a abordagem alternativa não contemplou a perspectiva das práticas Informacionais, esse conceito apareceu posteriormente, discutido por autores como Savolainen (1995), Tajla (1996) e Wilson (2002) a partir do início da década de 1990, ainda incipiente no campo. Contudo, nos últimos dez

anos, decorrente do aprofundamento em aspectos da teoria social, o estudo das práticas informacionais tem se fortalecido ao abordar a relação indivíduo-sociedade a partir do fenômeno informacional de ação e significação, evocando uma abordagem compreensiva³. Nesse sentido, entende ser inviável a previsão e determinação de uma única resposta pela adoção de um modelo unicamente cognitivo, incidente no campo. **Com base nas contribuições da teoria social, tem-se o entendimento de que não existe um usuário que consome a informação que está no mundo, mas um sujeito informacional que age sobre a informação, criando sentidos, reforçando significados e protagonizando os acontecimentos informacionais.** Nesse sentido, os sujeitos se apropriam do conhecimento em situações específicas, de modo que suas ações constroem os cotidianos, marcados pela peculiaridade de cada ator social, construída não de uma reflexão imediata do constructo social, mas transformada, reescrita.

2.1.2 Práticas informacionais

Reijo Savolainen da Universidade de Tampere, na Finlândia, em 1995, foi quem primeiro discutiu o conceito de práticas informacionais na CI. Seu modelo destaca a dimensão social da informação ao propor uma maneira de compreender as ações dos sujeitos no cotidiano. Para o autor, o “modo de vida” tem como concepção o modo como os sujeitos resolvem os seus problemas, vinculando-os aos aspectos construtivos do conhecimento, uma imbricação de uma unidade individual e de uma construção social, que só é compreensível com a aproximação situacional, contextual, permeada de pessoalidades. Savolainen (1995), recorre ao conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (1984, p. 170 -175) para destacar a dimensão da naturalização das *práticas cotidianas* incorporadas pelos indivíduos por meio de normas e expectativas sociais. Conforme Bourdieu, o *habitus* é um sistema de pensamento social, culturalmente determinado. Na aproximação de Savolainen, os fatores sócio-culturais, vistos como determinantes das ações dos indivíduos que partilham atitudes convencionadas, entendidas como a “ordem das coisas”, advindas de uma tipificação social e de uma linguagem compartilhada, são intervenientes nas interações dos sujeitos com a informação.

Em seu modelo, Savolainen (1995) elucida a perspectiva social ao relacionar a “ordem das coisas” ao modo como os sujeitos informacionais solucionam seus problemas, diferenciando a busca e o uso da informação em condições específicas de situações corriqueiras. Para o autor, as situações corriqueiras ou do cotidiano são resolvidas com base nas interações dos sujeitos, de maneira que as experiências de vida são a centralidade das

³ A abordagem compreensiva fundamenta-se na Sociologia Compreensiva de Max Weber e no conceito de ação social, o autor estabelece uma análise das inter-relações entre os fenômenos sociais através de tipos de ação dos indivíduos.

práticas informacionais. Embora os modelos cognitivos levem em consideração fatores sociais, desconsideram o contínuo das situações vividas pelos sujeitos que buscam em suas vivências um universo de opções para direcionar suas ações, formadas com base na cultura que, em certa medida, estrutura suas escolhas.

Figura 2 - Modelo de busca de informações no cotidiano



Fonte: Savolainen (1995, p. 268, tradução nossa)

Para o autor, as práticas informacionais estão vinculadas à formação de um sujeito interativo e em construção permanente que se dá por uma relação de elementos heterogêneos que cooperam entre si. Sem atribuir uma ordem de importância aos constituintes dessa relação, os valores que direcionam suas escolhas são os mesmos

ensinados a esse sujeito, sobre como funciona o mundo, o qual atribui a este conhecimento, categorias inscritas em enquadramentos sociais. Nesse sentido, as práticas informacionais caracterizam-se como sendo uma das formas de olhar para os sujeitos, um modo de se compreender os atores sociais e suas relações informacionais que incluem percepções, escolhas e apropriações.

A compreensão das práticas informacionais dos sujeitos apresentada por Savolainen (1995) foi baseada em uma pesquisa empírica realizada com dois grupos, um formado por professores e outro por trabalhadores com escolaridade inferior e carga horária de trabalho superior, além de limitações no tempo de lazer em relação ao primeiro grupo. O autor constatou que os grupos se distinguiram qualitativamente quanto à percepção e à limitação na apropriação da informação. Para Savolainen, alguns elementos sociais presentes na relação cotidiana dos sujeitos da pesquisa, entre eles os recursos materiais, referente à classe social e o capital cultural que possuem, conformavam as possibilidades que os sujeitos tinham de acionar esses recursos, além do capital cognitivo também amplamente influenciado, referente ao conhecimento já apropriado, ligado à forma como o sujeito pensa o mundo.

A realidade social é composta por aspectos objetivos e subjetivos, interiorizada no processo contínuo de constituição do social. Nesse aspecto, quanto ao contexto informacional, a informação recebe do sujeito um status decorrente de um conhecimento prévio construído e apropriado intersubjetivamente. Nesse sentido, observa-se a desnaturalização das ações dos sujeitos, desfazendo-se da ideia de elementos desconectados, que colocam a informação e os sujeitos separados. Os sujeitos não são simples intérpretes das representações do mundo que os compõem, atribuindo supostamente ao homem condição de consumidor do social, ou seja, do mundo informacional, entendido como pronto, acabado, que está à disposição e independe da sua ação.

Em conformidade com as investigações de Savolainen (1995), Frohmann (1995), Réndon Rojas (2005), Araújo (2012) e um conjunto de outros autores da CI, indicam que as práticas informacionais não podem ser baseadas na explicação unicamente racional e abstrata de conformação das necessidades, busca e uso da informação, mas das construções intersubjetivas que embasam as relações informacionais dos sujeitos. Nesse aspecto, **o conceito de práticas informacionais evoca os conceitos de interação e cultura para compreensão das ações dos sujeitos, referente tanto às suas escolhas informacionais, quanto ao seu valor e significação.**

As práticas informacionais são conformadas nas ações dos sujeitos, influenciadas por processos conscientes e inconscientes, que perpassam as interações sociais, em que pessoas e informação, embora diferentes e independentes, constituem-se em uma relação de reciprocidade no campo dos significados. Com essa compreensão, o conceito de cultura

ocupa um lugar importante na discussão, de modo que se consideram os valores dados à informação pelos sujeitos baseados nas atribuições construídas no contexto, bem como sedimentadas pelos valores socialmente construídos. Geertz (1989) defende o conceito de cultura antropológico, considerando que ao mesmo tempo que os sujeitos recorrem aos significados para compreensão do mundo, contribui para produzi-los e reforçá-los.

A cultura vista como estruturante das relações e interações sociais atua numa perspectiva simbólica constituída nos constructos sociais que perpassam as relações de poder, estabelecidas nos processos de significação. Thompson (1995), com base nos aspectos estruturais de Bourdieu (2000), destaca que as interações dialogam como formas simbólicas em contextos estruturados, possíveis de serem apreendidos pela análise cultural pensada como “o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas” (THOMPSON, 1995, p. 166). Nessa concepção, os atos que formam esse composto de ações encontram questões de socialização que dizem sobre as estruturas sociais que regulam as identificações com o mundo e a sociabilidade que aborda a interação da pessoa que quer se ligar ao outro, pelo simples prazer da relação, carregada de particularidade e expressividade, numa dimensão afetiva e simbólica de interação e encontro, no mesmo tempo e espaço (FRANÇA, 1996).

A interação significa ‘ação recíproca’, esse conceito põe em relevo o fato de uma ação ou influência exercida por algo ser também afetada por esse algo. Numa perspectiva interacionista, portanto pragmática, o usuário não é totalmente determinado pelo contexto em que está inserido, nem é totalmente isolado ou alheio a ele; a determinação que o contexto exerce existe, é real, mas não é mecânica nem absoluta, é interpretada e alterada pelo sujeito (ARAÚJO, 2012, p.149). Para Araújo, a interação está presente no movimento de busca, seleção e atribuição de valor à informação e tem origem no seu ambiente social, bem como sofre interferência dos contextos socialmente construídos, decorrentes das marcações coletivas descritas na teia cultural (GEERTZ, 1989, p.25).

Na teoria social, um conjunto significativo de autores apresentam a conformação da realidade social, referente ao mundo inteligível, cujos significados são compartilhados. Seus interesses estão em apreender como as ações dos atores sociais interferem no mundo, uma imbricação entre o indivíduo e as ações coletivas apropriadas pelos sujeitos e transformadas em condicionantes socioculturais de diferentes grupos. Nesse sentido, alguns autores privilegiam as ações individuais dos sujeitos, outros as ações coletivas e outros as ações conjuntas dessa apropriação. Sem a intenção de fechar um grupo de autores que poderiam contribuir para a compreensão das práticas informacionais, elegeu-se alguns que poderiam dar parâmetros para a constituição das relações de ação e significação das práticas informacionais.

Sobre as condições materiais vigentes na sociedade, Karl Marx (1818-1883) é a referência central do pensamento sociológico. Para ele, os recursos materiais determinam o pensamento e a consciência humana, suprindo inclusive os aspectos do espírito, visto apenas como ponto de partida para a necessária mudança. Reconhecido como pensamento dialético, os principais fundamentos da sua teoria, chamada de materialismo histórico, recusam a determinação imediata da economia sobre o social, voltando-se para o que o autor considera uma relação de dominação na sociedade, ao abordar a luta de classes como o motor das transformações sociais. Como observado na pesquisa empírica de Savolainen (1995), ele chama a atenção para a apropriação dos saberes de cada grupo, pois cada um deles tem uma forma interpretativa “do mundo da vida” a partir das condições materiais. Para Karl Marx (1978), as condições materiais operam por meio da classe social que o sujeito pertence, relacionado-os aos constructos sociais e de trabalho e aos modos como interferem na sua formação e na sua vivência, qualificando seus conhecimentos do mundo, e conformando sua forma de pensar (FERREIRA, 2010, p. 61).

A contribuição teórica de Karl Marx significou uma mudança de paradigma no pensamento social a partir do conceito de “relação”, observa-se que os sujeitos passaram a serem vistos com força de mudança e responsabilidade social, um avanço comparado a abordagem positivista hegemônica na época que compreendia caber ao homem, a simples constatação dos fatos (FERREIRA, 2010, p. 57). Karl Marx defendeu que o posicionamento dos sujeitos pertencente a um grupo de condições equivalentes nas relações de produção, determinaria sua existência e consciência com relação ao conjunto da sociedade. Karl Marx ao abordar as classes sociais, destacou-as pela relação de exploração, vigente no regime capitalista de produção, uma relação complementar e interdependente na compreensão social.

No âmbito das discussões de como é formado o tecido social, encontra-se em Durkheim (1858-1917) uma das mais importantes referências. O autor trata da relação do indivíduo e da sociedade, de modo que assinala a dependência do indivíduo que nasce da sociedade, mas que ela mesma se traduz como um novo elemento, não dedutível aos indivíduos que a compõe (DURKHEIM, 1978. p.41). Durkheim defende a sociedade como um tecido “novo”, não de uma derivação imediata, criando a existência de um “consciente coletivo”, com suas leis, valores e sentimentos próprios, uma maneira própria de ação baseada na “solidariedade social”, ou seja, decorrente dos indivíduos que a formam, embora separados pela distinção dos mesmos, por existir um jeito próprio de reflexão no mundo (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 77).

Durkheim considerou os fatos sociais uma força sobre os sujeitos a partir de três características fundamentais, a *coersão social*, referente o influxo que os fatos exercem sobre eles, induzindo-os a aceitar as regras vigentes, independente de suas vontades ou aptidões,

submetidos a sanções quando contrariadas. A *exterioridade* dos fatos, quanto a autonomia do funcionamento das convenções independentes dos sujeitos, como exemplo Durkheim cita os sistemas de moedas, os instrumentos de crédito e as práticas profissionais. Por fim, o autor considera a *generalidade* dos fatos sociais, devido a possibilidade de se repetir pela imposição das situações à maioria dos sujeitos ou a todos os membros da sociedade (FERREIRA, 2010, p. 49).

No esforço da teoria social de lançar luz em como o indivíduo e a sociedade se conformam, alguns componentes traduzidos nas práticas sociais são fundamentais, como a interação e a reciprocidade simultâneas dos atores sociais, presente nas experiências vividas pelos sujeitos. Baseados no pragmatismo da Escola de Chicago, encontram-se os estudos sobre a interação que corresponde a uma relação face a face, como defende John Dewey (1859 – 1952) e Georg Simmel (1858 – 1918). Para Dewey (2010, p.122) em *a Arte como experiência*, a experiência vivida na interação é constituinte das significações dos sujeitos, ou seja, baseada no que a pessoa viveu e nos significados apreendidos por ela no contexto das suas experiências, ou seja, a partir dela é que se forma sua opinião sobre as ocorrências da vida (BABO, 2015, p. 77).

Assim como em Dewey, em que os sujeitos são afetados pelas próprias respostas aos estímulos dos outros e constitui-se um mundo comum por meio das experiências, a abordagem de Georg Simmel trata dos aspectos da formação do tecido social. O autor defende que o social é um conjunto formado por um todo relacional, decorrentes das relações dos indivíduos que o compõe, estabelecidas em contínuas e diferentes situações. Representado como numa simbiose de interdependência e reciprocidade. Simmel (2006) defende que as relações sociais são caracterizadas por múltiplos e variados papéis sociais desempenhados em diferentes contextos e momentos. Para o autor, a sociedade e o indivíduo não se separam e são reconhecidos pelos papéis e estilos de vida, caracterizados pelas sociabilidades de comportamento entrelaçadas em esferas variáveis, mesmo que divergentes (FRANÇA, 1996).

Sobre Dewey, Babo (2015, p 75) destaca a interação dos sujeitos com o meio ambiente ou entre o indivíduo e a sociedade a partir da designação do autor sobre o que ele chama de “transacção”. O termo remete a uma negociação dos sujeitos para adaptação e ajustamento, na intenção de transformar o meio natural, social e cultural. Dessa forma, na negociação entendida por Dewey como uma necessidade para ajustar a realidade, os sujeitos estão, eles próprios, suscetíveis a sofrerem alteração. Dewey entende que a dinâmica de interação e cooperação consiste na experiência dos sujeitos, sendo que, o meio ou a situação é qualquer condição que interage com as necessidades pessoais, desejos, objetivos e capacidades para criar a experiência, ou seja condições objectivas (sic) e as condições internas (BABO, 2015, p. 76).

Em concordância, Alfred Schütz (1899 – 1959) afirma que o conhecimento do mundo e as decisões tomadas pelos sujeitos correspondem a uma realidade comum partilhada, construída e legitimada na intersubjetividade. Conforme o autor, a intersubjetividade está relacionada à socialização do conhecimento, constituída na compreensão coletiva do mundo assentada na “reciprocidade de perspectivas” que dão sentido à realidade objetiva das coisas e permite a rotina da vida, do cotidiano, apresentada nas atividades organizadas, satisfazendo as expectativas recíprocas e mantendo uma compreensão de mundo (SCHÜTZ, 1979, p.178). O conhecimento de mundo, como as convenções normativas, são repertórios para a ação na medida em que as tornam inteligíveis (TEIXEIRA, 2000. p.9).

Na opinião de Goffman (1922 – 1982), as interações dos sujeitos conformam os significados compartilhados, ao mesmo tempo que os mantêm, reforçam-nos e recriam-nos, os quais são referências para as interpretações que os sujeitos fazem do mundo (GOFFMAN, 1974, p. 10). Para o autor, o cotidiano, o mundo da vida, é apreendido na apresentação do *Eu*, no dia a dia, dando ênfase ao (Self) e ao desenvolvimento da interação com os outros. Nesse aspecto, o sujeito realiza uma leitura das ocorrências e faz um alinhamento das atitudes de adequação, com base na sua percepção. Goffman parte da premissa de que “a interação e seu desenvolvimento dependem [...] de um compartilhamento e/ou cumplicidade” que o autor se apropriou do entendimento de William Thomas (1966), para os autores, refere-se à *definição da situação* realizada pelos atores sociais engajados nela (VELHO, 2008, p. 146).

O caminho de compreensão das práticas informacionais pelo enfoque da cultura e da interação dos sujeitos com as formas simbólicas conduz a uma construção dialética para buscar respostas nos *entrelaços* da realidade social. As dimensões dessa abordagem estudada por autores como Capurro (2003), descrita como uma abordagem social, abarcam, além do campo da cultura, outras formas de sustentação das práticas de pesquisa ligadas ao modo como se opera o olhar ao objeto informacional, como a filosofia e a psicologia. Por ser um sistema entrelaçado de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo a que podem ser atribuídos casualmente aos acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual os significados são apreendidos (GEERTZ, 1989, p. 24).

Na concepção das práticas informacionais, a informação é entendida a partir das relações de construção interpretativa, conforme as experiências pessoais de cada indivíduo, e das significações atribuídas a partir da dimensão intersubjetiva, baseada nas interações múltiplas, próprias dos seres humanos. À medida que as informações provocam a ação mental do indivíduo e passam a ser aplicadas em situações do cotidiano, reforçam o arsenal cultural institucionalizado por meio do funcionamento sócio-histórico, como defende Marteleto (1995). Como ocorre nas relações e interações dos sujeitos, como a metáfora da teia proposta por

Geertz (1989), a questão informacional é um emaranhado de pontos que formam uma substância e se sustenta a partir das ligações que fazem, como prevê a perspectiva pragmática, que se liga a situações peculiares, podendo assumir outros sentidos em outros pontos.

O conceito de cultura, como um dos eixos norteadores para os estudos de práticas informacionais, é revelador, com característica semiótica, de ordem lógica e imaterial, reflete as construções imaginárias por compor as interações vistas como uma ação simbólica possível de ser investigada com base na análise concreta do arsenal intelectual e na análise científica da realidade. A visão da cultura, vista como dimensão simbólica na qual o cotidiano e práticas elementares indicam as representações sociais, pode ser entendida como um fio condutor para a formação do conhecimento expresso nas interpretações localizadas no terreno comum e interpretado como espelhamento das representações sociais.

Marteletto (1995) considera o processo de significação relacionado ao campo cultural, na medida em que a informação se caracteriza como um artefato, um arsenal intelectual dos sujeitos que cria suas ações com base nos valores socio-culturais ao mesmo tempo que os reforça, conforme Geertz (1989). A interferência das representações simbólicas para a produção de conhecimento decorre das representações coletivas que são acionadas por processos subjetivos e estabelecidas pelo indivíduo no momento da interação, observável segundo Geertz (1989) pela interpretação da interpretação. Propõe-se, nesse sentido, apreender as significações que correspondem às práticas informacionais. A expressão do indivíduo, que é ao mesmo tempo um ser do coletivo que produz e reproduz ações simbólicas, públicas e culturais, é produto da leitura pessoal da realidade, tornando-se esse mesmo produto arsenal intelectual, conhecimento, informação, constituindo-se híbrido.

Os estudos das práticas informacionais relacionam a busca pela informação a um movimento *quase* desprezioso, devido à presença da necessidade de informação dos usuários, por vezes efêmera e fluída, nem sempre racional, que envolve as práticas indiretas de busca e uso da informação nos mais diversos contextos. Isso significa que a informação dotada de actância não é um objeto absoluto e adaptável independente da situação, isso porque, cada ser humano é único em suas necessidades, vivências e experiências, o que provoca uma ampla complexidade discutida, independente dos ambientes formais e institucionalizados, capaz de considerar os aspectos dinâmicos da informação e dos fundamentos sociais ligados aos aspectos estruturais, não como estáticos, mas em movimentos.

Para Capurro (2003) com base no *paradigma social*, a informação pode ser considerada o conhecimento em ação, ligado à maneira como as pessoas compartilham sua realidade umas com as outras. Frohmann (2008), em consenso com essa abordagem, critica o conceito da informação unicamente mentalista, reforçando a ideia da materialidade da

informação para seu caráter social, além de relacionar a especificidade dos sujeitos e a intersubjetividade que denotam o caráter construtivo da informação, no qual se dá a dimensão prática dos fluxos informacionais, sugerindo observar o objeto por abordagens pragmáticas, interpretando a informação não como coisa, mas como processo ou substância, construída histórica e culturalmente, podendo ser vista dessa forma apenas pela perspectiva dos sujeitos.

A informação é multidimensional e a investigação das propriedades e das práticas informacionais, seu fluxo, processamento e aplicação é o grande desafio para os estudos da área. Morin (1984, p. 93), em concordância com este pensamento e reforçando a complexidade da questão, considera o conceito de informação um “encruzilhado”, sendo necessária a aproximação de outros conceitos e fenômenos para dar respostas à análise da realidade social. Portanto, teorias que embasam modelos, em detrimento da compreensão de como se constroem os significados, valorizam os processos informacionais numa visão unidimensional do pensar, principal crítica aos estudos que promovem um afastamento das representações simbólicas observadas no campo da interação social

[...] não poderia ser equiparado com um ato singular de informar-se ou adquirir conhecimento pelo buscador de informações ou por um sujeito epistêmico, plausível de descrição em termos psicológicos ou cognitivistas (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p.46).

A autora indica como pressuposto da perspectiva das práticas informacionais a ação do indivíduo, abarcando as explicações da natureza do conhecimento a partir dos fenômenos sociais, valorizando as estruturas de formação do conhecimento e não do homem - informação como entidade separada, defendida pela teoria cognitiva (TALJA, 1996).

Alinhado às considerações abordadas para pensar sobre as ações informacionais dos sujeitos no *Facebook*, a partir da interação dos sujeitos, colocou-se em evidência o porquê das pessoas fazerem uso da rede social, entendido não pela busca de informação que circula no dispositivo como um fim em si mesmo, mas para se socializar, conversar, divertir, conhecer outras pessoas, ler notícias, consumir e muito mais. Nesse sentido, deparam-se com as informações da rede e agem sobre elas, ao mesmo tempo em que são influenciadas, promovendo um efeito mútuo, em que a interação com a informação é uma constante. No interior da aparente banalidade dessas ações, cada uma delas está carregada de sentido que completa um todo complexo e fragmentado entre a pessoa, a informação e o mundo.

2.1.3 Regimes de informação

Os constructos teóricos e conceituais sobre as interações dos sujeitos e atores heterogêneos com a informação podem ser entendidos, na Ciência da informação, a partir de uma forma operatória de regimes de informação, assumida neste estudo na perspectiva dos acontecimentos do Facebook. Dessa maneira, **compreende-se que os regimes de informação se constituem em uma possibilidade de apreender as ações e significações de informação que perpassam a produção, as experiências dos sujeitos com os valores sociais e culturais, bem como as relações de dominação e autoridades informacionais que operam sobre a informação, conferindo a ela característica de actante e poder de agência.**

O termo Regime de Informação é uma proposição de Frohmann (1995) para explicitar o valor da informação presente nas práticas Informacionais, submetidas a relações de poder que legitimam o fazer e as escolhas dos sujeitos como sendo a melhor ou a mais correta, subordinadas a interesses, os quais estão relacionados às políticas de informação explícitas e implícitas. A matriz desse conceito e de suas características localiza-se na constituição das ações dos sujeitos condicionadas pelo entorno, submetidas a diferentes intervenientes. Como destaca o autor, as ações podem ser descritas por meio da genealogia das políticas de Informação, há a necessidade de um retorno à própria construção das ações, ao buscar entender os fenômenos informacionais que os regimes de informação comportam, de modo que emergem no como, no onde e no porquê das ações.

O valor da informação como produção humana na Ciência da Informação foi considerado, a partir da abordagem social apresentada anteriormente. Discutido no âmbito do que seria um documento e do que seria informação no documento foi aprofundado por Frohmann (2004), com base nas considerações de Nunberg (1996). Na ocasião, Frohmann fez um retorno ao autor para contrapor a ideia de que documento (aspecto físico) seria um suporte que conteria informações, defendendo a concepção de que a informação seria como uma substância, ou seja, como um composto que faz referência a tudo que envolve a constituição do documento, substituindo, assim, o próprio conceito de documento por informação.

Em 1934, na vanguarda do entendimento da noção de documento como um constructo social, Paul Otlet defendeu a existência de uma força que emerge do processo de produção dos mais diversos suportes como livros, revistas, cartas, artigos, fotografia, certificados, entre outros. Para Otlet, os acontecimentos e a intensidade das ações que condicionam a construção de um documento ou da informação considerada nele revelam o poder de diferentes fluxos informacionais correspondentes aos significados, aos sentidos da informação, atribuindo certa autoridade para pessoas e instituições. Na mesma direção, em

1951, Suzanne Briet, conhecida pela história do antílope, que no museu constitui-se um documento, passou a discutir o conceito, separando a fisicalidade das ideias que formam um conteúdo. Segundo Briet (1951), para o antílope passar a ser um documento, ele precisaria de um entorno que o validasse como tal, defendendo que nem tudo seria documento (informação), sendo esse definido por um contexto.

Portanto, as abordagens de Otlet e Briet anunciaram, de antemão, a materialidade e a imaterialidade da informação, discutidas posteriormente por Frohmann (1995). Conforme o autor, as características da informação estão submetidas a diferentes regimes de informação, correspondentes à cultura e às interações; a informação está relacionada ao processo de produção, intencionalidade e legitimação. Para entender o que isso quer dizer e sua implicação nas práticas informacionais, como anuncia Frohmann, é necessário buscar a construção das ocorrências responsáveis pela emergência dos fenômenos informacionais, possíveis de ser vistos no cotidiano, por meio das ações das pessoas. Na concepção do autor, a constituição de regimes de Informação específicos ocorre em todas as relações que envolvem pessoas, instituições e informações e destacou que, com o advento das tecnologias de informação e da interação virtual, esses elementos passaram a ser colaboradores para o acirramento das relações de poder no processo de validação das ações, à medida que os significados dos discursos são amplificados, tornando-se variáveis importantes para estabelecimento do valor da informação.

O foco em problemas instrumentais e em questões epistemológicas envolvidas com a demarcação e policiamento das fronteiras entre as disciplinas, desvia a atenção das questões de como o poder é exercido em e através das relações sociais mediadas pela informação, como o domínio sobre a informação é alcançado e mantido por grupos específicos, e como formas específicas de dominação – especialmente de raça, classe, sexo e gênero – estão implicadas no exercício do poder sobre a informação (FROHMANN, 1995, p. 5 – Tradução nossa)⁴.

González de Gómez (2012), em concordância com Frohmann (1995), entende o conceito de regime de informação como um modo operacional para explicar as configurações contemporâneas de práticas, meio e recursos de informação, aliadas às tecnologias da linguagem que caracterizam uma pluralidade de ocorrências e expansão, os quais são indefinidos nos processos informacionais. Para a autora, a cadeia de produção da informação, a infraestrutura que a envolve e o modo de informação são aspectos que conformam regimes de informação específicos e definem o valor e a significação da informação nos contextos a que estão relacionados.

⁴ The focus on instrumental problems and epistemological issues concerned with establishing and policing borders between disciplines deflects attention from questions of how power is exercised in and through the social relations mediated by information, how dominance over information is achieved and maintained by specific groups, and how specific forms of dominance - especially those of race, class, sex and gender - are implicated in the exercise of power over information.

Na concepção de González de Gómez,

um regime de informação seria o modo informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição, enquanto vigentes em certo tempo, lugar e circunstância. Como um plexo de relações e agências, um regime de informação está exposto a certas possibilidades e condições culturais, políticas e econômicas, que nele se expressam e nele se constituem [...] cada nova configuração de um regime de informação resulta de e condiciona diferentes modos de configuração de uma ordem sociocultural e política (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p. 43).

González de Gómez defende que um dos elementos estruturais de construção de um regime de informação é a *information production chain* (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p.46). A autora refere-se à cadeia de informação abordada por Weinberg (1963, 1995), cuja tese se concentra na Filosofia da administração e é abordada por Sandra Braman (2004, 2006) da Universidade do Texas – A&M (2015), que discute as relações burocráticas e informacionais do Estado e o poder da informação quanto aos processos sequenciais da informação que interferem nas tomadas de decisão. Esse aspecto coloca em evidência a importância dos fluxos informacionais relacionados aos caminhos e aos agentes por onde passam a informação e quais os sujeitos presentes na relação, de maneira que estabelecem e condicionam os critérios do valor informacional.

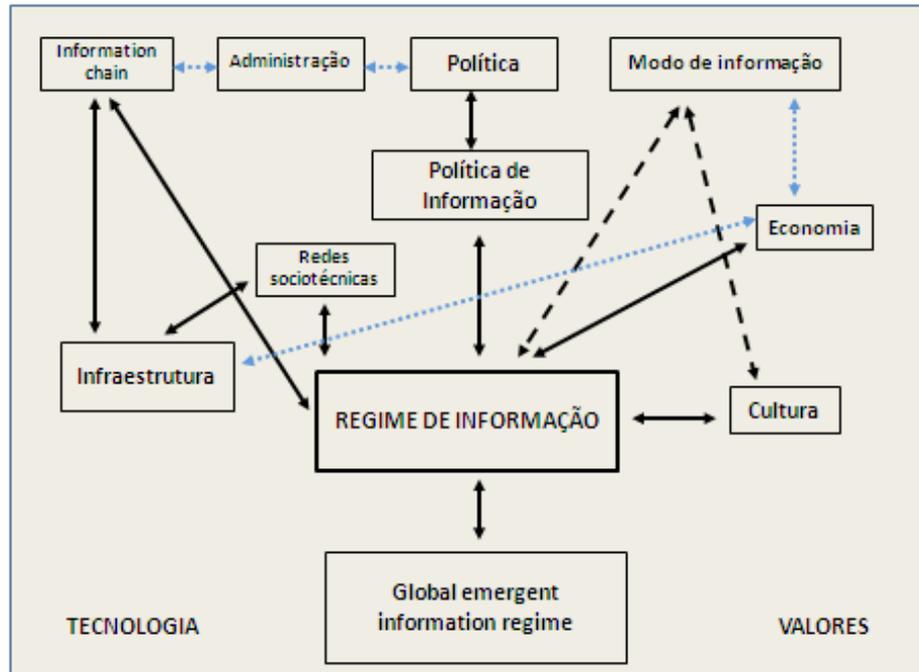
Ainda no contexto dos elementos que compõem um regime de informação, González de Gómez (2012) chama a atenção para o aspecto da infraestrutura que abriga o fenômeno. Nesse sentido, o lugar da ocorrência informacional influencia, modifica e altera o valor da informação. Nessa concepção, se o fluxo informacional ocorre na esfera institucional, nas relações interpessoais ou nas redes sociais, por exemplo, suas características definem em parte as significações, pois uma informação escrita num documento de uma empresa, em uma carta ou em um dispositivo cuja visibilidade é aberta ou acessível a um público específico, sua aderência, significação e reflexão acompanham as possibilidades da infraestrutura que comporta a relação informacional.

González de Gómez (2012) destaca, ainda, o modo de informação baseado nos estudos de Poster (1984, 1995) também como constituinte dos regimes de informação. Poster faz uma analogia dos modos de informação com os modos de produção de Karl Marx (1978), centrados nas relações econômicas, sociais e culturais, ao expor a visibilidade e os modos sociais de poder e dominação a que a informação está submetida. Poster chama atenção ao que Foucault (2003) considera como tecnologias do poder, referentes às mudanças contemporâneas, aos aspectos da linguagem e subjetividade dos sujeitos e suas identidades, ou seja, à relação entre a estruturação das classes econômicas, a linguagem e a cultura, de maneira que esses elementos não se dissociam das ações dos sujeitos, tanto no plano

simbólico, como no plano da ação. De acordo com Foucault, as tecnologias do poder são como uma "'biopolítica' da espécie humana" (FOUCAULT, 2003, p. 242).

Segundo González de Gómez, um regime de informação corresponde à transversalidade de elementos intervenientes no processo de significação e valor da informação, assim representados:

Figura 3 – Regime de informação



Fonte: González de Gómez (2012⁵, p. 45)

Para a autora, os aspectos culturais compõem o modo de produção da informação presente na conformação dos regimes de informação. Tanto para Frohmann (1995) quanto para González de Gómez (2012), os regimes de informação acontecem nas esferas institucionais e informais, desse modo, os elementos representados na figura (3) se cruzam por meio das ações de informação, movimento que constrói o significado e o valor da informação no contexto em que está inserido.

Partindo da concepção de Frohmann (1995), é possível que os elementos destacados por González de Gómez (2012) são abordados e acionados como aspecto social, material e público da informação, cujas características estão presentes na forma como é manipulada a informação para determinados fins, em determinados contextos que perpassam a informação digitalizada, materializada por meio de sua imersão em tecnologias de

⁵ Na representação, os traços cheios indicam relações textuais e de conceitos, estabelecidas por diferentes autores apresentados no corpo do texto. As linhas tracejadas (pontos curtos) vinculam as palavras aos contextos preferenciais de uso e as linhas tracejadas (alongadas) indicam uma relação estabelecida por González de Gómez (regime de informação, modo de informação e cultura).

processamento informacional. O autor chama a atenção para os fluxos da informação e a necessidade de serem investigados como um “fenômeno da informação em nosso tempo com estudos das práticas sociais e públicas e das realidades políticas, da economia e da cultura” (FROHMANN, 1995, p 1).

Para esclarecer a complexidade da relação desses elementos considerados por Frohmann (1995), o autor elucida o que seria um regime de informação ao dar o exemplo dos registros de pequenos crimes ocorridos em 41 estados do EUA. O caso é que nos EUA, após um período de bom comportamento, o registro legal pode ser retirado dos sistemas, na intenção de que não fique “suja” a reputação e o nome de quem cometeu o delito e que este possa refazer a vida. No entanto, os registros digitalizados passam a fazer parte de um banco de dados, posteriormente vendidos, seguindo uma lógica de interesse e de mercado. O que Frohmann (1995) destaca é que as pessoas fichadas em registros policiais, mesmo já tendo cumprido pena pelos seus crimes, tinham seus dados disponíveis para fins comerciais, marcados de forma negativa, o que os impedia de arrumar emprego, moradia e seguir suas vidas.

Conforme Frohmann, esse é um tipo de efeito dos regimes específicos de informação, o qual o autor destaca existirem outros tipos de regime de informação em diferentes esferas informacionais, na vida comum das pessoas. Para o autor, em decorrência dos aparatos tecnológicos, dispositivos e sistemas de informação, os quais a sociedade tem acesso por meio das práticas sociais e públicas, ocorre um profundo efeito na tessitura, compasso, ritmo e estrutura da vida cotidiana, relacionada a como uma determinada informação age sobre os contextos, a qual o autor atribui a centralidade da materialidade da informação.

2.1.3.1 A materialidade da informação

Segundo Frohamnn (1995), a materialidade da informação é a forma adequada e indicada para apreensão do valor da informação. Na perspectiva do autor, a materialidade compreende as práticas informacionais ligadas aos sistemas de informação, tratada por ele de forma ampla, relacionada a como funciona o trânsito social da informação, com base na lógica institucional e pessoal. Para o autor, assim como para um conjunto de autores (Araújo, 2010; Capurro, 2003; Réndon Rojas, 2005; Wersig, 1993), os atributos da condição subjetiva e abstrata aplicados à informação não correspondem a sua reflexão social. Nesse caso, é observada a necessidade da informação ser vista no interior das situações que ocorre, onde são negociados os significados da sua existência, cujo foco, nesta pesquisa, recai sobre os sujeitos informacionais que a agenciam e fazem dela uma actante, ao lhe conferir força a partir

do entendimento que, por meio da informação, situações mudam, decisões são tomadas e fenômenos reais acontecem.

Frohmann (1995), ao discutir a materialidade da informação, faz uma separação importante para o entendimento da informação como um actante social, destacando que as pessoas não são os únicos agentes, posição assumida pela informação em situações específicas, cuja materialidade corresponde a sua existência. O fator existencial da informação, portanto, é o aspecto mais importante da informação, pois nas suas características existenciais é que estão impressos publicamente seu significado e valor, passíveis de interpretação. Para Frohmann, o caráter público e social da informação depende da materialidade e dela emergem considerações éticas, políticas, culturais e sociais indissociáveis. Nesse sentido, o autor critica a maneira de pensar a informação como um ente imaterial, referente às atribuições dadas a ela, ao limitá-la no isolamento do processo informacional, relacionado apenas ao que os indivíduos pensam sobre as ocorrências informacionais.

Foucault (2000) corrobora com a abordagem material da informação ao tratar de enunciações na sua obra "*Arqueologia do Saber*". Na concepção de Foucault, as enunciações estão envolvidas com o modo de existência das ações e ocorrência, ou seja, os significados das informações nos discursos, imbricados ao modo como aparecem, onde, quando e por que aparecem de determinada forma e não de outra. A discussão de Foucault põe em evidência a desnaturalização dos acontecimentos, assim como Savolainen (1995), ao destacar nas práticas informacionais os fatores intervenientes ao modo de vida, abordagem também discutida por Latour (2012) ao tratar do social em contínua construção, cujas informações dão sentidos aos aspectos existenciais do mundo.

Nessa concepção (FROHMANN, 1995; FOUCAULT, 2000; LATOUR, 2012), a informação não está ligada ao que ela representa ou significa como um ente pronto ou acabado, mas a sua existência negociável, ou seja, como ela surge, as regras que regem sua aderência, aplicação, transformação, abrangência e conexões entre declarações, ocorrências e situações. Observa-se que na existência material da informação estão impressas as práticas sociais e culturais que perpassam o espaço e o tempo e vão além da apreensão momentânea, num plexo entre o passado, o presente e o anúncio futuro.

Nas palavras de Frohmann (1995), os regimes de informação podem ser medidos pela massa, inércia ou resistência das informações, analogia baseada na teoria da relatividade geral Albert Einstein (1879 – 1955) (EINSTEIN, 1916), usada por Frohmann para explicar que a força de uma informação é formada pela confluência da matéria de que é feita e dos elementos externos a ela, uma situação em que a força gravitacional centraliza a ação.

Os atributos da materialidade informacional frente à analogia da física moderna, realizada por Frohamnn (1995), apresenta uma teoria sobre as enunciações, segundo essa

teoria, a informação sofre com as forças do poder que operam energia para que sejam interpretadas no interior das ocorrências. Ao imprimir valor, a materialidade ou enunciações, como aborda Foucault (2003, p.25), reflete “graus de estabilidade e graus de acomodação e resistência à transformação, enfraquecimento ou desestabilização. Sua Massa leva em conta a energia de seu poder emocional, ou seja, o poder de criar efeitos”. Isso significa que a materialidade (os efeitos de manipulação, manifestação) da informação exerce uma inscrição social que muda, critica e transforma a situação, exercendo poder na própria existência que a constitui, como um elemento ativo de construção social da realidade, conforme defendem Berger & Luckmann (2013), escapando-se, no entanto, da limitação de sentido único para uma determinada informação.

Sobre esses aspectos, Berger & Luckman (2013, p. 75) trazem uma importante contribuição a cerca dos processos de institucionalização que perpassam os sentidos e a valoração da informação, ao ser interpretada e assumida no âmbito social. Segundo os autores, a institucionalização pode ser entendida como a formalização de um determinado valor social, cujo entendimento pode representar um aspecto qualitativo, sem, no entanto, considerar os níveis de sua constituição. A institucionalização abarca os papéis sociais, a continuidade, a permanência e a historicidade das ações, construídas com base na interpretação legalizada, que surge da repetição do significado de uma determinada ação informacional, ligada ao que se entende como hábito. O hábito é um tipo de prática que orienta as atividades humanas moldadas por um padrão, cuja reflexão é deslocada em detrimento do costume em pensar de uma determinada forma ou agir sem uma análise ou um esforço de avaliação.

Segundo Berger & Luckmann (2013), a institucionalização encontra-se em processo de formação do hábito e das objetivações, formando estruturas sociais que perpassam aspectos linguísticos e operacionais. Na concepção dos autores, à medida que as estruturas institucionais são compartilhadas e ganham adesão, são fortalecidas, do contrário, no caso de pouca adesão, podem ser fragmentadas na esfera social, oportunizando novos sentidos. Berger & Luckmann (2013) destacam, ainda, que os processos de legitimação são capazes de produzir novos sentido e significados, associados aos significados já existentes, a partir dos valores dados como instituídos.

Na concepção de Berger & Luckmann (2013), as instituições representam um tipo de poder e atuam nos casos em que as sedimentações passam a ser questionadas, nesses casos, os valores institucionalizados são evocados para validar cognitivamente os significados objetivados, autorizando normativamente as práticas, atribuindo valor às novas ações, tornando-as acessíveis e subjetivamente plausíveis. Esse movimento, para Berger & Luckmann (2013), relaciona-se com elementos que detêm poder, condição capaz de oferecer resistência ou institucionalização de uma mudança na esfera social. O poder permite a

mobilização de recursos na ordem vigente, provocando uma nova ordem de ocorrência de uma determinada situação. Nesse sentido, o aspecto interpretativo perpassa a dominação e a legitimidade das ações que constituem o poder, uma vez que esse poder necessita da sustentação social cognitivo – normativo que chancela o entendimento para um determinado valor.

Em Foucault (1994) tem-se um exemplo do valor da informação institucionalizada. O autor apresenta uma discussão dos registros psiquiátricos produzidos dentro dos hospitais psiquiátricos cujos processos (o que aconteceu com esse sujeito no período da internação e foi documentado) obtêm peso e massa pela instituição produtora, pela importância e seu significado na esfera social, passíveis de múltiplas interpretações. Quando esse registro migra para outros departamentos acontece uma disfunção (podendo inclusive descaracterizar o seu valor), por exemplo, usado em processos legais. Nesses casos, Foucault destaca o trânsito da informação em várias redes e vários campos, alterando seus significados, porém amarrados à instituição de origem, produtora da informação.

Conforme Foucault (1994), a materialidade é mais que comunicar a informação. Seu poder está na constituição, que se dissocia da função comunicativa por meio da escrita, dos registros, pois indivíduos são construídos, novamente indicando para o como, quando, onde e por que, ligado às circunstâncias que configuram a vida social. A tese de Foucault corrobora com Frohmann (1995), ao atribuir aos significados e valor da informação, a imanência de situações cotidianas. Nesse sentido, com o propósito de compreender como se estruturam os regimes de informação e torná-los visíveis em situações cotidianas, evidenciando a imanência da sua existência e a forma como operam na organização social, foram adotados dois acontecimentos virtuais que ocorreram no Facebook como parte da empiria desta investigação, tendo como entendimento um movimento passível de observação e apreensão das práticas informacionais marcadas pela significação e valor informacional, tanto do ponto de vista individual como do social.

2.1.3.2 Acontecimentos

Um acontecimento é concebido a partir de um momento de fragmento, ruptura e de reorganização social, cuja ocorrência afeta indivíduos e coletivo, ordenado através do discurso. Gilles Deleuze e Guattari (1996) defendem que o acontecimento compreende a existência de uma imanência, ligada a pluralidade de possibilidades de sentidos⁶. França e Oliveira (2012, p. 9) consideram que o acontecimento “convoca e constitui públicos

⁶ Goffman (1991) aborda a construção de quadros de sentidos compartilhados (frames) a partir da noção de experiência, que organizam os sujeitos para ação com base em expectativas e esquemas de interpretação.

específicos, ao descortinar campos problemáticos e reorganizar a intervenção dos sujeitos sociais”. Babo-Lança (2015) relaciona os acontecimentos com a esfera pública e destaca a coexistência de diferentes tipos de público conceituado como “comunidades de interpretação e de significação, mesmo que provisórias, porque o processo de significação e atribuição de sentidos nunca está concluído.” (BABO, 2015, p. 125).

A partir das investigações de Babo (2013), o conceito de acontecimento, ocupa lugar central na empiria dessa investigação, na medida em que se compreende que antes dele, nele e na imanência dele na esfera social, (entre sujeitos e informação), depreende um conjunto de valores observáveis, que correspondem ao que nele agrupa, expõe e reelabora em relação às interações dos sujeitos com os significados que envolvem sua ocorrência. Nesse aspecto, torna-se possível apreender as práticas informacionais dos sujeitos quanto às significações e ao valor informacional, pela possibilidade de visualização dos modos de produção que os constituem, pela infraestrutura que o conforma, no caso, o Facebook e a cadeia de informação percebida no seu contexto.

O conceito de acontecimento tem sido utilizado em diferentes áreas do conhecimento, mais especificamente na comunicação, referente à construção das narrativas do jornalismo. A abordagem tem como discussão o papel dos acontecimentos na construção social da realidade, relacionada a como as informações presentes na ocorrência enquadram os sentidos ao emergir em um determinado tempo e espaço, a partir de um conceito operatório, sem no entanto, adotar um aspecto unilateral de reflexão do social. Nesse caso, optou-se pela aproximação da perspectiva pragmatista, a fim de superar a ideia da totalidade do discurso e assumir que os acontecimentos são como fatos, ocorrências e realidade enquanto inscrição social.

Louis Quéré (2005) defende o conceito de acontecimento como uma unidade existencial, seus estudos sinalizam para onde os acontecimentos conduzem os sentidos (QUÉRÉ, 2005, p. 59). Para o autor, o conceito de acontecimento está relacionado com o de experiência, tendo como base a abordagem interacionista de Dewey (1980). Quéré assinala que o acontecimento envolve uma ocorrência referente ao que se passa ou produz, mas especialmente o que se passa com alguém que sofre uma consequência, boa ou ruim, dos fatos. Quéré ressalta o aspecto da individualização do acontecimento, sem deixar de considerar a dimensão coletiva dos significados que isso projeta do e para o social. Quanto ao aspecto da experiência, para Dewey (1980), a experiência está relacionada à ideia de estímulo e resposta às situações ocorridas no ambiente, desconsiderando, em parte, os aspectos intersubjetivos, os quais estão implicados na elaboração dos sujeitos como protagonistas de sentidos das experiências.

Com base nas discussões de Quéré (2005), a partir das ideias de Dewey (1980), o conceito de acontecimento permite a compreensão de que os sujeitos envolvidos nos

acontecimentos reescrevem as ocorrências tendo como base suas experiências, porém protagonizando os sentidos

Os acontecimentos se tornam, eles próprios, fonte de sentido, fonte de compreensão e fonte de redefinição da identidade daqueles que afetam. Nessa perspectiva, em que o acontecimento vem antes dos sujeitos e das situações, é o que ele se torna através de seu percurso, e os efeitos de sentido que produz, que contribuem para individualiza-lo. É nesse sentido que se pode falar de um poder hermenêutico do acontecimento (QUÉRÉ, 2010, p.35).

Na concepção de Quéré, o acontecimento abarca ilimitado poder de reelaboração dos sujeitos, com base na sua experiência individual e social. Para Dewey (1980) o que afeta os sujeitos, não depende deles e não pode ser controlado, nem com tudo, são indiferentes com o que atravessa sua história. Quéré (2010) destaca que o acontecimento, ao ser considerado a partir da experiência, possibilita a reflexão, permitindo aos sujeitos a percepção do grau de afetação, oportunizando uma dimensão de enfrentamento no caso de novas ocorrências.

Isabel Babo-Lança (2012), referência tanto para o conceito de acontecimento como para o conceito de público, destaca que os acontecimentos operam “uma ruptura nos quadros da normalidade social, rompendo com as normas, regras e convenções institucionais, constituindo autênticos acontecimentos no sentido de inesperados e imprevisíveis” (BABO-LANÇA, 2012, p.14). Para a autora, existem vários tipos de acontecimentos, cujas características são da ordem do inesperado e da surpresa para um determinado público, que participa da imanência do acontecimento, com base na recepção das ocorrências, reelaborando os sentidos refletidos na organização social.

Babo, na sua obra “Espectadores e públicos activos” (2015), capítulo 7, aborda os públicos dos acontecimentos esclarecendo sua importância para a imanência da ocorrência, bem como sua reflexão para um determinado público afetado.

No caso dos acontecimentos que irrompem no espaço público, podemos anuir que na base da constituição de um público está o acto (sic) de fixação da atenção conjunta, através de conversas, de partilha de emoções, de troca de pontos de vista, opiniões e juízos, podendo ter um carácter cognitivo, afetivo ou prático (BABO, 2015, p.119).

A autora aprofunda o conceito de acontecimento (2008) ao apresentar vários tipos de acontecimento de diferentes autores e propõe o conceito de “acontecimentos de réplica” (BABO-LANÇA, 2012, p. 22). O acontecimento de réplica é caro a essa discussão, na especificidade do funcionamento do Facebook, no contexto de dispositivos, os sujeitos, ao executar as ações de curtir, compartilhar e comentar o ocorrido, provocam com suas ações e reações a imanência de acontecimentos, replicados nos perfis da rede social, aliados às suas experiências e na reflexão do juízo das ocorrências, possibilitando a criação de outros sentidos.

Segundo Babo-Lança (2012), esse movimento caracteriza-se como um acontecimento de réplica que opera uma ruptura da normalidade social, desequilibrando normas e convenções institucionais que repercutem e são replicadas em diversos meios, escapando aos enquadramentos sociais. Nesse sentido, França (2012, p. 7) considera um efeito de destemporalização e desinstitucionalização do social, caracterizando apropriações variáveis no campo dos valores, conforme o julgamento dos sujeitos. Para Babo-Lança, o acontecimento de réplica se refere à dessimbolização da ordem institucional. Na investigação da autora sobre a reprodutividade do acontecimento, constatou-se que não há reelaboração do sentido e atribuição de significados próximos ao da ocorrência a partir de um repertório, nesse contexto, Babo-Lança chama a atenção para o distanciamento de outras atribuições e evocação de outros quadros de experiências, sem correspondência direta com o acontecimento.

As reflexões sobre acontecimentos de Babo-Lança (2012) colaboram para a compreensão da confluência entre os elementos ambiente tecnológico, rede e pessoas, por ressaltar que tal dinâmica inclui valores, cultura e significados capazes de compor um universo híbrido em que informação, posts e usuários são unificados, criando sujeitos e novas situações, ora equilibrando os enquadramentos previsíveis, ora escapando deles.

Na presente pesquisa, os acontecimentos abordados foram compreendidos como acontecimento oficial e acontecimento virtual. O acontecimento oficial foi entendido como aquele que emerge dos atos de governo, cuja legitimidade é outorgada pelo poder executivo, legislativo ou judiciário, justificada com base constitucional. O acontecimento virtual foi concebido a partir dos estudos de Babo-Lança (2012) descritos como acontecimento de réplica, cuja particularidade virtual é a veiculação e conformação em dispositivos, os quais se associam à divulgação midiática, conformada por um público específico e por aspectos tecnológicos.

Os acontecimentos que irrompem no espaço público e que se tornam problema ou constituem situações problemáticas favorecem a emergência e formação da entidade coletiva que é o público e que se compromete num regime de ação pública. Por sua vez, a ação pública destina-se a públicos, o que significa que um público se constitui no horizonte de um outro público.

(BABO, 2013, p.232)

3 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL EM REDE

Neste capítulo são apresentadas abordagens teóricas e a caracterização da organização social em rede que, embora já existisse, antes mesmo da chamada Sociedade da informação, por meio do desenvolvimento tecnológico foi visualizada, intensificada e modificada, resultando em implicações nas formas de interação dos sujeitos com o mundo. Como parte do fenômeno informacional observado, os aspectos tecnológicos interferem no contexto hodierno de interação, bem como nos processos de significação e valor da informação, aos quais aplicam-se características específicas de observação e análise na empiria para compreensão da relação dos sujeitos com a informação, incluem uma diversidade de elementos que influenciam na mediação realizada por dispositivo, especificamente nessa investigação, o *Facebook*.

3.1 Sociedade da informação

Do ponto de vista histórico, por ocasião da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e da Guerra Fria (1945 – 1991), o desenvolvimento tecnológico e científico foi impulsionado. Incentivado pelo governo dos EUA, a partir da integralização de recursos para produzir equipamentos a fim de garantir maiores informações sobre os adversários, geraram-se esforços que resultaram no advento da Internet. Vista como uma estrutura global, a Internet interliga os computadores e outros equipamentos para produzir, registrar, transmitir e recepcionar dados informacionais, além de permitir a comunicação entre as pessoas (CASTELLS, 1999).

Em 1969, por uma iniciativa da agência *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), que reunia pesquisadores e militares norte-americanos envolvidos em projetos tecnológicos financiados pelo governo, foi promovida a primeira conexão de computadores. Depois disso, no início da década de 1970, essa mesma agência (ARPANET), então precursora da internet e da ligação entre os departamentos de pesquisa e dos setores do

governo militar, possibilitou também a interação de instituições e universidades, o que fez com que se expandissem as discussões na área das ciências.

Em 1989, um projeto elaborado por Timothy Berners-Lee, conhecido como *World Wide Web* (WWW) ou apenas Web, propiciou o compartilhamento de informações entre pesquisadores da Europa. Com dados organizados de forma segura quanto a sua funcionalidade e ao mesmo tempo simples, a Web passou a permitir a conexão de documentos por meio de ligações (*links*) entre eles, composta por uma estrutura formada por *Uniform Resource Locator* (URL) – um endereço que dá nome ao site que hospeda os documentos – e por *HyperText Markup Language* (HTML) – uma linguagem de pontos digitais que proporcionam uma ligação entre os diversos conteúdos por meio de marcações específicas. Tal estrutura ainda hoje serve de base para organizar e representar o armazenamento dos textos, figuras, sons, entre outros meios no ambiente digital (CASTELLS, 1999).

Do período da criação da Internet até os dias atuais, muito se discutiu na área científica sobre o que significou para a sociedade o advento da tecnologia e sua abrangência em diversos aspectos como político, econômico e cultural, destacando seus efeitos tanto para o bem quanto para o mal. Pesquisadores, especialmente de outros países, preocupados com o período que viviam, escreveram sobre o momento histórico e os resultados da tecnologia nas relações sociais. Um deles, Norbert Wiener, conhecido pela sua publicação sobre cibernética em 1948, destacou a relação da humanidade com a tecnologia, defendendo a necessidade de se desenvolver valores humanitários para a relação do homem com a Sociedade da Informação (WIENER, 1948).

Outro pesquisador, conhecido como um dos principais teóricos da Sociedade da Informação, Daniel Bell, em 1976, relacionou ao intenso desenvolvimento tecnológico a geração de conhecimento e a importância da informação como uma mudança na força produtiva e nos fluxos informacionais ligados à ciência. Bell em 1978 se pronunciou sobre os efeitos econômicos e sociais, considerando a queda da empregabilidade na indústria, o aumento no setor de serviços e a expansão das profissões relacionadas à informação. Na mesma direção, Castells (1999), também conhecido pelas discussões sobre a Sociedade da Informação, escreveu sobre a forma como a sociedade em rede se organiza e interfere nas relações sociais sob vários aspectos. Para o autor, a Segunda Guerra Mundial desencadeou um novo paradigma tecnológico que modificou as estruturas econômicas, políticas e culturais e atribuiu a esse novo formato mudanças quanto à relação do indivíduo com o social e ao controle do capital.

Em oposição a essas teorias, David Harvey (1992, p. 187) compreende que, embora o capitalismo tivesse adquirido outro formato na Sociedade da Informação, a mesma ideologia permaneceu, marcando a realidade social por relações de poder que sustentam os discursos

de maneira a ocultar interesses e promover a segregação social. Contudo, a expressão Sociedade da Informação anuncia a experiência do homem com uma organização social diferente, que envolve mais do que o relacionamento com a tecnologia, na qual a informação exerce força na relação do homem e sua cultura, na medida em que as ações das pessoas, na forma de viver, são modificadas. Nesse aspecto, Lévy (2000, p.231) considera

[...] a aceleração contemporânea da corrida para o virtual e o universal não pode ser reduzida nem ao 'impacto social das novas tecnologias' nem ao advento de uma dominação particular, seja ela econômica, política ou social. Sentimos como essas proposições seriam estreitas, limitadas, talvez mesmo absurdas. Trata-se antes de um movimento conjunto da civilização, de uma espécie de mutação antropológica na qual se conjugam, ao lado da extensão do ciberespaço, o crescimento demográfico, a urbanização, o aumento da densidade das redes de transporte [...], o desenvolvimento tecno-científico, a elevação (desigual) do nível da educação da população, a onipresença midiática, a globalização da produção e das trocas, a integração financeira internacional, a ascensão de grandes conjuntos políticos transnacionais, sem esquecer a evolução das ideias tendendo a uma tomada de consciência global da humanidade e do planeta.

A consideração de Pierre Lévy (2000) indica para outras implicações na Sociedade da Informação e anuncia a necessidade de cuidados ao observar o período que, para o autor, ainda é indefinido ou em construção, face a contingência dos fatos. Isso significa que, apesar das mudanças regidas pela informação na sociedade, em virtude da rapidez, das questões históricas, culturais e da precocidade dos acontecimentos, pouco se pode dizer de maneira permanente sobre os efeitos e resultados que a tecnologia incide sobre o indivíduo e as sociedades.

A contingência das mudanças sociais notada nos fenômenos que emergem da relação com múltiplos fatores, entre eles humanos e tecnológicos, do ponto de vista da informação, está além da mística do número, trata-se de uma mudança de longa duração, conforme Mattelart (2002, p.11). Nesse sentido, autores da CI como Capurro (2003) e Frohmann (1995) destacam que os aspectos da informação na sociedade, que têm produzido mudanças, não são exclusivamente da tecnologia, e sim da ação do homem sobre a informação, posta em evidências pela expansão tecnológica e características específicas dos dispositivos, mas que sempre existiu enquanto fenômeno informacional.

Quanto à tecnologia, um aspecto que cooperou para o debate e para a concepção desses autores atribuírem para o conceito de informação uma abordagem social foi a interação das pessoas com a informação, facilitada pelo surgimento da Web 2.0. Isso porque, até o ano de 1994, a Web era acessível aos usuários apenas num formato estático, com conteúdos fechados e sem permissão de atualização, o que deixava menos visível a atribuição de sentido das informações. Nesse período, o usuário apenas se comunicava por meio do correio eletrônico ou pela busca de conteúdos que começavam a ganhar força através da *World Wide Web*. A mudança maior, no que diz respeito à interação, só aconteceu entre 1994

e 1995, quando as pessoas começaram a usar o computador para se comunicar no formato em redes, em especial as redes sociais.

Em 2004, a empresa americana O'Reilly Media cunhou o termo Web 2.0, que indicou uma segunda geração de comunidades e serviços. A principal diferença foi o formato que permitiu, por meio de aplicativos baseados em redes sociais e tecnologia da informação, a participação das pessoas nos conteúdos da Internet. Essa mudança referiu-se não à atualização nas especificações técnicas, e sim a uma nova forma de ser percebida e acionada por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que engloba inúmeras linguagens. A Web 2.0 aumentou a velocidade e a facilidade de uso de diversos aplicativos, que foram responsáveis por um aumento significativo do conteúdo existente na Internet e, sobretudo, por alterações no campo da comunicação, das relações, do social e do cultural (CASTELLS, 1999).

3.2 Rede e rede social

O conceito de rede, embora fortemente debatido na atualidade, não é um conceito totalmente novo e não deve ser confundido com a ideia de rede social, aliada unicamente a aspectos tecnológicos. Refere-se a uma forma de organização social que corresponde a ligações entre pessoas, atores e conteúdos, sustentada pelas ações dos agentes. Georg Simmel (1858 – 1918), muito antes da Sociedade da Informação, já defendia a existência de uma “associação entre os homens”, que correspondia a laços que para ele eram feitos, desfeitos e refeitos, conforme as situações em que estavam envolvidos os sujeitos, sem uma organização prévia, ou seja, que funcionava conforme a realização dos indivíduos, os quais sofriam os efeitos das suas próprias realizações (SIMMEL, 2006, p.17).

Com o desenvolvimento tecnológico e a implementação de dispositivos, aplicativos para computadores e smartphones com configuração de rede em rede social, as ações e ligações entre pessoas passaram a serem moduladas de modo diferente, mudando a relação social quanto sua visibilidade, territorialidade e temporalidade, alterada pelo alcance, pelo tempo e espaço dos sujeitos na rede em formato virtual. Como defende Marteleto (2001.p. 72), a rede é “um sistema de nodos e elos, uma estrutura sem fronteiras uma comunidade não geográfica”. Em corroboração, Fontes (2012) caracteriza a rede não como um local, mas um território “não há necessidade de os interlocutores estarem em um mesmo lugar e nem mesmo em tempo correspondente, mas ligados a “estruturas simbólicas de pertencimento” (FONTES, 2012. p. 160).

Segundo Elias (1994, p.35), com base na metáfora do tecido, a rede é como uma trama cujo fios, ora isolados, se ligam uns aos outros e formam uma nova estrutura “nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidos

em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente”. Trata-se de uma ligação compreendida apenas pela análise de como cada fio se encontra, da reciprocidade do encontro e do que reflete no social, construída na ação do ajuntamento dos atores. Latour (1994, p. 13) complementa dizendo que “o tecido não é mais inteiriço” e a análise da estrutura não é possível do ponto de vista da continuidade, o que salienta a complexidade da organização em rede.

Além das indicações em relação à mudança espaço temporal e de visibilidade, Castells (1999) considera outros aspectos da conformação social. Para ele, as redes abarcam um sistema plural de mídias com informações fluidas e interconectadas, marcadas pela desterritorização e destemporalização, bem como pelas formas interativas da sociedade

[...] Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho) [...] A inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias de informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e as funções predominantes em nossas sociedades (CASTELLS, 1999, p.566).

Para Castells, o resultado da implementação das tecnologias de informação e das formas interativas marcam, sobretudo, diferenças na forma de produção e consumo e nas formas de significação, em virtude da globalização, interdependente da organização do mundo do trabalho, conformando uma cultura virtual traduzida para o real. Nas palavras de Latour (2012), as redes são fluxos informacionais processados por movimentos de elementos heterogêneos que conformam uma ação no plano real. Castells (1999) elucida esses elementos como camadas que agem em um tempo e em um espaço e organizam as práticas sociais contemporâneas. Para o autor, os fluxos da rede equivalem a processos informacionais que ocorrem no interior das conexões.

[...] Proponho a ideia de que há uma nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos. O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos (CASTELLS, 1999, p. 501).

Nesse sentido, os fluxos podem ser considerados regimes de informação, ações intencionais de interação que se ligam e “são mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade”, as quais se reconfiguram tanto em relação aos espaços, quanto em relação ao tempo, conforme a posição dos sujeitos, atores em situações específicas (CASTELLS, 1999, p. 501).

Uma rede social é formada por conexões realizadas por atores, pessoas, instituições ou grupos mediados por dispositivos. Os elementos, conexão e atores, correspondem aos nós da rede. Recuero (2009) aborda as conexões da rede social como interações ou laços sociais que a rede representa, diz sobre os padrões de relacionamento

de um determinado grupo social. A rede é percebida apenas em conexão, não sendo possível isolar os elementos que a compõe, que formam sua estrutura e conforma sua organização. Recuero (2009) reforça que os atores são os primeiros elementos da rede, “[...] como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de lações sociais” (RECUERO, 2009, p. 25).

Para Goffman (1975), os laços sociais são as ligações entre indivíduos. As conexões de indivíduos com grupos ou instituições são de base associativas, referentes a sentimentos de pertencimento. Recuero (2009), baseado em Breiger (1974), diferencia os tipos de interação na rede, separando-a em mútuas e reativas. Para Recuero, as interações reativas são associativas, realizadas por objetos ou ideias, caracterizadas como não dialógicas. Breiger (1974) e Latour (2012) não concordam com essa separação, consideram a interação realizada por objetos tão reacional quanto a mútua, realizada por sujeitos. Latour (2012) defende inclusive que nas interações os objetos precisam ser ouvidos, tanto quanto as pessoas.

A importância das ideias e dos objetos está nos sentidos que eles fornecem aos contextos nas conexões e ao modo como enquadram as situações à uma inteligibilidade. A centralidade das conexões da rede está na interação dos elementos que a constituem. Berger e Luckman (2013, p. 46) enfatizam que todas as formas de interação derivam da relação face a face, inferindo aqui as interações em rede social. O compartilhamento de informação na rede segue um padrão de interação e de experiência em dividir o que se pensa ou faz, relacionado a algo, ou a alguém, em um determinado tempo e espaço, porém fluido. Berger e Luckman (2013) consideram um intercâmbio contínuo, objetivado na ação e significado no contexto. As expressões, falas, posicionamentos e imagens na rede social orientam os sujeitos, participantes das interações a ligarem-se aos elementos da rede em reciprocidade, simultaneamente acessível aos outros atores da rede social.

3.3 O facebook

O Facebook Inc (incorporation) é uma empresa de capital aberto, proprietária de uma plataforma de rede social que responde pelo gerenciamento de informações pessoais e institucionais de aproximadamente 2 bilhões de usuários conectados a ela, atualmente é a maior rede social do mundo⁷. Atividades como postar, curtir, compartilhar, comentar são comuns às pessoas e a outros usuários que interagem ativamente na rede, associando seu funcionamento a uma forma de entretenimento, informação, conexões corporativas e interação, como destaca Kirkpatrick (2011). Não é audacioso dizer que o campo das relações

⁷ Dados no anexo

passou a dividir-se em antes e depois do Facebook. Mesmo o seu mais conhecido idealizador, Mark Elliot Zuckerberg, disse ter imaginado tal alcance, aspecto conquistado pelas diferentes formas de relacionamentos entre sujeitos e atores heterogêneos

A participação na rede social depende de um cadastro de entrada, onde os usuários são convidados a tornar-se participante, compartilhando dados e criando conexões para manter ativa e produtiva a rede social por meio da produção de conteúdo, aumentando a interatividade.

“No Facebook você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida”, “Abra uma conta”, “É gratuito e sempre será”.

Figura 4 - Tela de abertura do Facebook



Fonte: Facebook (2018)

O Facebook foi criado nos EUA, oficialmente em 4 de fevereiro de 2004. Seu primeiro nome, *The Facebook*, remetia a um termo enraizado na cultura americana como um livro de dados que no início do ano letivo a universidade disponibilizava para os alunos se conhecerem, posteriormente modificado para o nome Facebook, a fim de popularizá-lo. A rede foi desenvolvida por Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverinda, além de Mark Zuckerberg, estudantes da Universidade de Harvard, que pretendiam criar um site de relacionamentos em que os alunos da universidade pudessem interagir e falar sobre suas percepções em relação a si próprio e de outros alunos e alunas dentro da universidade. Antes do surgimento do Facebook, redes como a Classmates e a MySpace haviam sido criadas sem muito sucesso, diferentemente do Facebook, que logo no início da sua criação foi marcado por grande adesão de usuários, o que fez com que seus idealizadores o expandissem para outras universidades do país como Yale, Columbia, Instituto de Massachusetts e Stanford, e

logo depois para outros países e outros espaços além das universidades, tornando-se um negócio altamente promissor do ponto de vista financeiro e sociais (KIRKPATRICK, 2011).

O Facebook chama a atenção sobretudo pela quantidade de usuários conectados a ele, quanto a sua visibilidade, bem como pelos tipos de conteúdos disponíveis e o valor que projeta na realidade. A essa investigação, interessa especialmente o aspecto público das ações produzidas na rede social, que dizem respeito sobre significações e valores. Em conformidade com essas indicações, existem algumas pesquisas que buscam entender a relação dos sujeitos com a rede social, entre elas a investigação realizada pelos pesquisadores Ellison, Steinfield e Lampe (2007), da *Michigan State University*, "*The Benefits of Facebook "Friends:" Social Capital and College Students' Use of Online Social Network Sites*". A pesquisa teve como objetivo conhecer qual a relação das interações dos usuários do Facebook com o capital social. Dentre os resultados, os pesquisadores encontraram forte relação da interação na rede social com a atribuição de significação e valor para formação e manutenção do capital social, e a reflexão das interações no Facebook no âmbito pessoal, referente à melhora da perspectiva de vida em pessoas com baixa expectativa social que passaram a utilizar o Facebook.

O fato é que o Facebook, de 2004 até hoje, aumentou muito o número de usuários e conexões e provoca interesse científico em vários campos do conhecimento para compreender os fenômenos que ocorrem na rede social, envolve algoritmos e relacionamentos de diferentes atores. Na Ciência da informação, investigações com diferentes abordagens têm adotado as redes sociais como objeto, no entanto a abordagem social da perspectiva dos sujeitos e da informação, no campo das práticas informacionais, ainda é incipiente.

Uma das referências sob essa perspectiva é a pesquisa de Nunes (2014), intitulada "*Vivências da rede: Práticas informacionais de usuários do Facebook*". O autor aborda como as práticas e experiências cotidianas dos indivíduos refletem na produção, consumo e compartilhamento da informação no Facebook. Segundo Nunes (2014), as práticas informacionais dos usuários constituem-se no social, ao mesmo tempo que é participante da sua constituição. Nunes defende que as ações dos usuários no Facebook possibilitam a percepção do que seja informação para um determinado usuário, tendo como base suas escolhas na rede e a apreensão de sentidos e significados atribuídos à informação.

A relação dos sujeitos com a informação no Facebook sugere uma abordagem pragmática para identificar aspectos subjacentes à relação informacional, referente ao fluxo de informação e a produção do conhecimento. Mais especificamente, a relação dos usuários com a rede e a informação, à qual se refere à produção de conteúdos e às conexões. Os usuários da rede social tornam-se responsáveis pelo funcionamento do Facebook, cuja quantidade e qualidade das conexões sofrem variações diárias interdependentes, ligada à

própria existência da rede. Pode-se fazer inúmeras considerações sobre o Facebook, quanto sua inserção na organização social e aspectos técnico humanos. Vista com características de espaço público, a rede social funciona como dispositivo, com dados abertos e acessibilidade pública embora seja uma empresa privada, com liberdade para gerir os dados como quiser, seguindo princípios éticos e políticos pré-determinados, suscetíveis a controvérsias.

Contudo, o que interessa saber no recorte proposto são as relações informacionais, cuja centralidade no contexto da pesquisa está relacionada com o papel da cultura e a interação no Facebook, responsáveis pela formação de um repertório intersubjetivo que baliza as significações da informação para os sujeitos. Desse modo, a rede social é vista como um lugar possível de observação e apreensão das vivências dos sujeitos, tomadas num ciclo informacional. Nota-se que no Facebook os algoritmos do dispositivo são operadores das informações, porém considerados tangentes a essa discussão, por necessitar sobre eles objetivos e metodologias específicas. A centralidade dessa discussão, portanto está no aspecto público da rede social, onde ocorrem inúmeros acontecimentos pela interferência e julgamento dos usuários da rede social.

Na esfera pública a cultura é referência para os sujeitos atribuírem valor a informação, nas palavras de Habermas (1986) o público é o sujeito coletivo da opinião pública. Babo Lança (2013) destaca que é na experiência pública que processos de racionalização são formados “consistindo em tornar públicas as opiniões, submetendo-os à apreciação do juízo tanto estético como político (BABO, 2013, p.219). Segundo a autora, ao considerar o público como instância superior da origem da opinião pública, do juízo relativo a conformação de um valor, o público passa a ser, nas palavras de Babo Lança “uma massa anónima (sic) passiva e vassalizada” (BABO, 2013, p.220), sem identidade, como um ente superior de poder sem identificação fixa. Trata-se de aspectos de visibilidade do espaço público, exercendo o papel, segundo as convenções (enquadramentos sociais) intelegíveis e aceitos como legítimos que operam a informação em espaços públicos (GOFFMAN, 1973).

Os números de usuários do Facebook e a suposta visibilidade promovida pelo funcionamento do dispositivo oportunizam a interação e afetam substancialmente a maneira de agir e pensar das pessoas, na medida em que promovem a comunicação em fóruns públicos e a mudança de cotidianos baseada nos sentidos compartilhados. A facilidade e agilidade da comunicação pelo canal da rede social popularizou a informação e suscitou comportamentos coletivos como acesso, apropriação, produção de novas informações, além da filiação (associação) a determinado conteúdo pelo simples prazer da relação e sentimento de pertencimento, ou seja, o ato de gostar, afeiçoar-se a uma ideia em exposição.

Os conteúdos incluem postagens e interação de diferentes naturezas, pode ser curtidas, compartilhamentos, comentários, os quais correspondem ao funcionamento do dispositivo, isso porque a rede social não é produtora dos conteúdos que disponibiliza, mas

armazena, dissemina, distribui e gere os dados e os conteúdos por meio de algoritmos que podem se ligar a outros dispositivos tecnológicos e de comunicação, direcionados ao acesso e ao compartilhamento de informações (RECUERO, 2009). O Facebook tornou-se um lugar onde as pessoas agem e interagem de maneiras diversas, se veem e exercem autoridade sobre os conteúdos reciprocamente, produzindo e reproduzindo significados sociais e culturais, de maneira que revela, altera e muda contínua e potencialmente o comportamento dos agentes que interagem nesse lugar. Considerado um espaço híbrido pelas características do dispositivo, é possível encontrar todo tipo de informação, produtos, serviços e usuários que representam referências no âmbito da natureza, do social e do discursivo composto, portanto, por diferentes agentes nas interações. Para Frohmann (1995), os híbridos dotados de agência se configuram informação a partir do poder que exercem nos discursos que inscrevem. Latour (1994, p.51) conceitua os híbridos como “coletivos” de elementos que não se separam e o agrupamento deles é responsável pelos sentidos.

O Facebook agrega outras plataformas de comunicação e interação. O quadro abaixo apresenta alguns números quanto aos atores e às conexões do dispositivo a fim de elucidar o alcance das conexões da empresa.

Figura 5 - Números da “comunidade” Facebook (Post de 26 de julho de 2017)



Fonte: Zuckerberg (2017)

Os números correspondem a todos os aplicativos e projetos relacionados à empresa Facebook. São 2 bilhões de pessoas conectadas por mês; destes, 100 milhões de pessoas são membros de grupos os quais tem afinidade. Empresas da incorporação do Facebook também apresentam números volumosos de conexões. No Instagram, 250 milhões de pessoas utilizam a função Stories por dia. No Messenger 2 bilhões de mensagens são enviadas entre pessoas e empresas por mês; No WhatsApp, 250 milhões de pessoas utilizam a função Status por dia. A empresa também desenvolve um projeto de conectividade por meio de drone (Aquila) para distribuir conexão de internet em lugares de difícil acesso, além de estudos sobre realidade virtual, projeto VR/AR (Virtual Reality/Augmented Reality): Live from Spaces.

O Facebook é uma rede social que funciona como dispositivo ao combinar elementos técnicos com recursos práticos e simbólicos, compõe-se de aplicações quanto aos saberes, além de envolver relações de poder e modos de subjetivação (Foucault, 2000). O que o caracteriza é sua natureza, para que é usado e como é utilizado. Para Foucault, refere-se a sua enunciação, a objetos visíveis e a forças que operam sobre os elementos da rede. Peraya (1999) corrobora para o entendimento ao destacar que um dispositivo comporta a interação de elementos materiais e simbólicos, compatíveis com aplicações tecnológicas para seu funcionamento.

No ambiente do dispositivo, como uma espécie de esfera, no centro está o usuário e na periferia as referências que operam sobre a sua forma de pensar, todos de uma vez sobre o indivíduo, tornando-se um campo de força. Essas forças incidem como valores que servem para balizar as ações e negociar os sentidos para exercício das funções cotidianas. Ademais, se por um lado a informação pode ser produzida intencionalmente, tendo em vista interesses econômicos e sociais, por outro os sujeitos que operam essa informação com base na cultura são amarrados a códigos e convenções no dispositivo. São controladores da informação, explícitos e implícitos, como as regras, leis e a própria cultura. A cultura é parte estruturante de regimes de informação específicos, porque é compreendida com base nos modelos referenciais, na medida em que se recorre aos valores éticos, morais e de costumes, os quais influenciam nas informações que se filiarão, formando um ciclo de ações.

Isso quer dizer que, se por um lado as convenções e a cultura operam como controladores das ações dos sujeitos por meio das interações, experiências e expectativas, como aborda os sociólogos, por outros aspectos técnicos via algoritmos também exercem influência, limitando a autonomia dos sujeitos com relação à informação. Pariser (2012), autor do livro *O filtro invisível – o que a internet está escondendo de você*, destaca que os sujeitos são controlados por filtros invisíveis no uso da internet, incluindo o Facebook, os quais “criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar seguir” (PARISER, 2012, p. 14). Para o autor, os algoritmos criam “bolha de filtros”

que cerceiam os sujeitos a um universo limitado de informação baseado nos gostos e nas afinidades. Essa ação, se por um lado é confortável para os sujeitos pelo acesso conveniente de interesses, por outro os aprisionam, seguindo uma lógica de mercado e consumo

As massas de dados acumulados pelo Facebook [...] têm dois propósitos: para os usuários, são a chave para a oferta de notícias e resultados pessoalmente relevantes; para os anunciantes, os dados são a chave para encontrar possíveis compradores. A empresa que tiver a maior quantidade de informações e souber usá-las melhor ganhará os dólares da publicidade (PARISER, 2012, p. 41).

Para Pariser (2012), a internet não é uma mera ferramenta que ajuda na busca pela informação, pois além de condicioná-la limitando os conteúdos de acesso, está submetida a relações de mercado que influenciam na conformação social. Em concordância, Castells (1999) destaca que a organização social em rede exerce influência para além das relações de interação social, opondo-se à ideia apologética de uma simples evolução, ao perpassar relações de dominação, cuja interferência alcança as estruturais sociais de interação e de cultura, que incluem a valoração da informação. Nesse caso, pode-se inferir que a rede social em certa medida exacerba essas características pela quantidade de usuários e ações concomitantes, aliadas ao funcionamento do dispositivo que ofusca a parcialidade da informação, especialmente referente à produção, inclusive pelas características de entretenimento, aparentemente inocentes do dispositivo presente na ideia de rede social.

Como um tecido com tramas e fios entrelaçados que permite movimento, flexibilidade e sustentação, assim é a conformação do valor da informação no âmbito do dispositivo. Escolher uma determinada informação, processar e utilizar, significa resignificar, trata-se de um processo de apropriação que incide e orienta, compondo um complexo de elementos à medida que se projeta, não numa instância pronta, de forma determinada, mas subjetiva e intersubjetiva. Portanto a organização social em rede desestabiliza poderes que se reconfiguraram num formato horizontal e fragmentado de nós e linhas que se amarram, podendo interferir no fluxo de poder que se reveza sem qualquer previsão.

Tais considerações destacam que não se trata de saber fazer bom uso do dispositivo ou não, como é comumente especulado, mas saber a quem ele está servindo e como opera para a construção das práticas informacionais e culturais, ou seja, sua extensão para a vida cotidiana, incluindo aspectos de subjetivação, mas também de dessubjetivação. Quando Foucault (2000) aborda o conceito de dispositivo, baseado em Deleuze e Guattari (1996), ele apresenta um conceito multilinear que atua por meio de ações estratégicas que ele nomeia como “regime de enunciação”, cuja visibilidade e força se apresentam em três dimensões, quanto à produção do saber (realizada pela constituição dos discursos), as

referências de poder (disposições estratégias entre os elementos) e produção de sujeitos, a partir dos sentidos negociados em contextos, apreendidos dentro de uma lógica tácita de um regime de informação específico, como apresentado na empiria deste trabalho.

O fato é que, com a implementação de tecnologias de informação e o surgimento de dispositivos que perpassam as diferentes mídias, também chamadas de transmídias, as formas de interação foram atualizadas. Berger & Luckman (2013), ao tratarem como forma padrão de interação a relação face a face, fazem algumas marcações quanto aos aspectos interpretativos da informação estabelecida na especificidade da situação. Entretanto, a interpretação mediada por dispositivo acontece de forma diferente. Thompson (2002) diferencia as formas de interação entre: interação face a face, interação mediada e quase interação mediada. Para o autor, a interação face a face, conhecida como dialógica, acontece entre sujeitos envolvidos numa conversa em que uma pessoa fala e outra responde, sucessivamente, é uma interação estática em relação ao tempo e ao espaço de sua ocorrência, cujo fluxo de informação obedece a uma lógica mono receptora e linear, que condiciona a interpretação para um sentido ou com possibilidades mais aproximadas da interação.

As outras duas formas apresentadas por Thompson referem-se à posição que a informação ocupa, sendo essa a condição de “meio”, cuja alteração muda seu valor simbólico sempre em relação a um outro atributo. Na interação quase mediada, Thompson se refere à informação que tem um suporte que a torna indireta, por exemplo, o jornal impresso, a televisão, o livro, a mensagem é enviada sem diferenciação do receptor e a interpretação é realizada no momento do encontro do receptor com a informação. Na interação mediada, a informação não é localizada nem a um receptor, nem a condições situacionais de tempo e espaço.

Vale destacar que o conceito de tempo e espaço opera a informação no Facebook como pano de fundo das mudanças que a informação tem sofrido, com base na interação das pessoas com meios tecnológicos. Conforme David Harvey (1989) considera, trata-se de relações básicas para a existência humana que estão suscetíveis as práticas culturais e estéticas por envolverem a construção de representações, artefatos e dispositivos a partir do fluxo da experiência humana. Para situar nas ações no Facebook e o que essa mudança significa no contexto, na experiência dos sujeitos em publicar um post na rede social, tem-se a condição de passado para quem o postou, presente para quem está imediatamente em contato com a informação e possibilidade de futuro para quem ainda não viu, com base e dependente do funcionamento da rede social.

Essa é uma das características que coloca a informação fluida, provocada pela condição de uso de dispositivos. Como exemplo do que acontece no Facebook, uma informação é postada, outra pessoa da rede compartilha com o mesmo sentido, uma terceira

compartilha com sentido contrário que adentra uma outra linha da rede, uma outra faz uma terceira interpretação. Observe que nesse movimento, além de ser atribuído valor à informação, é também aplicado os mesmos critérios a quem publicou, há um processo de translação da informação com os sujeitos no dispositivo. Nesse caso, os referenciais para atribuição do valor e do significado, que Thompson (2002, p.82) chama de “intercâmbio simbólico”, são múltiplos potencializados pelo funcionamento dos dispositivos.

O Facebook caracteriza-se como uma rede social que funciona como dispositivo. Para uma pessoa usar o Facebook, é necessário que tenha preenchido um cadastro, ter idade superior a treze anos e concordar com a política de funcionamento da rede social. Para identificação, comumente o usuário adiciona uma foto de perfil ou de uma representação e uma foto de capa para personalização da página, que podem ser alteradas a qualquer momento. O cadastro é preenchido com dados pessoais que compõe o perfil público, controlado com chaves de segurança com maior ou menor número de detalhes, que inclui trajetória escolar, profissional, relacionamentos, contatos, entre outros.

Posterior a etapa de cadastro e personalização, o usuário pode adicionar pessoas cadastradas à sua rede por meio de convites direcionadas às pessoas conhecidas que, depois do aceite, passam a compor a relação, podendo classificá-las como melhores amigos, amigos, conhecidos ou em grupos específicos como família, trabalho ou outros grupos personalizados, ficando a critério do usuário sua formação e uso. Na dinâmica de interação com o Facebook, outras pessoas podem ser adicionadas sempre que quiser, encontradas por meio de outros amigos, inter-relacionados que respondam aos convites de aceite e que também podem proceder dessa forma, convidando-o.

Com o mapeamento da rede, através dos vínculos de pessoas conhecidas, é possível visualizar outros conhecidos na aba “amigos” ou na dinâmica da interação. Os contatos da rede podem ser dirigidos publicamente ou por meio de mensagens *in box*, em caixa de conversa privada (Messenger) tanto com quem faz parte da rede ou com outros pertencentes a outras redes não ligadas diretamente. As comunidades também compõem os elementos da rede, caracterizadas por interesses comuns. O usuário pode filiar-se e participar de fóruns específicos, discussões *on line* ou *off line*, deixando sua marcação de participação no espaço virtual.

Desde 2004, quando foi lançado, o Facebook passou por muitas mudanças a fim de aprimorar suas ferramentas de interação, segurança de dados, personalização e atrativos para além de atrair novas pessoas a fazer uso da rede, estimular os que já fazem uso do dispositivo, permanecerem atuantes, já que disso depende o seu funcionamento tanto para a manutenção de conteúdos que dizem respeito à diversidade, qualidade e interesse de quem usa, como para o Facebook manter seu valor comercial em alta por meio da valoração de

dados e interesse comercial ofertado no modelo de mídia virtual, cuja centralidade está na quantidade de pessoas alcançadas.

Onde se encontram os fenômenos? Perguntar-se-á. 'Fora, na extremidade das redes que os representam fielmente', dirão uns. "Dentro, ficção regulada pela estrutura própria do universo dos signos", dirão outros. [...] infelizmente [?], os fenômenos circulam através do conjunto, e é unicamente a sua circulação que permite verificá-los, assegurá-los, validá-los.

(LATOURE, 2004, p. 56)

4 A CONSTITUIÇÃO DO FENÔMENO INFORMACIONAL

A partir da concepção de informação como um objeto social, a investigação está fundamentada na constituição de um fenômeno que emerge da relação entre o indivíduo e o conhecimento do mundo, inclui valores e significações partilhadas, um movimento de interpretação que o indivíduo faz do universo que o cerca, a partir das interações sociais, ou seja, da existência processual e contínua e não de uma essência permanente, mas construída na situação. Como considera Latour (2012), o social apresenta-se deslocado, fragmentado, organizado em rede, o que potencializa humanos e não humanos ao agenciamento, reconhecidos como híbridos. Nesse caso, a informação e os sujeitos da informação se constituem num plexo de relações situacionais.

[O social] não designa um domínio da realidade ou um item especial; é antes o nome de um movimento, um deslocamento, uma transformação, uma translação, um registro. É uma associação entre entidades de modo algum reconhecíveis como sociais no sentido corriqueiro, exceto durante o curto instante em que se confundem (LATOURE, 2012, p. 99).

O autor argumenta que a palavra "social", como é considerada, tornou-se inapropriada para designar um fenômeno de movimento contínuo, isso porque a palavra social, como também a palavra sociedade, parece ter sedimentado a ideia errônea de uma substância material, "pronta", o que não corresponde à realidade social construída, que inclui o conhecimento comum e as conceituações decorrentes da história e do cotidiano dos atores.

A discussão aproxima-se das teorias de Berger e Luckmann (2013) e Schütz (1979). Os autores defendem uma abordagem fenomenológica, referente à relação do conhecimento com as construções do social e do que seja informação, isso significa que não se aplica a uma maneira analítica e substancial que concebe a quase naturalização dos fenômenos sociais, mas procura compreender como se dá a construção do mundo social e como as formas sociológicas do que já ocorreu são transformadas enquanto outras são produzidas nas práticas e nas interações da vida cotidiana dos atores e de suas relações e correlações, que sofrem intervenção de mecanismos de objetivação, de materialização e de estabilização das realidades sociais.

Berger e Luckman (2013), na sua obra “A construção social da realidade”, inspirada na fenomenologia social de Schütz (1979), em conformidade com as considerações observadas posteriormente por Latour (2012), defendem o papel do conhecimento para a construção permanente do social, atribuindo aos conceitos status de construções operatórias, interdependente das situações a que se aplicam. Segundo esses autores, as realidades sociais que envolve o conhecimento institucionalizado e sobretudo o conhecimento comum, representações, percepções, objetivadas e interiorizadas, são processuais e decorrem da imbricação de ações individuais e coletivas.

A informação não é um signo, e sim uma relação estabelecida entre dois lugares, o primeiro, que se torna uma periferia, e o segundo, que se torna um centro, sob a condição de que entre os dois circule um veículo que denominamos muitas vezes forma, mas que, para insistir em seu aspecto material, eu chamo de inscrição (LATOURE, 2008, p.22).

Para Latour (2012), o entendimento do social como uma entidade pronta e acabada desloca erroneamente o conceito de Informação, impedindo, por vezes, a compreensão de sua natureza pragmática, construída com base em uma relação permanente. Capurro (1991, 2003), em concordância com a concepção de informação como sendo uma relação, concentra sua defesa paradigmática na formulação da pergunta: “O que é a informação para?” (CAPURRO, 1992, p.82). A pergunta reflete o conceito de nó e a noção de simetria e relativismo de Latour (2012), o posicionamento sobre o valor da informação relacionado às significações e aos contextos estabelecidos nas interações e em situações específicas. Em conformidade com essas abordagens, Gonzáles de Gómez (1996) destaca o conceito de contexto como sendo fundamental para compreensão da informação como um constructo social, incluem-se condições situacionais e de ação, ligadas à própria pragmática da solução de problemas da vida, assumindo assim um afastamento da ideia de exclusividade da racionalidade.

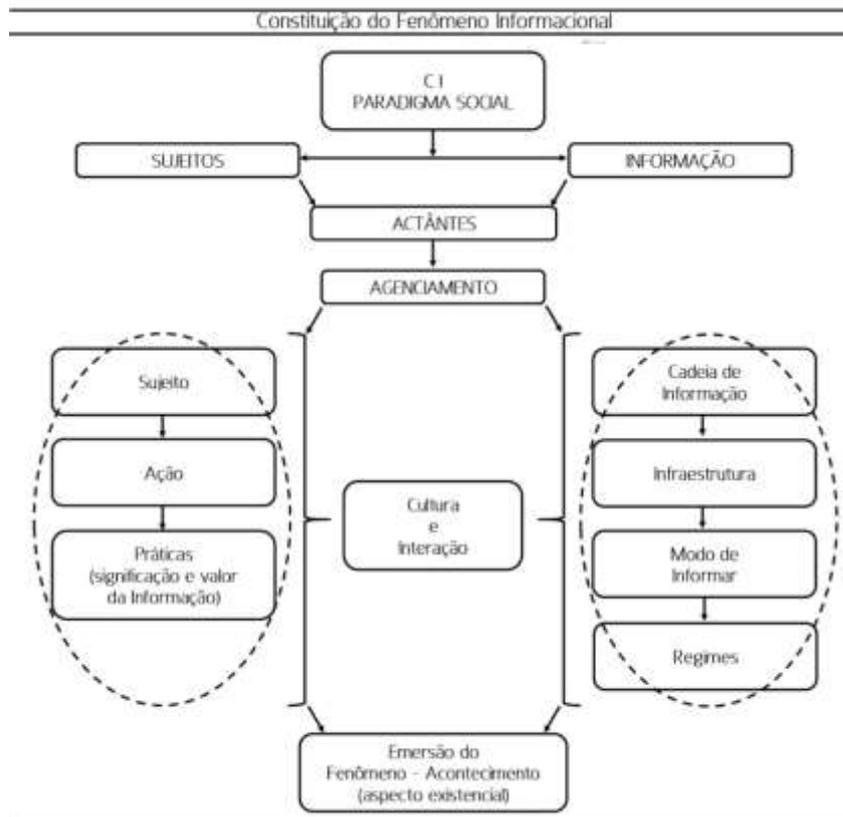
No campo dos estudos de usuários da Ciência da informação, as práticas informacionais têm como proposta investigar a relação entre sujeitos e informação como elementos incompletos e dinâmicos que se constituem na relação situacional para significação e valor. Um regime de informação corresponde a um fluxo de informação, formado por elementos heterogêneos, que perpassam modos de produção que sofrem influência de agentes dominantes, de ação e significação ampla e situacional, conformados em estruturas materiais. Isso significa dar forma (ao que ainda não tem apriori) referente a uma existência material àquilo que pensamos, sentimos e vivemos. Uma ação construída tanto pelo indivíduo como pelo coletivo, relacionada à própria existência do ser e estar no mundo.

Numa aproximação teórica com Latour, Frohmann (1995) e González de Gómez (2000) abordam essa essência existencial da informação em relação aos sujeitos de uma maneira operatória ao sugerir um caminho possível para essa compreensão. Os autores

consideram os aspectos associativos da informação ligados às ações humanas, valorizadas pelas construções sociais, a partir do conhecimento produzido, contextualizado, decorrente das informações recebidas e utilizadas para resolver os problemas peculiares da vida. Nesse sentido, ao ressignificar e dar forma à informação, constrói soluções para as necessidades de contextos específicos, compondo uma relação dialética com o mundo, constituindo-se sujeito da relação, compondo a própria ideia de ator.

Baseado nesse entendimento, o fenômeno informacional proposto pela autora da tese, emerge da relação dos sujeitos informacionais com o social, em construção contínua, o que corresponde a construção efetiva de um regime de informação específico. Envolve elementos tanto da ordem individual dos sujeitos e sua ação para dar sentido às informações (práticas informacionais), como elementos do fluxo da informação (o percurso que a informação faz para ser constituída, como é produzida, onde ela é operacionalizada, acessada, processada, quem são os sujeitos das trocas informacionais e os aspectos de validação). Esses elementos são operacionalizados com base na interação e na cultura, que ao mesmo tempo criam um repertório de experiências para a significação e valor contínuo, num ciclo interminável a partir do que já existe no mundo, colaborando tanto para reforçar esses valores como para criar.

Figura 6 – Constituição do fenômeno informacional



Fonte: Elaborado pela autora

A figura acima centraliza a discussão da pesquisa, na medida em que considera a relação dos sujeitos com a informação, na mesma dimensão. Isso porque são entendidos como indissociáveis e híbridos, os quais exercem força de ação juntos na esfera social. Na figura, tanto os sujeitos como a informação são actantes responsáveis por agenciamentos de informação, pessoas e objetos, projetados na realidade como acontecimentos do mundo que emergem das relações de valoração.

Vale destacar que a significação da informação nas dimensões das práticas informacionais dos sujeitos está vinculada a aspectos psicológicos, antropológicos e sociológicos, como reforça Araújo (2009), destacando o papel do indivíduo no mundo, a cultura e os constructos sociais que sinalizam a elaboração dos sujeitos, os quais conferem à informação capacidade de criação de valor na medida em que se pode compreender e conceber seu aspecto construtivo para configurar novas interpretações do mundo, a capacidade de afetação da informação, ressignificação de valores possibilitando novos enquadramentos sociais que projetam um ciclo infinito para a relação informacional.

Nesse sentido, quando se consegue compreender como as pessoas leem o mundo e seus significados e como suas próprias ações ganham sentido, percebe-se que tudo nasce da ordem do vivido, inclui ações do que é falado, sentido, ensinado, apreendido, tem uma marcação no tempo e no espaço, ainda que fluido e efêmero. Nessa concepção, os seres humanos estão imbuídos de intenções, vontades, motivações e sofrem múltiplas influências e outras tantas peculiaridades que tornam as questões das práticas informacionais mais complexas, necessitando, fundamentalmente, de mais explicações, que certamente serão ainda insuficientes.

Os sujeitos híbridos são admissíveis, no entanto também requerem reconhecer as limitações e avançar para o compreensível, experimentável e possível de ser conhecido. Configuram-se sujeitos (híbridos), portanto, da apreensão do movimento de interação do sujeito com o mundo informacional, constituindo-se ator na maneira que reconstrói as significações para as situações que vivencia, estabelecendo a esse sujeito status de protagonista, conformando um plexo de elementos que se fundem e não podem ser separados pela própria gênese do sujeito informacional, uma vez que pertencem a espaços diferentes, independentes, porém recíprocos.

A realidade social é uma realidade objetivada, como também uma realidade subjetiva, interiorizada no processo de socialização. Para a abordagem social, a informação, recebe o status de “ser uma informação” decorrente de um conhecimento prévio construído e apropriado intersubjetivamente, que emerge das interações dos sujeitos. Desse modo se desfaz da ideia de elementos desconectados, que colocam a informação e os sujeitos separados, como intérpretes das representações do mundo que os compõem, atribuindo supostamente ao homem, condição de consumidor do social, ou seja, do mundo

informacional, entendido como pronto, acabado, que está à disposição e independe da sua ação.

As formas de interação mediada pela forte inserção tecnológica anunciaram a experiência do homem com um novo paradigma social, no qual a informação exerce força na relação do homem e sua cultura. A contingência deste momento está nas práticas sociais diversas, originadas principalmente a partir da confluência com as tecnologias. Esse fenômeno inscreve uma mudança significativa na vida comum, na medida que as infraestruturas alteram o tempo e o espaço como um movimento de continuidade do ser e estar na rede, uma sociedade organizada em outro formato, que interfere nas experiências, comportamentos, práticas, identidades, afetando a cultura e o indivíduo. A proposta dos regimes de informação é dar visibilidade à relação informacional e seus operadores, à cultura e às interações dos sujeitos, ligados pelos enquadramentos sociais que fornecem um repertório de como devem agir no mundo, mas que sofrem os efeitos das marcações interpretativas produzidas, mesmo no campo virtual, característica da contemporaneidade. Com os aparatos técnico humanos, passou a ser evidente a interferência e reflexão na apropriação e na produção do conhecimento, que perpassam as formas de criação, propagação e preservação cultural, através da comunicação oral e escrita inclusa no meio digital.

O modo de vida no mundo pertence a uma relação contínua, inventiva, que sofre o alcance das práticas sociais, na confluência com as tecnologias de comunicação e informação, dispositivos, bem como da organização em rede, cuja perspectiva altera a velocidade, o tempo e a qualidade da produção, apropriação e reflexão das significações informacionais. Com essa compreensão, o fenômeno informacional passa a significar diferentes associações que geram mudanças na vida comum. Esse entendimento compreende que a formação em rede desestabiliza o domínio de autoridades informacionais e passa a ser visto como uma potência para manutenção ou produção de significados de diferentes actantes, descentralizando os sujeitos nos fenômenos informacionais.

Para o desenvolvimento da investigação que aqui se propôs, ou seja, a de compreender como os sujeitos que interagem na rede social Facebook, por meio de suas práticas informacionais, agenciam a informação de modo a conformar diferentes actantes, levou-se em consideração as interações sociais e culturais, a organização social em rede aliada ao alcance tecnológico e os aspectos estruturantes dos regimes de informação. Nesse contexto, o Facebook, que tem como sua principal marca a interação das pessoas, foi compreendido como um lugar público, onde os sujeitos imprimem suas ações no espaço virtual ao dar sentido a suas percepções por meio de movimentos múltiplos de apropriações informacionais e colaboram na criação e manutenção de valores e constructos sociais, interferindo no fluxo e configurando o fenômeno informacional.

No Facebook, vale destacar que o “lugar” dos sujeitos na relação informacional sofre uma determinada pressão em relação à exposição do ambiente, que abarca uma força específica sobre os sujeitos que se encontram entre os conhecimentos interiorizados e sua participação no espaço público, suas convicções pessoais e a cultura, valores que servem para balizar e exercer força de afetação nas relações cotidianas. A informação é gerada por instituições que operam intencionalmente na informação, tendo em vista interesses econômicos e sociais, por outro lado, os sujeitos operam essa informação com base na cultura que amarra esse sujeito a códigos e convenções. Tais código e convenções são os controladores da informação, explícitos e implícitos, como as regras, leis e a própria cultura. A cultura é parte destes regimes porque a informação é operada com base nos modelos referenciais, na medida em que se recorre aos valores éticos, morais e de costumes que influenciam em quais informações os sujeitos escolhem e filiam-se.

Na rede social o entorno é considerado um nó onde nem tudo é informação para um determinado sujeito, os fenômenos emergem à medida que são agenciados pelos usuários e pela informação, vista como actante. Refere-se, portanto, ao relacionamento dos sujeitos com base no poder exercido pelo meio, ou seja, de onde, como e quem pratica as ações de modo a atribuir valor de quem influencia e determina a cultura e o social. É um espaço de expressão e de impressão, baseado na sociabilidade entre múltiplos actantes. As impressões, conforme Goffman (1975), são em parte construídas pelas interações, em parte percebidas pelos que interagem na composição de papéis sociais.

O autor anuncia que as práticas cotidianas realizadas em público contribuem para a manutenção de valores. Nesse sentido, a rede social é um fator determinante para a contingência da emersão do fenômeno informacional, no momento em que determinadas práticas informacionais causam efeito de provocação nas manifestações em rede, contribuindo para a produção de acontecimentos. A abordagem que contempla a ação e performance dos sujeitos no Facebook descreve seu aspecto criativo de projeção nesse espaço, a partir de uma imagem construída intencionalmente, com base na transparência do espaço público. Goffmann (1975) argumenta sobre a capacidade reflexiva, coloca no nível consciente, de autoavaliação de performance sobre a realidade construída a partir da interação social e da atribuição de significado aliado à constituição de símbolos intercambiáveis.

Esse fenômeno inscreve uma mudança significativa na vida comum, pois altera o tempo e o espaço como um movimento de continuidade do ser (sujeito e informação) na rede e da rede, uma sociedade organizada em outro formato, que interfere nas experiências, comportamentos, práticas, identidades, afetando a cultura e o indivíduo. Nesse contexto, Hall (2014) sugere uma descentralização das referências sociais ao descrever mudanças do âmbito da cultura. Para o autor, a intensificação dos fluxos econômicos, políticos e simbólicos,

na contemporaneidade, passou a interferir nos modelos identificatórios. Latour (2012) também aborda a mudança fazendo menção a um social deslocado, relacionado à própria organização em rede, sugerindo um engendramento de diferentes atores, que Latour compreende como actantes.

Bauman (2005) também faz relação da identidade com uma convenção social, que segundo ele apresenta-se desestabilizada na contemporaneidade, a qual chama de liquefação devido a sua fluidez e ao processo de construção permanente. Nesse sentido, o modelo de categorias sociais e as filiações estão perdendo a importância. Para Bauman, apesar das mudanças de liquefação e fluidez, a cultura e os enquadramentos sociais ainda servem como referências para identificação parcial, provocando certa incoerência, apresentada de forma múltipla ou fragmentada. Nas palavras de Lévy (1998), a forma aparentemente fragmentada dos sujeitos, referem-se a heterogeneidade da composição entre humanos e coisas, como um espaço de montagem contínua, um processo indeterminado em que os actantes desenham a realidade em suas performances constantemente, conforme Latour (2012). Lévy destaca

[...] Como os rizomas de Deleuze e Guattari, as redes de Latour ou de Callon não respeitam as distinções estabelecidas entre coisa e pessoas, sujeitos pensantes e objetos pensantes, inerte e vivo. Tudo o que for capaz de produzir uma diferença em uma rede será considerado como um ator, e todo ator definirá a si mesmo pela diferença que ele produz. Essa concepção do ator nos leva, em particular, a pensar de forma simétrica os humanos e os dispositivos técnicos. As máquinas são feitas por humanos, elas contribuem para formar e estruturar o funcionamento das sociedades e as aptidões das pessoas, elas muitas vezes efetuam um trabalho que poderia ser feito por pessoas como você e eu. Os dispositivos técnicos são, portanto, realmente atores por completo em uma coletividade que já não podemos dizer puramente humana, mas cuja fronteira está em permanente redefinição (LÉVY, 1998, p.137).

O que Lévy (1998) considera, é a confluência entre os diferentes atores para as significações do mundo, observáveis nos regimes de informação que abarcam, objetos físicos, sociais e políticos, localizados e conceituados no âmbito público. Ao se estenderem para o campo da informação com infinitos desdobramentos por meio da tecnologia e da comunicação, a presença desses elementos é considerada actantes nos nós da rede e provoca reverberações induzidas nas relações que se estabilizam a partir de posicionamentos ideológicos. A identificação desse movimento, segundo a proposta de Frohmann (1995), só é possível por meio da descrição genealógica, devido a sua fluidez presente na interação social. Como em todo regime de informação, pressupõe-se a fragmentação, ação calculada, medida para atribuição de significação e valor de informação que para efetivar-se é dotado de instrumentos de negociação, como a linguagem, que possibilita dar forma à informação, por exemplo. A forma da informação ganha força no processo constitutivo. Frohmann (1995) destaca esses aspectos para os movimentos de constituição de híbridos em referência a Latour (2012) e considera a dificuldade de serem apreendidos devido à silenciação proposital de elementos que compõem o coletivo heterogêneo, sinalizado também por González de Gómez.

O conceito de regime de informação pareceria ser uma ferramenta interessante para situar e analisar as relações de uma pluralidade de atores, práticas e recursos, à luz da transversalidade específica das **ações, meios e efeitos de informação**; *transversalidade* que se estabelece na medida em que tais relações e interações perpassam uma ou mais esferas da cultura, da economia, da educação, da comunicação, da pesquisa científica e da vida cotidiana, e *especificidade* que se constitui na medida em que o envio e a direção dessa transversalidade pertencem a configurações contemporâneas da informação, e são reconhecidas como tais (e não como sendo esferas da saúde, do transporte ou da mídia) (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p.44, grifo nosso).

Para a autora, a questão se aplica à dimensão simbólica da cultura e da informação, associada à atribuição de critérios de valor fundamentados na estrutura e em sucessivos acontecimentos historicamente demarcados, que se encontram nas ações de modo implícitas. Na organização em rede, os actantes se revezam dentro de uma lógica

econômica e política de interesse, que caracteriza o poder de funcionamento de um determinado regime informacional.

Nessa perspectiva, a ação de informação segue um curso de sentido que se projeta para ser compreensível, localizado na estrutura do funcionamento do social, como uma engrenagem, tornando-se inteligível, localizado nos habitus, que para Bourdieu compõem um movimento ligado à existência de regras que possibilita a inserção e atuação dos usuários na sociedade, incluindo a rede. Outros aspectos incorrem desse movimento que a rede evidencia num processo constante que a equilibra. É a existência de conflitos e embates que sustenta o próprio sentido da permanência na busca constante do “valor”, promovida pelos impactos e mudanças dos actantes e pela busca do consagrado “poder” das significações legitimadas. Isso se torna funcional na medida em que atendem ao conjunto, ao coletivo e não a fatores isolados ou a gênios individuais, ou seja, articulados no campo da cultura que recai ao próprio conjunto de práticas informacionais.

As práticas informacionais podem adquirir diferentes formas. Quando nesse fenômeno a capacidade de mobilização da ação é compreendida na perspectiva dos conceitos de agência e actância, os mesmos parecem intermutáveis. No entanto, apesar da correlação direta e da associação ser legítima entre os termos, são concepções diferentes, não sendo elas sinônimas. Do ponto de vista do potencial individual dos elementos que formam o coletivo heterogêneo, o fator de diferenciação é o aspecto criativo em contraponto com a influência causal das estruturas. Nesse sentido, é necessária cautela para admissão dessa concepção, porque não se trata de uma permanente criatividade das partes, especialmente quando comparada à reprodução social e à capacidade de protagonismo dos agentes. O principal aspecto de diferenciação e compreensão do fenômeno informacional que opera com actantes e agentes é a necessidade de contrabalancear que existe na ação elementos da racionalidade, ou seja, utilitarista e estratégico, mas também práticos, pragmáticos e ritualísticos. O que significa que a condição de agência é uma das dimensões possíveis para explicar a actância e que esses actantes, considerando um aprofundamento na realidade social, usuários ou a informação, não são sempre agentes, eles se configuram na própria constituição do fenômeno.

O conceito de cultura, como foi exposto, surgiu através dos estudos antropológicos preocupados em fazer o movimento inverso para responder questões sobre o macrosocial. Já antropologia se propõe a analisar o agir singular, in loco, específico, reduzindo a dimensão do que é peculiar ao indivíduo sem, no entanto, desconsiderar a cultura. Geertz (1989) defende um conceito semiótico baseado em Max Weber de que teias amarram o homem a significados que ele mesmo teceu, formando um “arsenal cultural”, matéria-prima para análise e interpretação, a fim de descobrir os significados (GEERTZ, 1989). Portanto compreender as práticas informacionais está além da avaliação do que a informação provoca

nos sujeitos ou na sociedade, embora inevitável na apreensão do movimento, a percepção se estende na extrapolação das relações, completando ciclos informacionais. Essas relações tanto refletem o cotidiano, quanto a sua ocorrência marca e orienta sua dinâmica, que caracteriza o que podemos chamar de fenômeno informacional, cuja imbricação se dá no nível intersubjetivo, na relação com o outros, os elementos do mundo e com si próprio.

O olhar tem sido historicamente construído. A construção do olhar é um acto (*sic*) individual, mas também um dado social, diferente de pessoa para pessoa, variável segundo as tecnologias que produzem os olhares e segundo os modos de ver dominantes numa época.

José Carlos Abrantes (2005, p.11)

5 METODOLOGIA

A metodologia aqui apresentada, de carácter qualitativo e compreensivo, refere-se à construção de um movimento de pensamento que delineou as escolhas e os valores da pesquisa. Estruturada com base na **pragmática comunicacional**, discutida por Néida González de Gómez (1996), como uma possibilidade para a abordagem social da CI; buscou-se a compreensão de como os sujeitos interagem com a informação no Facebook, por meio da apreensão das **ações e significações** atribuídas na rede social. Tendo em vista que os fenômenos informacionais envolvem processos sociais, cognitivos e comunicacionais, considerou-se como uma forma de verificar o agenciamento da informação, análises da produção e interações dos sujeitos que, na concepção do estudo, são constituintes de um regime de informação específico.

Para a investigação, optou-se pela genealogia da formação de um regime de informação entendida como uma maneira singular de se compreender as ações dos sujeitos que interagem com às informações no Facebook. Entende-se que os significados dados pelos sujeitos às informações são percepções constituídas em conformação com alinhamentos de um regime de informação, presente na perspectiva dos acontecimentos no dispositivo, os quais correspondem a práticas informacionais. Nesse aspecto, ainda que os acontecimentos sejam transitórios, porque se referem a um determinado momento, não são aleatórios, pois marcam a história, a cultura e os valores de um determinado grupo em um determinado tempo.

Para González de Gómez (2012), a análise da constituição de regimes pode ser feita por meio da pragmática das ações, que **representa uma transversalidade de configurações contemporâneas de práticas, meios, recursos tecnológicos e de linguagens** em uma expansão indefinida para determinados fins e de alta complexidade. Considerada como um espaço de operacionalização, a autora (2000) destaca o uso de estratégias comunicacionais para uma abordagem pragmática.

Quando são abordadas as práticas e ações de informação, devemos usar estratégias comunicacionais, seja para reconstruir a produção de sentido dos atores sociais, seja para construir e interpretar indicadores operacionalizados

sobre produtos e resultados observáveis das ações de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000, p.5).

Para González de Gómez (2000), o valor do que um determinado ator faz e diz em uma determinada situação está evidente na ação de informação. Capurro (1991) apontou esses aspectos ao se referir a virada pragmática, paradigma social ou ainda paradigma hermenêutico-retórico. O autor relacionou a valorização das significações sociais da informação em contextos específicos, em oposição à informação abstrata e ao enfoque cognitivo. Araújo (2012), em concordância, discorre como sendo uma abordagem microsociológica e interacionista e Rendón Rojas⁸ (1996) como um enfoque pragmático, dialético, diferenciando-a de uma abordagem exclusivamente semântica que abarca os significados, mas desconsidera o contexto e a intencionalidade que envolve a construção do sentido nas relações informacionais.

Wersig (1993) também apontou esses aspectos ao tratar do fenômeno da informatização, a existência de acontecimentos informacionais específicos que ele chama de atores, dentro de situações problemáticas atribuídas a aspectos da comunicação. Em conformidade com esse autor, a pragmática defendida por González de Gómez (1996) outorga à informação o sentido de artefato cultural que se articula em contextos concretos de ação, vinculados a diversas camadas ou estratos de realizações de sujeitos, instituições, sistemas sociais e políticos que compõem um valor atribuído à informação a partir da ação de informar. Corroborando com González de Gómez (1996), Rendón Rojas (1996) destaca que a pragmática informacional pode ser reveladora, porque supera a discussão representacionista como um dado pronto e acabado da informação, indo além de estudos da sintaxe e da semântica, aprofundando na discussão de contexto e cotidiano que é apreendido num movimento hermenêutico da informação.

González de Gómez (1996) amplia a discussão sobre a importância do contexto de informação ao destacar o valor das práticas sociais que marcam as diferenças situacionais, ao mesmo tempo que se distancia de uma visão homogeneizada para a comunicação, reforçando os aspectos das significações partilhadas nas ações, ligadas aos atos de fazer e falar referentes à subjetividade dos próprios atos. Saldanha (2008), baseado em González de Gómez e Rendón Rojas, apresenta a característica pragmática da informação em referência aos jogos de linguagem de Wittgenstein (1979), reforçando os aspectos de manuseio da linguagem nos contextos informacionais e nas relações sociais.

⁸ Na Palestra Magma do Prof. Dr. Miguel Ángel Rendón Rojas da Universidad Autónoma do México (UNAM), realizada no Seminário em Ciência da Informação (SECIN), organizado pela Universidade Estadual de Londrina em 21/08/2017, cujo tema foi La información y la dialéctica del desarrollo del ser humano, o autor abordou a dialética como uma superação, ao que ele chamou de “ente material” e “ente ideal”, em referência aos aspectos físicos e cognitivos da informação. Rendón Rojas atribuiu ao ente dialético o ser informacional, destacando aspectos pragmáticos do “Ser em si, Ser fora de si e Ser para si”.

Para o entendimento metodológico dentro das concepções assinaladas, são apresentados o percurso geral da pesquisa e as bases para os eixos de investigação, tendo em vista os achados empíricos e os referenciais teóricos.

5.1 Construção geral do percurso metodológico

O percurso geral foi construído a fim de orientar “um movimento de pensamento cujo esforço e intenção direciona-se à produção de um novo conhecimento num horizonte de possibilidades sociais e historicamente definidas” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000). Conforme a autora, a CI tem caráter poli epistemológico e perpassa esferas fluídas em processos que abarcam determinados conceitos em diferentes contextos. Nesta investigação, a informação é um construto social, a linguagem é parte do fenômeno e a simetria entre a informação e as ações dos sujeitos conformaram um tipo de regime específico ligado à cultura e a referências sociais. O conjunto desses elementos constituiu um caminho à compreensão das práticas informacionais, ou seja, compreender a relação da ação do sujeito no dispositivo, com os valores que os cercam e os influenciam no seu dia a dia, tendo em vista que os significados do mundo são formados ou reforçados pelos sujeitos dotados de vontades e interesses particulares.

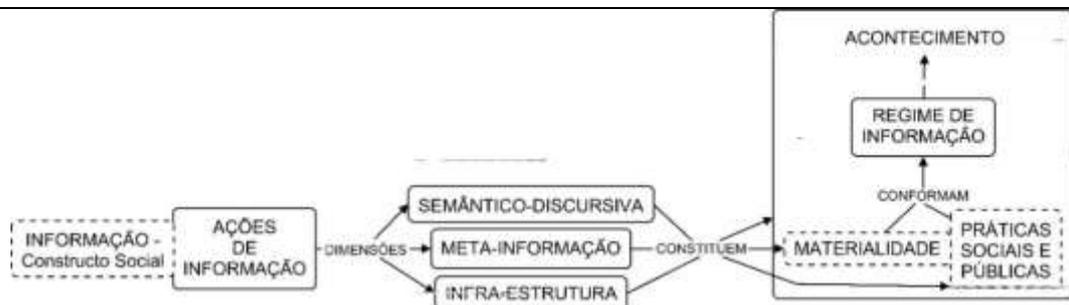
Compreende-se que por trás das ações de informação é estabelecida uma relação de prática discursiva, tanto do objeto quanto dos sujeitos que se constituem nas interações de diferentes elementos. Para González de Gómez (2000), a ação de informar e se informar é articulada em três dimensões: **semântico-discursiva**, ligada ao que informa o conteúdo da mensagem estabelecida na situação; a segunda dimensão denomina-se **metainformação** por conformar as regras para sua interpretação, delimitando o contexto em que a informação se configura com um sentido específico; e a última dimensão **infraestrutural**, referente à mediação de onde a informação é disponibilizada, num universo de valor, conteúdo de informação a que se inscreve. Para a autora, “não teria como objeto a informação e suas especificações, mas antes as pragmáticas sociais de informação ou, dito em termos mais frequentes, a metainformação e suas relações com a informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1990, p.121). Nesse sentido, as relações informacionais assumem uma simetria contextual de processos semânticos e comunicacionais que se equilibram nas ações sociais, nos processos de interação, nos contextos culturais e históricos, ampliando-se nas esferas infraestruturais e tecnológicas. Para Latour (2012), em relação aos aspectos metodológicos, é preciso ponderar a centralidade dos sujeitos de modo que a simetria e o relativismo das ações precisam ser assumidos. Para este estudo, considera-se sobre o dispositivo, aquilo que Latour (2012) diz a respeito do poder de agência dos objetos, dando-lhes espaço de escuta

(na mesma intensidade dos sujeitos) por participarem ativamente de um social cada vez mais restrito.

Nesse aspecto, as concepções de simetria e relativismo são balizadores à compreensão da interação dos elementos da ação. A simetria está ligada à condição indissociável dos elementos da ação, considerados unidades de forças iguais por se autorregularem à construção da lógica social. Para a compreensão de como se articulam as ações de informação, de simetria e relativismo e as atribuições pragmáticas, consideradas na perspectiva de Regime de informação, apropriou-se da constituição de acontecimentos virtuais⁹.

Conforme apresentado no referencial teórico, os acontecimentos marcam tanto seu aspecto existencial quanto uma objetividade que se inscreve nos espaços sociais e públicos. Isso significa que as três dimensões das ações de informação conformam a materialidade do Regime de informação e dão corpo (substância) ao agenciamento da informação, observadas na emergência do acontecimento e peculiaridades projetadas na situação, como considera Frohmann (1995) e González de Gómez (2000), apresentadas a seguir:

Figura 7 - Acontecimento



Fonte: Elaborado pela autora

Ao adotar o *Facebook* como um dispositivo que ambienta a relação e mais do que isso influencia, marca e condiciona em função dos seus aspectos sociais e públicos, considera-se que a ocorrência do fenômeno observado se evidencia quando observado a partir de um modo de ver pragmático tal como proposto por González de Gómez (2000). Em concordância com essas características, encontram-se as teorias de Latour (2012) sobre o social que não existe a priori, constitui-se na ação, ao contrário de um mundo aparentemente pronto. Compreendido dessa maneira, a relação simétrica com o dispositivo é mediada por

⁹ Como abordado no referencial teórico, o acontecimento virtual é uma conformação ocorrida da evidência pública, motivada por ações e reações, cuja ruptura interrompe ou altera a ordem social. Da ordem de um dispositivo, colaborativo ou não, configura um ato de parada para o ater-se ao momento transitório que se inscreve num regime de historicidade. Opera com base numa interação social, dependente de filiações de comunidades fechadas ou abertas do modelo reticular.

interações dos sujeitos com a informação agenciada, produzida pelo uso de ferramentas, abrangências e construções de significação. Lembrando que uma das características dos Regimes de informação, como num rizoma, é “produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 28). A ideia configura uma guerra híbrida para captura de poder, baseada em estratégias políticas, sociais e culturais.

Para o recorte empírico foi definido um caminho a partir da conceituação de “acontecimento” e de um conjunto deles no virtual que ocorreram no dispositivo *Facebook*, abarcando uma marcação histórico-temporal que os localiza em um universo específico. Nesse sentido, apresenta-se uma maneira interpretativa para apreender as relações que se constituíram num regime de informação também específico. Construído tendo como critério o alinhamento dos discursos referentes aos valores de uma sociedade que se apresenta nas interações, o recorte da tese se refere a aspectos políticos de um determinado período. Observa-se que, embora aparentemente tangente, os aspectos políticos foram vinculados ao papel da mulher, às discussões sobre gênero e aos valores que colaboraram para o impeachment da ex-presidente Dilma Vana Rousseff, ao mesmo tempo que se relacionou aos objetivos de alcançar e manter interesses de autoridades informacionais.

Aos posts selecionados no *Facebook*, tomados como acontecimentos virtuais, foram atribuídas características múltiplas, apresentadas na empiria e discutidas nas categorias apresentadas ao longo deste capítulo. Para a empiria foram considerados dois acontecimentos virtuais compreendidos no contexto do estudo, a partir do conceito de acontecimento de réplica, veiculado no dispositivo, cujo papel associa-se a divulgação midiática, conformada por um público específico e por aspectos tecnológicos tal qual abordado no referencial teórico. Os sentidos dos acontecimentos virtuais apresentam-se atrelados ao contexto social, cujas manifestações são apreendidas em parte pelos acontecimentos oficiais. Nesse contexto, os acontecimentos virtuais foram intercalados por acontecimentos oficiais para compreensão dos sentidos no tecido social, atribuídos pelos sujeitos, materializados no regime de informação específico. Como ponto de partida considera-se a abertura do processo de impeachment da ex-presidente Dilma Vana Rousseff e a relação subjetiva da indicação ou adoção de um modelo feminino de referência para o país.

5.2 Métodos da pesquisa

Os métodos de pesquisa se referem aos instrumentos de apreensão do objeto estudado, sujeitos e significados da informação. Neste estudo, percorreram-se as etapas descritas a seguir sem significar uma sequência rígida de processos, tendo em vista que uma etapa completou a outra para o entendimento do contexto e do fenômeno e o retorno a elas foi invariavelmente necessário.

5.2.1 Construção do referencial teórico

Nessa etapa se buscou reunir elementos da teoria social e da CI, a fim de serem estudadas as problemáticas e ambientes de informação, relevantes para o dimensionamento de práticas informacionais do estudo pretendido. Com o intuito de serem aprofundadas as questões que fundamentaram o olhar e o propósito do estudo, conforme Flick (2013, p.45), o referencial teórico englobou “as obras sobre os conceitos, definições e teorias usadas no campo de investigação”. O corpo teórico do estudo foi formado pelos aspectos que conformam o fenômeno, centrado nos estudos da CI, nas características tecnológicas da rede social, além da explanação e adoção dos conceitos de regime de informação e acontecimentos, discutidos nos capítulos dos referencias teóricos.

5.2.2 Construção da empiria

A empiria foi desenvolvida com base em um recorte intencional de posts do *Facebook* para dar visibilidade ao agenciamento da informação possível de ser apreendida nos regimes de informação. Os posts noticiaram assuntos políticos, sociais e culturais, cujos discursos foram recortados, tendo em vista os valores atribuídos direta ou indiretamente às narrativas. Observa-se com o alinhamento dos discursos, interesses políticos e de valor, envolvidos com questões de fundo moral, interpretados na constituição do Regime de informação específico e objetivados em acontecimentos virtuais, apreendidos nas publicações e no debate dos sujeitos informacionais.

Os posts selecionados, entendidos aqui como um acontecimento virtual, serviram de guia à compreensão das práticas informacionais dos sujeitos que interagiram com elementos heterogêneos do dispositivo *Facebook*. Intercalados por acontecimentos oficiais que serão apresentados posteriormente, foi selecionado um primeiro post que tratou da divulgação da Carta de Michel Temer endereçada a Dilma Rousseff e o outro post de uma reportagem da revista VEJA a respeito de Marcela Temer, esposa de Michel Temer.

Nessa perspectiva, configurou-se um regime de informação específico defendido pela autora, o qual separado por duas categorias de acontecimentos oficiais, baseado na institucionalização dos fatos¹⁰, que se referem aos atos de governo e outra categoria formada pelos acontecimentos virtuais constituídos pela publicização, interação e repercussão no *Facebook*. Embora os acontecimentos oficiais não tenham sido objetos diretos de análise, colaboraram para o entendimento do regime de informação, especialmente quanto à interpretação e à temporalidade dos acontecimentos virtuais. Isso porque, intercalados os acontecimentos oficiais e os virtuais, ajudaram a dar visibilidade ao alinhamento dos discursos e uma possível intencionalidade das ações. Além dos acontecimentos virtuais, fizeram parte da empiria alguns comentários dos sujeitos que interagiram com as postagens e entrevistas realizadas com alguns desses sujeitos.

Conforme discutido no referencial teórico, os acontecimentos virtuais são criados em parte pela intensa interação na rede, incluem curtidas, comentários e compartilhamentos, além dos algoritmos do funcionamento do dispositivo. Como parte da empiria, foram escolhidos alguns comentários para análise e levantamento das categorias. Os critérios adotados para o recorte dos comentários foram: compor a primeira página ou conjunto de comentários (em torno de 50 comentários, podendo variar conforme a evolução do debate), a data do comentário (no dia ou até um dia após a publicação do post), o número de curtidas no comentário e a relevância da interação com o objeto de estudo. A partir da interação e análise dos comentários feitos nas postagens, alguns sujeitos foram escolhidos para as entrevistas. Ao todo foram realizadas, por meio do chat do dispositivo, dez entrevistas¹¹ com os sujeitos informacionais que publicaram comentários nos posts.

5.2.3 Análise dos dados

O regime de informação é considerado por González de Gómez e Chicanel (2008) um modo analítico de apreensão do agenciamento da informação e das ações e significações dos sujeitos dentro de uma visão pragmática. A autora atribui ao Regime de informação desenvolvido por Frohmann (1995) aspectos situacionais e comunicacionais das ações dos sujeitos. Nesse sentido, buscou-se na materialidade dos acontecimentos, observar as ações e significações dos sujeitos. Conforme já apresentado, após o recorte dos acontecimentos

¹⁰ Diferença entre fato e acontecimento: Um acontecimento é um fato, mas nem todo fato é um acontecimento. Para Quéré (2005), pode-se considerar um acontecimento a ocorrência que rompe com alguma continuidade, está ligado com um público que o conforma, se distingue por estar situado em um recorte, no tempo e no espaço social, de modo expandido. O fato é “alguma coisa do mundo”, um evento marcado por algo apreendido na realidade (AUSTIN, 1961, p. 112).

¹¹ Foi empregada correção ortográfica nas respostas das entrevistas, apenas quando notada necessidade, a fim de evitar distorções interpretativas nos comentários dos respondentes, conforme sugere Duarte (2004).

virtuais, foram analisadas as interações dos sujeitos e realizadas entrevistas com algumas dessas pessoas que interagiram nas postagens selecionadas, compondo o universo analisado. A análise de dados foi baseada pela construção de dois movimentos, sendo o primeiro a individualização dos acontecimentos e, o segundo, a constituição de um tipo de regime de informação específico, conforme já mencionado. Posteriormente, a análise dos dois movimentos, foram discutidas dentro de um conjunto específico de categorias da temática abordada, a relação da mulher e o contexto político, relacionado a um universo de valor e à leitura das intenções das ações para os sujeitos informacionais no dispositivo.

A primeira análise apresenta três eixos de compreensão dos acontecimentos a partir das dimensões sugeridas por González de Gómez (2000), selecionados para elucidarem as características da materialidade do regime de informação nos acontecimentos. As dimensões comunicacionais os conformam do ponto de vista da produção da informação, o qual se estrutura a análise dos acontecimentos. Um primeiro movimento de forma individualizada e, posteriormente, um segundo de categorização das ações de informação, partindo de um conjunto de valor apreendido nas interações:

- 1) Primeiro eixo de compreensão quanto à **Semântica discursiva** - Significou a construção da descrição dos posts à compreensão do que o acontecimento virtual informou, tipificando o fenômeno a fim de apreender como as pessoas envolvidas se posicionaram com base na caracterização de quem falou, o que falou e como falou.
- 2) Segundo eixo de compreensão quanto à **metainformação** - Significou a construção da contextualização do acontecimento virtual que conduziu o olhar interpretativo, com base nos valores construídos intersubjetivamente e que dão sentido às ações em um determinado enquadramento de ação informacional em relação às situações e à temporalidade de ocorrências e, ao mesmo tempo, sendo conformados por elas.
- 3) Terceiro eixo de compreensão quanto à **Infraestrutura** - Significou localizar o acontecimento virtual a partir da infraestrutura do *Facebook*; suas características e as implicações para o fenômeno observado.

Após esses movimentos de compreensão e de construção da materialidade dos acontecimentos, foram construídas as categorias para o conjunto de posts, a fim de compreender a interação dos sujeitos informacionais e a constituição das práticas informacionais desses sujeitos. Frohmann (1995) destaca que a materialidade é que forma, estrutura e cria significados presentes nas esferas sociais e públicas. Para o entendimento do que se pretende por meio desta tese, os acontecimentos virtuais têm uma dimensão existencial e objetiva. Isso significa que a materialização do fato como um acontecimento, ao mesmo tempo que reflete a vida social, incide e orienta sua dinâmica, distanciando-o de

aspectos deterministas para uma visão processual de contingência e emergência. Essa forma interpretativa encontrada no conceito de acontecimentos, especialmente no acontecimento de réplica discutido por Babo-Lança (2012), busca dar enfoque aos aspectos analíticos, compreendendo certa limitação da abordagem que pode incorrer por um lado numa excessiva ênfase na ação de recepção, valorização indiscriminada de uso ou uma sociologização em detrimento do processo. Por isso, o enfoque da pragmática dessa investigação que perpassou a técnica, a linguagem, mas teve o foco no valor da informação, nas significações e ações de informação dos sujeitos, nos quais repousou o olhar da pesquisadora.

5.3 Corpus da pesquisa

O corpus dessa investigação foi construído por três movimentos distintos para a configuração do que se compreendeu como um regime de informação específico: O primeiro movimento foi a escolha intencional do recorte para dar visibilidade ao agenciamento da informação por meio do regime de informação entendido com base na configuração dos acontecimentos virtuais. O recorte dos acontecimentos virtuais individualizados foi baseado na importância dada pelos sujeitos que interagiram na rede, capturado pela quantidade de curtidas, comentários e compartilhamentos e na compreensão da importância sócio-cultural e política notada pelos próprios sujeitos das interações, apresentadas nas categorias posteriormente.

O segundo movimento foi a escolha da página ou site que veiculou o acontecimento escolhido na rede social. Para além do primeiro critério adotado, de considerar a quantidade de interação de cada acontecimento, cada escolha teve uma especificidade que será apresentada na descrição individual do acontecimento nas próximas seções. Observou-se nas interações, tanto no primeiro movimento como no segundo, a força, o impacto, massa e energia¹² que os acontecimentos conformavam na rede e na configuração do regime de informação, adotando-os como operadores analíticos que colaboraram na compreensão das práticas informacionais.

As dimensões capturadas pelo entrelaçamento das relações dos sujeitos informacionais quanto aos aspectos subjetivos e intersubjetivos, presentes no entendimento das Práticas Informacionais, significam uma complexidade aos estudos dessa perspectiva. Nesse sentido, essa complexidade buscou ser respondida pela investigação das dimensões das ações informacionais presentes na análise localizadas no terceiro movimento de apreensão do modelo de Regime de informação. Para a construção do corpus, realizou-se

¹² Termos esclarecidos no referencial teórico, capítulo dois (Seção 2.1.3 Regimes de informação e subseção 2.1.3.1 A materialidade da informação), conforme aspectos conceituais abordados por Frohmann (1995).

com base na análise contextual e temporal, o entrelaçamento com os acontecimentos oficiais, atos do governo e a relação com os acontecimentos virtuais. Posteriormente, o conjunto do recorte procedeu a um dos possíveis olhares, mais especificamente em como esses acontecimentos vincularam o valor da mulher a um discurso conservador presente na sociedade brasileira, vinculado a interesses de um determinado grupo dominante na governança atual do país.

Observa-se que o *Facebook* não é o produtor dos conteúdos que vincula, realizados por páginas, sites, instituições, empresas, sujeitos e elementos que o configuram como uma rede social aberta, apresentado no referencial teórico. Nesse sentido, há atores, actantes, produtores da informação e sujeitos informacionais considerados nessa investigação. Os posts escolhidos tratam de uma situação específica com pessoas que curtiram, comentaram e compartilharam tais informações; é sobre essas interações que repousaram o olhar dessa investigação. Vale destacar que a complexidade de tal perspectiva está ligada a apreender de maneira específica as interações dos sujeitos no dispositivo, sem deixar de situar os intervenientes históricos, temporais, políticos, culturais que os conformam para compreender uma dimensão que limita a própria interpretação das ocorrências.

Ao abordar as práticas informacionais na perspectiva do regime de informação no contexto da conformação dos acontecimentos virtuais selecionados no corpus que se apresenta, inevitavelmente o entendimento do movimento reflexivo perpassa as relações de significação dos sujeitos que tanto marcam suas relações, quanto refletem a vida social, incidem e orientam sua dinâmica, dispondo-se uma perspectiva processual. Ao tratar de uma produção desenvolvida no interior na rede social, sua característica é diferenciada de outros meios de mídias, pelo fato de seu conteúdo não ser produzido por um único interlocutor, mas por diferentes elementos que compõem a rede, destacando assim, que o Facebook não produz o conteúdo que vincula, mas age sobre eles por meio das ferramentas e configurações discutidas anteriormente.

5.3.1 Interações com comentários nos posts selecionados e seleção para entrevistas

Os acontecimentos virtuais considerados nesse estudo foram formados, em parte, pela intensa interação na rede que inclui curtidas, comentários e compartilhamentos, pelas páginas e sites que o vinculam, características da conformação do regime de informação e pelos algoritmos do funcionamento do dispositivo. Para compor o corpus foram escolhidos nas respectivas páginas alguns comentários que colaboraram com a formação das categorias, juntamente com as entrevistas. Quanto aos critérios de inclusão dos comentários para a análise, foi estabelecida a data do comentário (no dia ou até um dia após a publicação do

post), o número de curtidas e a relevância da interação com o objeto de estudo. Quanto às entrevistas, a partir da interação e análise dos comentários feitos na postagem, alguns sujeitos foram escolhidos com os quais se fez contato via chat do dispositivo. Após o envio do convite para a participação e retorno dos contatos, procedeu-se à entrevista com os que manifestaram interesse.

Observa-se que os comentários, embora estejam no domínio público, dados abertos, na pesquisa foram mantidos anônimos, sem identificação direta do sujeito, renomeados por (C-c) ao sujeito que comentou a Carta de Temer a Dilma ou (C-r) ao sujeito que comentou a reportagem da Revista Veja, estando incluso entre as letras o número de participação na discussão dos dados da pesquisa. Com relação aos comentários – respostas no interior dos debates de cada acontecimento, as participações foram renomeadas (CC- c) para os participantes da Carta de Temer e (CC – r) aos participantes do debate da reportagem da revista Veja. Sobre as entrevistas, os sujeitos que concordaram em participar também foram mantidos anônimos e identificados no trabalho com (E), seguidos da numeração de participação, conforme apresentação dos dados da pesquisa.

Quadro 1 - Apresentação dos entrevistados

Entrevistado	Idade	Sexo	Profissão	Localidade
E01	44	F	Pedagoga	Juiz de Fora - MG
E02	28	M	Estudante Jornalismo	Juiz de Fora – MG
E03	56	M	Arquiteto	Rio de Janeiro – RJ
E04	34	M	Analista em Telecomunicações	Santo André – SP
E05	73	M	Eletrotécnico	Quatiguá – PR
E06	22	F	Estudante Psicologia	Ibiporã – PR
E07	(NI)	F	Historiadora	Bauru – SP
E08	49	F	Professora	Porto Alegre – RS
E09	43	M	Consultor de tecnologia	Campo Mourão – PR
E10	55	F	Professora	João Pessoa - PB

Fonte: Elaborado pela autora

5.3.2 A constituição do regime de informação específico

O corpus foi formado por dois acontecimentos virtuais, veiculados em mídias sociais que ocorreram atrelados aos acontecimentos oficiais, a partir de uma visão interpretativa específica. A observação do ponto de vista da informação sob essa perspectiva buscou interligar possíveis associações de valores dos discursos evocados com base na cultura e na tradição que corroboraram com a conformação do acontecimento que ocorreu posteriormente (o impeachment), podendo assumir outras performances¹³, ligadas a uma imagem construída e baseada na interação social e na intencionalidade das ações.

Uma recente pesquisa, divulgada no dia 07 de março de 2017, sobre o papel da mulher na sociedade, ajuda na compreensão do tema que perpassa a análise empreendida nessa investigação; considera o trabalho da mulher fora do ambiente doméstico e foi realizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e pela Gallup com o título "Rumo a um futuro melhor para mulheres e trabalho: vozes de mulheres e homens". O estudo revela que a tradição quanto ao papel social da mulher e os cuidados com a casa e a família estão mundialmente arraigados e representa um traço marcante da cultura brasileira. Segundo os dados, 30% dos homens brasileiros preferem que as mulheres de sua família trabalhem fora; já, 32% gostariam que as mulheres de sua família ficassem em casa; a maioria, 36%, acha melhor que a mulher exerça as duas atividades, ou seja, que trabalhe fora e cuide da casa (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2017; GALLUP, 2017).

Pela pesquisa é mostrado que os discursos formais obedecem a uma ordem institucional e os informais a uma ordem cultural, de valor simbólico que se reproduz nas ações de informação. Nesse aspecto, a avaliação das pessoas que debatem na rede ou ouvem os noticiários dos acontecimentos divulgados, pode ser condicionada à adesão com base nos alinhamentos dos discursos aos valores culturais, o que pode ter contribuído num âmbito microssociológico para a adesão dos acontecimentos. Nesse sentido, observa-se nos discursos o reforço do suposto lugar que a mulher deveria ocupar na sociedade, levando subjetivamente a questionar a competência da então presidente da República para o exercício do cargo que ocupava, escamoteada supostamente na importância dada às características físicas, em comparação com Marcela Temer

A relação dos acontecimentos no contexto descrito, com base na construção do regime de informação, foi explanada na descrição dos aspectos semânticos discursivos que se ligam às dimensões de meta-informação e infraestrutura. Para compreensão do conjunto formado pelos recortes e suas possíveis correlações, segue uma primeira apresentação da

¹³ Segundo a noção de Goffman (1974) o conceito de Performance relaciona-se com os enquadramentos do público (*framing*), associada com a interação do público e a constituição da imagem.

totalidade da visão interpretativa construída, considerada um tipo específico de Regime de informação, interpretados como acontecimentos no interior do dispositivo os quais terão suas características descritas ao longo dos resultados.

5.3.2.1 Um regime de informação específico apreendido no movimento da rede social

A configuração de um regime de informação específico corresponde ao agenciamento da informação, estando relacionado a uma possível forma de olhar os acontecimentos oficiais e virtuais e suas relações, sugerindo subjetivamente uma direção compreensiva

Quadro 2 – Apresentação dos acontecimentos e a conformação de um regime de informação

Acontecimento oficial: 02 de dezembro de 2015

A Câmara recebe e autua denúncia de crime de Responsabilidade fiscal contra a Presidente Dilma Vana Rousseff.

ACONTECIMENTO VIRTUAL: 07 DE DEZEMBRO DE 2015

O Vice-Presidente Michel Miguel Elias Temer Lulia envia uma carta à Presidente Dilma Vana Rousseff.

Acontecimento oficial: 17 de abril de 2016

A Câmara autoriza a instauração de processo contra a Presidente Dilma Vana Rousseff, por crime de responsabilidade fiscal e a abertura do processo de impeachment.

ACONTECIMENTO VIRTUAL: 18 DE ABRIL DE 2016

A Revista Veja publica uma matéria veiculada no Facebook.
“Marcela Temer: bela, recatada e do lar’/ VEJA.com”.

Acontecimento oficial: 31 de agosto de 2016

O Senado decide condenar a presidente Dilma Rousseff e retirar seu mandato.

Fonte: Elaborado pela autora

5.3.3 A escolha das páginas ou sites que veicularam a informação e a constituição do acontecimento

Nessa sessão é apresentado o detalhamento da construção do corpus da pesquisa, referente à escolha dos acontecimentos virtuais nas respectivas páginas ou sites. Quanto aos acontecimentos oficiais, tratados com base nos atos de governo, foi considerada a publicação na página do senado ou da câmara, conforme tramitação da ocorrência nas esferas governamentais. Em relação aos acontecimentos virtuais escolhidos para exemplificar a configuração do tipo de Regime de informação, foram noticiados em várias páginas ou sites

do Facebook. Portanto, para construir o corpus, foi realizada uma pesquisa exploratória das páginas e sites de notícias, a fim de escolher e saber qual teria maior representatividade na investigação, considerando o número de curtidas, comentários e compartilhamentos, identificando a força e o alcance da notícia. No entanto, outros caminhos foram definidos para serem escolhidos, além dos aspectos da interação que serão descritos na sessão seguinte. Quanto aos comentários, não foram identificadas diferenças significativas, considerando-se as críticas e elogios em relação às notícias, constatando-se que as interações têm conteúdo próximo entre as páginas e sites de notícias que os veicularam.

Relação das páginas acompanhadas ou sites de notícias com mais curtidas no *Facebook*¹⁴ que noticiaram os acontecimentos escolhidos, relacionados em ordem alfabética.

Tabela 1 - Páginas do Facebook consultadas para análise

Página/Sites	Número de curtidas da página	Seguidores
Carta Maior	294.073	286.151
Carta Capital	1.844.827	1.790.883
Exame	4.229.973	4.133.140
G1	9.876.226	9.768.039
ISTO É	2.413.144	2.3374.950
O Globo	5.500.595	5.379.048
Ópera Mundi	286.070	282.343
Pragmatismo Político	1.149.904	1.115.845
R7	13.352.700	12.893.297
Revista Fórum	699.964	679.995
UOL	4.715.759	4.608.139
Veja	7.277.121	7.079.843
Yahoo	3.039	2.949.425

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em dados consultados no Facebook, em 24 de outubro de 2017

A partir dessa análise foram acrescentados outros critérios na escolha da página ou site que noticiou o acontecimento escolhido, atribuindo-se, portanto, outros aspectos à escolha do post na investigação.

¹⁴ Algumas das páginas pesquisadas, foram destaque na pesquisa realizada pelo site Manchetômetro. Sem filiação com partidos ou grupos econômicos, o Manchetômetro acompanha a cobertura da grande mídia sobre temas de economia e política produzido pelo Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP). O LEMEP tem registro no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e é sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (BACHINI, 2017).

5.3.3.1 Acontecimento oficial: 02 de dezembro de 2015 – Dilma é acusada de Crime de responsabilidade fiscal

O primeiro acontecimento oficial do recorte é o recebimento da denúncia contra a então Presidente Dilma Vana Rousseff pela Presidência da Câmara, imputando-lhe o crime de Responsabilidade, publicado na página do Senado.

Quadro 3 – Primeiro acontecimento oficial: denúncia contra Dilma Rousseff

“No dia 02 de dezembro de 2015, a Presidência da Câmara dos Deputados recebeu e autuou a Denúncia por Crime de Responsabilidade (DCR) nº 1, de 2015, oferecida por Miguel Reale Júnior, Hélio Pereira Bicudo e Janaína Conceição Paschoal, subscrita pelo Advogado Flávio Henrique Costa Pereira contra a Excelentíssima Senhora Presidente da República, Dilma Vana Rousseff, atribuindo-lhe a prática, em tese, dos crimes de responsabilidade tipificados no art. 85, V, VI e VII da Constituição Federal e art. 4, V e VI, art. 9, itens 3 e 7, art. 10, itens 6 a 9 e art. 11, item 3, todos da Lei 1.079/1950.” O pedido de destituição do cargo foi sustentado pela denúncia de responsabilidade fiscal referente às chamadas “pedaladas fiscais”^{15 16}.

Fonte: Brasil (2016)

Nota da autora: A denúncia foi baseada na reprovação das contas do governo pelo Tribunal de Contas da União (TCU) frente à Controladoria Geral da União (CGU).

5.3.3.2 Acontecimento virtual: 07 de dezembro de 2015 – carta de Temer a Dilma

Após a abertura do processo contra Dilma, alguns acontecimentos virtuais se destacaram na perspectiva dessa investigação, tal como a carta de Temer¹⁷ que veio a público cinco dias após a autuação de denúncia contra a presidente em exercício na ocasião. Nesse contexto, a carta assume o caráter inaugural para o Regime de informação considerado no estudo, sobretudo pela representação do marco de ruptura, conforme desenvolvido no referencial teórico.

¹⁵ "Pedalada fiscal" é o nome dado à prática do Tesouro Nacional de atrasar de forma proposital o repasse de dinheiro para bancos (públicos e privados) financiadores de despesas do governo.

¹⁶ A Lei de Responsabilidade Fiscal, aprovada em 2000, proíbe bancos públicos de fazer empréstimos ao governo para proteger a saúde financeira dessas instituições e ajudar a controlar os gastos e nível de endividamento público, a fim de evitar prejuízo ao erário. O Tribunal de contas da União (TCU) avalia as contas públicas anualmente. Há divergência quanto à prática de crime dessa natureza.

¹⁷ Formas reduzidas do nome do Presidente Michel Miguel Elias Temer Lulia, vide Michel Temer ou Temer, como noticiada nos acontecimentos.

Figura 8 - Publicação do O Globo sobre carta de Temer enviada a Dilma



Fonte: O Globo (2015)

A publicação no *Facebook*, realizada pelo site “O Globo”, sobre a carta de Temer enviada a Dilma Rousseff¹⁸ foi escolhida para compor o corpus da pesquisa por ter sido o primeiro a divulgar a carta. Em outros sites, encontra-se a informação de não se saber quem tornou pública a carta de teor íntimo direcionada a Dilma Rousseff. No entanto, encontra-se na reportagem de “O globo”, do dia 15/06/2017, sobre a morte de Jorge Bastos Moreno a indicação de sua autoria, a qual declara ser uma publicação inédita da Carta do Temer, considerada um “furo de reportagem.” (LIMA, 2017).

Quadro 4 – Reportagem sobre a morte de Jorge Bastos Moreno

¹⁸ Forma reduzida do nome da ex-presidente Dilma Vana Rousseff como noticiada nos acontecimentos.

“Já eram 22h56 no dia 7 de dezembro de 2015, quando o blog do jornalista Jorge Bastos Moreno no site do GLOBO anunciava “Exclusivo: Carta de Temer a Dilma”. O furo de reportagem, mais um entre os vários na carreira de Moreno, tornava pública uma queixa que ficaria famosa quase que imediatamente: o hoje presidente Michel Temer reclamava à ex-presidente Dilma Rousseff de que era apenas um “vice decorativo”, sem participação efetiva no governo. Foi também mais um passo em direção ao impeachment de Dilma, que viria a ocorrer meses depois.”

Fonte: Lima (2017)

Na noite de 07/12/2015, a carta de Temer a Dilma é publicada e, posteriormente, começou a circular em outros sites de notícias sem ser citada a fonte original da notícia. Segue a carta na íntegra, publicada no Blog de Jorge Bastos Moreno, jornalista do site “O Globo.” (MORENO, 2015).

Quadro 5 – Íntegra da carta de Temer a Dilma

EXCLUSIVO: CARTA DE TEMER A DILMA

POR JORGE BASTOS MORENO

07/12/2015 22:56

“Senhora Presidente,

“Verba volant, scripta manent”.

Por isso lhe escrevo. Muito a propósito do intenso noticiário destes últimos dias e de tudo que me chega aos ouvidos das conversas no Palácio. Esta é uma carta pessoal. É um desabafo que já deveria ter feito há muito tempo. Desde logo lhe digo que não é preciso alardear publicamente a necessidade da minha lealdade. Tenho-a revelado ao longo destes cinco anos. Lealdade institucional pautada pelo art. 79 da Constituição Federal. Sei quais são as funções do Vice. À minha natural discricção conectei aquela derivada daquele dispositivo constitucional.

Entretanto, sempre tive ciência da absoluta desconfiança da senhora e do seu entorno em relação a mim e ao PMDB. Desconfiança incompatível com o que fizemos para manter o apoio pessoal e partidário ao seu governo. Basta ressaltar que na última convenção apenas 59,9% votaram pela aliança. E só o fizeram, ousou registrar, por que era eu o candidato à reeleição à Vice.

Tenho mantido a unidade do PMDB apoiando seu governo, usando o prestígio político que tenho advindo da credibilidade e do respeito que granjeei no partido.

Isso tudo não gerou confiança em mim. Gera desconfiança e menosprezo do governo. Vamos aos fatos. Exemplifico alguns deles.

1. Passei os quatro primeiros anos de governo como vice decorativo. A Senhora sabe disso. Perdi todo protagonismo político que tivera no passado e que poderia ter sido usado pelo governo. Só era chamado para resolver as votações do PMDB e as crises políticas.
 2. Jamais eu ou o PMDB fomos chamados para discutir formulações econômicas ou políticas do país; éramos meros acessórios, secundários, subsidiários.
 3. A senhora, no segundo mandato, à última hora, não renovou o Ministério da Aviação Civil onde o Moreira Franco fez belíssimo trabalho elogiado durante a Copa do Mundo. Sabia que ele era uma indicação minha. Quis, portanto, desvalorizar-me. Cheguei a registrar este fato no dia seguinte, ao telefone.
 4. No episódio Eliseu Padilha, mais recente, ele deixou o Ministério em razão de muitas “desfeitas”, culminando com o que o governo fez a ele, Ministro, retirando sem nenhum aviso prévio, nome com perfil técnico que ele, Ministro da área, indicara para a ANAC.
-

Alardeou-se a) que fora retaliação a mim; b) que ele saiu, porque faz parte de uma suposta "conspiração".

5. Quando a senhora fez um apelo para que eu assumisse a coordenação política, no momento em que o governo estava muito desprestigiado, atendi e fizemos, eu e o Padilha, aprovar o ajuste fiscal. Tema difícil, porque dizia respeito aos trabalhadores e aos empresários. Não titubeamos. Estava em jogo o país. Quando se aprovou o ajuste, nada mais do que fazíamos tinha sequência no governo. Os acordos assumidos no Parlamento não foram cumpridos. Realizamos mais de 60 reuniões de líderes e bancadas ao longo do tempo, solicitando apoio com a nossa credibilidade. Fomos obrigados a deixar aquela coordenação.

6. De qualquer forma, sou Presidente do PMDB e a senhora resolveu ignorar-me, chamando o líder Picciani e seu pai para fazer um acordo sem nenhuma comunicação ao seu Vice e Presidente do Partido. Os dois ministros, sabe a senhora, foram nomeados por ele. E a senhora não teve a menor preocupação em eliminar do governo o Deputado Edinho Araújo, deputado de São Paulo e a mim ligado.

7. Democrata que sou, converso, sim, senhora Presidente, com a oposição. Sempre o fiz, pelos 24 anos que passei no Parlamento. Aliás, a primeira medida provisória do ajuste foi aprovada graças aos 8 (oito) votos do DEM, 6 (seis) do PSB e 3 do PV, recordando que foi aprovado por apenas 22 votos. Sou criticado por isso, numa visão equivocada do nosso sistema. E não foi sem razão que em duas oportunidades ressaltei que deveríamos reunificar o país. O Palácio resolveu difundir e criticar.

8. Recordo, ainda, que a senhora, na posse, manteve reunião de duas horas com o Vice Presidente Joe Biden - com quem construí boa amizade - sem convidar-me, o que gerou em seus assessores a pergunta: o que é que houve que numa reunião com o Vice Presidente dos Estados Unidos, o do Brasil não se faz presente? Antes, no episódio da "espionagem" americana, quando as conversas começaram a ser retomadas, a senhora mandava o Ministro da Justiça para conversar com o Vice Presidente dos Estados Unidos. Tudo isso tem significado absoluta falta de confiança;

9. Mais recentemente, conversa nossa (das duas maiores autoridades do país) foi divulgada e de maneira inverídica sem nenhuma conexão com o teor da conversa.

10. Até o programa "Uma Ponte para o Futuro", aplaudido pela sociedade, cujas propostas poderiam ser utilizadas para recuperar a economia e resgatar a confiança foi tido como manobra desleal.

11. PMDB tem ciência de que o governo busca promover a sua divisão, o que já tentou no passado, sem sucesso. A senhora sabe que, como Presidente do PMDB, devo manter cauteloso silêncio com o objetivo de procurar o que sempre fiz: a unidade partidária.

Passados estes momentos críticos, tenho certeza de que o País terá tranquilidade para crescer e consolidar as conquistas sociais. Finalmente, sei que a senhora não tem confiança em mim e no PMDB, hoje, e não terá amanhã.

Lamento, mas esta é a minha convicção.

Respeitosamente, \ L TEMER

A Sua Excelência a Senhora

Doutora DILMA ROUSSEFF

DO. Presidente da República do Brasil

Palácio do Planalto

Brasília, D.F."

Fonte: Moreno (2015)

5.3.3.3 Acontecimento oficial 17 de abril de 2016 – Câmara aprova a abertura do processo de impeachment

No dia 17 de abril de 2016, após 137 dias de ter sido protocolada a denúncia contra a Presidente Dilma Vana Rousseff, o presidente da Câmara aprova a abertura do processo de impeachment.

Quadro 6 – Aprovação da abertura do processo de impeachment

Em 17 de abril de 2016, foi “[...] autorizada a instauração de processo contra a Senhora Presidente da República, por crime de responsabilidade [...]”. Nesta data dá-se o acirramento das discussões sobre as atuações do governo de Dilma Rousseff, culminando na aprovação realizada pela maioria dos deputados da Câmara que autoriza a abertura do processo de impeachment (Resultado da votação realizada por Comissão Especial: Sim: 367; Não: 137; Abstenções: 7; Total de votos: 511; Ausências: 2; Total: 513)

Fonte: Brasil (2015)

5.3.3.4 Acontecimento virtual 18 de abril de 2016 – Marcela Temer: bela, recatada e do “lar”, Revista Veja

A escolha pelo post da revista Veja foi feita com base na origem da notícia. Alguns sites replicaram a reportagem, criticando o tom pejorativo em relação ao valor da mulher. O site com maior repercussão foi a “Carta Capital”¹⁹ com maior número de *likes*, compartilhamentos e comentários. No entanto, optou-se pela reportagem original, considerando a data da mesma, de acordo com a da revista Veja (um dia depois do afastamento da Presidente Dilma Rousseff).

¹⁹ O texto da Carta Capital foi escrito por Djamila Ribeiro (2016), atuante no movimento feminino negro. O post obteve mais interações que a reportagem original, aproximadamente 21 mil curtidas, 6 mil compartilhamentos e mais de 1 mil comentários. Observa-se que ao comparar os comentários sobre o teor da publicação da revista Veja e a publicação da Carta Capital, os mesmos não se diferem em relação às críticas feitas à reportagem.

Figura 9 – Reportagem da Revista Veja sobre Marcela Temer



Fonte: Veja (2016)

Segue a reportagem na íntegra.

Quadro 7 - Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

“A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice. Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente de 75 anos levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado. Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janela no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles

acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho e todo mundo voltou para casa. Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu curriculum vitae um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa em São Paulo e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro. “Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora”, informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Para isso, falta só “deixar o cabelo preso”. Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada”, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. “Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”, conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: “De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir”. Michel Temer é um homem de sorte.”

Fonte: Veja (2016)

5.3.3.5 Acontecimento oficial: 31 de agosto de 2016 – Dilma é condenada, perde o mandato e Temer assume a presidência

Quadro 8 – Dilma perde o mandato e Temer assume a presidência

O processo de impeachment durou 135 dias depois de chegar ao Senado, período marcado por divergências e intensos debates entre aliados e opositores de Dilma Rousseff. A denúncia apresentada contra ela, pelos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, em 2 de dezembro de 2015, foi aceita pelo então presidente da Câmara, Eduardo Cunha em 17 de abril de 2016.

No Senado, passou por três votações em Plenário. Na primeira delas, em 12 de maio, os senadores aprovaram a abertura do processo de impeachment, o que determinou o afastamento temporário de Dilma Rousseff do cargo.

Nos três meses seguintes, o trabalho se concentrou na Comissão Especial do impeachment, responsável por analisar provas da procedência ou não das acusações. Presidida pelo senador Raimundo Lira (PMDB-PB), a comissão realizou 31 reuniões e ouviu 44 testemunhas, 38 delas de defesa. Ao final, foi aprovado relatório elaborado por Antonio Anastasia (PSDB-MG), o qual se recomendou o julgamento da presidente. Na madrugada de 10 de agosto, também presidida por Ricardo Lewandowski, o relatório foi acatado em Plenário, que decidiu transformar a então presidente Dilma Rousseff em ré.

A sessão de julgamento do dia 25/08/2016 teve início com a arguição de cinco testemunhas e dois informantes, fase realizada em três dias de trabalho. Na segunda-feira dia 29/08/2016 Dilma Rousseff teve a oportunidade de apresentar sua defesa em Plenário e responder a perguntas de 48 senadores, por cerca de 14 horas. Na manhã de terça-feira dia 30/08/2016, foi a vez da manifestação dos advogados de acusação, Janaína Paschoal e Miguel Reale e do advogado de defesa, José Eduardo Cardozo. No restante do dia e até a madrugada do dia seguinte, 66 senadores inscritos se manifestaram na tribuna.

Fonte: Brasil (2016)

No dia 31 de agosto o senado decide destituir Dilma Vana Rousseff do cargo de presidente do Brasil, condenando-a por Crime de Responsabilidade Fiscal. A decisão concedeu a Michel Temer o direito de suceder ao cargo, passando de vice-presidente para Presidente.

Quadro 9 – Dilma é destituída da presidência da República do Brasil

Em 31 de agosto de 2016 “Após seis dias de sessão e mais de 60 horas de trabalho, o Senado Federal decidiu nesta quarta-feira (31), por 61 votos a 20, condenar Dilma Rousseff pelo crime de responsabilidade e retirar seu mandato de presidente da República.

Fonte: Brasil (2016)

5.3.4 Contextualização do corpus

Em 26 de outubro de 2014 foi realizado o segundo turno das eleições presidenciais do Brasil, no qual foi reeleita a Presidente Dilma Vana Rousseff, primeira mulher a presidir o país. Representante do Partido dos Trabalhadores (PT), Dilma Rousseff teve 51,64% dos votos válidos, sendo aprovada para dar continuidade ao plano de governo que realizava desde 1º de janeiro de 2011²⁰. Nessa ocasião, o candidato derrotado nas urnas, seu opositor, Aécio Neves da Cunha do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), apresentou um plano de governo liderado por um movimento conservador, com forte representação no Congresso Nacional, composto por bancadas nomeadas como do “boi”, da “bíblia” e da “bala”²¹.

[...] o que tivemos foi a arregimentação política dos setores mais conservadores da sociedade brasileira e sua virtual transformação em “classe revolucionária” da direita, por meio do aprofundamento da gigantesca manipulação midiática iniciada em junho de 2014 nos episódios da eleição presidencial de 2014 e, logo depois, na Lava Jato (SOUZA, 2016, p. 100).

Como salienta Souza (2016), divulgado o resultado das urnas, manifestações populares ocorreram em diversas cidades do país, organizadas por representantes da sociedade civil e grupos institucionalizados. Fortalecidos com a adesão dos meios de comunicação e de comunidades de mídias digitais que apoiaram o mote “movimento contra a corrupção”, convocavam as pessoas descontentes com o governo de Dilma Rousseff para os protestos (MOVIMENTO CONTRA CORRUPÇÃO, 2017) Estas manifestações, sem pauta específica, ganharam força frente às denúncias de corrupção na empresa estatal Petrobras, que já vinham sendo divulgadas, além de protestos motivados, em princípio em 2013, contra

²⁰ Dilma Vana Rousseff concorreu as eleições pelo partido dos trabalhadores, considerado de esquerda, conforme o regimento partidário de combate à desigualdade social. Seu governo, vinculado ao Estado Social, apresentou na campanha eleitoral a manutenção de uma pauta progressista. Aécio Neves da Cunha do PSDB, derrotado nas urnas, apresentou um plano de governo considerado de direita, ligado ao liberalismo e acirramento do capital. Os termos “esquerda”, “progressista”, “direita”, “liberalismo” e “conservador” foram atribuídos conforme a circulação das mídias de massa, porém, não correspondem a blocos homogêneos, devendo ser consideradas as características e nuances que cada termo pode carregar em seu bojo quanto as dimensões políticas, econômicas e sociais.

²¹ As bancadas são formadas respectivamente por ruralistas, evangélicos (considerados fundamentalistas) e defensores de propostas controversas ligadas ao armamento da população e à segurança pública.

o aumento das passagens no transporte público, eventos internacionais com agenda no país, Copa e Olimpíadas e medidas do governo para contenções econômicas. Para Souza (2016),

O candidato da direita, Aécio Neves, já espelhava a nova autoconfiança que a manipulação midiática das manifestações de junho de 2013 deixara como legado. Pela primeira vez um candidato conservador brasileiro não fez de conta que era de centro-esquerda. A manipulação midiática do tema da corrupção - dando visibilidade a alguns e tirando a visibilidade de outros - permitiu que a direita tentasse se apropriar dessas bandeiras como suas. A ela se juntaram os discursos clássicos do “controle da ganância” e da austeridade fiscal. A direita deixou de ter vergonha de se apresentar como tal e saiu do armário. Esse é o grande produto da manipulação midiática das “jornadas de junho”: assumir o credo reacionário se torna chique e legítimo” (SOUZA, 2016, p. 105).

Os protestos foram marcados fortemente por pólos contra e a favor da presidente em debates acalorados especialmente na rede social. Os fatores culminaram com a intensa cobertura da imprensa convencional e por páginas, sites e interações na rede social, que se conformou responsável por importantes aspectos da constituição de regimes de informação, relacionado à comunicação dos fatos, sobretudo ao momento e ao modo como tais fatos foram tratados. As características apresentadas pelos interlocutores marcados por reivindicações de cunho majoritariamente tradicional da ordem do institucional, destacando-se os pedidos pela volta da ditadura²², aclamação pela “ordem e o progresso” com destaque à bandeira nacional, além do fim da corrupção vinculada nos discursos ao partido da presidência. Tais movimentos enfraqueceram o resultado das urnas e impulsionaram o desmonte da base aliada do governo que se reposicionou no espaço público²³ para não perder aprovação popular. Dia 31 de agosto de 2016, a presidente foi destituída do cargo, resultado do processo de impeachment aprovado pelo Congresso Nacional. Após esta decisão, o vice-presidente, representante do PSDB, Michel Miguel Elias Temer Lulia, assumiu o cargo.

Para os propósitos deste estudo, definiu-se, a partir do contexto histórico apresentado, apreender as relações informacionais que se constituíram, segundo a autora, um exemplo de Regime de Informação específico. O recorte para a construção do corpus, que objetivou a análise nessa perspectiva, foi realizado tendo em vista a compreensão do que seja um Regime de informação discutido por Frohmann (1995), considerando sua composição e particularidades, apresentadas por González de Gómez e discutidas no referencial teórico.

²² 1. A Ditadura corresponde a um regime de governo autoritário, exercido por uma pessoa ou por um grupo de pessoas com supremacia do poder executivo, em que são suprimidos ou restringidos os direitos individuais. 2. Estado (ditatorial), definido por Max Weber, é uma instituição social que mantém monopólio sobre o uso da força, definido por sua autoridade para gerar e aplicar poder coletivo (JOHNSON, 1997).

²³ Para Habermas (1986), a noção de espaço público está ligada à comunicação argumentativa baseada no uso público da compreensão intersubjetiva, referente à experiência do ator com o lugar de publicitação de acontecimentos, interpretações e ações coletivas.

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.

(BENJAMIN, 1994, p.37)

6 A OBJETIVAÇÃO DO REGIME DE INFORMAÇÃO NOS ACONTECIMENTOS VIRTUAIS

Nessa seção, apresenta-se, de forma individualizada, uma visão das especificações da produção das postagens e como se conformaram num acontecimento virtual e engendraram um tipo de Regime de informação objetivado no dispositivo. Expõe-se uma forma interpretativa de como as postagens dialogaram com aspectos socioculturais e políticos a partir do contexto e do momento que ocorreram. Como abordado anteriormente, para a interpretação que se empenhou, utiliza-se a proposta da pragmática comunicacional de González de Gómez (2000), a fim de se entender a materialização da informação defendida por Frohmann (1995), evidenciada no agenciamento da informação.

6.1 A materialização do regime de informação em acontecimentos virtuais

Tendo em vista as características analíticas indicadas por Nélide González de Gómez (2000), procedeu-se à interpretação com base nas três dimensões: **dimensão semântico-discursiva**, referente ao aspecto existencial do acontecimento, ou seja, a descrição das postagens, com destaque ao que aconteceu e como as pessoas envolvidas se posicionaram, **dimensão metainformacional** referente à contextualização e à interpretação das postagens e a possíveis enquadramentos socioculturais, os quais relacionam a atribuição de valor a aspectos temporais, isto é, o momento do acontecimento e **dimensão infraestrutural** referente às características funcionais e materiais do dispositivo.

6.2 Materialidade do acontecimento virtual: 07 de dezembro de 2015

A CARTA DE MICHEL TEMER À PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF

A carta escrita por Michel Temer a Dilma Rousseff foi tornada pública cinco dias após a Câmara receber e autuar a presidente por crime de responsabilidade fiscal. Era uma segunda feira, dia 07 de dezembro de 2015, às 22h56. Na ocasião, o que chamou a atenção foi o aparente constrangimento entre o vice-presidente e a presidente frente ao vazamento da carta, interpretada como uma suposta ruptura entre os representantes do governo. Com o propósito de se defender das especulações, Temer disse que se tratava de uma reafirmação de sua lealdade ao governo e negou que estivesse conspirando para assumir seu lugar (CARTA CAPITAL, 2015). Entretanto, o texto da carta pareceu ampliar ainda mais o

distanciamento entre os dois no momento em que Dilma Vana Rousseff passara a ser ameaçada pelo impeachment.

6.2.1 Dimensão semântico-discursiva

A carta começa com a expressão em latim "*verba volant, scripta manent*", cuja tradução é "as palavras voam, os escritos permanecem". Na carta, Temer enumerou 11 fatos referentes a momentos ocorridos desde 2011 para ilustrar o que para ele demonstrou a "desconfiança" e o "menosprezo" com que Dilma e o governo o trataram, inclusive ao PMDB. No conteúdo do texto da carta lê-se:

[...] Passei os quatro primeiros anos de governo como vice decorativo. A Senhora sabe disso. Perdi todo protagonismo político que tivera no passado e que poderia ter sido usado pelo governo. Só era chamado para resolver as votações do PMDB e as crises políticas (MORENO, 2015).

Temer refere-se ao seu suposto prestígio, que interpreta como sendo no meio político um hábil articulador. Com a visão de que no período em que a economia estava em condições melhores que no momento da carta e com a popularidade de Dilma em alta, Temer diz com aparente desconforto de que Dilma recorreu pouco a ele no primeiro mandato, porque não tinha interesse em suas opiniões e influência. Sua participação, como destaca, restringia-se a presença em eventos oficiais. Nas manifestações de junho de 2013, um dos momentos mais complexos do primeiro mandato da presidente, Temer reclama que Dilma não o chamou para falar sobre a polêmica proposta da Constituinte, projetada exclusivamente para discutir uma reforma política. Temer faz questão de marcar sua importância por ser advogado, especialista em direito Constitucional. Na ocasião ele se posicionou contra a proposta e a Constituinte não avançou (VENTURINI, 2015).

Ainda, na carta, Temer diz:

"[...] Jamais eu ou o PMDB fomos chamados para discutir formulações econômicas ou políticas do país; éramos meros acessórios, secundários, subsidiário."

Temer sustenta a queixa pela sua visão dos acontecimentos no segundo mandato e, em parte, por consequência da imagem de figura decorativa que assumiu deixada pelos primeiros quatro anos, a qual ele culpa a postura de Dilma. No final das eleições de 2014, com o início do debate da formação do novo governo, Temer avisou que o PMDB não era qualquer aliado e completou em tom que parecia uma ameaça: "[...] O governo elegeu o presidente e o vice-presidente. Nós somos governo" (VENTURINI, 2015).

Vale lembrar que dos seis ministérios entregues ao PMDB no começo de 2015, as principais lideranças do partido reclamavam de serem excluídas de reuniões com Dilma, voltadas para a elaboração de projetos e de tomadas de decisões. Nessa ocasião, Dilma já

indicava em entrevistas que estava sendo pressionada para negociação de cargos. Em março de 2015, o então presidente do Senado, Renan Calheiro, classificou a coalizão entre as legendas como "capenga" Temer não o corrigiu (VENTURINI, 2015).

Em um dos trechos da carta Temer diz:

[...] A senhora, no segundo mandato, à última hora, não renovou o Ministério da Aviação Civil onde o Moreira Franco fez belíssimo trabalho elogiado durante a Copa do Mundo. Sabia que ele era uma indicação minha. Quis, portanto, desvalorizar-me. Cheguei a registrar este fato no dia seguinte, ao telefone.

Temer reforça na carta as indicações para o governo feitas por ele em tom de cobrança. Na ocasião do episódio citado ele reclama que Dilma Rousseff reviu a decisão de manter Moreira Franco na Aviação Civil, cargo que ocupava desde 2013 o qual, frente às várias indicações dele, também sugeriu a saída da então presidente da Petrobras Graça Foster. No final de 2014, a estatal era alvo das denúncias de corrupção reveladas pela operação "Lava Jato"²⁴. Foster era próxima de Dilma e até aquele momento a presidente descartava a ideia de tirá-la do comando da estatal. Graça acabou saindo em fevereiro de 2016. Eliseu Padilha do PMDB e ligado a Temer assumiu o lugar de Moreira Franco (SADI, 2015). No trecho da carta:

No episódio Eliseu Padilha, mais recente, ele deixou o Ministério em razão de muitas 'desfeitas', culminando com o que o governo lhe fez, Ministro, retirado sem nenhum aviso prévio, nome com perfil técnico que ele, Ministro da área, indicara à ANAC. Alardeou-se a) que fora retaliação a mim; b) que ele saiu, porque faz parte de uma suposta 'conspiração'

Nesse trecho da carta, Temer se referia ao episódio em que Eliseu Padilha pediu demissão da Aviação Civil na quinta-feira dia 03/12/2015, um dia depois de o presidente da Câmara da época, Eduardo Cunha (PMDB), ter aceitado o pedido de impeachment contra Dilma. Neste trecho da carta, o vice reforça a versão oficial para justificar a saída de Padilha. Padilha estava descontente com a decisão do ministro Jaques Wagner (Casa Civil) ao revogar a indicação de um aliado do partido do PMDB para a Agência Nacional de Aviação Civil. Para o Planalto, a decisão simbolizou o início do rompimento do PMDB com o governo (SADI, 2015).

Temer continua:

[...] Quando a senhora fez um apelo para que eu assumisse a coordenação política no momento em que o governo estava muito desprestigiado, atendi e fizemos, eu e o Padilha aprovar o ajuste fiscal. Tema difícil, porque dizia

²⁴ A operação "Lava Jato" é uma investigação sobre corrupção e lavagem de dinheiro, realizada no Brasil. O nome "Lava Jato" decorre do uso de uma rede de postos de combustíveis e lava a jatos de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas. A investigação avançou para outras organizações criminosas, mas o nome permaneceu na linha de investigação. Observa-se que a própria investigação foi colocada sobre suspeita acusada de criminalizar apenas grupos específicos, conforme seu viés de interesse.

respeito aos trabalhadores e aos empresários. Não titubeamos. Estava em jogo o país. Quando se aprovou o ajuste, nada mais do que fazíamos tinha sequência no governo. Os acordos assumidos no Parlamento não foram cumpridos. Realizamos mais de 60 reuniões de líderes e bancadas ao longo do tempo, solicitando apoio com a nossa credibilidade. Fomos obrigados a deixar aquela coordenação.

Temer ficou entre abril e agosto de 2015 no cargo de articulador político. Entre os acordos não cumpridos que parece ser um dos fortes motivos da carta, pode citar-se a promessa de liberar quinhentos milhões em emendas parlamentares - medida depois suspensa pelo ministro da Fazenda, Joaquim Levy e mencionada por Temer como uma falha. Em agosto, porém, a ameaça de impeachment já era sinalizada a Dilma, e o gesto de Temer foi interpretado como um aceno à oposição para mostrar independência na composição de um eventual governo liderado por ele. Foi também em agosto que Temer disse que "alguém" precisava unir o país, sinalizando sua possível intervenção para que os acordos acontecessem (VENTURINI, 2015).

Na carta, lê-se:

[...] De qualquer forma, sou Presidente do PMDB e a senhora resolveu ignorar-me, chamando o líder Picciani e seu pai para fazer um acordo sem nenhuma comunicação ao seu Vice e Presidente do Partido. Os dois ministros, sabe a senhora, foram nomeados por ele. E a senhora não teve a menor preocupação em eliminar do governo o Deputado Edinho Araújo, deputado de São Paulo e a mim ligado.

Temer fez referência à reforma ministerial promovida por Dilma em outubro de 2015, quando o número de ministérios passou de 39 para 31. O PMDB ganhou uma pasta a mais, sete ao todo, porém parte dos novos nomes foi indicada pelo líder do partido na Câmara, Leonardo Picciani. Ao lado do pai, Jorge Picciani, presidente da Assembleia do Rio de Janeiro, ele fez parte do grupo do partido do PMDB, contrários ao impeachment e sem ligação próxima a Temer. Edinho Araújo era ministro da Secretaria dos Portos e perdeu o lugar para Helder Barbalho (PMDB) (VENTURINI, 2015).

Na carta, Temer continua:

[...] Democrata que sou, converso, sim, senhora Presidente, com a oposição. Sempre o fiz, pelos 24 anos que passei no Parlamento. Aliás, a primeira medida provisória do ajuste foi aprovada graças aos 8 (oito) votos do DEM, 6 (seis) do PSB e 3 do PV, recordando que foi aprovado por apenas 22 votos. Sou criticado por isso, numa visão equivocada do nosso sistema. E não foi sem razão que em duas oportunidades ressaltei que deveríamos reunificar o país. O Palácio resolveu difundir e criticar.

Reuniões e jantares entre Temer ou lideranças do PMDB com representantes de partidos da oposição passaram a ser relatadas, com frequência, nos últimos meses antes da carta. A aproximação já articulava uma aliança informal caso Temer assumisse a Presidência. Oficialmente, as tratativas eram sempre negadas. Para o Planalto, tratava-se de "conspiração." (SADI, 2015).

Temer destaca:

[...] Recordo, ainda, que a senhora, na posse, manteve reunião de duas horas com o Vice-Presidente Joe Biden - com quem construí boa amizade - sem convidar-me, o que gerou em seus assessores a pergunta: o que é que houve que numa reunião com o Vice-Presidente dos Estados Unidos, o do Brasil não se faz presente? Antes, no episódio da 'espionagem' americana, quando as conversas começaram a ser retomadas, a senhora mandava o Ministro da Justiça, para conversar com o Vice-Presidente dos Estados Unidos. Tudo isso tem significado absoluta falta de confiança.

O relato quer reforçar as reclamações do vice de que Dilma e o Planalto não o incluíam nas agendas relevantes do Executivo. As denúncias, em julho de 2013, de que a Agência Nacional de Segurança (NSA) dos EUA espionou mensagens da presidente e de executivos da Petrobrás foi um dos momentos mais delicados da diplomacia brasileira e estremeceram as relações entre os dois países.

Temer continua na carta: "[...] Mais recentemente, conversa nossa (das duas maiores autoridades do país) foi divulgada e de maneira inverídica, sem nenhuma conexão com o teor da conversa."

O primeiro encontro entre Dilma e Temer após Eduardo Cunha aceitar o pedido de impeachment foi alvo de versões conflitantes. Diante do silêncio do vice sobre o assunto, o ministro Jaques Wagner (Casa Civil) chegou a dizer que, durante a reunião, Temer afirmou não ver "lastro" jurídico no processo de afastamento. Horas depois, a assessoria do vice-presidente declarou que se tratava de uma mentira sem, no entanto, deter-se a confirmação da declaração (VENTURINI, 2015).

Temer destacou: "Até o programa 'Uma Ponte para o Futuro', aplaudido pela sociedade, cujas propostas poderiam ser utilizadas para recuperar a economia e resgatar a confiança foi tido como manobra desleal."

O PMDB apresentou em 29 de outubro de 2015 um programa com medidas para retomar a economia brasileira. O documento não fazia menções ao PT nem ao governo Dilma. Parte das sugestões iriam em direção contrária às propostas da gestão de Dilma, entre elas a política do reajuste do salário mínimo. O programa foi tido como um sinal claro de que o partido queria mostrar sua independência em relação à presidente, além de parecer um gesto ao mercado financeiro para indicar qual seria a atuação da legenda caso o governo do PMDB assumisse.

Finalmente Temer escreve: o "PMDB tem ciência de que o governo busca promover a sua divisão, o que já tentou no passado, sem sucesso. A senhora sabe que, como Presidente do PMDB, devo manter cauteloso silêncio com o objetivo de procurar o que sempre fiz: a unidade partidária."

Aqui, Temer retoma o assunto das tentativas do governo de conseguir os votos do PMDB no Congresso por meio de negociação de cargos com a parte atuante do partido, representada pelo deputado Picciani (CRUZ, 2015)

Passados estes momentos críticos, tenho certeza de que o País terá tranquilidade para crescer e consolidar as conquistas sociais. Finalmente, sei que a senhora não tem confiança em mim e no PMDB hoje e não terá amanhã. Lamento, mas esta é a minha convicção. Respeitosamente, TEMER a Sua Excelência a Senhora Doutora DILMA ROUSSEFF DO. Presidente da República do Brasil Palácio do Planalto.

Temer finaliza a carta, sinalizando uma possível separação pela falta de parceria nas decisões. Destaca que caso assumisse o governo, conseguiria fazer o Brasil crescer e se consolidar, o que pareceu autopromoção para conseguir apoio ao cargo de presidente, no caso de impeachment.

6.2.2 Dimensão metainformacional

Antes do acontecimento

Quatro dias antes de a carta de Temer vir a público, em 03 de dezembro de 2015, o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha do PMDB, expunha a decisão de abrir um processo de pedido de impeachment da presidente Dilma Rousseff e criava uma comissão para analisar o caso. Até essa ocasião, pareceu conveniente a Temer não ter se manifestado quanto à abertura do processo contra a presidente, em virtude de não ter certeza de ser aceito como procedente e desse modo, garantir o “lado” que iria se posicionar. Entretanto, depois do aceite da Câmara, ciente que receberia a missão de assumir o comando do país, caso Dilma fosse condenada, Temer escreve a carta, reclamando a falta de parceria da presidente com seu governo. O que chamou a atenção foi o momento da queixa de Temer, que pareceu oportuna para se esquivar da ligação com a responsabilidade no processo e criar uma imagem de idoneidade frente às denúncias, justificando um possível afastamento dele com Dilma Rousseff.

O texto da Carta faz menção a situações em que o vice se viu deixado de lado e, embora parecesse claramente um rompimento com a presidente, Temer fez questão de afirmar que não se tratava disso. Momentos depois do texto vir a público, a assessoria do vice disse que o conteúdo da carta era confidencial e que Temer não havia autorizado sua publicidade (ALVARENGA, 2015). O suposto vazamento da carta na rede social foi interpretado como parte de um plano para parecer um acidente e ao mesmo tempo, dar visibilidade ao distanciamento conveniente das ações entre ele e Dilma. Apesar das declarações de querer reforçar sua lealdade, o tom da carta era de cobrança em relação a

sua participação (ou falta de participação) nas decisões da presidente, evidenciando uma separação dos atos executados, inclusive para se mostrar ao público sua suposta isenção nas denúncias das pedaladas fiscais, eximindo-se de culpa na confirmação do impeachment. A atitude não passou despercebida pelas pessoas que leram a carta na rede social, as quais julgaram o suposto vazamento como proposital e o acusaram de falso e traidor perante uma minoria que o interpretou como corajoso.

Durante o dia 07 (antes da carta ser publicada), em agenda oficial, Dilma havia dito que tinha integral confiança em Temer. No final da noite, quando a carta já estava publicada em sites de notícias, a presidente publicou uma mensagem em seu perfil no Facebook na qual defendeu a necessidade de unir o país "dentro da democracia" (ROUSSEFF, 2015) Sem mencionar nomes ou partidos, disse que golpes não construiriam a harmonia de que o Brasil tanto precisava e completou: "[...] Pelo contrário, geralmente os golpes constroem o caos" (FOREQUE, 2015).

A interpretação apresentada nos sites de notícias sugere que, em virtude da vinculação da presidente e do seu partido (PT) em atos corrupção, "oficializado" pela denúncia protocolada cinco dias antes do episódio da carta, o vice-presidente pretendeu marcar as diferenças partidárias e pessoais. Nesse sentido, observa-se o destaque dado por Temer aos "valores institucionais" e aos supostos "favores" feitos a Dilma Rousseff em apoio ao seu mandato. Michel Temer, quando novamente questionado sobre a intenção da carta, disse que queria mostrar seu descontentamento com a maneira que Dilma conduziu as decisões do país.

Depois do acontecimento

Ao longo dos dois dias posteriores a divulgação pública da carta, houve muita discussão no meio político, enquanto Michel Temer e Dilma Rousseff cumpriam a agenda política sem comentar muito sobre o assunto. A oposição ao governo de Dilma apresentava, como dito antes, uma possível separação, primeiramente, de cunho simbólico entre Dilma e Temer, reforçada com o auxílio da mídia, o que dava ainda mais força à interpretação de ser uma ação orquestrada para fortalecer Temer e derrubar Dilma Rousseff. O posicionamento da mídia²⁵ nessa altura dos acontecimentos não deixava dúvidas sobre o interesse no

²⁵ Como defendido por Souza (2016, p.87), "[...] Existe uma linha clara de continuidade entre as glorificadas e midiaticamente manipuladas manifestações de junho de 2013, as assim chamadas "jornadas de junho", e o golpe de abril de 2016. Nesse intervalo de quase três anos, o ataque ao governo federal foi realizado sem tréguas até a vitória final no processo de impeachment."

impeachment²⁶, representado pelas principais emissoras do país, especialmente a Rede Globo e pelas editoras de revista de maior circulação no país, Globo e Abril²⁷.

²⁶ Ver detalhe na contextualização do corpus deste estudo.

²⁷ As capas sugerem seu enfraquecimento diante das denúncias, ao mesmo tempo que colabora para reforçá-las.

Figura 10 – Algumas capas de revistas sobre Dilma e o impeachment



Fonte: Araujo (2016)

Passados dois dias após o vice-presidente Michel Temer enviar à presidente Dilma Rousseff a carta, os dois se encontraram para jantar no Palácio do Planalto no dia 09 de dezembro de 2015. Ao se reunirem por cerca de uma hora, a presidente Dilma Rousseff e o vice Michel Temer afirmaram, ela em nota oficial e ele em entrevista que manteriam uma relação "institucional." (CASTILHOS; MATAOSO, 2015). "Combinamos, eu e a presidente, que teremos uma relação pessoal institucional e a mais fértil possível", limitou-se a dizer o vice-presidente após a audiência com Dilma. Dilma declarou em nota divulgada à imprensa: "Na nossa conversa, eu e o vice-presidente Michel Temer decidimos que teremos uma relação extremamente profícua, tanto pessoal quanto institucionalmente, sempre considerando os maiores interesses do país".

Depois do encontro, tanto a Câmara como o Senado entraram em recesso. Nesse período, em janeiro de 2016, Michel Temer declarou para seus aliados que estava arrependido do conteúdo da carta, o que fez parecer ainda mais se tratar de um jogo de interesses (ESTADÃO, 2016). Pouco tempo depois, em 20 de janeiro de 2016, Temer conversou com Dilma, em Brasília, em uma breve reunião e destacou que o governo precisava ouvir mais do que falar, servir e evitar dar ordens (DIAS, 2016). As ações de Temer pareciam revelar o que já se desconfiava, ele queria enfraquecê-la.

Após esse período, houve a impressão de que Temer e Dilma voltaram a se entender em uma relação um pouco mais amistosa. No entanto, em fevereiro, com o aprofundamento das investigações do Triplex do Guarujá e do sítio em Atibaia e o acirramento das acusações, mesmos sem provas, de que os imóveis seriam de propriedade do ex-presidente Lula, a relação de Dilma e Temer voltou a estremecer. Em 12 de fevereiro de 2016, Dilma chamou Temer de última hora para uma mobilização contra o mosquito *Aedes Egypt*, transmissor do vírus Zika (FOLHAPRESS, 2016). Dias depois, em 15 de fevereiro do mesmo ano, o vice-presidente não compareceu à primeira reunião da coordenação política do governo. Em 19 de fevereiro de 2016, Temer afirmou que o PMDB teria candidato à presidência em 2018, demonstrando com maior evidência a ruptura entre os partidos e entre eles (SOLOW, 2016).

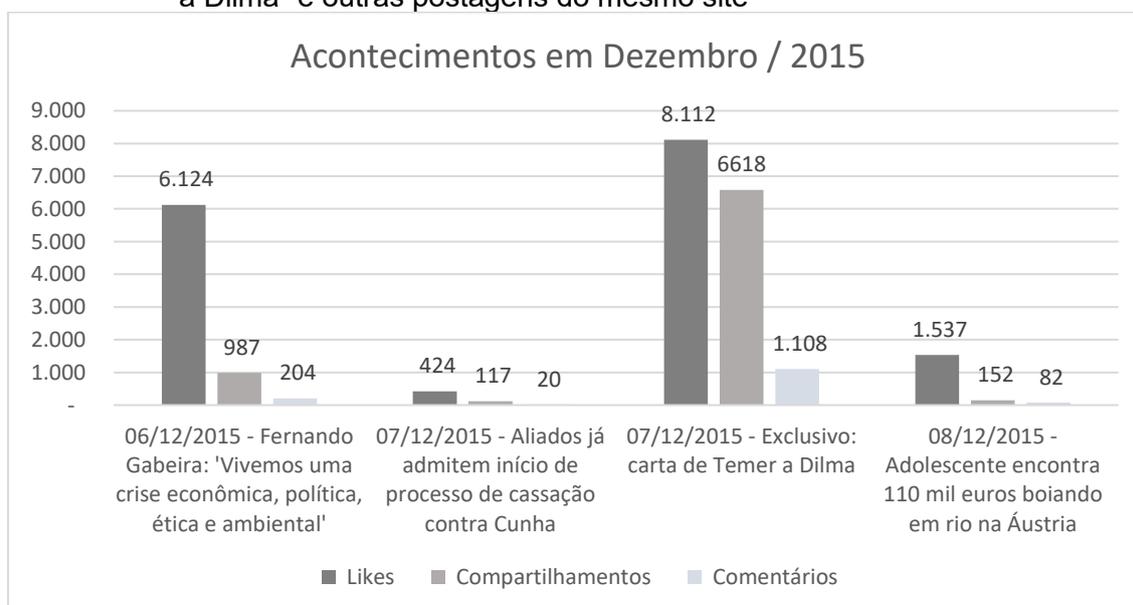
6.2.3 Dimensão infraestrutural – dispositivo

No dispositivo - *Facebook* - a forma mais comum de interação com a notícia é o ato de curtir e também as ações de comentar e compartilhar com variações de significação. Nessa postagem do site O Globo, 8.112 mil pessoas curtiram a notícia, ressaltando-se que nem todos os sujeitos que curtem uma postagem interagem com comentários ou realizam compartilhamento do conteúdo. Nesse caso, os números de comentários costumam ser menores que as curtidas, como nessa postagem, em que houve 1.108mil comentários (destaca-se que esse número corresponde aos comentários e não à quantidade de pessoas que comentou, pois uma mesma pessoa pode ter comentado mais de uma vez na postagem).

Quanto ao número de compartilhamentos, observa-se também uma queda em relação às curtidas nas postagens. Na postagem do site O Globo, 6.618 pessoas compartilharam o conteúdo, com o objetivo de divulgar a notícia ou arquivá-la, de acordo com as configurações pessoais dos sujeitos. Embora, haja queda nas interações de comentários e compartilhamentos, essas ações, em conjunto com as curtidas, deram força, conforme abordado no referencial teórico para que a notícia se tornasse um acontecimento na rede.

Para ilustrar a força da notícia na página, seguem números de interações de postagens na mesma página, no mesmo dia e um dia antes e um dia depois do acontecimento.

Gráfico 1 – Comparação entre os números de interações no acontecimento “carta de Temer a Dilma” e outras postagens do mesmo site



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Facebook, em 10 março de 2017

A particularidade do fato dessa notícia ter se tornado um acontecimento provocado pela interação das pessoas no dispositivo, põe em evidência o agenciamento da informação e os intervenientes à conformação do Regime de informação da perspectiva da

produção da postagem no dispositivo, conforme discutido anteriormente. Observa-se que, nesse episódio, o vice-presidente declarou não ter sido a intenção de divulgar a carta e repudiou o fato de ter sido publicada sem sua autorização. Tal fato, muito questionado nos debates da rede social, coloca em dúvida as intenções da carta relacionadas à conveniência do momento da sua publicação.

Sobre o fato de a carta ser um acidente, um “vazamento”, como defendeu o vice-presidente, destacam-se alguns fatos curiosos que deixaram muitas dúvidas sobre a sua publicação da carta, sobretudo porque Temer era muito amigo da pessoa (repórter) que divulgou a carta, considerada como “furo de reportagem”, como segue o relato: Em 14 de junho de 2017, o jornalista Jorge Bastos Moreno, responsável pela divulgação da carta de Temer, faleceu. No momento de homenagens no velório, Temer se referiu ao jornalista como um amigo, o que para especuladores pode ter sido um indício da divulgação da natureza da carta, ou seja, a amizade de Temer com o jornalista responsável.

Quadro 10 – Temer comenta a morte do jornalista que divulgou a carta

Michel Temer, presidente da República:

"Convivi por 30 anos com o jornalista Jorge Bastos Moreno. Perdi hoje um amigo. O jornalismo brasileiro perdeu uma de suas maiores referências. Arguto observador, irônico com maestria, crítico ferino, insistente apurador de fatos e bastidores, Moreno construiu uma das carreiras mais brilhantes e respeitadas nas redações do país. Minha solidariedade aos familiares e amigos deste excelente profissional que nos deixa de maneira tão repentina".

Fonte: G1 (2017)

A carta de Temer, embora identificada pelo remetente como de cunho pessoal, foi divulgada, primeiramente, no blog de Jorge Bastos Moreno e reverberou em sites de notícias na rede social e nos noticiários. O Facebook, considerado como um lugar impróprio para comunicados oficiais, fez da carta de Temer, no dispositivo, parecer como uma carta capciosa num primeiro momento, entendida como um acidente ou até mesmo falsa, até que viesse a confirmação por parte de Temer de que ela era de sua autoria e seu repúdio ao suposto vazamento.

Para alguns sujeitos que participaram do debate, quando observado o alcance do dispositivo e a reverberação para diferentes sites de notícias, cogitou-se ser uma maneira de disseminar a carta e velar o que seria a intenção do governo, romper com a presidente e se distanciar das denúncias para preservar sua imagem, conforme notado nos debates e alguns noticiários posteriores à divulgação em diferentes canais de comunicação²⁸.

²⁸ Fonte apresentada posteriormente nos comentários dos sujeitos informacionais.

6.3 Materialidade do acontecimento virtual: 18 de abril de 2016

MARCELA TEMER: BELA, RECATADA E 'DO LAR' / VEJA.COM

As matérias da Revista Veja são publicadas impressas e on-line em sua página do Facebook. A reportagem *Marcela Temer: bela, recatada e 'do lar' / VEJA.com* foi publicada nos dois formatos e provocou grande repercussão dentro e fora da rede social. Manifestações de repúdio aos comentários e publicações na rede social reverberaram com protestos em forma de postagens de fotos com releituras, memes e críticas à matéria da revista, tais manifestações foram divulgadas em inúmeros formatos e dispositivos. Postagens em redes sociais, site de notícias e entrevistas foram protagonizados por pessoas comuns, feministas e pessoas do meio artístico, as quais conformaram-no em um acontecimento virtual. As postagens em sua maioria criticaram o tom autoritário, conservador e pejorativo da revista em relação à mulher e uma minoria de postagens destacou tratar-se apenas de uma opinião, um caso isolado voltado especialmente às características de uma personalidade, ou seja, Marcela Temer, esposa de Michel Temer.

6.3.1 Dimensão Semântico-discursiva

A matéria *Marcela Temer: Bela, Recatada e 'Do Lar' / Veja.Com* foi escrita pela jornalista Juliana Linhares. A autora apresenta o perfil da então vice primeira dama na época, Marcela Temer, com base em relatos de pessoas ligadas a ela. O texto pretendia fazer uma construção de uma personalidade ao colocar em evidência as características da esposa de Michel Temer.

No primeiro parágrafo do perfil “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”, destaca-se que Marcela é uma ‘mulher de sorte’ por ter um marido que a leva para jantar em “sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius em São Paulo” (GOMES LOPES; MELO, 2017).

A autora da reportagem, Juliana Linhares (2016) informa que “Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado”. O texto destaca que Marcela Temer casou jovem e não teve outro namorado antes de Michel Temer.

No segundo parágrafo há uma breve descrição de Michelzinho, único filho do casal e caçula do então vice-presidente. Ao final, a autora comenta sobre Temer, destacando que ele “ainda quer ter uma menininha”, indicando ao papel de mãe desempenhado por Marcela.

O texto continua descrevendo que, no carnaval, Marcela viajaria com o marido e o filho para o litoral de São Paulo, mas que mudaram o plano, pois “o vice ligou, dizendo que

estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país”, destacando que Temer é preocupado e cuidadoso com a família.

No terceiro parágrafo, o texto apresenta a formação profissional de Marcela, Bacharel em Direito e destaca que ela nunca atuou na área, mas completa dando destaque na participação de Marcela em dois concursos de miss no interior de São Paulo, tendo ficado em segundo lugar em ambos os concursos. O elogio destaca as características de Marcela Temer que, além de ter uma formação universitária, mesmo nunca ter atuado na profissão, trata-se de uma mulher bonita.

A autora do texto pontua: “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa em São Paulo e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele)”. O texto ainda sugere que Marcela, apesar de ter um diploma de grau superior, dedica-se e prefere ser ‘do lar’, envolvida em afazeres domésticos, cuidando de si e do filho.

O quarto parágrafo descreve, por meio de falas do cabeleireiro, da irmã de Marcela e da estilista, suas preferências a respeito de moda, estilo e comportamento, além de suas características físicas. O cabeleireiro Marco Antonio Biaggi, famoso por atender celebridades, destaca que quando Marcela vai ao salão deixa os seguranças do lado de fora. Inserem-se na reportagem falas de pessoas da família ou pessoas que prestam serviços a Marcela, pertencentes a um grupo seletivo que incluem familiares e pessoas que fazem serviços particulares.

Ainda neste parágrafo, faz-se uma referência ao comportamento discreto de Marcela frente à posição política do marido. A fala da irmã de Marcela Temer, Fernanda Tedeschi, sugere que apesar de ser bonita, “sempre foi recatada”. A estilista da então vice-primeira-dama, Martha Medeiros, conta que Marcela “gosta de vestidos até os joelhos e cores claras”. Esses adjetivos se referem ao comportamento recatado, reservado de Marcela Temer, destaque na manchete da reportagem.

No quinto parágrafo, a repórter retrata Marcela como “braço digital do vice”, pois está sempre informando o marido sobre o que está acontecendo nas redes sociais. Também comenta que a esposa do então vice-presidente reside distante do marido na maior parte da semana, mas está sempre na companhia da mãe, que também acompanhou a filha no dia do primeiro encontro com Michel Temer. O texto reforça que ela era uma moça cercada pelos cuidados familiares.

Finalizando o quinto parágrafo, o foco se volta ao marido de Marcela. Michel Temer que, segundo amigos, “ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e ‘mergulhar num outro mundo’ - o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular”. O texto termina com um dos poemas do livro “Anônima Intimidade”, de autoria do

então vice-presidente, precedido da frase “Michel Temer é um homem de sorte”, em referência aos atributos de Marcela Temer.

6.3.2 Dimensão Metainformacional

Antes do acontecimento

Notícias sobre as mulheres dos presidentes no país e no mundo sempre foram alvo do interesse das revistas de moda, de fofocas e revistas sobre celebridades e suas atividades “sociais”. No entanto, o que causou certo “estranhamento” para o público ao ler a reportagem foi, primeiramente, o fato de o escopo da Revista Veja, voltado principalmente a assuntos sobre política, economia e cultura, trazer como reportagem, inclusive de capa, uma matéria considerada “fútil”, “contraditória” e “sem importância”. Ao considerar o momento da publicação da matéria, sendo esse o dia seguinte ao da abertura do processo contra Dilma Rousseff ameaçada de impeachment, a matéria “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’” ganhou sentido próprio, que foi desde fazer campanha em favor de Temer, seu possível sucessor, a tripudiar sobre a condição de Dilma ameaçada pelo processo (VEJA, 2016).

A matéria vinculou, segundo a interpretação da investigação, a figura da mulher a um tipo específico de perfil, ao mesmo tempo que dialogou, politicamente, com a bancada conservadora do congresso nacional, que passou a exercer forte influência no país desde a eleição da presidência, ocorrida em 2014 e, na ocasião, já se manifestava a favor do impeachment. O conteúdo da reportagem apresentou uma mulher, cujo suposto papel é o de servir à família, além de valorizar atributos voltados à beleza e à vida do lar. Segunda a jornalista, autora da reportagem, algumas das características de Marcela Temer é ser modesta e “anônima”, papel e características totalmente contrárias ao que Dilma exercia na liderança do país. A reportagem, ao relacionar as características da vice-primeira dama na ocasião, trouxe à existência significados e atribuições de como poderia se “ler” Marcela Temer, mas também como deveriam ser lidas as “boas” mulheres na perspectiva de estereótipos machistas e misóginos.

Sobre os adjetivos usados no título da reportagem, não são de maneira nenhuma aleatórios “Bela, recatada e ‘do lar’”, segundo o dicionário Houaiss *on-line*, são definidos como: “Bela: be-la 1. mulher muito bonita; 2. mulher amada” (BELA, 2018). “Recatada”, a referência no dicionário está no masculino:

re-ca-ta-do 1. que tem pudor; casto; 1.1. que zela pela própria reputação, pundonoroso; 2. que pensa, age ou se comporta com comedimento; prudente, comedido; 3. que não faz alarde; que mostra recato, modéstia; 4. não ostensivo; disfarçado, escondido, oculto; que se deixa ficar no íntimo (RECATADO, 2018).

A expressão 'do lar' começou a ser usada para qualificar mulheres que não trabalham fora, ou seja, no mercado "formal de trabalho" e exercem atividades da casa, como fazer limpeza da casa, lavar e passar as roupas, preparar as refeições e cuidar das crianças. Segundo o Dicionário Informal da Língua Portuguesa Online, a expressão 'do lar' significa:"1. Mulher que não tem atividade profissional. Dona de casa" (DO LAR, 2018).

Essas definições evocaram os sentidos atribuídos às qualificações de mulheres, cujos padrões tradicionais são exclusivos do comportamento feminino, apresentados como elogios no texto (GOMES LOPES; MELO, 2017). Nesse sentido, na reportagem, ao serem destacados os adjetivos que qualificam Marcela Temer, de natureza subjetiva, construídos por meio da utilização de analogias ao comparar Marcela Temer a Athina Onassis²⁹ e a Grace Kelly³⁰ evoca um tipo de mulher que se deve espelhar, com atributos não apenas físicos, mas intelectuais e, sobretudo, morais.

O texto descreve Marcela Temer e parece querer fazer o leitor acreditar que o que se diz é absoluto e verdadeiro e, a partir daí, assumir um determinado comportamento, que consistirá no apoio à figura de Michel Temer, seu marido e eventual substituto de Dilma Rousseff na presidência, no caso da aprovação do processo de impeachment. No final da matéria, ao reforçar a apresentação de Marcela Temer como uma mulher de sorte, não pelas conquistas individuais, mas por ter um marido que lhe proporciona conforto, lazer e segurança, a reportagem liga as qualificações de Michel Temer, enfatizando suas atitudes 'românticas' e de 'bom marido', a de bom sucessor, podendo inferir uma possível associação com o "futuro presidente" caso viesse a suceder a presidente legitimamente eleita.

Destaca-se que antes do episódio dessa matéria, pouco havia se falado de Marcela Temer, inclusive em revistas do gênero *high society*. Fato que ocorreu sem muita repercussão na ocasião da posse de Dilma Rousseff à presidência, provocando alguns poucos comentários em sites de notícias sobre seu vestido, penteado e a diferença de idade entre ela e Michel Temer. O fato de a revista *Veja* trazer uma reportagem com um tom de elogio excessivo provocou ainda mais constrangimento, causando repúdio à revista e à matéria nas redes sociais, além de trazer à tona a discussão da intencionalidade da matéria e a comparação com a abordagem da revista *Veja* e outras do mesmo gênero (*Isto É* e *Época*) feita sobre Dilma Rousseff em outras ocasiões.

Algumas dessas reportagens geraram grande polêmica na época da publicação, como a Revista *IstoÉ* na matéria "Uma presidente fora de si" do dia 01/04/2016, escrita por Sérgio Pardellas e Débora Bergamasco – a matéria tece críticas a situações em que Dilma

²⁹ Personalidade ligada ao esporte hípico, herdeira de uma grande fortuna. É considerada tímida e discreta, descende da família de Aristóteles Onassis, um lendário armador grego e um dos maiores magnatas da história.

³⁰ Atriz consagrada em Hollywood na década de 1950, ganhou destaque por sua beleza.

ficou nervosa ou irritada, características inaceitáveis a uma presidente, segundo a reportagem, especialmente por ser mulher, da qual se “espera” fineza e elegância (R7, 2016). A reportagem motivou forte debate nas redes sociais³¹, considerada machista e nas palavras de Dilma "escandalosa, leviana, sexista, covarde e risível".

Um outro exemplo de reportagem foi a matéria sobre a presidente Dilma, em exercício na ocasião, que causou forte repúdio na rede social, a qual pode ser usada de comparação sobre o tratamento dos atributos dispensados a Marcela Temer e os relacionados a Dilma, numa aproximação julgada em relação aos aspectos de sua feminilidade. A matéria, escrita por João Luiz Vieira, da editora Época, retirada do ar logo depois da negativa repercussão, tratava-se de uma grosseria sem precedente a Dilma Rousseff, uma espécie de crônica sobre a vida sexual da presidente da República para tentar explicar a crise política e econômica que atravessava o Brasil. O artigo “Dilma e o Sexo”, publicado no dia 20 de agosto de 2015, atribui os problemas do país à “falta de erotismo” da presidente Dilma Rousseff. Seguem alguns trechos da matéria, que não está mais no ar, publicada pela revista.

Não a conheço pessoalmente, nem sei de ninguém que a viu nua, mas é bem provável que sua sexualidade tenha sido subtraída há pelo menos uma década, como que provando exatamente o contrário: poder e sexo precisando se aniquilar.

Será que Dilma devaneia, sente falta de alguém para preencher a solidão que o poder provoca em noites insones? Será que ela não se ressentida de um ser humano para declarar que quer mandar todo mundo para aquele lugar, afinal ela não tem como dizer isso para o neto, supostamente seu melhor amigo, que ainda nem sabe ler? Será que ela não sente falta de comer pipoca enquanto assiste suas séries de TV paga, que tanto ama e a faz relaxar das pressões inerentes ao cargo?

[...] Dilma, não. Dilma é de uma geração de mulheres anti-Jane Fonda, que acreditam que a sexualidade termina antes mesmo dos 60 anos, depois de criados os filhos e ter tido seus netos. A atriz norte-americana foi uma combatente política quando era antidemocrática falar mal dos Estados Unidos, nação que estava dizimando vietnamitas e ela, no auge da beleza e do erotismo explícito como a emblemática personagem Barbarella, posou numa trincheira.

Isso foi no fim dos anos 1960, quando Dilma começou a lutar por democracia nos nossos anos de ditadura (1964-1985). Jane hoje é uma contumaz usuária de testosterona para regular seus hormônios e manter sua sexualidade gritando aos 77 anos. A atriz, precursora da autoestima para uma geração de mulheres no mundo inteiro, chega ao terço final de sua vida exalando erotismo.

[...] Diz-se que as amazonas, filhas de Ares, deus da guerra, cortavam um dos seios para manusear o arco e flecha e lutar. Ou seja, o feminino guerreiro precisaria extirpar a própria feminilidade. Não deveria, mas muitas vezes a exclui, e exemplos temos aos montes. Fragilizar-se é compatível com o cargo que essas senhoras almejam? Talvez sim, talvez não.

³¹ No Twitter, a hashtag #IstoÉmachismo entrou para a lista dos assuntos mais comentados do dia na ocasião da publicação da matéria (PARDELLAS, 2016).

Dilma, se fosse seu amigo lhe diria: erotize-se (PRAGMATISMO POLÍTICO, 2015).

Após a repercussão negativa da matéria sobre “Dilma e o sexo”, a revista se pronunciou dizendo que a reportagem não havia sido autorizada. Depois do ocorrido nada mais se falou sobre o assunto.

Depois do acontecimento Marcela Temer: bela, recatada e do ‘lar’

Depois da reportagem da revista VEJA, observou-se maior especulação das mídias em ressaltar as ações de Marcela Temer no campo social e político. Nesse sentido, colocada mais no centro das questões políticas do país, passou a se considerar seu papel ainda que coadjuvante, relevante para fortalecer o governo de Michel Temer. Posteriormente à reportagem da revista Veja e principalmente depois do impeachment, Marcela Temer ampliou sua atuação em redes sociais, como divulgado no *Instagram* no dia 03 de maio de 2017³².

6.3.3 Dimensão infraestrutural – dispositivo

A postagem da revista Veja: “Marcela Temer: bela, recatada e do ‘lar’” obteve 9.351 mil curtidas, 2.270 mil comentários e 2.617 compartilhamentos³³. Esses números conferiram à postagem a condição de acontecimento virtual pela grande repercussão da notícia na rede³⁴. Observa-se, pela comparação dos números de interações, a emergência do acontecimento em relação a outras postagens do mesmo site. Foi considerado para a comparação postagens do mesmo dia e de um dia antes e um dia depois do acontecimento³⁵.

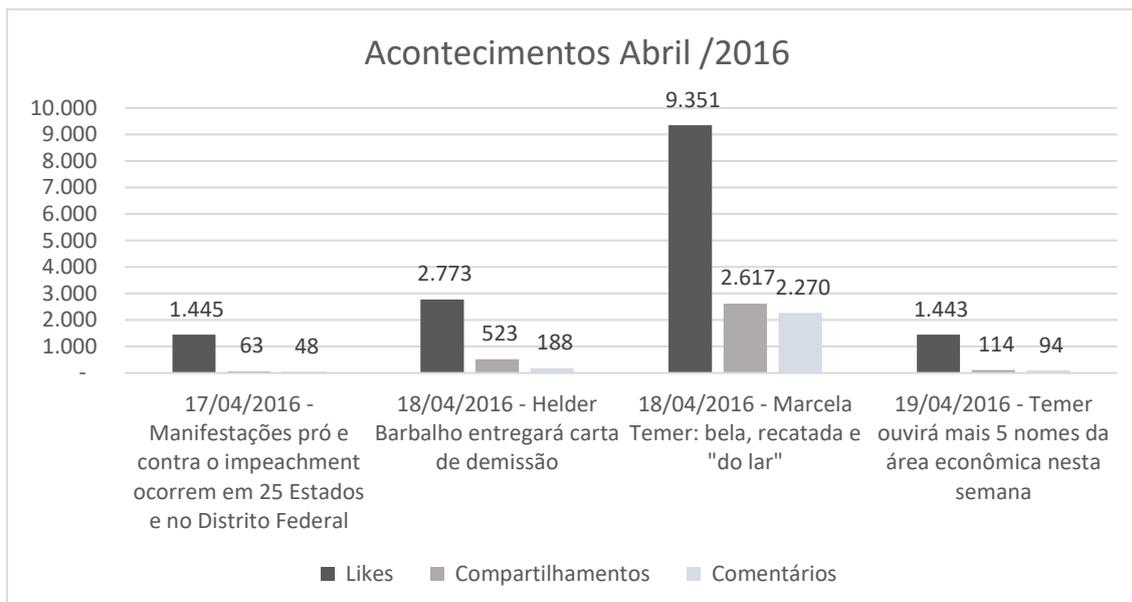
Gráfico 2 – Comparação entre os números de interações entre o acontecimento Marcela Temer: bela, recatada e do “lar” e outras postagens do mesmo site

³² Segundo a reportagem de Mascarenhas (2017), o Planalto passou querer dar maior visibilidade à primeira-dama e assim, atrair popularidade.

³³ Os números podem ter variação conforme data de acesso. A data de acesso dos dados apresentados é 18 de setembro de 2017.

³⁴ Observa-se que a partir dos acontecimentos no dispositivo, houve grande produção de memes, fotos, releituras e textos que caracterizaram protestos de diferentes naturezas. No entanto, apenas postagem escolhida no dispositivo Facebook fez parte da amostra, os demais não fizeram parte do recorte dessa investigação.

³⁵ A Revista Carta Capital publicou um texto em 20 de abril de 2016 de autoria de Djamila Ribeiro sobre a matéria “Marcela Temer: Bela, Recatada e ‘do lar’”. O texto faz críticas à matéria produzida pela Revista Veja, ao retratar a mulher de forma pejorativa, considerada pela acadêmica, escritora e jornalista de cunho retrógrado e misógino, em relação ao contexto ligado a Dilma Rousseff. Na página da Carta Capital no Facebook, a postagem obteve 21 mil curtidas (pessoas que podem ter concordado com a crítica), 1.1 mil comentários e 6034 compartilhamentos. Segue o link com o conteúdo da matéria na íntegra: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bela-recatada-e-do-lar-materia-da-veja-e-tao-1792>. Ou leia no texto de Djamila Ribeiro: <http://bit.ly/1YGRGla>.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Facebook, em 10 de março de 2017

O perfil de Marcela Temer foi veiculado na seção Brasil da revista *Veja*. A revista, em tese, teria como objetivo abordar temas da política brasileira. A inserção deste texto nesta seção é um indício de que o texto da reportagem ultrapassa a finalidade tradicionalmente atribuída a um mero perfil, pois aquilo que seria de informar aos leitores sobre detalhes de uma determinada personalidade pública, assume o interesse de persuadir o leitor, levando-o a transferir a imagem positiva atribuída à personalidade Marcela Temer, ao seu marido, o vice-presidente que, na época, seria parte central no processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. A matéria publicada na rede social viralizou, havendo inúmeros protestos na rede social, protagonizados especialmente por mulheres que se sentiram ofendidas com o tom da matéria em relação aos papéis sociais da mulher e seu aspecto retrógrado, percebido como machista, sexista e ultrapassado.

6.4 A relação das publicações com a interação dos sujeitos no dispositivo

Ao analisar as postagens na perspectiva das ações de informação, um universo de valor é desvelado, primeiramente, do ponto de vista da produção e, posteriormente, do ponto de vista das interações no dispositivo, aprendidas pelo uso das ferramentas do *Facebook*, pelos comentários e pelas entrevistas. Dá-se o entendimento de uma construção baseada na narrativa dos fatos, tendo como pressuposto que a interpretação da informação não é realizada sem o crivo do conhecimento produzido pelas pessoas ao longo do tempo, pelo contrário, baseia-se nos enquadramentos sociais, na cultura, nos valores compartilhados socialmente.

A leitura proposta na investigação é específica a um movimento de pensamento que propõe uma transversalidade. Portanto, foram selecionados dois posts do *Facebook* de natureza distintas que convergem a um núcleo político e social, perpassam uma linha tênue que liga um acontecimento ao outro numa dimensão subjetiva e intersubjetiva. Nas palavras de Bauman (2012, p. 227), refere-se a um movimento da cultura em seu próprio sentido específico, que não é apenas intersubjetiva, mas também subjetiva.

Sua persistência no pensamento humano sobre o mundo deve-se ao fato de suas raízes estarem encravadas na experiência humana primeva da subjetividade. Mas ela difere de outros brotos da mesma raiz, porque está enxertada no tronco que nasce da raiz oposta, o da experiência da objetividade dura, inexpugnável e inflexível.

Não importa como seja definida e descrita, a esfera da cultura sempre se acomoda entre dois pólos da experiência básica. Ao mesmo tempo, é o alicerce objetivo da experiência subjetiva de um mundo que, de outra forma, seria desumanamente estranho. A cultura, tal como a vemos em termos universais, opera no ponto de encontro do indivíduo humano com o mundo que ele percebe como real (BAUMAN, 2012, p. 227).

Ao se adotar as teorias de Bauman, entende-se como a ocorrência de fatos distintos podem se aproximar na realidade, de modo que observado pela racionalização da temporalidade e dos protagonistas dos acontecimentos, operam numa grade de valores para falar algo desnudo (exposto) posteriormente, velado nas intenções, mas revelado ao se assegurar em valores julgados como bons e plausíveis.

Na prática, o primeiro movimento metodológico da investigação buscou mostrar como a Carta de Temer a Dilma “prepara o terreno” para o impeachment (mesmo na incerteza de ele não acontecer), trazendo evidências sobre a marcação das diferenças da personalidade de Temer e Dilma, da forma como governam, das pessoas com quem têm afinidades, cria distanciamento entre eles em vários graus de compreensão. Logo depois da confirmação da abertura do processo de impeachment, a Revista *Veja* também “prepara o terreno” para o possível “novo” presidente, ao mesmo tempo que enquadra a mulher “no lugar dela”, confirmando o distanciamento entre Temer e Dilma, reforçado pela marcação das diferenças entre o perfil da Marcela Temer e Dilma Rousseff, ainda que colocado no patamar da suspensão.

No contexto hodierno dos fatos, os valores construíram imagens hegemônicas (positiva e negativa, mesmo que não unânimes) de um lado e de outro dos atores que protagonizaram os acontecimentos, os quais incidiram sobre eles o que foi falado. Ademais, a mídia também foi um dos protagonistas na emersão dos acontecimentos.

Foi nesse contexto que entrou a grande imprensa conservadora, agindo abertamente como uma espécie de partido político da elite do dinheiro. As poucas famílias que controlam a grande mídia brasileira sempre tiveram

papel político decisivo para legitimar os arranjos oligárquicos de ocasião (SOUZA, 2016, p. 48).

Conforme defendido pelo analista político que se deteve na narrativa dos fatos por outro viés, a mídia (o partido do dinheiro, como destaca Souza, 2016, p. 54) foi um dos interlocutores na ocasião dos acontecimentos, submetendo a população a distorções sistemáticas da realidade, presente entre várias ações, nas chamadas às manifestações³⁶, bem como na publicação do blogueiro e na reportagem da Revista Veja.

Um segundo movimento metodológico na investigação das práticas informacionais na perspectiva do Regime de informação, deu-se com a busca da compreensão de como os sujeitos interagiram com essas postagens, considerando o contexto político e social que envolve tanto a informação, como ela foi construída na dimensão das especificidades apresentadas, quanto aos usuários do dispositivo. Na próxima seção são apresentadas, por meio de três categorias de análise de dados, algumas das formas de interação dos usuários, apreendidas no uso do *Facebook*, com base nas respostas das entrevistas, das observações realizadas, conforme o contexto descrito. O referencial teórico presente nos capítulos dois, três e quatro desse texto, fundamentaram a análise das interpretações para a compreensão da proposta. Portanto, no quadro que segue são apresentadas as categorias e subcategorias observadas na explicação do fenômeno.

³⁶ Ver seção: Contextualização do corpus

Quadro 11- Análise de dados: a interação entre os sujeitos, o dispositivo e os conteúdos das postagens

CATEGORIAS	Subcategorias
O USO DO FACEBOOK	<ul style="list-style-type: none"> • Como a rede social é usada • Porque usam a rede social
A ESPECIFICIDADE DA LINGUAGEM	<ul style="list-style-type: none"> • A indicialidade da linguagem na rede social <ul style="list-style-type: none"> • A Carta de Temer a Dilma <ul style="list-style-type: none"> <i>Quem fala?</i> <i>Por que fala?</i> <i>O que fala?</i> <i>Quando e onde falam?</i> • Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’ <ul style="list-style-type: none"> <i>Objetivação da mulher</i> <i>Protagonismo feminino</i> <i>Entre o recato e o direito de voz</i> <i>Entre o privado e o público “do lar” e de qualquer lugar</i> <i>Mídia e valor</i>
<u>PRÁTICAS E O REGIME DE INFORMAÇÃO</u>	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Algumas possíveis relações entre as categorias: a análise dos acontecimentos para o fenômeno observado</u>

Fonte: Elaborado pela autora

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder, reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também afrouxam seus laços e dão margens a tolerâncias mais ou menos obscuras.

(FOUCAULT, 1993, p.96)

7 A INTERAÇÃO ENTRE OS SUJEITOS, O DISPOSITIVO E OS CONTEÚDOS DAS POSTAGENS

A análise dos dados foi realizada dentro de uma perspectiva simétrica, com elementos heterogêneos, conferindo destaque ao pressuposto de que a informação abordada por meio do Regime de informação é um dos actantes dentro do fenômeno informacional, bem como os sujeitos das interações no dispositivo. Com esse entendimento, foram realizadas observações a partir do funcionamento da rede social, considerando as informações circulantes nas postagens selecionadas (as quais conformaram uma discussão específica), as interações dos sujeitos e as opiniões dos entrevistados.

7.1 O uso do *facebook*

Na primeira categoria de análise foi abordado “o uso do Facebook”, centrada na discussão de como e por que os sujeitos usam o dispositivo. Essa categoria emergiu especialmente das entrevistas, pelas quais se buscou o entendimento que os usuários têm, como interagem e o que os influencia nas atividades realizadas na rede social. Compreendeu-se que essas informações podem configurar suas ações, de modo que as diferentes formas de se relacionar com o *Facebook* revelam afinidades e interesses no uso do dispositivo. Nessa categoria, as respostas dos usuários foram apresentadas por dois eixos de compreensão apreendidos: a) como são as principais formas de interação no dispositivo, curtir, postar, compartilhar, comentar e seguir e b) porque usam o Facebook, buscar informação, entretenimento, encontrar amigos, relacionar-se e ‘ver coisas’, fotos, pessoas e notícias.

7.1.1 Como a rede social é usada

Nas entrevistas, verificou-se que nove dos 10 entrevistados usam o *Facebook* diariamente e acessam o dispositivo mais de três vezes ao dia, especialmente pelo celular. Apenas uma entrevistada disse estar deixando de usar o Facebook por falta de tempo e por ter enjoado, optando pelo uso, com maior frequência, da rede social Instagram (rede social de compartilhamento, especialmente voltado para fotos e vídeos) pertencente a mesma corporação do Facebook. A entrevistada destacou que não tem mais acesso à rede pelo dispositivo móvel e, nesse caso, acaba usando pouco e, quando o faz, posta publicações sobre trabalho e para fazer propaganda do produto que vende.

E9: Uso diariamente o Facebook e minha interação é por meio de eventuais comentários, debates, posts, compartilhamentos e curtidas.

E5: Constantemente, todos os dias uso o Facebook. Uma rede de comunicação.

E6: Uso pouco por falta de tempo e ter enjoado, posto foto mais sobre trabalho e não respondo muito mais aos amigos, pois não o tenho no aplicativo de celular.

Conforme verificado pelas entrevistas, a principal forma de interação no Facebook, citada pela totalidade dos respondentes, é o ato de **CURTIR** postagens ou páginas. Para os usuários da rede social, a ação de curtir inclui o menu de variações do dispositivo (figuras que representam reações, manifestações de sentimentos) compreendidos com o mesmo valor da ação de curtir, ou seja (vi sua postagem), porém com as respectivas expressões, amei, gargalhei, fiquei triste, fiquei nervoso, em resposta mais específica da divulgação da postagem.

Figura 11 – Formas de interação no Facebook



Fonte: Facebook

Nada é mais significativo na rede social para os usuários do que curtir fotos, conteúdos e páginas. Apresentada como a principal característica da participação na rede, o curtir assume um valor próprio para quem usa o dispositivo ao marcar a presença do usuário na rede. De forma geral, os entrevistados relacionam a ação de curtir aos significados “vi”, “observei”, “gostei”, como uma forma de comunicar aos “amigos” ou a página, a ciência, a apreciação ou desaprovação da postagem.

E9: Para mim, curtir é dizer que gostei do que foi colocado ou que me proporcionou um momento de alegria ou reflexão.

E6: Eu curto fotos de comida gostosa e amigos especiais.

E7: Uso muito as diferentes opções de curtir. Curto posts que considero bacanas, fotos bonitas, com comentários positivos por parte do internauta, principalmente se são conquistas; significa que eu endosso o post do meu amigo.

E3: Curto, porque gosto do conteúdo do post ou ele é impactante, etc. e etc...

E1: Algum interesse pessoal, notícias, artesanatos, páginas de trocas, leio de tudo e curto todo tipo de postagem.

Para a maioria dos entrevistados, a ação de curtir e gostar estão ligadas; atribui-se nesse sentido ao *Facebook*, **uma dimensão de diversão e entretenimento**, destacando-o como fonte de satisfação e prazer, sendo este um dos principais motivos em participar da rede social, conforme discutido posteriormente. Conteúdos engraçados, com humor ou relacionados ao momento que a pessoa está vivendo (exemplo: acabou de se tornar pai, o usuário passa a curtir coisas de bebês e crianças) ganharam destaque nas entrevistas, pois são vinculados ao próprio sentido de “ser da rede social”, como se os conteúdos divertidos, significativos pelo momento vivido pela pessoa ou pelos acontecimentos atuais do mundo fizessem o papel de promover a participação do sujeito na rede.

E9: Algo que considero relevante, de fonte confiável ou que seja bem-humorado ou compartilhe bons momentos.

E4: O que me leva a curtir uma postagem, depende do que postam. Quando são coisas de conhecido, fotos de familiares, bebês, um vídeo contendo humor, vídeos que conscientizam, quando um político corrupto é condenado, essas coisas fazem com que eu curta.

Alguns usuários, além da dimensão do prazer, ligam à ação de curtir, à importância de avaliar os conteúdos antes de se manifestarem, de serem curtidos. Indicam para o aspecto da ação **estar relacionada ao alinhamento das ideias**, ou seja, o curtir precisa estar coerente com os valores nos quais a pessoa que curtiu acredita, a “ideologia”. Entendido também como sendo essa uma dimensão educativa, pois para a pessoa da interação, a sua ideologia é sempre vista como boa ou politicamente correta e precisa ser defendida para melhorar ou mudar o ponto de vista do outro. Nesse aspecto é possível inferir que a manifestação para alguns sujeitos entrevistados é vista como uma intervenção no mundo e a própria atuação deles no dispositivo é valorizada.

E5: Quase sempre curto, porque estão de acordo com minha ideologia, política, religiosa. Curtir uma postagem; sempre quando curto é porque estou de acordo com o que eu gosto, digo, a postagem. Também quando as postagens são de cunho educativo.

E3: Há curtidas políticas e politicamente corretas; curtidas ideológicas. você curte um post, porque ele tem conteúdo alinhado a uma ideologia sua. ou condena algo que você dá importância.

E7: Já cheguei a ficar três tardes seguidas fazendo net ativismo. Explico: quando da época da perseguição ao bailarino que fez uma releitura da obra de Lígia Clark no MAM, rapidamente surgiram páginas de ódio ao rapaz, comentários homofóbicos e apologia à violência. Denunciei todas estas páginas, posts (inclusive as de alguns conhecidos meus) e compartilhamentos. A página foi retirada do ar.

E10: Geralmente, tem que estar relacionados ao comportamento humano, algo que possa ser denunciado ou elogiado, ligado ao que gosto.

Com base em algumas respostas dos entrevistados, é possível apreender que a ação de curtir um post para alguns usuários pode, em determinados momentos, ter uma dimensão que extrapola a mensagem, o que se contrapõe à importância de estar vinculado ao conteúdo, mas se liga a quem postou. Isso significa que há curtidas que **são atribuídas a pessoa que publicou** e não ao post em si, podendo ter sido motivado pela afinidade, afeição, respeito ou ainda retribuição a outras interações. Nesses casos, há uma supervalorização do sujeito que publicou, usado como desculpa para ignorar o conteúdo que não seria curtido, fora da situação. No entanto, vale destacar que nas situações em que o conteúdo é colocado em segundo plano, este parece assumir um sentido “neutro” quanto a sua importância, diferentemente de situações em que o conteúdo não tenha sido aprovado pelo sujeito que curtiu, o qual não curtiria o mesmo, levando nesse caso, em consideração a pessoa que postou.

E3: Sei que existe a curtida, porque o post é "legalzinho" e a pessoa que postou é amiga, parente... curtem alguns por retribuição (normalmente seriam indiferentes)...mas a pessoa que posta andou curtindo seus post..então fica aquela "dívida"..eheheh ou educação, a curtida educação, sim, ela existe... de eventos e fatos postados por conhecidos & amigos que vc quer mostrar que apoia, tomou conhecimento, d´força e etc...

E5: Algumas vezes curto por respeito ao amigo ou amiga.

A responsabilização da curtida é um fenômeno observado por alguns entrevistados. Ao perceberem que as curtidas **podem inferir valor na projeção do conteúdo** no Facebook, passam a ter mais atenção com a ação de curtir, observando sua origem e confiabilidade. O regime de informação diz sobre essas ações que modulam a informação, correspondendo aos efeitos que a informação e a ação provocam na circunstância. Nesse caso, o número de curtidas aparece também como fator de confiabilidade, corresponde à adesão, ou seja, se a postagem obteve muitas curtidas, isso pode significar para algumas pessoas uma “boa informação”. Essa atribuição de valor é considerada especialmente para posts de páginas de notícias, o que parece ser descartado em certa medida; no caso de fotos

ou publicações de cunho pessoal, os usuários relacionam menor preocupação do que em páginas de notícias.

E9: Para curtir um post eu sempre vejo a Veracidade, confiabilidade, lógica e coerência.

E2: Eu avalio os números de curtidas.

E3: Depende muito, mas geralmente curto pela notícia.

E8: Algo que acho que deve ser pensado (reflexão). Se são fatos verdadeiros (jornais, pesquisas).

E1: O curtir tem força como manipulação de notícias, o curtir e comentar tem peso pra quem leva isso em conta, pra mim não, mas pros que se deixam levar pelo que a maioria curte, sim.

A ação de curtir perpassa um conjunto de valores estabelecidos na situação de cada postagem, observáveis conforme a avaliação dos conteúdos, quem postou e nas diferentes formas de interação com o dispositivo, diz respeito a uma dimensão de aprovação. Isso quer dizer que não necessariamente a ação de curtir diz respeito ao conteúdo, mas a uma avaliação geral da postagem. Percebe-se que a ação de curtir não é, portanto, um reflexo imediato da aprovação da postagem, mas **na especificidade da interação do sujeito com o sujeito** (pessoa ou página) que postou ou ainda com outros sujeitos que curtiram (considerando que fica visível a ação para a rede com quem está conectado).

E1: Algum interesse pessoal, notícias, artesanatos, páginas de trocas, leio de tudo e curto todo tipo de postagem, hoje não curto mais nada só pra agradar.

E6: Avalio a imagem e o comentário que a pessoa deixa ao postar a foto.

E7: Uma rede social, que me conecta a pessoas. Estabeleci critérios para o uso e para a conexão com as pessoas, isso veio mais recentemente. 1. Amigos de verdade, 2. Amigos do passado que gosto de manter contato (turma da escola, turma do balé, turma da faculdade) 3. Amigos por afinidade de temas e que, muitas vezes, ou não conheci pessoalmente ou que tenho pouco contato presencial.

A ação de curtir é uma forma de interação, troca e relacionamento, envolve informação e pessoas, é **da ordem da sociabilidade**, próprio ao que é proposto para o que seria o entendimento de rede social. Destacada por Araújo (2015), a sociabilidade pode ser uma dimensão interveniente das práticas informacionais ao responder sobre as motivações das ações. No caso do uso do dispositivo, Facebook, a motivação ligada à admiração, levaria a pessoa a realizar a ação de curtir por uma ligação afetiva com a outra pessoa. A curtida com maior frequência pode também acontecer no caso das páginas de notícias que são de confiança do usuário, as quais ele acompanha as postagens e segue. Como parte dos

achados nas entrevistas, seria uma ação despreziosa de uso do Facebook, realizada pelo prazer da proximidade com o outro ou pela identificação com o perfil da página.

Para Simmel (2006), a sociabilidade é a ação de se ligar ao outro sem uma motivação concreta, significa um querer puro, sem finalidade direta, diferente das ações motivadas por interesses “não em função da legitimação de outra instância superior e extrínseca que ditaria como se deve formar a matéria da vida” (SIMMEL, 2006, p. 62). Para o autor, há diferença entre a sociabilidade e a ação por sociação em que há interesses materiais, concretos.

O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade. (SIMMEL, 2006, p. 64).

Em Simmel (2006), a sociabilidade está relacionada aos gostos e preferências do sujeito da ação que atribui significados imateriais a ela, uma das possibilidades da ação de curtir no *Facebook*.

Curtir uma postagem está invariavelmente relacionado à produção de um post ou um compartilhamento realizado por alguém da rede. A ação de **POSTAR**, publicar fotos, produzir post, vídeos, escrever um conteúdo a ser publicado, não foi mencionada com ênfase por alguns entrevistados, mas citada ao relacionar as curtidas que recebe e que pratica. Nesse sentido, observa-se que o curtir é uma ação centralizadora das ações e funciona como um termômetro para as relações na rede, ao mesmo tempo que **é uma ação de “engrenagem”** juntamente com a ação de postar para manutenção das interações da rede é uma atuação de regimes de informação na medida que conduz as discussões da rede social para um campo de interesse específico. Observa-se que entre os entrevistados, a prática de postagem é menor em relação aos que acompanham os conteúdos e curtem. Entre os sujeitos das entrevistas que praticam postagens com maior frequência, a concentração de assuntos tem sido trabalho, cultura, política, **assuntos com os quais a pessoa se identifica**, mas como destacado por E7, menos intimistas.

E7: Mantenho duas páginas que eu mesma alimento. Procuo fazer posts dia sim, dia não. Atualmente, tenho postado pouca coisa pessoal. Estou mais intimista, se é que isso é possível! Kkkk.

E8: Às vezes, postando, às vezes lendo o que postam. Assuntos sobre temas de que gosto: livros, educação, saúde.

E10: Curtindo ou postando matérias as quais acredito que sejam politizadas.

E6: Posto foto na página de trabalho, não respondo mais aos amigos no face, pois não o tenho no celular. Uso pouco por falta de tempo e ter enjoado.

Observa-se, nas falas de alguns usuários, a prática de se distanciar do uso do dispositivo com publicações consideradas banais ou fúteis. Além disso, percebe-se que há um preconceito em relação às pessoas que fazem uso constante do Facebook, bem como com muitas publicações pessoais. Para alguns entrevistados, a publicação excessiva de fotos ou conteúdo de foro pessoal era uma prática mais antiga, do início do funcionamento da rede, mudada com o tempo. Dá a entender que há hoje uma “forma ideal” de uso do dispositivo para evitar uma leitura pejorativa do usuário, considerada uma ação para “se mostrar”, vista como narcísica e pouco verdadeira. Essa forma ideal inclui ser mais discreto, sem publicações polêmicas e contraditórias.

E1: fotos já postei muitas, hoje, quase nenhuma; fotos no face ficou muito forçado, fake, ninguém posta a realidade.

E2: Eu, geralmente, não viso ao número de curtidas nos meus posts, não gosto de me mostrar.

E3: Sem dúvida todas as postagens de uma forma ou de outra têm como objetivo mostrar... "esse sou eu"... ou esse é quem eu gostaria de ser...

A postagem se relaciona com a ação de produção de conteúdo próprio ou que emita um juízo de valor sobre outra postagem. O juízo de valor pode ser escrito (revelado, apoiando a postagem) ou velado, sem posicionamento direto, nesse caso, avaliado com base nos valores postados pela pessoa que vem construindo ao longo de outras interações na rede, ao **divulgar seus posicionamentos e preferências no Facebook**. É uma ação de comunicação e diálogo com os “amigos” da rede, como uma dimensão de afinidade e pertencimento ao grupo com quem compartilha na rede.

A ação de **COMPARTILHAR** é uma ferramenta do Facebook que possibilita dividir com os amigos os **conteúdos capturados na rede social**. A ação de compartilhar tem relevância por se caracterizar como uma força motriz do dispositivo, já que todos os conteúdos da rede são produzidos pelos usuários e dependem das interações para se retroalimentar. Atribui-se ao ato de compartilhar as mesmas características do postar, ou seja, **comunicar à sua rede o que defende, acredita, gosta ou reprova por meio de compartilhamentos** em diferentes formatos, incluindo textos, fotos, imagens, notícias, vídeos.

- E7: Compartilho posts que tenham um conteúdo mais profundo e com bandeiras de que sou simpatizante: igualdade de gênero, cultura de paz, storytelling, artes, história, etc. Já fui de compartilhar mais, hoje adotei uma outra prática: mando em mensagem privada para a pessoa que me remete à notícia, por afinidade. Ex.: outro dia tinha uma notícia sobre gestão de crise em tempo digitais, um texto escrito para a Aberje, mandei para uma professora, amiga minha que trabalha com o tema. Compartilho aquilo com o qual eu concordo e que eu acho que meu círculo de amigos, virtuais e verdadeiros devam saber. Atualmente, tenho postado pouca coisa pessoal. Estou mais intimista, se é que isso é possível! Kkkk.
- E10: Compartilho mensagens espirituais que me tocam e sites ou matérias relacionadas à publicação de livros, de jornais e ou reportagens.

Na obra de Goffman "*Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*" (1967) uma coletânea de artigos, resultados de pesquisas empíricas realizadas entre 1950 e 1960, o autor apresenta categorias à compreensão do comportamento de pessoas em interação. Mesmo em se tratando da interação face a face, suas investigações ajudam a entender processos de interação na rede social. No primeiro capítulo, "Sobre a preservação da fachada: uma análise dos elementos rituais na interação social", o autor destaca a análise centrada no esforço necessário para se manter uma atitude coerente diante dos outros, sustentada por um comportamento-padrão que funciona como uma máscara de ajustamento do sujeito ao grupo interativo para ser visto como um igual, aceito, respeitado e ouvido. Outro conceito abordado pelo autor, além do conceito de *fachada*, é o conceito de *linha*, "o valor positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assume durante um contato particular" (1967, p. 13). Esse comportamento está centrado no esforço dos sujeitos em usar atos verbais³⁷ e não verbais para expressar sua opinião sobre alguma situação, através da percepção da avaliação dos participantes da interação, especialmente de si próprio para ser aprovado pelo grupo, o que significa também um processo de ajustamento feito pela pessoa, conforme as respostas que tem recebido do grupo.

A ação de **COMENTAR** está relacionada a **posicionar-se na rede** social sobre uma postagem, além do curtir. É um campo específico abaixo da postagem, onde é possível escrever, usar figuras, emojis, anexar outras postagens, vídeos, entre outros; geralmente é um campo usado para apoiar ou desaprovar a postagem. Ela pode ser realizada na própria postagem, em postagens da rede para públicos específicos ou ainda em postagens públicas de pessoas ou páginas da rede. Os comentários têm ganhado destaque pela **personalidade que os tem caracterizado**, ressaltado por alguns entrevistados sobre o interesse em comentar ou acompanhar os comentários e debates. Observa-se que é um espaço

³⁷ Os conceitos de *Fachada* e *linha* para Erving Goffman (1967) aplica-se para atos verbais e não verbais, referente a interação face a face.

valorizado por oportunizar a manifestação de sentimentos e opiniões, além da possibilidade de acompanhar as opiniões pessoais dos outros sujeitos da rede, algumas vezes não encontradas nas postagens originais da linha do tempo. Visto como um lugar para entender melhor os posicionamentos, os sujeitos têm preferido acompanhar o que está sendo debatido, além de ser uma forma de evidenciar os assuntos, os conteúdos e suas particularidades.

- E1: Gosto de ver pra entender como as pessoas pensam, como elas interpretam as notícias mais como pesquisa, observação, aquilo que é comentado e curtido acaba ficando em evidência.
- E3: Às vezes me divirto mais com os comentários dos posts que com o próprio post.
- E2: Comento fatos curiosos, que causam indignação, revolta. Na verdade, é uma maneira de extravasar a raiva ou o riso.
- E10: Comento um post quando está relacionado à mobilização ou transformação; muitas vezes, acompanho, mas não me posiciono. Primeiramente, entendo que seria uma perda de energia frente à discussão do senso comum com certas pessoas - talvez seja um erro como educadora, mas penso no tempo que isto consome.

Após o comentário, abre no dispositivo a possibilidade de curtir o comentário ou de o responder. A ação de comentar está ligada ao “debate” na rede; nesse aspecto, observa-se que para alguns entrevistados a ação de comentar é entendida como **uma dimensão de intervenção** em defesa de algo comentado pelo sujeito não estar de acordo ou mesmo uma reação de apoio, adotando a prática do discurso, da reflexão de outros pontos de vista, da necessidade de persuasão na rede. A ação de comentar é valorizada à medida que o comentário é curtido ou tem adesão pela continuidade do debate, referente à repercussão na rede.

- E4: Depende do assunto, gosto de comentar. Mas nem sempre tem muita repercussão, eu gosto de argumentar e criar um diálogo em cima de algo, colocar meu ponto de vista, pois vejo pessoas comentando coisas, às vezes, de forma precipitada, divulgando notícias falsas, informações falsas e eu gosto de confrontar essas pessoas para alertar, às vezes, gosto de criar um debate em torno da política, principalmente com quem pensa diferente de mim, porque vejo certa hipocrisia em algumas opiniões e eu tiro isso das pessoas, para que elas passem a raciocinar melhor nas coisas que defendem.
- E9: Comento em um post quando percebo que é Fake News ou um ponto de vista questionável, sob o aspecto da lógica e da coerência.
- E7: Quando eu comento, é uma informação a mais que complementa a minha curtida.
- E1: As redes sociais são instrumentos importantíssimos pela questão dos compartilhamentos e engajamento.

A ação de comentar na rede social parece controversa na fala de alguns dos entrevistados, os quais citaram ter mudado diante de situações vivenciadas pelos sujeitos. Eles se referem a experiências com o debate na rede, onde encontraram pessoas que se aproveitaram da “distância do virtual” para desrespeitar suas opiniões. Houve também usuários que disseram não acreditar que o debate no Facebook possa surtir algum efeito de reflexão e apresentam situações que são impróprias no uso do dispositivo como emitir opinião sobre a vida pessoal de outro sujeito da rede e não respeitar a divergência de opinião.

- E3: Por causa de comentários políticos parei de comentar em postagens no face.
- E5: Mesmo sabendo que alguns dos assuntos não vai dar em nada, participo por tentar fazer a minha parte como cidadão.
- E8: Sempre é bom discutir algo, desde que haja respeito nestas discussões. Há pessoas que querem dar opinião na vida dos outros ou sobre algo que desconhecem, não gosto.
- E9: São relevantes, mas na maioria das vezes não se sabe separar as pessoas de suas ideias, gerando conflitos que são agravados pelo fato de não ser um debate presencial.
- E2: Desnecessário, porque acho que discurso em redes sociais não levam a nada.
- E1: Até penso em responder, digito, mas acabo apagando, pois as pessoas não gostam de debater, querem impor suas verdades e não discutir de forma saudável; por causa de comentários políticos, parei de comentar em postagens no face.

O posicionamento dos sujeitos no dispositivo, como uma das formas de intervenção no mundo, encontra-se em Habermas (2003); pertinência, com base na teoria do agir comunicativo (*kommunkativen Handelns*) do autor. Para ele, a razão pode ser alcançada por meio da interação dialógica, que se constitui nas interações espontâneas, de modo que a linguagem e a argumentação ganham destaque.

Nossa habilidade cognitiva não pode mais ser analisada independente da nossa habilidade linguística e de nossa habilidade de agir, porque, como sujeitos cognoscentes, já estamos sempre dentro do horizonte das práticas do nosso mundo da vida. Para nós a linguagem e realidade permeiam uma e outra e não há possibilidade de separá-las. Toda experiência é saturada linguisticamente a tal ponto que nenhuma compreensão da realidade é possível sem ser filtrada pela linguagem (HABERMANS, 2003, p. 30).

O agir comunicativo considerado por Habermans (2003), entendido na perspectiva do regime de informação, é da ordem do discurso. Trata da pretensão do convencimento e da aprendizagem, direcionada para uma determinada situação que se quer modular e se fazer compreendido.

A ação de **SEGUIR**, abordada com menor ênfase pelos entrevistados, relaciona o mecanismo de busca, melhor dizendo, de encontro de informações, às ferramentas

automatizadas do dispositivo. São informações que chegam e são visualizadas primeiramente na linha do tempo do usuário que escolhe pessoas ou páginas que lhes são viáveis por diferentes interesses, confiabilidade, satisfação, curiosidade ou para acompanhar as postagens de um determinado usuário. Julgada por diferentes critérios, a escolha do que acionar como “seguir” observa-se ser de pessoas que gostam, amigos, conhecidos familiares, pessoas que julgam ser autoridade no que falam, assuntos específicos, pessoas interessantes, engraçadas, famosas, páginas interessantes e que julgam ser seguras como fonte de informação. A ação de não seguir, uma página ou pessoa de que não se gosta ou que tenha um posicionamento contrário também acontece, mas sem muita incidência, conforme citada na entrevista.

E2: É necessário ter um olhar mais apurado em relação a elas, não é qualquer site que eu costumo ter confiança. Facebook é um território questionável em relação a isso...

E4: Procuo sites da grande mídia por serem mais confiáveis, sites que contenham maior âmbito de informação técnica e menos opinião pessoal do jornalista.

E1: Hoje faço menos comentários, entro mais pra ler, antes lia e comentava as páginas que eu sigo e que me interessam, essas eu coloco a opção de ver primeiro.

As demais funções do Facebook não foram mencionadas pelos sujeitos, mesmo quando instigados. Reforçaram o uso das funções acima como sendo as principais e disseram usar pouco outras possibilidades oferecidas pelo dispositivo como bloquear, editar, escolher modos de privacidade, com exceção de dois entrevistados que responderam em relação a bloquear ou deletar, os quais usaram as funções com pessoas que publicaram ou comentaram conteúdos ofensivos ou de forma desrespeitosa, referente a opiniões diferentes na rede social. Vistos como inconvenientes ou que não se alinham ao grupo de interação, em concordância com Goffman (1967), sofrem rejeição e penalidade voltadas à leitura gerada por suas posturas e comportamentos.

E7: Recentemente, deletei cerca de 200 pessoas da minha página, tendo também como critério as próximas eleições, os preconceitos velados, os comentários chulos e pessoas que nada acrescentam.

E10: Observo e vejo relatos de pessoas que se posicionam, criticamente, e por tal postura são bloqueadas de antigas amizades ou o que entendiam por amizade. Vejo que deveria ser lugar de debate, mas muito longe do diálogo e do consenso.

7.1.2 Por que usam a rede social

O uso do Facebook para a maioria dos entrevistados é motivado pela característica de ser um lugar em que circulam informações de diferentes naturezas, advindas de diferentes canais, alimentando o funcionamento da rede. Nesse aspecto, os entrevistados destacaram **o acesso às notícias**, fatos e acontecimentos importantes, ligados à rapidez “quase em tempo real” da notícia, vista como relevante para a decisão de usar o dispositivo. Outra característica observada pelos entrevistados é o fato de a informação na rede social **oportunizar o conhecimento sobre os acontecimentos do mundo e sobre as pessoas que interagem nela**, realizada por meio das publicações pessoais dos usuários e notícias das páginas do Facebook. Sobre esse ponto, alguns usuários, embora não discordem, consideram que as informações circulantes no dispositivo nem sempre são confiáveis e merecem atenção.

E2: Uso o Facebook para me informar, já que curto as principais páginas de notícias.

E7: Entro, diariamente, quase ritual. Ver e ler as notícias postadas por amigos, em especial as que tem mais conteúdo.

E8: Meio rápido de informação.

E5: Um bate papo e uma troca de informações. Podemos estar a par dos acontecimentos quase em tempo real. Políticas, mensagens e entretenimento.

E4: Facebook, normalmente, uso para me atualizar sobre as notícias, referentes à política.

E1: É necessário ter um olhar mais apurado em relação a elas, não é qualquer site que eu costumo ter confiança. Facebook é um território questionável em relação a isso...

Outro motivo do uso da rede, citado por grande parte dos entrevistados, é o uso do dispositivo como um lugar de entretenimento. Alguns citaram que a rede é um lugar **para conversar, relacionar-se e encontrar amigos**, um espaço de interação que os motiva a usar o dispositivo, além do contato constante com as notícias. Isso significa que a dinâmica da rede é um espaço de socialibilidade, como aparece em várias respostas dos entrevistados, conformado por características híbridas em que elementos diferentes ocupam o mesmo espaço de interação, informação, fotos, divulgação de produtos, opiniões e oportunidade de diálogo, sendo estes os grandes atrativos da rede. Nesse sentido, compreendido também como **“um lugar para se ver as coisas”**, saber o que as pessoas pensam e fazem, parece ser o grande motivo do uso do Facebook, ligado à dimensão da totalidade do que seja o dispositivo, à conexão com pessoas, conteúdos e a dinâmica do funcionamento, com destaque ao fluxo da linha do tempo, onde os conteúdos vão

aparecendo e são identificados como “coisas”, pelas quais os sujeitos se veem como observadores, porém nem sempre como agentes das interações.

- E9: Um meio de entretenimento, informação e relacionamento, gosto de Posts bem humorados ou reflexões que me façam repensar sobre aspectos da vida.
- E3: Uso o face pela manhã, no meio e ao final do dia; conecto para participar de grupos de assuntos do meu interesse, contato com parentes no exterior e no interior do estado, notícias... nos meus grupos de interesse acabei fazendo amigos e conhecidos e hoje tenho alguns amigos e vários conhecidos pelo Brasil...80% conecto para ver meus grupos de interesses...
- E7: Gosto do contato com pessoas queridas que não vejo faz muitos anos. Gosto dessa força que as pessoas dão para os outros quando acontece algo terrível; gosto de viajar na viagem dos outros, abrir horizontes. Não gosto do tom de crítica ou fofoca, não gosto quando as pessoas são rudes e fogem do bom debate, bem argumentado, não gosto de incitação à violência, nem do preconceito, nem de pessoas tóxicas (aquela que tem uma nuvem negra em cima da cabeça). Ultimamente, deleitei pessoas que já faleceram faz quatro, cinco, seis anos e continua a aparecer suas datas de aniversário... Poxa, descansem em paz.
- E2: Sempre tem o dia que a gente olha só a manchete, não quer se aprofundar.
- E6: Um meio de comunicação e compartilhamento da vida das pessoas envolvidas que atinge um número grande de pessoas, pois acredito que muitas delas passam uma parte do dia no Face.

Mesmo sendo frequente o uso do dispositivo e justificado os motivos, conforme descrito, observa-se que há uma leitura dos usuários da rede social que indica cuidado com as interações entre os “amigos” e com os debates em páginas ou sites, os quais sinalizam uma mudança progressiva no uso do Facebook. Essa mudança se refere ao comportamento na rede. Percebe-se que ao longo do tempo, em resposta à maneira como as pessoas vêm interpretando as reações na rede social, especialmente aquelas ligadas a situações de hostilidade, violência, perda de amizades e divergência de opiniões, há a opção de usar o dispositivo de forma diferente, causando um afastamento, criando uma relação mais superficial. Essas ações reforçam o uso de um comportamento de fachada que segue uma linha para se relacionar, o qual se refere Goffman (1967) para adequação dos discursos que incluem um modo de evitar confrontos provocados por posts, em comentários e respostas da rede.

- E7: Meu primo é político, postou fotos de conquistas antigas das épocas em que ele e outros eram estudantes. Foi interessante. Mas tem tido muitas polarizações em torna da política, da questão de gênero e do status da arte. Não gosto dos posts relacionados ao MBL e ao Bolsonaro, são de um incrível baixo nível e mau gosto. Também detesto aqueles que ficam pedindo apoio para a Lava Jato. Por conta disso e da proximidade com as eleições, por ter amigos de ambos os lados, tenho tentado me manter neutra, reduzindo um pouco a minha frequência nas redes sociais, em especial o facebook.³⁸
- E4: Eu creio que existam pessoas que agem de má fé e distorcem as coisas, tendo suas distorções compartilhadas. É o que eu digo, depende muito de cada usuário saber como utilizar a rede social.
- E2: Antes o Facebook era melhor pra saber como estavam os amigos, rir, conversar, era divertido; agora e não sei, até acabei parando de comentar, fazia isso no início, mas hoje percebo a importância de saber o que todos pensam; eu me sinto e não vejo como problema, mas eles não gostam, hoje só leio e guardo pra mim as minhas reflexões, em geral as pessoas acham que o debate é ruim, hoje não posto tanto quanto antes por isso.

Na fala do entrevistado, “o Facebook antes era muito melhor”, destacando a mudança de comportamento em relação ao dispositivo. Observações como “para se parecer” ou “um lugar onde as pessoas não aceitam opiniões diferentes”, foram frequentes nas entrevistas, especialmente em relação às manifestações de conteúdos de cunho racista, preconceituoso ou preferências partidárias e políticas, as quais ganharam em algum momento repercussões nas respostas do dispositivo e criaram situações de confronto, construindo para os sujeitos entrevistados o entendimento de situações que devem ser evitadas.

Nota-se, pelas indicações feitas pelos sujeitos, que existe um impasse sobre o funcionamento da rede que vale destacar. Entre os principais motivos que atraem para o uso da rede social, estão a ação de informar e se informar, impulsionado pela possibilidade de conhecer o posicionamento dos atores de interesse. No entanto, ao considerar as personalidades nas publicações, contraditoriamente, tem-se “indicado” aos sujeitos, fazer publicações menos intimistas, como já expostos; podendo significar que a expectativa e a realidade não correspondam, tornando-se inadequadas. Isso por que, se um dos motivos de atração para o uso do Facebook é a possibilidade de se ver o mundo pela perspectiva do outro, permitindo que se adentre ao universo simbólico do “amigo”, aprendendo como ele pensa determinado assunto, suas preferências e aversões, são essas características contrárias e cada vez menos praticadas nas interações. Portanto, essa conformação pode interferir na qualidade da dinâmica da rede, podendo, com o tempo, esvaziar o Facebook,

³⁸ Os grifos nas respostas das entrevistas e nas interações do dispositivo, são da pesquisadora para ênfase dos resultados

tornando-o passível de virar um mercado ou um universo dominado por anunciantes e páginas, perdendo a singularidade da presença dos sujeitos atores no dispositivo.

7.2 A especificidade da linguagem

A vida social, o cotidiano, são constituídos por meio da linguagem; é nela que significados são modulados com base em situações específicas. A linguagem ordinária, presente nas interações, abarca sentidos próprios, conforme o contexto e conforma interpretações ricas de significação. Em concordância, Coulon (1995) atribui a ideia de expressões cotidianas como indiciais, dependentes do contexto em que se dá a construção dos sentidos. Sobre esse aspecto discorre:

Pode definir-se como indicialidade todas as determinações que se ligam a uma palavra, a uma situação. Indicialidade é um termo técnico, adaptado da linguística. Isto significa que embora uma palavra tenha uma significação trans-situacional, tem igualmente um significado distinto em toda situação particular em que é usada. Sua compreensão profunda passa por 'características indicativas' e exige dos indivíduos que vão além da informação que lhes é dada (COULON, 1995, p. 33).

Nas redes sociais, a partir de convenções criadas em relação à linguagem sobre contextos específicos, algumas expressões são frequentemente utilizadas e dotadas de sentido para sujeitos e situações pontuais. Para Coulon (1995), esse fenômeno se refere à indicialidade da linguagem, ganhando significado no bojo das ações, a qual conforma uma incompletude natural e que necessita do contexto da produção para ir além das informações dadas e da "homogeneidade semântica", às quais o autor destaca a dependência do discurso. Os sentidos construídos em situações de intercâmbio linguístico, como destaca o autor, completam-se no contexto de produção e uso sem, no entanto, esgotar as possibilidades interpretativas. Segundo Coulon (1995), a significação está vinculada a quem está usando a expressão biografia do locutor, além de 'sua intenção imediata, a relação única que mantém com seu ouvinte, suas conversações passadas', ou seja, as expressões não são independentes das condições de uso e de enunciados, pelo contrário, são esses os elementos que conformam os sentidos.

7.2.1 A indicialidade da linguagem na rede social

No Facebook, os sujeitos interagem na rede utilizando meios técnicos e de linguagem para se comunicar. São palavras, ações e símbolos com sentidos próprios, recursos desenvolvidos pela rede e atribuições criadas pelos sujeitos, uma cultura do uso da internet, de rede social, não exclusiva do Facebook. Caracterizam-se por formas simbólicas

de comunicação conforme o contexto de quem fala, o que fala e onde esses elementos de comunicação aparecem dentro dos posts, comentários e frases. Essa categoria emergiu da observação do corpus da investigação, construída por meio da incidência dos recursos técnicos e de linguagem nas interações nos dois acontecimentos, sendo selecionados um conjunto deles em cada acontecimento, a fim de evitar repetições. Nota-se que foram mantidos, após as expressões, os campos (número de curtidas, gerenciar, curtir e responder) para conotar e compreender a participação da rede em relação às manifestações dos sujeitos.

NAS INTERAÇÕES DO POST - CARTA DE TEMER A DILMA

O uso da expressão “mimimi”

Frequente em debates na rede social, o “mimimi” - um termo é usado para remeter à reclamação, ao choro, usado para diminuir, desdenhar quem está manifestando alguma ideia ou está em desacordo com alguma informação e debate fomentado na rede. O termo foi retirado do programa de televisão - MTV Brasil, chamado de “Fudêncio e seus amigos”. O personagem principal, Fudêncio, comunicava-se usando a expressão para provocar o personagem conhecido como Conrado, considerado reclamão e irritado. Para os criadores do personagem, Marco Pavão e Thiago Moraes, a expressão é usada comumente de forma errada e exagerada, constrangendo o direito de manifestação a bandeiras legítimas (PACHECO, 2017). Manifestações com “Mimimi”, no post do site “o Globo”, apareceu no interior de comentários e respostas contra e a favor da carta de Temer. A conotação nem sempre explicita a que lado se referia à expressão, a significação sempre parece ter a intenção de diminuir a importância dos atos de manifestação na rede em relação ao acontecimento, conforme observaram os criadores da expressão.

CC33c Mimimi
2
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

O uso da escrita em caixa alta ou escrita maiúscula (CAPSLOCK)

Na internet, não exclusivamente na rede social, o uso de palavras ou frases escritas em maiúsculo é percebido pelos leitores como “grito”, resultado de uma convenção construída pelo uso frequente com esse significado, sem um acordo oficializado ou específico. A palavra grafada com letra maiúscula no Facebook pode ser interpretada como falta de educação, provocação, comemoração ou ainda como forma de chamar a atenção e conferir

ênfase a determinada opinião. Para o sujeito do CC1c, a Carta de Temer a Dilma era um sinal de que o impeachment estava próximo de acontecer; a escrita em maiúsculo chama a atenção para a opinião do sujeito expressa no post, o qual acredita na forte possibilidade de acontecer o impeachment. No comentário do CC27c, as palavras em letras maiúsculas são usadas para chamar a atenção à uma condição (se), reforçada posteriormente por argumentos de que o PT, para esse sujeito, não é honesto, sendo justificado por ter se unido a pessoas condenadas por corrupção.

CC1c cheiro principal, de IMPEACHMENT!³⁹

48

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

CC27c SE O PT FOSSE HONESTO não teria se unido, ao mesmo tempo, a Sarney, Collor e Maluf para ganhar a eleição.

2

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder 2 a Editado](#)

O uso de figuras de linguagem

Conhecidas como expressões usadas para dar conotação à língua, baseadas nos sentidos figurados das palavras, as figuras de linguagem são estratégias flexíveis de sentido do código linguístico. Podem estar relacionadas especialmente a aspectos semânticos, sintáticos ou fonológicos da língua. Os principais tipos de figuras de linguagem são metáforas, ironias, comparações, hipérboles, pleonasmos, entre outras (PASCHOALIN, 1997).

Nos comentários do acontecimento da Carta de Temer, é possível encontrar muitas expressões do tipo figura de linguagem. A citada por CC7c atribui a Dilma a expressão “Cheiro de mortadela estragada”, em referência ao PT. O termo é utilizado no contexto político por pessoas da oposição ao partido da presidência e à esquerda partidária. O termo faz a ligação de Dilma com pessoas “pobres”, visto como pejorativo, além de se referir às pessoas que supostamente vão em manifestações a favor do partido (PT) e recebem pão com mortadela em troca. No contexto do acontecimento, a expressão “mortadela estragada” significa que alguma coisa está na eminência de dar errado em relação a Temer e ao contexto do julgamento do impeachment. No caso da expressão “Cheiro de fim de festa”, a referência é o fim do período do governo de Dilma Rousseff, sinalizado pela possibilidade do impeachment.

³⁹ Resposta do comentário: C1c Sinto cheiros que se misturam: Cheiro de traiagem, cheiro de rasteira, cheiro de mau caráter, cheiro de oportunista e finalmente...Cheiro de falsidade!!!

A expressão “Bando de urubus” no contexto do comentário remete, tanto a Temer quanto a Dilma e chama a atenção para a condição de governantes que se alimentam da máquina do governo e brigam por posições, no caso a “carniça do Urubu”. Um outro exemplo é a expressão “Chupa” que faz referência ao “Bem feito”, “você merece o que está acontecendo com você”, “agora aguenta”, direcionada a Dilma por receber uma carta de Temer com reclamações sobre a forma de condução do governo e a relação desgastada de Dilma com o vice-presidente Temer.

CC7c Cheiro de mortadela estragada ⁴⁰

17

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

CC9c Cheiro de fim de festa⁴¹

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#) 2 a Editado

CC20c Bando de urubus isso.

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

CC38c Chupa!

3

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

O uso de Emojis

Emoji é uma palavra originada no Japão, idealizada por Shigetaka Kurita (FREIRE, 2014) na década de 1990, cuja ideia foi a junção de termos: e (imagem) + moji (personagem), para formar um pictograma. Os emojis são caracterizados por pertencer a uma biblioteca de figuras prontas de ideogramas e smileys, usados em mensagens eletrônicas e páginas web, cujo uso se popularizou em vários países. O emoji sorrindo no comentário CC12c tem a conotação de “eu sei o que estou falando” e, quando colocado no final da frase, pode ter a conotação de amenizar o que foi dito, um sentido de dizer “obrigada”.

CC12c Aê PTralhada sem-vergonha cumpañeira-militante: se isso não for rompimento, rasgo meus diplomas... 😊)

10

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

⁴⁰ Resposta do comentário: C1c Sinto cheiros que se misturam: Cheiro de traiagem, cheiro de rasteira, cheiro de mau caráter, cheiro de oportunista e finalmente...Cheiro de falsidade!!!

⁴¹ Idem

O Uso de palavras abreviadas e/ou substituídas por desenhos.

Uma das características de posts e comentários nas redes sociais é o uso da escrita rápida com o recurso da abreviatura de palavras ou substituições por desenhos. Como no exemplo do comentário CC14c, observam-se as palmas na expressão abaixo com a conotação de “bem feito”, “muito bem”, ótimo, parabéns, caracterizada por uma ironia e a abreviação da palavra mesmo (msm). No contexto do uso das palmas e da observação quanto à abreviatura da palavra mesmo (msm), a expressão usada por CC14c pode ter o seguinte significado: “na verdade, vocês não são inteligentes em pensarem como estão pensando.

CC14c Uh!!! Temer a salvação do Brasil, o msm que assinou decreto das pedalas fiscais, que de fato provado por A+B que não é motivo para impeachment, e amiguinho e sócio de Cunha! To procurando palavras pra homenagear a inteligência de vcs 🙌🙌🙌🙌🙌
 🙌 Infelizmente vou ficar aqui vendo se o golpe vai dar certo !!!
 8
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder 2 a Editado](#)

O uso do Rsrtrs

Muito utilizada na rede social, a expressão (rsrtrs) aparece nas interações entre os sujeitos, podendo significar sarcasmo, deboche, indignação ou uma simples risada, podendo ser apreendido seu significado a partir do que é dito na frase, como no caso do uso da expressão utilizada por CC44c. Nesse contexto, a significação de (rsrtrs) é de uma situação para o sujeito do comentário, “facilmente perceptível” quanto às intenções da carta de Temer, o que significa: “é lógico que foi Temer que tornou pública a carta por interesses óbvios”.

C44c Resumindo, "Senhora presidente, eu passei por tudo isso e nunca reclamei, agora vou usar da minha covardia para não encará-la e por saber que terei vantagens em sua saída, vou escrever uma carta pessoal que eu a tornei pública" rsr
 9
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder 2 a](#)

O uso da expressão Hahahahaha e/ou kkkkkkkk

A expressão no dispositivo tem a conotação de risada, gargalhada. Conforme o contexto, pode ser uma risada referente a achar engraçada determinada situação ou comemoração ou deboche. No comentário cc28c, o (hahahahaha) parece ser de

comemoração devido à argumentação que precede a expressão, caracterizada pela forte possibilidade de aprovação do impeachment para o sujeito que comentou. No comentário cc62, a expressão kkkkk é de deboche, minimizando os debates do acontecimento. Observa-se que o sujeito que comentou, destacando ser pitoresco os debates na rede social, colocando-os como pejorativos, usa ele mesmo a expressão de risada, contrariando sua indicação, tendo ele mesmo, atitude igual a que denunciou.

CC28c Sinto cheiro de impeachment aprovado hahahahaha⁴²

[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

CC62 Kkkkk o velho argumento... pão com mortadela, pizza, coxinha, kibe.... o nível do debate político de alguns brasileiros é pitoresco!

[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder 2 a](#)

NAS INTERAÇÕES DA MATÉRIA DA REVISTA VEJA "MARCELA TEMER: BELA, RECATADA E DO "LAR"

O uso do affffff

O uso da interjeição (af) em comentários na rede social tem a conotação de descontentamento, indignação e insatisfação. A expressão é apresentada como uma onomatopeia, cujo sentido é de reação a algo de que o sujeito não gostou na rede social. Comumente encontrada como uma reação a comentários inoportunos, reclamação (ela própria é uma reclamação). Pode também ser uma demonstração de espanto ou reação para tolices em geral (FERNANDES, 2018). No comentário C21r, a expressão representa com sarcasmo, reprovação das ações de Marcela Temer. O valor dado a informação é reforçado na continuação do comentário ao dizer que adora “ver esses sem nada na cabeça, babando por porcaria e torço para q consigam...RS” (em referência às pessoas que comentam à favor de Marcela Temer no dispositivo). Observa-se que ao falar de Marcela Temer como uma “sem nada”, o sujeito do comentário se refere à esposa de Lula, destacando que ela é pior que Marcela, em razão Temer estar melhor que Lula.

C21r Fala sério... Kkkk
 Essa interiorana só pensa em dinheiro... Affffffffff

⁴² C1c Sinto cheiros que se misturam: Cheiro de traiagem, cheiro de rasteira, cheiro de mau caráter, cheiro de oportunista e finalmente...Cheiro de falsidade!!

Adoro ver esses sem nada na cabeça babando por porcaria e torço para q consigam...RS
Com certeza, Temer está melhor q Lulla, mas nenhuma das duas vale um pacotinho de biscoito...
Valorize o q tem valor e não o q tem preço...

38

[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

CC65 Exatamente!! Fedendo muito tudo isso !! Aff⁴³

[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

A questão da interpretação

A questão das diferentes interpretações ou entendimentos em relação às postagens, aos comentários e aos posicionamentos na rede social, tem sido frequentemente debatida entre os sujeitos que usam o dispositivo. Observa-se certa dificuldade de compreensão entre os sujeitos por divergência entre o que se diz ou o que se queria ter dito e o que foi compreendido, interpretado, motivo que tem gerado desafetos e insultos até entre amigos da rede social. Para o sujeito CC26, uma das justificativas para a falta de entendimento ou a dificuldade de interpretação é a maturidade das pessoas, a capacidade de empatia, de se colocar no lugar do outro. Embora o comentário use de ironia para abordar a questão, a ideia indicada no comentário é que imagens e recursos pictográficos podem ajudar na compreensão do que se deseja comunicar, notando que em textos que contenham somente palavras, requerem maior aprendizado para interpretá-los.

CC26r [...] faltou ilustração na matéria? Depois que acaba a infância não tem mais figurinha, tem que aprender a interpretar o texto só pelas palavrinhas.

27

[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

O uso de # (hashtag)

As palavras ou termos que recebem na frente o símbolo da cerquinha ou do “jogo da velha” (#) são chamadas de Hashtags. Frequentemente usada nas redes sociais, a hashtag é um recurso técnico de palavras chaves; referenciam a publicação e caracterizam a identidade do tema publicado para links a outras publicações compartilhadas com o mesmo

⁴³ C1c Sinto cheiros que se misturam: Cheiro de traiagem, cheiro de rasteira, cheiro de mau caráter, cheiro de oportunista e finalmente...Cheiro de falsidade!!

tema. As hashtags podem ser usadas como buscadores na rede social, porque conectam todas as publicações de temas iguais, identificadas por hashtags para uma única página de divulgação. Como exemplo, a hashtag (#Nãoovaitergolpe) tornou-se uma grande manifestação na rede social contra o impeachment, com a qual o sujeito do comentário usuário do Facebook se identifica. No entendimento de parte da população, o impeachment é um golpe e a justificativa de crime de responsabilidade fiscal contra Dilma Rousseff não se aplica ao caso de “pedaladas fiscais”, como ficou conhecida. Para as pessoas que são contra o impeachment, trata-se de um golpe construído pela oposição do partido da presidência (PT) e por parte do congresso nacional na retomada do poder, em alinhamento a posições da direita partidária, como apresentado na contextualização dos acontecimentos.

CC42 #Nãoovaitergolpe
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

O uso de reticências

A reticência é um sinal de pontuação que marca uma interrupção, indicando uma suspensão na frase (RETICÊNCIAS, 2018). O uso da reticência na rede social deixa a ideia em aberto para que ocorra a continuação de uma ideia que parece óbvia, embora nem sempre o seja na forma que o sujeito a usou, pensou. A reticência pode indicar sentimentos, uma ação que ainda não acabou, sensações, ideia de prolongamento, realce de palavras, interrupção de diálogos ou citação incompleta. Embora sujeita a distorções, as reticências são usadas com frequência em posts e comentários na rede social. No caso de CC16r, as reticências substituíram a citação do texto a qual o comentário se refere.

CC16r Lacrou no teu comentário...perfeito...esse tipo de reportagem é no mínimo.... Nojento...
11
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

Lá vai “textão”

Um texto acima de 300 caracteres para a rede social é considerado longo. No Facebook, embora não existam limites estipulados pelo dispositivo, observa-se um policiamento dos usuários em relação ao tamanho do texto.⁴⁴ A medida é baseada nos frequentes comentários dos sujeitos que usam o dispositivo. Nesse caso, ao postarem conteúdos mais longos anunciam o “textão”, a fim de anteciparem às pessoas que vão interagir, preparando-as em certa medida para o que vão encontrar e, ao mesmo tempo, encorajá-las a ler.

O uso de Ironias

A Ironia é uma figura de linguagem já mencionada anteriormente, mas que merece destaque em relação às demais. A incidência do uso na rede social ganhou maior proporção de significação, usada como forma de manifestação e denúncia no dispositivo. A ironia, quando usada, caracteriza a inversão de sentido ao afirmar o contrário do que se pensa, tendo em vista a sátira ou a ridicularização (PASCHOALIN, 1997). Observa-se que o uso frequente da ironia, em relação à divergência de opinião e interpretação dos fatos, fez com que alguns usuários da rede, preocupados com a questão da apropriação e entendimento do que de fato se deseja falar, optasse pelo recurso de avisar que o texto “contém ironia”, sendo a própria ação caracterizada pela ironia de avisar o leitor.

CC1r Qualidades que a Veja destaca numa mulher: Tudo bem estudar, mas nada de trabalhar. Trabalho não é coisa de mulher. "Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão";
 - Trabalho só se for rapidinho, só pra experimentar. Concurso de beleza tá liberado. Nada de mostrar inteligência e aptidões além de escolher o tonalizante do cabelo. "Marcela comporta em seu curriculum vitae um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo";
 - O lugar da mulher é cuidando da casa, do marido, dos filhos e dela, mas só se for pra agradar o macho. "Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele)."
 - Mulher boa é aquela que fica quieta. Nada de ter opiniões, pensar por si mesma ou pensar em algo além de servir a família. "Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes."
 - Mulher ideal é aquela que vive em função do marido, cuidando dele como se fosse um incapaz. "Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido

⁴⁴ Compreendido com base em outra rede social (Twitter) que limita os textos publicados em 280 caracteres

informado sobre a temperatura ambiente."
 - Bom é quando a família decide com quem a filha vai casar. Melhor ainda se for um velho babão cheio de dinheiro roubado. "Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer."

Eu achei que estivesse em 2016, mas pelo visto a veja parou em 1920. Só faltou fechar, dizendo que mulher não serve pra presidência, que ocupa bem melhor a posição de bibelô do presidente.

870

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

[Ocultar 52 respostas](#)

O uso de gírias

A gíria é uma linguagem informal caracterizada por metáfora ou palavra jocosa e “elíptico ágil e mais efêmero” em relação à língua tradicional (GÍRIA, 2018). Construída e usada por um grupo social específico, dentro e fora da rede social os termos em gíria são produzidos pelos mesmos movimentos de significação, conforme o contexto é usada uma determinada palavra para se identificarem. No comentário de C44r a expressão “BICHA, PARE!” foi usada para chamar a atenção ao exagero da reportagem da revista Veja ao tecer elogios a Macela Temer. Os elogios foram considerados cafonas (fora de moda) pelo sujeito que comentou o post. No caso do comentário CC27r, “Lacrou”, faz referência ao comentário de C1r que discorda do conteúdo da reportagem. A gíria, nesse caso, é um elogio à crítica feita por outra pessoa por quem se viu representada.

C44r Do Lar, recatada, saia no joelho, cafona no último e encarando um sujeito de 75 anos... BICHA, PARE! KKKKKKKKKKKKKK

5

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder 1 a Editado](#)

CC27r Lacrou

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

Pedido para copiar ou compartilhar um post ou conteúdo

Pedir para copiar ou compartilhar a postagem ou o comentário é comum na rede social. O pedido acontece como uma forma de licença, mas também representa elogio, já que os conteúdos são públicos para compartilhamento (com exceção dos posts configurados para não compartilhamento). A ação pode ser feita sem nenhum posicionamento explícito de quem compartilhou (nesse caso, a interpretação é feita com base nos posts realizados

costumeiramente pela pessoa) ou vir acompanhada de comentário ou crítica que reafirma o posicionamento de quem postou em relação ao conteúdo compartilhado. Nos comentários, observa-se que o sujeito CC8r solicita a autorização para copiar o comentário feito por CC19r. Observa-se que, por se tratar de um comentário, é necessário colocar o crédito (citar), o nome de quem o fez, conforme destacou CC19r. Diferentemente do que acontece no compartilhamento de posts, que pode ou não ser feita a inclusão do nome de quem compartilhou primeiramente o conteúdo. A função de compartilhar no dispositivo apresenta, de forma automatizada, a origem do post como opção pública, podendo ser aceita ou não pelo sujeito.

CC8r Anei, posso copiar o finzinho?
8
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

C1r Podem copiar gente! Só colocar o crédito que fica tudo lindo 😊
9
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

7.3 A interação com os conteúdos das postagens

Nessa categoria, o exercício empreendido foi o de compreender a interação dos sujeitos com os conteúdos das postagens, os quais revelou os questionamentos, avaliações e supostos julgamentos realizados pelos sujeitos em relação às informações circulantes nos acontecimentos em diferentes dimensões. Com base nas observações realizadas em torno das interações do primeiro acontecimento (A Carta de Temer a Dilma), a centralidade das discussões foi o aspecto de quem emitiu a informação ou produziu e publicitou, além dos posicionamentos em relação aos sujeitos que interagiram no dispositivo. Já, no segundo acontecimento (A reportagem sobre Marcela Temer), a tônica das interações dos sujeitos foi direcionada ao conteúdo da postagem, ou seja, o assunto, a abordagem da informação. Embora diferentes os aspectos, ambos olhares conformam o valor da informação e se referem a atributos da materialidade da informação e sua ligação com os interlocutores. De naturezas diversas, os interlocutores incluem pessoas físicas comuns ou com alguma notoriedade pública, autoridades informacionais, midiáticas, empresas e instituições que podem ou não exercer influência e poder na rede social. Isso quer dizer que para os sujeitos, quem fala, o que fala e como se fala um determinado assunto no dispositivo conforma e incide sobre a informação o seu valor, como discutido em Regimes de Informação. A emergência desses

dados foi separada por eixos explicativos no interior de cada postagem, caracterizando uma unidade informacional, uma relação de atributos que não se separam, mas se constituem em ações de informação no interior do dispositivo.

7.3.1 Carta de Temer a Dilma

A linguagem forma o mundo social ao desempenhar a mediação interpretativa dos conhecimentos do mundo; com base em recursos e funções linguísticas colaboram à disposição dos sentidos, configurados nos significados compartilhados. Para desempenhar a função de mediar a compreensão de quem fala ou escreve uma mensagem e consegue transmitir de uma maneira que a outra pessoa entenda o que está sendo transmitido, a linguagem necessita de elementos linguísticos, cujas funções contribuem para essa compreensão. Nesse sentido, os sujeitos que interagiram com a postagem da carta de Temer a Dilma, levantaram questionamentos que dispuseram eixos explicativos sobre a interação.

- Quem fala na carta, diz a respeito da legitimidade da informação.
- Por que fala, referente à intencionalidade da carta.
- O que fala, o conteúdo e suas referências.
- Quando e onde fala, a visibilidade e o tempo da ação de comunicar na rede social.

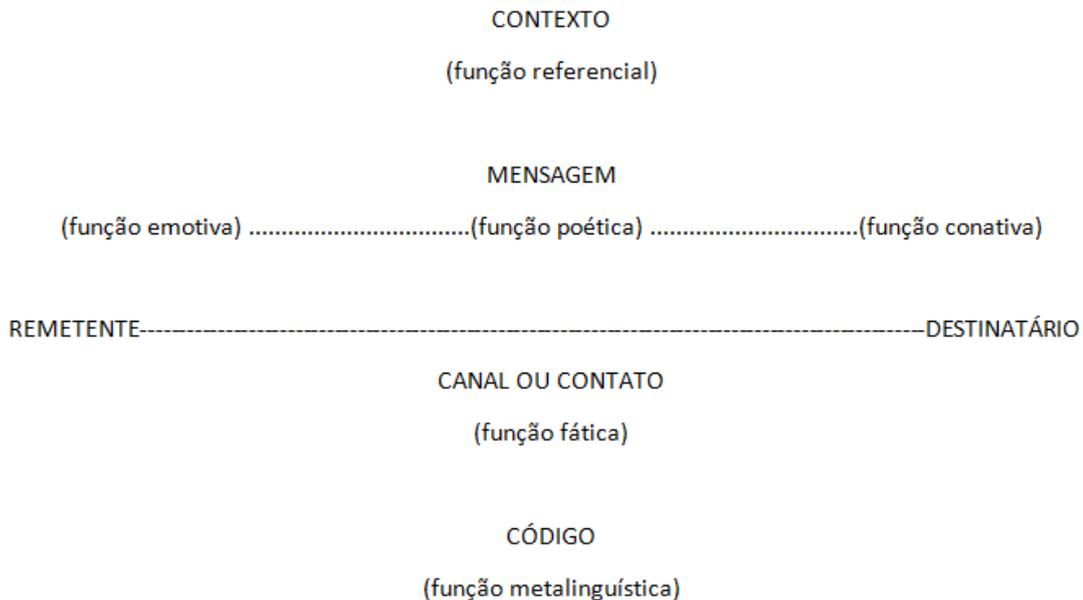
Uma das principais referências nos estudos das funções da linguagem são os estudos de Jakobson (1960), o qual analisou a relação entre a poética e a linguagem cotidiana. O autor apresenta as dimensões da linguagem, observadas nas interações como atuantes no processo de significação da informação, problematizadas a partir dos eixos das questões levantadas sobre o texto. Jakobson (1960) ampliou o modelo triádico da linguagem, elaborado por Karl Bühler⁴⁵, aprofundando a discussão sobre novos elementos em relação ao modelo de Bühler. Sua contribuição foi além de destacar as três funções linguísticas do autor, função expressiva, de representação e de apelo; Jakobson (1960) acrescentou outras três funções: poética, fática e a metalinguística, baseada em fatores comunicacionais – emissor, receptor, mensagem, referente, código e canal e as relacionou com as funções: emotiva, conativa, poética, referencial, metalinguística e fática, a partir de um critério de predominância, como destaca Auroux (1998, p. 40).

⁴⁵ Karl Bühler. Bühler foi um dos teóricos mais influentes no Círculo de Praga, do qual adotou-se o *modelo-órganon* da língua, expandido por Roman Jakobson. O modelo proposto por Bühler desenvolve a concepção do triplice caráter instrumental da linguagem, onde *sender*, *gegenstände und Sachverhalte* e *empfänger* se referem, respectivamente, aos três “fundamentos da situação linguística”: o remetente, os objetos do discurso e o destinatário (HOLENSTEIN, 1978, p. 157).

- função expressiva ou emotiva centrada no destinador ou emissor (interjeições);
- função conativa, orientada em direção ao destinatário (imperativos);
- função fática, destinada a verificar se o circuito de comunicação funciona (“alô, você me ouviu?”);
- função metalinguística, centrada no código (“o que você quer dizer?”);
- função poética, centrada na mensagem, colocando em evidência o lado palpável dos signos, por exemplo, na paronomásia, “l’affreux Alfred” [o horrível Alfredo];
- função referencial, que serve a ou se liga a (uma situação específica).

Para Aurox (1998), as seis funções desenvolvidas por Jakobson (1960) resultam num modelo detalhado das funções da linguagem, com ênfase na comunicação verbal, apresentado por meio de um esquema construído pelo próprio autor. Cada função se refere a um dos fatores constitutivos que sustentam o ato da comunicação verbal, cujos fatores podem ser melhores explicados pelo esquema de comunicação elaborado por Jakobson (2005, p. 123):

Figura 12 – Esquema de comunicação de Roman Jakobson



Fonte: Jakobson (2005, p. 123)

O esquema elaborado por Jakobson (2005, p. 123) compreende que, o remetente (**quem fala**) envia uma mensagem (**conteúdo**) ao destinatário (**para quem fala**). Para ser eficaz a comunicação, a mensagem requer um contexto (**situacional**) a que se refere,

apreensível pelo destinatário e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um código (**objetivação**) total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário e, finalmente, um contato (**Canal que liga um ponto ao outro**), elemento físico, além de uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a entrar e a permanecer em comunicação. A contribuição de Jakobson foi a de estabelecer as funções da linguagem com os fatores constitutivos da comunicação verbal, mas que compreende aspectos da interação em dispositivos. O autor alerta à diversidade da função em cada mensagem, presente na predominância de situações específicas. Para Jakobson, a estrutura comunicacional implica significação, destacando a relação entre a estrutura, a função e as significações dos discursos.

A centralidade da significação dos sentidos perpassa aspectos funcionais e estruturais da linguagem e se constitui nas construções intersubjetivas, relacionadas às significações compartilhadas. Sobre esse aspecto, Berger e Luckman (2013) defendem que a realidade é dotada de sentido e forma um mundo inteligível e coerente aos indivíduos por meio dos aspectos que formam o mundo intersubjetivo do senso comum. A linguagem, neste contexto, insere-se como elemento organizador dos significados dos objetos cotidianos. Na vida cotidiana, os objetos são, em grande parte, pré-estabelecidos em uma possibilidade de enquadramentos. Esta organização é dada pela linguagem, à medida que interpretações de fatos, denominações de objetos e o propósito no cotidiano configure fenômenos já estabelecidos (a priori).

Cada sujeito recebe pelas interações do dia a dia uma dimensão interpretada e enquadrada (uma aproximação) dos sentidos do mundo, em que a linguagem estabelece relações lógicas entre os objetos e os significados dentro de um universo de possibilidades, organizando tais sentidos, de modo que o cotidiano passe a ser coerente. A realidade é constituída de várias esferas e a consciência individual, o pensamento é capaz de transitar entre elas. A linguagem é, portanto, elemento que permite não só coordenar a vida cotidiana, mas também categorizar as diferentes realidades e interpretá-las⁴⁶.

Um caso especial mas decisivamente importante de objetivação é a significação, isto é, a produção humana de sinais. Um sinal pode distinguir-se de outras objetivações por sua intenção explícita de servir de índice de significados subjetivos (BERGER; LUCKMAN, 2013. p. 53).

Os sujeitos compreendem o mundo e dão forma às informações recebidas pelos aspectos descritos, entendidos como elementos da materialidade da informação. Nesse sentido, os achados empíricos, presentes na discussão dos resultados, intentam apresentar alguns dos significados e valores das informações, atribuídos pelos sujeitos que interagiram

⁴⁶ Observa-se que na comunicação face a face, diferente da mediação no dispositivo, a linguagem possui uma qualidade inerente de reciprocidade que se distingue de qualquer outro sistema de sinais. Berger e Luckman (2013. p. 56).

na ocasião da notícia e com as autoridades informacionais; o momento (espaço temporal) da notícia, além das relações com o contexto político e social na conformação do regime de informação. Refere-se, portanto, à metainformação da ação de informação, os conteúdos e suas ligações com o contexto e possíveis enquadramentos, citado por Berger e Luckman (2013) como parte dos fundamentos do conhecimento que circulam no dia a dia.

7.3.1.1 Quem fala?

Pertencer à rede social Facebook diz respeito a participar das interações ocorridas no interior do dispositivo; baseia-se em pertencer a um determinado grupo (fechado ou aberto), conforme as configurações escolhidas, agindo sobre os conteúdos veiculados e vinculados à rede por grupos de relacionamentos, pessoas e páginas. A participação dos sujeitos no interior da rede ocorre, essencialmente, por meio das principais ações do dispositivo que inclui - curtir, seguir, compartilhar, comentar, acompanhar, entre outras.

Uma das questões postas como eixo explicativo à conformação da materialidade da informação - “Quem fala?” - emergiu nos comentários e entrevistas com regularidade, apresentada pelos sujeitos como essencial nos relacionamentos da rede. Os sujeitos ponderam, avaliam e julgam as pessoas, sites e páginas responsáveis pelas notícias, a fim de validar o conteúdo das postagens. Posteriormente, avaliam também quem curtiu a postagem, comentou e/ou curtiu os comentários, além da participação nos debates no interior das postagens, atribuindo juízo de valor para escolher a condição de opositor ou se filiar, concordar ou apenas acompanhar o conteúdo das postagens e comentários realizados pelos sujeitos.

Seja na condição de ouvinte, sujeito que acompanha a postagem, a notícia e as discussões ou participante ativo em uma situação de diálogo e debate, a situação remete à **legitimidade** de quem fala, seja pessoa, empresa ou instituição que está com a palavra na postagem ou nos comentários. Nesse caso, configura-se um poder que pode ser momentâneo (no momento da fala) ou se tratar de uma autoridade midiática e/ou informacional. Nas duas situações é vinculado o aspecto de **legitimidade** que outorga poder à palavra, ligada a quem está falando, correspondendo ao quanto será considerado válido o que está sendo dito. No referencial teórico, a legitimidade da fala ou das ações em comunicar um determinado conteúdo é abordado por González de Gómez (2012) e Frohmann (1995), como um dos aspectos centrais à constituição dos Regimes de informação, aprofundando a discussão sobre a participação dos sujeitos e o exercício da influência sobre pessoas e conteúdos informacionais.

Para Weber (2002), a legitimidade está ligada a um modelo de autoridade de coerção, constrangimento e vigília, o qual pode ser impelido a concordar por medo, pressão

ou interesses particulares ou públicos. Habermas (1997, p. 172), no entanto, vai além do entendimento de Weber ao considerar outra forma de legitimidade. Para o autor, a legitimidade pode vir pela aceitação do que se fala, a concordância (filiação ao discurso), envolvendo outros fatores apresentados não como situações isoladas. Habermas defende a legitimidade como um processo dinâmico, ligando o aspecto racional (do que se pensa sobre o assunto) à real situação ou informação veiculada.

Sem entrar na discussão jurídica da legitimidade, tratando-se aqui o aspecto das relações interpessoais, o movimento de legitimidade é praticado por um sujeito, mas tem origem em outro sujeito ou ação que o autoriza, ligados às questões éticas e de valor. Para essa investigação, a legitimidade é uma qualidade atribuída à manifestação da vontade de um determinado sujeito no exercício de um poder decorrente da tomada de decisões nas manifestações no interior do dispositivo, o qual encontra apoiadores ao poder de fala ou opositores, contrários ao seu posicionamento, podendo ser ou não circunstancial. Observou-se que os comentários relacionam a legitimidade ao caráter, à inteligência, à lei, ao poder e à visibilidade.

No dispositivo, a forma mais comum de dar legitimidade a quem está falando e, conseqüentemente, valor à informação, é o ato de curtir e as ações de comentar e compartilhar com variações de significação. Quanto à especificidade dos comentários e respostas, denota-se a respeito do posicionamento do sujeito da ação, que impactam na legitimidade de quem fala, seja o falante que divulgou a notícia (no caso o site O Globo), o ator falante na notícia (Temer que fala para Dilma) e quem posta ou a comenta, o sujeito que se posiciona a favor ou contra, conforme a avaliação pessoal e interação no dispositivo, isto é, trata-se de situações particulares que necessitam serem observadas de perto dentro do contexto.

C1c Sinto cheiros que se misturam: Cheiro de traiagem, cheiro de rasteira, cheiro de mau caráter, cheiro de oportunista e finalmente...Cheiro de falsidade!!!

[438](#)

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#) 2 a Editado

[72 Respostas](#)

C5c Essa senhora teve com Temer e o PMDB a postura digna dos traidores, dos oportunistas colocando etiqueta de preço em cada um e os tratando como mera mercadorias. Taí o preço.

26

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#)

1 resposta

Nos exemplos acima, é possível notar (C1c) que a pessoa interpretou como falsa a atitude de Temer com Dilma, ou seja, reprovou Temer em relação a sua postura, ao ‘cobrar’ de Dilma outra postura por meio de carta pública no momento em que ela passa a ser investigada. Nesse caso, os 438 usuários concordaram com ele, curtindo seu comentário, caracterizando uma espécie de filiação ao discurso, uma das formas de legitimidade do que foi dito no Facebook. O comentário do C1c recebeu 72 respostas, caracterizando um debate sobre o posicionamento dos sujeitos. No comentário do C5c, percebe-se um posicionamento parecido, com menor participação de interações (26 curtidas e uma resposta).

Dentre as respostas, encontram-se sujeitos que se veem representados por suas falas e reforçam o posicionamento, configurando outra forma de dar legitimidade ao que foi dito.

CC6c Faço minhas suas palavras [...].

1

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

CC24 Temer é safado.

1

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

Posicionamentos opostos, com interpretações do acontecimento contrárias ao comentário, também são encontradas no interior do debate, como no caso das respostas CC34c e CC48c.

CC34 Temer ganhou meu respeito.

3

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

CC48 Parabéns Temer!

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

Nesses casos, os sujeitos discordaram do comentário ao se colocarem a favor de Temer, o que não configura necessariamente, dentro do debate, falta de legitimidade do falante, mas sim a interpretação e posição frente ao acontecimento.

CC15 Falsidade? Nunca vi um político sendo tão sincero.
11
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

Outro aspecto são os posicionamentos contrários aos comentários que desqualificam o falante da notícia, possíveis de serem percebidos conforme a argumentação, dispendo sobre a legitimidade das pessoas que concordam com a notícia. Como na fala de CC26c, que atribui a condição de igualdade entre Temer e Dilma, responsabilizando quem votou, pois votou nos dois (presidente e vice), nesse caso, não há autoridade para falar.

CC26c ele é vice pq voces colocaram ele nesse cargo junto da dilma de presidente, é culpa de voces esse "atual momento" kkk
5
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

Outro aspecto da legitimidade é possível de ser observada na fala do sujeito CC14c; para ele, os comentários das pessoas que responderam a favor de Temer não têm legitimidade, já que sendo a favor dele e ele não tendo legitimidade, não devem ser considerados, indicando à falta de inteligência. Nesse caso, observa-se também a indicação quanto à capacidade cognitiva ou à inteligência, sinalizada como um fator que vincula **legitimidade e inteligência**. Na argumentação de quem é inteligente merece ser ouvido e tem legitimidade para falar.

CC14c Uh!!! Temer a salvação do Brasil, o msm que assinou decreto das pedalas fiscais, que de fato provado por A+B que não é motivo para impeachment, e amiguinho e sócio de Cunha! To procurando palavras pra homenagear a inteligência de vcs 🙌🙌🙌🙌
🙌 Infelizmente vou ficar aqui vendo se o golpe vai dar certo !!!
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

Mais um exemplo sobre a legitimidade de quem fala está no posicionamento do sujeito CC31c, o qual faz menção a um grupo de comentários de sujeitos que são a favor de Temer.

CC31c Conspiradores não passarão! Le-ga-li-da-de... falta legalidade constitucional para tal afastamento. Vcs, ávidos por "justiça", estão se fazendo de desentendidos ou tomam os outros por idiotas... só pode!
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

O sujeito contrário a Temer critica sua **legitimidade com base na lei** (legalidade), fator indicado com legitimador de força maior, inquestionável pela própria força da lei, a “justiça”. Além disso, observa-se a incidência do fator da inteligência ou a falta dela, a ignorância em relação às leis, podendo ser intencional, outro aspecto da materialidade da informação.

O debate se estabelece à medida que os posicionamentos vão se sobrepondo no dispositivo. Entretanto, o debate não desqualifica diretamente os falantes quanto à legitimidade de quem se manifesta no dispositivo; depende da argumentação, do uso de linguagem específica, como nos exemplos “se fazendo de desentendidos” “idiotas”, “golpistas”.

CC31c O art. 85 da CF parece valer apenas para o governo Dilma. E apenas para as contas de 2015 que se quer foram analisadas. Interessante a lógica golpista!
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

CC41c Petista acha que é golpe pois não reconhece a legitimidade da lei de responsabilidade fiscal.
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)
[Responder](#)

Pode-se observar na resposta dos sujeitos CC31c e CC41c, novamente, a lei como fator de legitimidade. O sujeito CC31c responde com base na intencionalidade, quando a lei é aplicada para apenas um período, tratando esse tipo de interpretação tendenciosa, ao chamar de “golpista”⁴⁷. Nessa situação, o CC41c contra argumenta não se tratar de golpe devido ao respaldo legal, apontando ao aspecto da legitimidade com base na interpretação e no entendimento de “golpe”, destacando o aspecto subjetivo da legitimidade.

Na sociologia, o golpe de Estado:

⁴⁷ Ver em Houaiss: “1. golpista é aquele que dá golpe (no sentido de manobra desleal e golpe de Estado) ou golpes. 2. Que ou quem é favorável a golpe (s) de Estado.” (GOLPISTA, 2018).

é uma ação súbita através da qual um líder ou um governo são substituídos por outro mediante emprego de força. Essa força é costumeiramente praticada por facções [...], porque em numerosas sociedades, em especial no Terceiro Mundo [...] têm monopólio dos instrumentos de força.

Uma vez que esses golpes concentram-se mais nas mudanças de governos do que na natureza do Estado em si, como instituição social eles tendem a gerar um nível pequeno e, muitas vezes, temporário de mudança social, se é que há alguma (JOHNSON, 1997, p.117).

Outro aspecto da legitimidade é destacado no comentário do sujeito C3c. Para ele, **legitimidade e poder** se relacionam, de maneira que para se ter “poder absoluto”, tem-se a necessidade de apoios de pessoas ou entidades com poder, ou seja, aquele que confere poder a outro em seu nome. Isso significa que a legitimidade pode ser baseada em aspectos arbitrários, de escolha por meio do poder concedido a outro por motivo diverso, caracterizado por uma escolha. Para C3c, o contrário também acontece, um ente sem legitimidade está ligado à rejeição de referências de poder e à filiação a entes sem prestígio.

C3c Uma coisa é fato, independente de o governo cair ou não, se não cair, não conseguirá mais governar como quer, não vai mais pra frente o projeto de poder absoluto. Não tem mais o apoio dos principais partidos do país, tem que se contentar com apoio de partidos com ideologia utópica, dos extremistas, dos vitimistas. Voltou o ser o PT lunático dos anos 80, com os discursos populistas, utopicos... Ainda mais tem o apelo popular, baixa avaliação positiva, alto índice de rejeição... É o fim do projeto de poder, é o fim do PT. Graças a Deus...

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)

[Responder](#)

A relação da legitimidade com a arbitrariedade para o sujeito C14c também está ligada ao apoio, destacando a cumplicidade para o alcance de interesses particulares, contrários à noção de representatividade política, isto é, aquele que está a serviço do povo, para o povo. Para C14c, o aspecto da legitimidade ligada ao prestígio, reforça que a carta de Temer significou uma suposta separação de Dilma por ocasião da possibilidade do Impeachment, para melhorar seu prestígio e continuar a governar independentemente dela.

C14c Me desculpe dizer, pelo que li entendi que ele se encontra muito descontente e desapontado com a presidente, mas em nem uma parte li ou entendi que o PMDB esta abandonando o governo. O que acontece é que ele apoiou pelo menos até agora o governo, então foi cúmplice sim, mas perdeu o pouco do respeito que ainda tinha da presidente, agora com esta carta, parece dar um ultimato a presidente ou seja quer ver se ainda consegue reaver seu prestígio junto a ela, se conseguir continuara a defende-la ajudando-a na continuidade da usurpação a Nação brasileira.

4

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#)

Ademais, um aspecto importante da legitimidade em destaque, percebido nos comentários da Carta de Temer a Dilma, é o momento que emerge o acontecimento em si. Na rede social, o próprio acontecimento pode ser considerado um fator de legitimação, como aponta c17c.

C17c Mamado o possível (e impossível), é chegada a hora de deixar o barco que ajudei a afundar e sair das sombras como a opção da mudança e da esperança... Cunha será meu VP!" O resumo é mais ou menos isso aí...
3
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#)

Para o sujeito do comentário há o aspecto simbólico do acontecimento da carta em que consta sobre o momento da ocorrência dos fatos. Nesse sentido, ele chama a atenção à **legitimidade outorgada pela visibilidade** (outra subcategoria da materialidade) ao destacar a ação de “sair das sombras” que, nesse caso, significa tornar-se protagonista da história (que o sujeito destaca parecer ser a intenção de Temer), sair ileso de possíveis rusgas quanto à suposta falta de legitimidade em relação a Dilma frente ao pedido de Impeachment.

7.3.1.2 Por que fala?

Na rede social, a participação dos sujeitos pelos mecanismos de interação do dispositivo se caracteriza por diferentes dimensões na especificidade, “materialidade” que dá forma à ação na perspectiva de Regimes de informação. Os sujeitos imprimem às ações uma atribuição de sentido, indicada na categoria ao apresentar ou questionar o porquê de se falar ou informar determinado conteúdo, seja na postagem ou em comentários dos posts do Facebook. O que se observa põe em evidência a **intencionalidade** da participação dos sujeitos, relacionada à consciência e à temporalidade da ação. Entende-se, assim, na vertente do estudo, que o conhecimento sobre o sentido de falar um determinado assunto num momento específico, perpassa interesses de diferentes naturezas, configurando um ato individual e social de participação.

O Facebook, ao se conformar como um dispositivo com dimensões de interação, abriga interesses de natureza particular e coletiva. Nesse sentido, a interpretação da ação para compreender os sujeitos se constitui um fenômeno de significação, envolvendo aspectos subjetivos e intersubjetivos que abarcam discussões sobre a intencionalidade das ações encontradas em diferentes áreas do conhecimento à sustentação teórica. Um caminho possível é a crítica ao positivismo, à possibilidade do olhar fenomenológico de Husserl e Heidegger no âmbito da filosofia ou, ainda, a pragmática da comunicação de Habermas que

diverge em alguns pontos das abordagens da filosofia clássica à contemporânea e converge com alguns pontos desse estudo.

Para Husserl (1996, p. 27), a relação do tempo com a consciência diz respeito à intencionalidade das ações. O autor propõe que "voltemos às coisas mesmas, porque delas emerge todo o conhecimento". Voltar às coisas mesmas significa retornar ao modo como os fenômenos aparecem à consciência, ou seja, buscar entender por que ocorre o pensamento de determinada forma em um determinado momento. Uma relação de historicidade e expectativa que, ao mesmo tempo atualiza e espera algo, um processo de significação (HUSSERL, 1994, p. 57).

Em Habermas, conhecida como uma sociologia (radical), melhor dizendo, humanismo radical, encontram-se críticas às abordagens que limitam a ação dos sujeitos unicamente às coisas já existentes, como a fenomenologia de Husserl. Para o autor é insuficiente pensar a intencionalidade apenas como uma atitude natural da vida cotidiana, indicando para uma postura filosófica capaz de considerar e descrever a estrutura essencial do mundo da vida, valorizando as potencialidades humanas à superação de um social dado como pronto ou acabado.

A contribuição de Habermas para o estudo diz respeito à permanente crítica sobre o desenvolvimento social e histórico com o foco na ação humana e no contexto situacional. Ao adotar um olhar para duas esferas, individual e cultural, o autor defende que o fundamento da ação é a comunicação humana, que depende da vontade ou intenção e das habilidades comunicativas. Para Habermas, o mundo é produto do conhecimento e, nesse sentido, a consciência ou o saber são entendidos como uma projeção para o exterior (mundo externo ao sujeito), por meio dos atos intencionais que, por sua vez, criam e dão sentidos ao mundo (HABERMAS, 1983).

Discutir a intencionalidade na dimensão da materialidade da informação foi uma ação dos sujeitos, apreendida na interação dos acontecimentos selecionados. Um dos aspectos que serviram ao entendimento do que dá forma interpretativa à informação. Algumas falas no dispositivo deixam em evidência a intencionalidade ligada a interesses que motivam as ações. À compreensão do que se trata, é possível capturar nos comentários alguns apontamentos em relação a essa dimensão da relação dos sujeitos com a informação.

C9c Esse filha da puta, tá a um passo de se transformar no maior traidor da história republicana do Brasil! A mosca azul já picou o rabo desse viado faz tempo!! Deve ter armado esse golpe junto com o safado do Cunha!!!

13

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#) 2 a Editado

No comentário, o sujeito relaciona a intencionalidade na busca pelo poder a qualquer custo, fazendo menção aos reis que querem se perpetuar no poder, presente na

metáfora “mosca azul”. Observa-se que o C9c, ao se referir a um golpe que para ele foi armado, planejado intencionalmente, faz no seu comentário uma possível relação de Temer com um político, cuja representação é de “poder” conquistado a qualquer custo, mesmo que por meios ilícitos. Dessa forma, coloca em evidência a relação de Temer com um político visto como corrupto, associando a imagem de um ao outro. Nesse sentido, indica para o que seria a finalidade da carta; nesse contexto, seria parte de um golpe à tomada do poder.

Outro aspecto da intencionalidade presente no comentário de C19c é a exposição da intencionalidade, ligada ao fato de ter saído na imprensa (*Facebook*) e ser isso parte de uma armação para se conseguir o que se deseja por meio da força da divulgação. Nesse caso, o que se divulga não é de fato o desejado, mas o que agrada na expectativa de enquadramentos sociais alinhados às intenções de quem ouve e ao sujeito da ação, ou seja, **visibilidade de uma intencionalidade forjada**. No comentário, o sujeito reforça o aspecto de a carta ter saído na imprensa para explicitar o que ele chama de “jogo de interesse”, mostrando intencionalmente seu ponto de vista em relação à imprensa, um jogo de interesse que ele também faz ao ligar os fatos.

C19c Arran, sei... uma carta p Dilma... q saiu n imprensa. qto jogo de interesse proprio. soh podridao.

9

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#) 2 a

O aspecto da intencionalidade notado diz respeito à questão da interpretação dos fatos que favorece a perspectiva pessoal, isto é, uma interpretação **condicionada ao alinhamento de interesses**. Nesse sentido, destaca-se que nenhuma interpretação é neutra, e a forma com que os sujeitos interpretam as situações é sempre construída com base em valores que as cercam.

Como é possível observar, alguns sujeitos entenderam que Temer teria interesses em divulgar a carta (c19c), uma atitude intencional. No entanto, para o sujeito C21c, a interpretação é diferente, porque o sujeito é a favor de Temer, assim, para esse sujeito a presidente teria a intenção, na divulgação da carta, de incorrer em crime, como sinaliza C21c.

C21c Tenha a impressão, SMJ, que a Presidente incorreu na pena do Código Penal, pois divulgou correspondência pessoal: Art. 153 – Divulgar alguém, sem justa causa, conteúdo de documento particular ou de correspondência confidencial, de que é destinatário ou detentor, e cuja divulgação possa produzir dano a outrem [...].

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#) 2 a Editado

O comentário remete à relação da intencionalidade com a manipulação da informação, pela qual se percebe que a intencionalidade tem uma dimensão de valorizar o que se quer, em detrimento ao que seria possivelmente comprovado correto.

O sujeito C11c chama a atenção ao aspecto da viabilidade numa perspectiva de interesses e vantagens que interferem nas ações de informação.

C11c Temer deve saber que talvez a posição dele nao tenha sido muito viável com vice. Porque o partido dele gosta mesmo e de ministério e que role muito dinheiro por sinal. Vejo o PMDB como um amigo traira, quando se estar por cina esta tudo bem na na hora de desgraça ele cai fora e ainda ajuda a empurrar pro fundo do poço!

9

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 2 a

C25c Interessante que enquanto estava tudo bem, sem notícias de impeachment, ele não falou nada.

12

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 2 a

Nesse aspecto, o momento da ocorrência dos fatos em conformação com a manipulação das ações é posta em evidência, chamando a atenção à leitura que se deseja que as pessoas façam da situação, ou seja, uma construção arbitrária para o alcance de interesses.

Ao considerar especialmente o caso da Carta de Temer a Dilma vir a público na rede social, logo após a denúncia contra a presidente e a possibilidade do impeachment passar a ser concretamente cogitado, não parece acaso. A carta assume uma questão simbólica de ruptura, separação, em relação à briga pelo poder e marcação de lados e oposições. Nas interações é possível perceber que nos próprios comentários os sujeitos colocam em evidência os fatos que ajudariam a justificar suas escolhas.

C20c A briga vai ficar boa,um comendo o outro pela perna,acabaram com o país,todos roubaram,vai começar a lavação de roupas sujas,não existe melhor nem pior,todos tiraram seu dinheiro de nós trabalhadores,e não existe um ser decente nesse cenário pra mudar esse país,tinha que fechar congresso,senado,tudo e mandar esses senhores pra casa

1

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 2 a

C37c Doutora DILMA ROUSSEFF (É exagero de minha parte e retiro o que disse). 13. É o número de Sua Excelência (Que determino, seja para sempre lembrado como a Bola da Vez). PT Saudações.

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#) 2 a

[1 resposta](#)

A intencionalidade a uma dimensão de a “conotação” que se dá a determinada informação ou situação está vinculada à previsão dos resultados esperados, planejados.

7.3.1.3 O que fala?

Nesse eixo explicativo, o que se observa é a relevância do que é falado nas postagens sobre o conteúdo que circula na rede. No Facebook, quem produz e publica todos os conteúdos circulantes são os sujeitos, atores que estão participando permanentemente da construção do mundo social⁴⁸. A emersão desse indicativo remete à intencionalidade como abordado anteriormente, mas também à reflexividade que é orientada por um “estoque de conhecimentos” que os sujeitos usam para agir no mundo, mas que é atualizada na nova situação vivenciada pelo sujeito.

Embora com abordagens diferentes, Bourdieu (2001), Giddens (2002) e Habermas (1984) contribuem para esse entendimento. Para Bourdieu (2001), a reflexividade é estruturada e estruturante, ou seja, não pensamos livremente, nem é algo transcendente à atuação dos sujeitos no mundo. As estruturas objetivas são determinantes na ação dos sujeitos, sem deixar de considerar a capacidade construtiva. Segundo Giddens (2002), os sujeitos atuam no mundo a partir das representações, e as possíveis transformações que ocorrem no dia a dia são oriundas da necessidade de resolver situações diferentes; melhor dizendo, situações sem resposta pronta, construindo assim novas respostas, novas experiências. Na concepção de Habermas (1984), a reflexividade é um processo coletivo dos atores e constitui-se um ato político, concebido pelo autor, especialmente, a partir da formação discursiva da opinião e da vontade, de uma ação democrática e racional frente ao mundo que, frequentemente é problematizado.

Nesse entendimento, essa discussão diz respeito às ações dos sujeitos, não apenas como expressões exteriores, objetivas, mas como equivalência de valores que

⁴⁸ O olhar para o sujeito informacional não exclui a influência do dispositivo nas postagens. Com elementos interativos e com as funções de armazenamento, o Facebook se apropria e supervisiona os conteúdos postados, exercendo controle por meio de algoritmos que configuram os conteúdos e executa certa vigilância, impactando nos nós do dispositivo e na intensidade da informação circulante na rede. Pouco se sabe sobre os critérios utilizados pela empresa para configurar os algoritmos do dispositivo. Especula-se que os algoritmos são configurados com forte influência comercial. Mark Zuckerberg defende não ser esse o foco do dispositivo, alegando seu interesse em conectar pessoas e tornar o mundo melhor, reforçando o aspecto da sociabilidade (KELLY, 2017).

descrevem o contexto social representado nas ações e nas falas, observável nas suas práticas, porém, algumas vezes, incapazes de serem percebidas pelos próprios sujeitos, caracterizando um processo inconsciente de simplesmente agir. Para a compreensão das práticas informacionais dos sujeitos, quanto à reflexividade, é preciso apreender um campo de valor que conformou cada um dos acontecimentos.

Na Carta de Temer, um dos indicativos sobre reflexividade e valor está na discussão sobre a traição. A concepção de traição é a de descumprimento de um trato, seja ele pactuado por meios legais ou por meio tácito, de uma compreensão construída de um combinado ou de um relacionamento entre as partes que desejavam algo em comum. Quando um trato é rompido inesperadamente há o entendimento de ter havido uma traição. No comentário de C5c, a então presidente Dilma Rousseff foi traída, porque traiu primeiro; visto dessa maneira, a traição é amenizada pelo entendimento de consequência de um ato. No contexto colocado, a traição tem a atribuição de castigo, alguém tem de pagar por não ter cumprido o compromisso. Sendo assim, para o sujeito da interação, no caso Dilma Rousseff, ela passa a ser merecedora da Carta pelo momento que emerge no contexto social, fortalecendo a possibilidade de ruptura, a legitimidade posta em questão com a exposição dos fatos e a perda de prestígio.

C5c Essa senhora teve com Temer e o PMDB a postura digna dos traidores, dos oportunistas colocando etiqueta de preço em cada um e os tratando como mera mercadorias. Tai o preço.

26

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder 1 a Editado](#)

3 Respostas

C34c Demorou 6 anos pra falar isso e ainda o faz por carta?! Além de traidor é também um covarde!!

23

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder 2 a Editado](#)

Aliada à perda de prestígio está a contradição da expectativa do que se espera do representante num sistema democrático, o “político sério”; na dimensão política, é aquele que media os interesses de outros, um bom representante do povo, que exerce seu papel com responsabilidade e coerência, sem buscar os interesses próprios. Nesse aspecto, a discussão no contexto remete à interpretação da Carta a qual vincula interesses particulares, tornando o escritor da Carta uma escória, como cita o comentário C6c, isto é, uma pessoa desprezível, já que não cumpre seu papel de representante.

C6c Legal ler a carta que está escória escreveu. Horas se tu passou 4 anos como figurante é porque vc quis. Na hora que o Brasil

precisa de políticos sérios só a parece tranqueiras querendo o poder e quem realmente se fode e o povo. Chega destas escórias que sugam sugam e nada fazem

[Gerenciar](#)

[Curtir](#) [Mostrar mais reações](#)

[Responder](#) [1 a](#) [Editado](#)

Ademais, o bom representante tem o seu prestígio preservado por meio do alinhamento de ideias e vínculos que estabelece no meio político. Em razão da associação com outros políticos, cuja interpretação não é de idoneidade, a perda de confiança é vista como consequência.

C7c que bom que não tem confiança memo, Temer é o maior amiguinho do Cunha, esses dois tão de treta

27

[Gerenciar](#)

[Curtir](#) [Mostrar mais reações](#)

[Responder](#) [2 a](#)

C45c Depois do que Ciro Gomes falou sobre ele, não temos mais a menor dúvida, verdadeiro capitão do golpe. Cresce Temer, deixa de ser mimado! Sabemos que vc quer a todo custo salvar a pele do Cunha porque ele deve estar lhe aterrorizando com revelações bombásticas, e o dito não vai se salvar. Por favor, fosse homem de verdade!

2

[Gerenciar](#)

[Curtir](#) [Mostrar mais reações](#)

[Responder](#) [2 a](#)

Todo o contexto é construído com base na interpretação das relações e essa interpretação é resultado dos valores que permeiam os sujeitos das interações. No argumento de C12c, para o entendimento dos fatos, Temer escreveu a carta à toa, porque Dilma Rousseff é analfabeta, portanto não entendeu a Carta e precisou de alguém para ajudá-la. Nesse caso, mesmo não correspondendo à condição de Dilma Rousseff (presidente em exercício na ocasião), o próprio sujeito quer condicionar o entendimento dos leitores do acontecimento, apontando que ser analfabeta (o) é pejorativo, atribuindo-lhe a culpa e associando o seu desprestígio às pessoas que a ajudaram, interpretadas como tontas, preguiçosas e analfabetas também, reproduzindo estigmas sociais.

C12c rsrs... como a DiLLmá é analfabeta-funcional chamou o Mercadante, que deve ter explicado tim-tim por tim-tim a ela a carta...mas como o Mercadante é um tonto-irrevogável deve ter interpretado tudo errado com a megalomania que lhe é costumeira ...assim chamaram o Jaques Wagner que como bom baiano teve preguiça de ler a carta e comentou que tanto-faz, tanto-fez... finalmente chamaram o Lula, mas o apedeuta lamentou ainda não ter aprendido a ler pois o Mobral acabou...enfim...o Temer escreveu a carta atoa... é isso aí.

4

[Gerenciar](#)[CurtirMostrar mais reações](#)[Responder 2 a](#)[3 Respostas](#)

C35c Covarde, encara a mulher de frente seu cabra safado, o Brasil precisa é de atitudes e não de golpe baixo.

18

[Gerenciar](#)[CurtirMostrar mais reações](#)[Responder 2 a](#)

Observa-se que os comentários e expressões usadas nos comentários expressam a polarização política que marcou o país no momento dos acontecimentos, atribuindo valor à informação com base no contexto e, sobretudo nas circunstâncias a informação circula no dispositivo.

7.3.1.4 Quando e onde falam?

A centralidade desse eixo explicativo está no aspecto público do Facebook. É evidente que ações no âmbito privado têm proporções diferentes quanto à materialidade, conforma certa fragilidade e busca fora da situação supostas referências. No âmbito público, a materialidade ganha força e peso, como considera Frohmann (1995), na constituição de regimes de informação. A combinação dos outros aspectos discutidos nas subcategorias anteriores encontra na visibilidade do aspecto público as referências que “autorizam” a atribuição de valor, dando força para que sejam justificadas, validadas.

Para melhor compreensão, recorre-se ao modelo deliberativo de espaço público de Habermas (1986). Para o autor, o público é o sujeito coletivo da opinião pública, correspondente ao princípio da publicidade. Ou seja, é o sujeito coletivo que vai julgar, validar ou ainda reprovar as ações do sujeito informacional no dispositivo. Nesse sentido, o sujeito coletivo assume aspectos reflexivos e de poder sobre as ações. Como considera Babo-Lança (2013), o público tem uma “dimensão de compromisso, de defesa de certas convicções, de adesão a certos valores e, por isso, implica escolhas e o assumir de riscos”. A autora chama a atenção para a responsabilidade do público em provocar o acontecimento ao lhe conferir, por meio da adesão ou reprovação, força de interpretação à ocorrência, ao mesmo tempo que é afetado por ele (o acontecimento) e dele emanar outras ações e significações. Dessa forma,

no dispositivo, o público da rede assume aspectos de sociabilidade, estabilidade, envolvimento, efetivação e também de responsabilidade, ou seja, não são ações sem importância.

Observa-se que, no comentário de C25c, a ação da exposição pública se liga ao fato da premência do impeachment que, para o sujeito, induz à leitura pública, ao significado de ruptura, discutido como uma possível intencionalidade da carta.

C25c Interessante que enquanto estava tudo bem, sem notícias de impeachment, ele não falou nada.

12

[Gerenciar](#)

[Curtir](#) [Mostrar mais reações](#)

[Responder 2 a](#)

C33c Carta pessoal aberta ao público? kkkkkkkkkk e tem bobo que ainda acredita nas mentiras da Globo. Simbora estudar meu povo...

19

[Gerenciar](#)

[Curtir](#) [Mostrar mais reações](#)

[Responder 2 a](#)

No comentário de C47c, o momento da divulgação da carta, a força pela visibilidade é pior do que o seu próprio conteúdo, nesse sentido, a visibilidade tem uma dimensão de disfarce, ou seja, existe a ideia de que se pode ter a intenção, mas ela não pode ser revelada, exposta.

O “teatro” na resposta do C18c também remete ao disfarce, mas de outra forma, na adoção de desempenho de um papel de representar para dar visibilidade a características de Temer, que seriam vistas como boas, separando-o das acusações de Dilma.

C47c O que foi dito já não era novidade pra ninguém, mas fazer isso nesse oportuno momento foi realmente medíocre. Continuo a favor do impeachment, mas a atitude ao escrever uma carta e vaziar? Não, muito feio.

[Gerenciar](#)

[Curtir](#) [Mostrar mais reações](#)

[Responder 2 a Editado](#)

C18c O q mais me deixa horrorizado nesse teatro é que isso demonstra o pensamento político a respeito do eleitorado. Se nós acreditarmos nisso, somos burros assumidos. Teatro barato. Que hora conveniente para um desabafo kkkk...tive q rir ,apesar de serde chorar por conta desse "coitadinho".

[Gerenciar](#)

[Curtir](#) [Mostrar mais reações](#)

[Responder 2 a Editado](#)

C50c Era uma carta pessoal que foi enviada como release pra algumas redações do Brasil. Vou pegar a pipoca, porque, pela sinopse, o filme vai ser bom: "o mordomo traíra".,
5
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 2 a Editado

O interesse na visibilidade da carta, meio de comunicação considerado em desuso por causa da expansão de recursos tecnológicos, é apontado pelos sujeitos de forma de retórica, ao questionar por que o então vice-presidente Michel Temer não usou o telefone ou o whatsapp para falar com a presidente sobre sua insatisfação. Para os participantes da interação, a pergunta parece preceder uma resposta óbvia em relação aos interesses de visibilidade do texto no momento das ocorrências dos fatos.

C4c Pq ele escreveria carta? Com telefone com linha direta. Acesso à internet.
42
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 2 a
5 Respostas

C2c Por que ele não mandou via whats? Não se usa mais carta na era tecnológica.
213
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 2 a
14 Respostas

7.3.2 Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’

A conformação desse acontecimento a partir da publicação da matéria se deu com a participação dos usuários na rede social, resultado de curtidas, comentários e compartilhamentos. A reportagem e os debates em torno do assunto, especialmente sobre a forma como a matéria se referiu à mulher, provocaram tal impacto que outras reportagens em outros sites de notícia, que criticavam a abordagem da revista Veja, tornaram-se também acontecimento como já apresentado. Intitulada pelas pessoas que interagiram com a matéria como estereotipada, preconceituosa e retrógrada, a reportagem suscitou movimentos de protesto frente ao enquadramento do que “seria um ideal de mulher”, induzido no texto “*Marcela Temer: bela, recatada e do ‘lar’*” e a dicotomia da mulher real, verdadeira, moderna, defendida pela maioria das pessoas que interagiram com comentários sobre a reportagem no *Facebook*.

O fato é que o acontecimento e todo o debate em torno do assunto da reportagem, remeteram à história da mulher no Brasil, problematizada pelo agenciamento da informação,

cuja discussão ganhou força protagonizada por mulheres que evocaram principalmente as lutas, as conquistas culturais, sociais e políticas, considerada recente em relação aos países europeus. No Brasil, somente na segunda metade do século XIX começaram a surgir movimentos ligados à emancipação feminina, enquanto na Europa, esse tipo de movimento já se instalara desde o século XVIII, ainda que com movimentos dispersos, representados por mulheres, cujo pensamento era de vanguarda para a época. No Brasil, marcado pelo poder da igreja nas decisões políticas e no controle social, ideias de outros países sobre o protagonismo social das mulheres, sempre foi refutado ou dificultado sua adesão. Isso por que, interesses econômicos, a escravidão, concentração de recursos e serviços próprios do modelo capitalista e subordinação a políticas externas, forçavam a manutenção de uma ordem imposta, de como deveria ser a hierarquia social que conformava a cultura. Esses fatores foram considerados entraves às mudanças em relação à participação das mulheres na sociedade, à forma como eram vistas e à conquista por direitos educacionais e políticos (COELHO, 1933, p.11; ALVES, 1980).

Os movimentos feministas naquela época começavam a se fortalecer, no entanto, sabendo da resistência às mudanças, as mulheres lutavam sutilmente para transformar os valores que lhes eram impostos. Numa das primeiras lutas travadas no âmbito educacional, foram adotadas estratégias para evitar o confronto direto, com o argumento de que precisavam de instrução, escolaridade para cuidar melhor dos filhos. Dessa forma, reivindicavam o direito, justificando o cuidado com a família, a fim de não causar estranhamento e maiores resistências aos pensamentos vistos como rebeldes e anárquicos. Esses movimentos protagonizados por mulheres como Nísia Floresta⁴⁹(1810 – 1885) e, posteriormente, por Bertha Lutz (1894 – 1976) tinham como principal motivação a preocupação com mulheres que viviam ignorantes, isoladas e limitadas pela sua total dependência dos homens (GOLDEMBERG; TOSCANO, 1992. p. 26).

No âmbito político, a luta também se travou especialmente na vigência da constituição de 1891. Nesse período, algumas mulheres, entre elas Leolinda Figueiredo Daltró (1859 – 1935) e Myrthes Gomes de Campos (1875 – 1965), pleitearam mudanças em relação ao voto (sufrágio) feminino, o que significaria a busca pela liberdade e um espaço para debates das questões femininas para além do voto, um marco de luta por direitos políticos por meio de formas democráticas. No entanto, na ocasião não obtiveram sucesso e continuaram excluídas das decisões do país, fato que mudou somente em 1932 com o Decreto nº 21.076, instituído no Código Eleitoral Brasileiro, consolidado na Constituição de 1934. Uma das justificativas usadas na época, para negar a participação da mulher, baseou-se na

⁴⁹ FLORESTA, Nísia (1989, p. 45). Lê-se Nísia Floresta Brasileira Augusta como pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto.

interpretação errônea da Constituição Republicana de 1891 (BRASIL, 1891), artigo 70, que se lia “[...] São eleitores todos os cidadãos maiores que 21 anos”. Nesse caso “as cidadãs”, mulheres, não deveriam ser contempladas com direito ao voto, embora a lei, toda ela empregada na forma masculina, responsabilizasse mulheres por atos cíveis e criminais, o que seria, portanto, dissonante à argumentação legal, aplicada apenas para algumas situações de interesse dos homens, que exerciam absoluta liderança na época (ALVES, 1980).

Nota-se que era irrelevante para os que se opunham à causa feminina os argumentos jurídicos, os quais se apoiavam na justificativa moral, defendendo o que seria a “missão sublime da mulher”, apoiado por constituintes como Barbosa Lima que dizia: “Embora a mulher seja capaz dos mais arrojados cometimentos, embora possa abordar a mais alta questão da transcendência matemática...não deve ter o direito do sufrágio, porque a sua missão é a de educar os filhos” e por Muniz Freire que proferia: “estender o voto às mulheres é uma ideia imoral e anárquica, porque no dia em que for convertida em lei ficará decretada a dissolução da família brasileira”. Observa-se que os argumentos contra as causas femininas estavam centrados na ameaça à estabilidade da esfera privada que exigiria mudança na organização familiar e nos pressupostos morais, usados para justificar a resistência às mudanças (GOHN, 2012).

Embora com toda a luta, havendo conquistas significativas, no início do século XX a mulher, tanto do ponto de vista moral como jurídico, continuava em sua maioria submetida à autoridade masculina. Para Beauvoir (1980), uma das principais feministas da Europa, por aprofundar o debate sobre as diferenças entre homens e mulheres, destacou que sempre foi atribuída ao homem uma existência “perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana” (BEAUVOIR, 1980, p.22.). As reivindicações, na pauta de luta das mulheres, antes voltadas principalmente à educação e ao direito ao voto, expandiram-se nas últimas décadas, marcadas pelo movimento da contracultura (1960) e pelo fortalecimento de movimentos sociais femininos, emergiram a partir da década de 1980. Nesse período, as reivindicações voltaram às questões ligadas aos costumes, à sexualidade, violência, e à atuação das mulheres cada vez mais fortes no mercado de trabalho, conformando-se na pauta atual, ligada às diferenças quanto à pluralidade dos sujeitos e o reconhecimento da aceitação da diversidade na construção do gênero (GOHN, 2012).

A breve descrição do percurso histórico, em relação à forma como as mulheres têm lutado e ganhado seu espaço social, pretendeu contextualizar o debate no Facebook, realizado pelas pessoas na ocasião da publicação da matéria. Para os sujeitos das interações, ao destacar com excessivos elogios os atributos de Marcela Temer, entre eles, ser discreta, falar pouco e usar saias na altura do joelho, sinalizou-se um problema latente do ponto de vista histórico, cultural e político interveniente nas práticas informacionais. Nesse sentido, os comentários nem sempre se referem à Marcela Temer enquanto suas escolhas pessoais, mas

em se estabelecer (ou reforçar), por meio da pessoa pública de Marcela Temer, um padrão de *boa mulher* a partir de atributos construídos com base no imaginário social, com fins de controle político e social, conforme sinalizado na história recente do país. Sobre essas discussões, abordadas nas interações dos sujeitos no dispositivo, eixos explicativos na forma como os sujeitos interpretaram e apreenderam a informação da matéria da revista *Veja*, organizaram-se em: Objetivação da mulher, Protagonismo feminino, Entre o recato e o direito de voz, “do lar” e de qualquer lugar, Mídia e valor.

7.3.2.1 Objetivação da mulher

Na segunda metade do século XIX, começou no Brasil uma sensível mudança dos espaços ocupados pelas mulheres na sociedade patriarcal, proporcionado pela luta feminista que emergia no país em favor dos direitos das mulheres e a tudo que isso significava em relação ao respeito às suas identidades nas relações sociais. Nesse período, a mulher ainda era vista como propriedade do seu marido, característica de um modelo familiar patriarcal, instituído no período colonial do século XVI, o qual não dava às mulheres o direito de escolha e de decisão e lhes impunha a condição única de servir. Lembrando que, durante séculos, o enraizamento da cultura das diferenças entre homens e mulheres foi fortalecido, à medida que ao homem era dada a função de provedor do lar e às mulheres a obrigação dos afazeres domésticos, cuidado com os filhos, além da disposição em atendê-lo sexualmente, independentemente da sua vontade. Com atribuições rígidas de papéis, *coisas de homem* e *coisas de mulher*, as práticas admitidas como *corretas* influenciaram na organização da vida social. Em concordância, Freyre (1966, 2002) destaca que a base da economia no período colonial era a agricultura e a exploração do trabalho escravo, atrelada à segurança da família patriarcal, aspectos estes que marcaram a cultura e a economia dos brasileiros, o homem regulava a procriação, a administração doméstica e a direção política da cidade; nesse contexto, as mulheres eram insignificantes, sem poder para expressar sua opinião e seus desejos, cabendo a elas obediência ao patriarca.

Gohn (2012) considera que, durante muitos anos no Brasil, o modelo patriarcal foi responsável pela relação homem e mulher, caracterizada pela dura hierarquia e desigualdade entre os gêneros, influenciando as relações sociais e de trabalho. Esse modelo começou a passar por modificações com a expansão da industrialização (1930 a 1945), mas não menos injusta, pelo contrário, com o acirramento do modelo capitalista nesse período; frente à necessidade de mãos de obra para atender as demandas da indústria, a mulher continuou como uma serviçal, com salários menores que dos homens, além da continuidade das obrigações domésticas. Walby (1990) defende que esse período significou uma nova

modalidade de patriarcado, apesar do início de algumas conquistas realizadas pelos surgimentos dos movimentos feministas, como abordado anteriormente.

A história das relações sociais no Brasil perpassa pela exploração e desigualdade em relação às mulheres. No início, como função reprodutiva e condicionada exclusivamente a realizar os cuidados com a casa e com os filhos, depois, como força de trabalho e institucionalização de salários desiguais em comparação aos homens, além da necessidade de conciliar com o trabalho doméstico (VERUCCI, 1987). Atrelado a esse modelo, no início do século XX, com o acirramento do capitalismo e o crescimento da indústria, a exploração também passou a envolver os atributos físicos com maior agressividade, de modo que o corpo da mulher passou a ser explorado para dar aos bens de consumo, valor, ligado a marcas, produtos e eventos. A história das mulheres no Brasil resultou na objetivação quanto ao seu papel social, mesmo havendo a luta permanente dos movimentos feministas. A objetivação da mulher se deu pelo processo de conceituação do que seja ser mulher, melhor dizendo “uma boa mulher” e para o que ela serviria, formada por elementos conceituais de um percurso de construção de representações como, por exemplo, beleza, feminilidade e delicadeza, adquirindo materialidade e se tornando expressões de uma realidade tomada como natural, como no contexto da matéria sobre Marcela Temer.

Ao analisar os comentários presentes na postagem da Revista Veja, o acontecimento emergiu no dispositivo com base principalmente na crítica ao texto da matéria. Para os sujeitos, o texto atrelou aspectos históricos e culturais que deveriam ter sido superados diante de como é vista a mulher dos dias de hoje; não como um possível modelo, objetivado na “boa mulher” Marcela Temer, sugerindo subjetivamente a manutenção do modelo personificado. Para a maioria dos sujeitos, o conteúdo buscou reforçar, portanto, a naturalização do papel da mulher, entendido como delicada, frágil e dependente, exposta por meio do discurso elogioso a Marcela Temer. Nesse sentido, a centralidade das críticas foi direcionada à forma como a revista se referiu à mulher e à relação dela com os interesses escusos da matéria, marcando com significações os papéis e os enquadramentos, a fim de usá-la como referência para interesses políticos, bem como para *atualizar* um modelo por meio da exposição do comportamento de uma pessoa pública, culturalmente aceito como ideal.

- C5r Essa é a matéria mais nojenta que eu tive estômago pra ler disso que vocês chamam de revista. "Michelzinho", "Mi", "Mar", "pede luzes finas no salão". Isso que é jornalismo para vocês? Palavras forçadas e nojentamente doces e delicadas para mostrar a vida aparentemente perfeita de um golpista ao lado de uma mulher 40 e poucos anos mais nova! Fala sério, pareceu que eu tava lendo um conto meloso e medíocre. Mais estômago que eu para ler isso só ela mesma para ter conseguido se relacionar com um homem como Temer.
- 144
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder 1 a Editado](#)
3 Respostas
- C27r Com a permissão da palavra, vocês da Veja vão todos tomar no cul Poderiam colocar que teremos uma primeira dama que foi dama de companhia de luxo! Outra coisa vcs estão vendendo uma imagem machista de mulher boa pro Brasil. Prefiro ser trabalhadora e tihosa e pagar as minhas contas sem ter homem que me sustente. Ela sabe muito bem pq tem de ser recatada, pois se for atuante como a Lu Alckmin ou a Ruth Cardoso, as revistas vão devassar o passado dela. Então, bom dia, só pra quem eh recatada, bela e do lar!
- 16
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder 1 a Editado](#)
3 Respostas
- C34r Querem pintar a mulher como primeira dama perfeita! Ah, me poupem!!! Dane-se se ela é bela! Foda-se se é recatada! E não me venha com essa conversinha de que é "do lar"! Cambada de escroto!
- 7
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder 1 a](#)
- C6r Tão recatada e pura a moça com idade de ser filha dele, se conheceram PORQUE ELA ENVIOU UM EMAIL para a assessoria de imprensa querendo conhecê-lo, nem cheira a oportunismo.
- 154
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder 1 a](#)
15 Respostas
- C4r Bela, recatada e "do lá". Quantos adjetivos não !? Faltou: interesseira. Seria difícil que ela com sua beleza e recato se interessasse por um velho, feio e sem dólar "do lar" kkkkk Só os espertos entenderão o trocadilho.
- 367
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder 1 a Editado](#)
29 Respostas

- C1r (contém ironia) Bom é quando a família decide com quem a filha vai casar. Melhor ainda se for um velho babão cheio de dinheiro roubado. "Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer."
870
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 1 a
[Ocultar](#) 43 respostas

Nas interações, é possível encontrar também comentários de críticas às críticas, apoiando o conteúdo publicado, apesar de serem poucos, em relação aos comentários dos sujeitos que não concordaram com a abordagem da matéria. Para estes, não tem nada demais a aceitação da naturalização do papel da mulher, baseada nos componentes históricos, pois entendem que os predicativos da matéria em relação à Marcela Temer nada influenciam nas relações sociais das outras mulheres. Nesse sentido, não classificam como pejorativos, já que a própria Marcela Temer se beneficia com os atributos dados a ela. Sendo assim, não concordam ou não compreendem como o conteúdo da matéria pode refletir na conceituação e manutenção de estereótipos da mulher nos dias de hoje. Embora poucos os comentários com essa visão, observa-se certa adesão, como no comentário C2r em que houve 670 curtidas, os quais concordaram com o conteúdo que compara Marcela Temera outras mulheres chamadas de “megeras”, cujo significado está relacionado a mulheres más, feias, podendo-se inferir, também, mulheres que se posicionam e lutam por uma causa, considerando que os exemplos dados pelo interlocutor são de mulheres que exercem ou exerceram representações políticas.

- C2r Certo ele estar com uma mulher nova e bonita! Otário se fosse solteiro e se agarra-se com a mulher do Lula, a Marina Silva, Dilma, Maria do Rosário, Benedita da Silva e outras megeras!
670
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 1 a
139 Respostas
- C46r O Michel Temer resgatará o glamour de uma Primeira Dama! Bem diferente das duas últimas: a Marisa Botox (Lula) e a Erenice Guerra (Dilma). Viva a mulher do Temer!!!
2
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 1 a

- C8r E daí que ela tenha 32 e ele 75, se ele é famoso e ela uma mulher linda embora desconhecida? Se foi por amor ou não, não nos compete julgar. Não temos nada com a vida íntima dos políticos, a única coisa que acho estranho é a Veja fazer uma matéria tao irrelevante quanto a vida íntima do Temer com tantos assuntos mais importantes para ser abordados.
100
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 1 a
8 Respostas
- C32r Tolinha até eu!! Ela é muito apaixonada pela vida boa que ela tem. Imagina não precisar de preocupar com dívidas com preço do combustível... olhar para uma bolsa, sapato, jóia e poder comprar. Comer coisas deliciosas, conhecer lugares lindos. Cuidar do corpo da pele. Enfim, fazer várias coisas que o dinheiro pode nos dar. Tá certa ela, não a invejo.
6
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 1 a Editado
- C43r Não vejo nada de errado ser mais velho ou mais novo...cada um cuida da sua vida...Ou vamos ter que pedir um impeachment pq o cara esta com uma pessoa mais jovem!!! Kkkkkk peloamordeDeus
5
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 1 a
- CC17r Quanta crueldade. Se pode ser bonita e inteligente, ser dona de casa e ser culta.Feliz o homem que pode ter a seu lado uma esposa dona de casa.Feliz a mulher que pode ser dona de casa ,tendo condições de progredir intelectual e culturalmente.
2
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 1 a
- CC24r A revista em nenhum momento falou que uma mulher deve ser assim. Ela falou que a Marcela é assim. Ponto.
19
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 1 a
1 resposta
- CC28r Vocês são muito mimizentos. Tudo é machismo, homofobia, racismo e por aí vai. A VEJA é um lixo de revista mas vocês querem caçar "cabelo em ovo". Eu li a reportagem e por mais inútil e fútil que ela possa ser não tem nada demais. [...]
10
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 1 a

- C42r Vamos focar, vamos focar no futuro do Brasil, vamos parar de perder tempo com bobagens, fofocas e inutilidades! Temos que ver que o tempo está passando, o país afundando e o senador Renan não é confiável. Vamos lá, de olho no Senado e deixa a mulher do Temer pra lá...
[Gerenciar](#)
[Curtir](#)Mostrar mais reações
[Responder](#) 1 a

7.3.2.2 Protagonismo feminino

Outro aspecto levantado pelos sujeitos foi o Protagonismo feminino, o qual se refere às mulheres que escrevem sua própria história e dão as suas ações, das mais simples às mais complexas, significação e valor. Gohn (2012) destaca que a história foi predominantemente contada por homens que fizeram questão de calar os feitos femininos, oriundos de uma sociedade machista, cujo lugar da mulher era de subordinação, não importando suas ações, atribuídas, nesse caso, sempre ao seu suposto dono ou tutor, um homem. A autora defende a importância de políticas de igualdade entre etnias e gêneros na superação de componentes históricos e culturais que estruturaram as relações sociais e que precisam ser revistas. O movimento feminista, nascido no Brasil no século XIX até os dias de hoje, tem lutado para que as mulheres sejam consideradas, ouvidas e reconhecidas em suas ações, sejam elas quais forem em diferentes contextos. Os sujeitos das interações na discussão sobre o conteúdo, abordam a questão do protagonismo feminino nas atitudes simples no dia a dia e na luta pela sobrevivência em oposição à dependência da mulher em relação ao homem, uma objeção à narrativa criada pela jornalista que escreveu a matéria sobre Marcela Temer.

- C10r - Carta aberta à "Veja". Apesar de já ter aprendido, há muito tempo, que não se deve levar em consideração o que aparece nas folhas da revista "Veja", não posso deixar de expressar a minha indignação. "Bela, recatada e 'do lar'" dizia o título da "matéria", publicada na segunda-feira, 18/04. Fiquei eu, aqui, pensando em qual seria a conexão entre os três termos. Em um país em que, finalmente, mulheres começam a ganhar voz, ainda que ganhem, em média, 30% a menos que os homens, ao exercerem a mesma função e, a cada 10, 08 já tenham sofrido assédio violento, ver uma MULHER redigir uma matéria que induza o leitor a uma imagem estereotipada, preconceituosa e machista da mulher perfeita é, no mínimo, de se indignar. A matéria, absolutamente rasa e dispensável, remonta e sublinha a imagem da "mulher pra casar", que não trabalha, cuida do lar e da família, usa roupas longas e de tons pastéis e sabe se portar perante à sociedade. Ao mesmo tempo em que termos como "empoderamento" ganham, cada vez mais, força, ler tais linhas é uma agressão. Mas, pensando bem, já seria uma agressão em 1965, quando muitas mulheres se posicionaram contrárias ao concurso de Miss America, por protestarem contra a ditadura da beleza, no evento que conhecemos como "Queima dos Sutiãs". E, infelizmente, tudo o que a matéria supracitada faz é apresentar uma versão arbitrária da beleza e opressiva às mulheres. A beleza é loira e jovem; o recato

(tido como uma grande qualidade) veste roupas na altura do joelho, é tímido e se casou com o primeiro namorado, com quem teve os primeiros encontros acompanhados da mãe e não trabalha (apresentado como outra grande qualidade, o trabalho é "do lar", cuidando da família e assistindo ao marido). Bem, dado tudo o que fora percebido anteriormente, e sem muito mais tempo à perder, levando-se consideração que vocês, talvez, não tenham neurônios funcionais suficientes para entender o que aqui explico, tenho de declarar que a beleza feminina não tem idade, nem cor; que as nossas qualidades e valores independem do tamanho e cores das nossas roupas; que o fato de casarmos com o primeiro ou com o último cara que beijarmos na vida, ou com cara nenhum, não nos torna melhores que as outras e que, por fim, hoje, grande parte de nós trabalha, em jornada dupla, que inclui o trabalho do lar, e não permitimos, de modo algum, que desmereçam tudo o que estamos lutando, há anos, para conquistar. O que norteia a nossa luta diária é o respeito e, definitivamente, não é uma tentativa de matéria que desmerecerá isto. Orgulhamo-nos da nossa condição "mulher". Que jamais nos julguem pelas nossas escolhas espirituais, sexuais ou profissionais! Atenciosamente, a nada recatada e da vida (porque, pra mim, ser "do lar" não bastou). Atriz, bióloga e mulher

63

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder 1 a](#)

1 resposta

- C7r Nos dias atuais, com o país cheio de pessoas sem emprego, sem segurança, sem hospitais, sem remédios, e se posta uma matéria vulgar como essa? Heroínas e belas são as mulheres que levantam cedo e vai a luta defender a si e sua família, que batalham o dia todo, isso é tão triste, quanto a corrupção e as pedaladas fiscais.

219

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder 1 a Editado](#)

3 Respostas

- C11r ISSO É GOLPE. Ela está na riqueza, nos convênios que cobrem até ferimento por tirar um pelo da sobrancelha, enfim, tudo que o dinheiro pode proporcionar, temos muitas lutadoras, guerreiras com as mesmas características, só que, por simples e carentes de bens materiais, não dão IBOPE para essa meleca de revista.

45

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder 1 a](#)

- C18r , 🤔🤔🤔🤔 Nossa!! Isso são qualidades para primeira dama.? Prefiro qualidades de mulheres de verdade, reais, que trabalham fora e dentro do lar, que sustentam, educam seus filhos, que preferem ganhar seu próprio dinheiro, que são obstinadas.

19

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder 1 a](#)

1 resposta

Ao abordar o recato na reportagem, alguns sujeitos compreenderam, baseados nos componentes históricos e culturais da informação, que a matéria, como foi escrita, sugeriu às mulheres, subjetivamente, sujeitarem-se aos homens sem emitir sua opinião, mantendo a ordem das “coisas”, subtendido num modelo construído ao longo do tempo de subordinação sem questionamento. Interpretada como uma relação opressora, Weber (1947, p. 346) chama a atenção aos aspectos da tradição, um sistema de normas que de certa forma institui um valor e não permite mudanças, nem mesmo o questionamento delas. Desse modo, dá-se o entendimento de que a relação do homem e da mulher é regida por comportamentos condicionados ao pensamento de que são imutáveis e assim devem permanecer. Para Freire (1980), trata-se de uma relação "opressor-oprimido" (p. 57), na qual os oprimidos, no caso as mulheres, podem adotar na sua experiência uma atitude de "adesão" em relação ao opressor, como nos comentários (CC13r e C23r). É contra isso que alguns sujeitos se opõem, contra uma informação calcada na tradição e a dificuldade de reverter os valores, especialmente com o apoio da mídia.

C31r Oprimida, isso que ela é. Por ordem expressa do marido ninguém dirige a palavra a ela. Se querem oferecer algo a ela tem que falar com ele e ele oferece. Belo exemplo de opressão!

9

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#) 1 a

C41r Paulo rodrigues eu trabalho e com o tempo que me sobra ajudo moradores de rua, não vim a esse mundo para ser decorativa, e faz um bem danado a alma e a pele, isso dá pra ver na minha cara!

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#) 1 a

C35r Nossaaaa qto exemplo! Que reportagem chula! Eu, se fosse ela, nao autorizava a publicação! Fez uma imagem de mulher submissa e capacho... Eu heim!

6

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#) 1 a

C1r- (Contém ironia) O lugar da mulher é cuidando da casa, do marido, dos filhos e dela, mas só se for pra agradar o macho. "Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele)." - Mulher boa é aquela que fica quieta. Nada de ter opiniões, pensar por si mesma ou pensar em algo além de servir a família. "Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes." Mulher ideal é aquela que vive em função do marido, cuidando dele como se fosse um incapaz. "Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente."

870

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 1 a[Ocultar](#) 43 respostas

CC13r Agora pasmem - foi uma mulher que escreveu essa matéria.

15

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 1 a

C23r Não é por nada não, mas a jornalista que escreveu essa reportagem só pode ser amiga da família.... "cuidar da casa... e um pouco dela mesma também...", "planejou uns dias de sol e praia só com o marido....", "por algum tempo frequentou o salão de beleza".. e no final "Michel Temer é um homem de sorte" Eu lia a reportagem, e pensava "Essa jornalista deve estar zoando com a minha cara!".

15

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 1 a

7.3.2.4 Entre o privado e o público “do lar” e de qualquer lugar

A relação que se estabelece na expressão “do lar” é a de que a mulher pertence à esfera privada, pois, a esfera pública, o que fica “fora do lar”, é mais adequada aos homens que trabalham e são responsáveis pelo sustento da casa, uma concepção antiga que era dada aos homens a responsabilidade de governar as cidades, compreendida como uma tarefa superior. Freyre (2002) destaca que era nítida uma separação até o século XIX entre homens e mulheres. Tradicionalmente, cabia ao homem se relacionar com os elementos do mundo externo à vida privada, pois não era permitida à mulher a participação nas decisões que ocorriam no espaço público. Como defende Arendt (1987), a pólis era predominantemente reservada aos homens.

Para Arendt (1987) e Habermas (1988), a dicotomia entre as esferas públicas e privadas, masculino e feminino continuaram no século XX, embora menos demarcadas, frente às mudanças de que o espaço público não corresponde mais, exclusivamente, ao político e privado, não se refere mais a um espaço totalmente de privação. Na organização social,

baseada na fase constitutiva do modelo vigente, a exclusão das mulheres ainda é considerada incidente, isso por que o que antes era valorizado como ação, o que se faz publicamente fora do ambiente doméstico passou a ser medido pelo comportamento, cabendo à mulher se *cuidar* para não se expor num espaço ainda visto como adequado aos homens. Nesse sentido, é justificada a pauta feminina na luta pela cidadania e por respeito a seus direitos e escolhas, seja atuando na esfera pública ou na esfera privada, ou seja, em qualquer lugar que a mulher queira estar, em oposição à subordinação obrigatória e incondicional, subtendida na matéria, de acordo com o posicionamento dos sujeitos.

C19r Querida Veja, Trabalho, normalmente usando calças e não saia na altura do joelho, estudo muito, solto alguns palavrões durante o dia. Muitas vezes sou vista com os cabelos presos, simplesmente pq estava atrasada. Não tenho seguranças para me acompanhar...

38

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder 1 a](#)

4 Respostas

C28r Veja bem Veja, melhore. Essa matéria parece saída do túnel do tempo. Século XIX. Casamento arranjado pela mamãe oportunista, mulher virgem, recatada e do lar. Evoluam, estamos no século XXI, mulheres trabalham, lutam por seus direitos, divertem-se, bebem, riem com amigos, pagam suas contas, sustentam seus lares. E vocês aparecem com uma matéria dessas? Totalmente sem noção? Beirando o ridículo.1

14

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder 1 a](#)

C27r Prefiro ser trabalhadora e tihosa e pagar as minhas contas sem ter homem que me sustente. Ela sabe muito bem porque tem de ser recatada, pois se for atuante como a Lu Alckmin ou a Ruth Cardoso, as revistas vão devassar o passado dela. Então, bom dia, só pra quem eh recatada, bela e do lar!

16

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder 1 a](#) [Editado](#)

3 Respostas

C38r O que a Veja pretende com essa matéria? Enaltecer Marcela Temer!?? Ditar um padrão de mulher. A mulher deve ser como ela quer e estar onde ela quiser, seja do lar, nos negócios, na política!!!!

6

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder 1 a](#)

C45r ahahahahahahahahahahaha [...] já podemos voltar para a realidade? É FÁCIL SER MULHER ASSIM COM DINHEIRO PÚBLICO! Vai fazer trabalho voluntário nos hospitais públicos, asilos e creches, na Cravolândia recuperar viciados... Vai fazer alguma coisa útil pra nação!!!! Veja, que matéria B*\$%@... Vocês ainda querem criar esse tipo de personagem??? Que coisa mais demodê.

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#) 1 a

7.3.2.5 Mídia e valor

O episódio do acontecimento foi protagonizado pelo conteúdo da revista Veja e pelas pessoas que debateram o assunto, contrapondo-se aos valores supostamente defendidos na reportagem. Para os sujeitos, a rede social é uma tipificação da mídia e o conteúdo da reportagem, a informação que circulou, uma actante do processo de significação, na medida que impõe subjetivamente à mulher, a condição de subordinação aos valores defendidos e considera o modelo difundido, uma possível forma de existir e de se relacionar no mundo. Ao ser adotado na reportagem como um suposto modelo de mulher, diz aos interlocutores sobre como ser uma mulher bem-sucedida sobre um ponto de vista, reconhecida como uma mulher de sucesso e que pode ser imitada. Para Weber (1947), são chamados discursos normativos, que legitimam escolhas como sendo melhores ou piores, observado também no acontecimento da Carta de Temer. Observa-se no acontecimento da Reportagem da Revista Veja, tida como referência para alguns grupos de pessoas, o reforço à um modelo existente; um modelo ideal de mulher, sugerido como exemplo Marcela Temer. Nesse aspecto a reportagem, ao mesmo tempo que sugere uma norma por meio do discurso, imprime um valor.

Livet (2006, 2009) descreve a diferença entre norma e valor, destacando que a norma diz sobre “o que se deve fazer”, já o valor diz sobre uma maneira de “fazer melhor”. Nesse sentido, os sujeitos se relacionam com as normas, mas escolhendo sim ou não, isto é, obedecer ou transgredir e experimentar as consequências. Quanto aos valores, trata-se de um processo de objetivação do que é melhor ou pior e como essa escolha é avaliada, considerada e apreciada. Trata-se de graus de satisfação, construídos por um coletivo no campo da cultura e não um julgamento individual ou atribuição particular, mas social. Nesse aspecto é que a mídia se torna uma força, sendo que ela assume uma representatividade da voz do coletivo, portanto, influencia na conformação dos valores, cuja crítica é discutida pelos sujeitos.

CC25r [...] é tu que acha que as mídias não tentam controlar e influenciar a sociedade. É só ler a forma absurda que destacaram os fatos. Um monte de baboseira exaltando a imagem da "quase primeira dama" pra que? Acorda

9

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 1 a

C25r Nossa Veja, até vc fazendo reportagem de revistinha de fofoca. Deveria estar publicando mais sobre a história política, ideologias, pensadores e soluções para a crise que está vivendo o nosso país. [...]

12

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 1 a

C30r Okay, duas perguntinhas, quando que a Veja levou pra publicar este texto? E por quanto a dona Norma vendeu a filha bonita adolescente, pra um velho babão e sem escrúpulos? O TEMER É UM HOMEM DE SORTE OU UM HOMEM COM DINHEIRO, QUERO DISER MUITO DINHEIRO? Tirem vocês a conclusão!

14

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 1 a

C12r Agora sim a veja mostrou seu lado direitista, está apoiando o pmdb e temer ao invés de apoiar o Brasil. Revista financiada revista partidária sensacionalista e suja. Por isso não consegue deslanchar no brasil

6

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 1 a

6 Respostas

C13r A Veja precisava mesmo de uma reportagem ridícula como essa???? Eu sou a favor do fora Dilma... Mais já pensaram em falar que quase todo o dinheiro roubado por Temer deve estar no nome de sua bela amada em um país estrangeiro??? Temer ninguém investiga né, ele é um Santo... só por Deus mesmo. Tá na hora dessa editora de revistas e jornais fechar as portas, bando de lambe saco

77

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 1 a

C40r Parabéns Veja...esta matéria me acrescentou muito conhecimento, que tipo de Jornalismo é o seu, nunca ouvi falar nesta senhora, seja imparcial e coerente que nojo do Jornalismo brasileiro, quanta falta de cultura.

106

[Gerenciar](#)[Curtir](#)Mostrar mais reações[Responder](#) 1 a

2 Respostas

C22r Veja sempre se superando em matérias BOSTA! Parabéns, revistinha vendida. Recatada, do lar, casada com um senhor que tem idade para ser seu avô, apaixonada mesmo.

24

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#) 1 a [Editado](#)

C24r Para o inferno, veja! Que matéria sexista, marcando bem o lugar da ultradireita escrota representada por vocês. Quanta vergonha por termos uma revista ridícula em tal ponto. Mas, em termos de superação, parabéns, vocês conseguiram se superar. Só esperando a próxima...

17

[Gerenciar](#)

[Curtir](#)Mostrar mais reações

[Responder](#) 1 a [Editado](#)

1 resposta

7.4 Práticas e o Regime de Informação

O regime de informação foi escolhido como uma forma operatória, objetivando-se à compreensão das práticas informacionais sugeridas por González de Gómez e Chicanel (2008, p. 2). **As práticas informacionais correspondem ao processo de significação da informação construída com base nas ações sociais, nos valores culturais, nas vivências, nas experiências dos sujeitos que envolvem um ciclo de relações complexas, apreendidas em situações específicas.** A decisão pela perspectiva do Regime de informação veio da necessidade de mostrar como as práticas informacionais se constituem nas especificidades das interações, na multiplicidade de elementos intervenientes de diferentes naturezas e nas relações de poder. Perpassa a produção, interação e apropriação, num ciclo de associações que incluem no processo de significação, as ações de informação que fazem emergir o fenômeno.

7.4.1 Algumas possíveis relações entre os acontecimentos

No caso da construção sugestiva do regime específico abordado, a exposição das relações sociais, políticas e culturais foram fundamentais à compreensão da apropriação e a significação da informação pelos sujeitos que interferem, tanto do ponto de vista da produção, da recepção, como da reflexão da informação. Pois é na genealogia das ações dos sujeitos envolvidos, (FROHMANN, 1995; GÓNZALEZ DE GÓMEZ, 2012; LATOUR, 2012), protagonistas dos acontecimentos, que a informação circulante se inscreve, envolvendo a forma como foi transmitida, o local, o período, as características do dispositivo e as interações, as quais colaboraram para a conformação de entendimentos que, observados

separadamente, denotam alguns sentidos e, ao serem entrelaçados, outros sentidos, atribuídos por trás das ações dos sujeitos.

Nota-se que a partir do acontecimento da carta de Temer enviada a Dilma, a historicidade que marcou o período, atrelada aos acontecimentos oficiais, culminando na reportagem da revista *Veja*, no recorte adotado, os acontecimentos são tomados como formas de ruptura e reorganização que afetam os sujeitos e a rede enquanto um coletivo aberto. Observa-se que a ordenação dos discursos, narrativas que agrupam e formam públicos específicos descortina problemáticas e reorganiza a intervenção dos sujeitos sociais. De forma que o Regime de informação reverbera e se vê reproduzido em diferentes dimensões, ora se apoiando nos enquadramentos sociais, ora escapando deles, num efeito de deslocamento quanto à temporalidade, institucionalidade e simbolização da perspectiva da ordem institucional, porém dentro de um universo de valor admitido como válido.

O esforço empreendido em entender as relações que os sujeitos produzem no seu dia a dia foi uma proposição para responder aos estudos fenomenológicos da informação, cujo objeto, denso e consistente conforma uma noção de artefato híbrido, ao mesmo tempo natural, social e discursivo, cujo poder está centralizado na escrita e no discurso, ambientada nos dispositivos complexos como a internet (GONZÁLEZ DE GÓMEZ; CHICANEL, 2008). A exemplo dos acontecimentos selecionados, embora separados (A Carta de Michel Temer escrita para dizer sobre sua insatisfação com Dilma Rousseff e a reportagem da Revista *Veja*, tecendo elogios a Marcela Temer), a compreensão dos acontecimentos é estruturada pelas ações de informação que têm como pano de fundo um contexto, o Impeachment em ambos os casos.

Isso quer dizer que, nas interações, o pano de fundo é parte condicionante para as interpretações, como nas atribuições dadas pelos sujeitos à Carta de Temer, cujo significado de ruptura pareceu evidente aos sujeitos, sendo que alguns julgaram como positiva, outros como negativa a ação, embora Temer justifique não ser essa a intenção. Da mesma maneira que, para os sujeitos, a matéria da Revista *Veja* tentou fazer uma oposição nas entrelinhas para enfraquecer Dilma, por ela se apresentar aguerrida e forte, fora dos padrões impostos do que se “entende” como uma mulher deve ser em consideração aos enquadramentos sociais. Para alguns dos sujeitos, a presidente Dilma foi alvo de misoginia, mas não sendo esse o único sentido, como também a intenção de fortalecer Temer no contexto, conformando uma relação híbrida, em que a apropriação do entendimento dos sujeitos é escapável ao controle, mas dentro de um quadro de possibilidades.

O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta

Foucault (2006, p. 26)

8 CONCLUSÃO

O *Facebook* consiste num espaço relevante no campo das interações sociais da atualidade. Organiza-se como um dispositivo cujos aspectos técnicos, de linguagem, de conexões e de visibilidade, operam valor na relação dos sujeitos com a informação circulante, na rede social e para além dela. A contribuição desta pesquisa está centralizada no alinhamento das informações com os sujeitos e o poder de criar sentidos, constituindo a perspectiva de regimes de informação, apreendidos nos acontecimentos do dia a dia. Eles perpassam os debates no dispositivo de maneira que incidem na produção, apropriação, significação e reflexão das informações. São elementos da ordem da vivência e do discurso, envolvem contextos, circunstâncias e enquadramentos sociais, os quais ao mesmo tempo que conduzem a maneira das pessoas agirem no mundo, são elas mesmas (ações e significações) que dão sentido à sua existência e à conformação de valores.

As características do dispositivo notoriamente fazem do Facebook um espaço atraente por concentrar, no mesmo lugar, possibilidades de sociabilidade, entretenimento, conhecimento, um lugar para encontrar pessoas e interagir, como assumido pelos entrevistados nesta tese. Com o objetivo de compreender as práticas informacionais dos sujeitos nas interações ocorridas na rede social, o percurso foi constituído por um eixo transversal, que emergiu da diversidade de elementos apreendidos nas ações que contribuem para a atribuição de valor às informações. O recorte foi realizado com posts, debates e publicações do Facebook, apresentados no interior da pesquisa e que possibilitaram estabelecer relações, reconfigurações e interpretações com base nos diálogos presentes na rede, a fim de compreender como reverberam sobre os demais elementos da interação, sobre os conteúdos e sobre os próprios sujeitos.

A primeira parte do percurso da investigação teve início na construção do referencial teórico apresentado nos quatro primeiros capítulos da tese. No primeiro capítulo, foram apresentadas as questões propostas e a justificativa, no segundo capítulo, discutiram-se as teorias e os conceitos que abrangem as práticas informacionais em estudos fenomenológicos e pragmáticos da informação. Foram apresentados os conceitos de acontecimento e acontecimento de réplica, como uma forma objetiva de compreender a materialidade da informação em regimes de informação, entendido como um movimento de convergência com os aspectos temporais, circunstanciais e de historicidade, bem como marcos institucionais e de simbolização da informação. No terceiro capítulo, foram

apresentados o conceito norteador de rede social e as especificidades do Facebook que interferem no valor da informação por meio da sua infraestrutura e funcionamento. Finalmente no quarto capítulo, foi apresentado o fenômeno informacional proposto na tese, o qual buscou responder sobre o processo de significação e valor da informação realizados pelos sujeitos. **Constatou-se que, o fenômeno está fundamentado na confluência de diferentes atores e práticas cuja centralidade está no cálculo de interesse e percepção da realidade dos sujeitos, ao considerar a circunstância, os objetos e a relação informacional de outros sujeitos presentes na interação.**

A segunda parte do percurso foi constituída por eixos explicativos com base na análise do corpus, das interações no Facebook e das entrevistas. Os elementos da primeira e da segunda parte do percurso conformaram a pesquisa sobre o fenômeno informacional, os quais são apresentados a seguir, à guisa da conclusão do trabalho desenvolvido: a) o dispositivo como espaço de visibilidade e mediação; b) as práticas informacionais como constituição de um fenômeno informacional; c) o regime de informação e o alinhamento dos acontecimentos como uma maneira de “criar sentidos”; d) as significações de informação na relação de experiência e valor; e) o retorno do olhar sobre o dispositivo; f) Uma nota sobre a experiência do Estágio sanduíche.

Quanto ao dispositivo, o ambiente da pesquisa, a escolha se justificou pela quantidade de pessoas que usam a rede social para se comunicar, se informar, ter acesso aos conteúdos, notícias e se relacionar. Do mesmo modo que a qualidade e a forma das informações circulantes, são notadas como fatores relevantes para as ações pessoais e coletivas, aspectos do indivíduo em conexão com atribuições de valores estruturados e absorvidos pelos sujeitos no formato em rede. Observou-se que há um espelhamento das construções sociais, culturais e políticas no dispositivo que colaboram para apreensão das formas interativas e interpretativas no modelo reticular. Em tal aspecto, as pessoas, ao se posicionarem na rede social, criam uma imagem e se projetam para se conectarem com pessoas e informações que dão sentido ao que querem demonstrar. É uma conexão de retroalimentação, ao mesmo tempo que usam as informações circulantes para estruturar-se quanto aos seus posicionamentos na rede social e no mundo, projetam uma leitura de si e da forma como leem o mundo.

Destaca-se, portanto, que parte dos achados da pesquisa responde à retórica frequentemente debatida sobre a quantidade de informações acessadas pelos sujeitos significar mais conhecimento, o que não se confirma. Isso porque, a atribuição de valor e significado é encapsulada e dependente de intervenientes diversos, parcialmente controlados. Assim, os sujeitos fazem uma aproximação circunstancial dos modelos que os cercam, categorizando as informações supostamente como boas, ruins ou ainda relativando-as partir de suas experiências. Em tal aspecto, alguns pontos importantes podem ser considerados

sobre as conexões fechadas, as “bolhas” que os sujeitos formam em torno dos assuntos e limitam o debate a um (e ao seu) universo de valor. De tal forma, pode-se tomar, como exemplo, as *fakes news* que, embora tangentes à discussão desta pesquisa, os resultados apontam relativo alcance ao tratar sobre a constituição das práticas informacionais ser dependente de um universo de valor construído de modo intersubjetivo.

Ademais, quanto às práticas informacionais, a pesquisa reforçou a correspondência da ação dos sujeitos na atribuição de sentidos e a relação com situações vivenciadas e aspectos do contexto. Trata-se de uma relação informacional que abriga um processo pelo qual uma informação para um determinado sujeito tem valor e significação e para outra pessoa nem sempre. Uma objeção em relação ao conceito de informação objetivo ou apenas subjetivo, definido exclusivamente pelo pensamento do indivíduo. Mostra por meio das ligações dos sujeitos com os constructos sociais e culturais que as informações são interpretadas e sua adesão é sempre baseada nas atribuições coletivas, fruto do seu meio e para o meio que se relaciona. Nesse sentido, reforça a tese de que a relação informacional é dependente das construções intersubjetivas e pragmáticas, formada tanto com base nos valores sociais, como com base nas situações vivenciadas, no momento que emerge, como e por que, ou seja, especificidades construídas no contexto.

Da ordem da experiência dos sujeitos, as práticas informacionais tratam do resultado da interação entre uma pessoa com aspectos do mundo no qual ela vive. Como o recorte da pesquisa remonta uma mulher que pela primeira vez passa a governar o país (Dilma Rousseff), conseqüentemente um universo de valor é mobilizado, ao mesmo tempo que posto à prova. Um homem (Michel Temer) é o vice-presidente. Situações específicas sugerem uma interpretação: o que está acontecendo? Componentes históricos, políticos, sociais e econômicos do momento e da tradição são elementos estruturantes evocados para a interpretação dos fatos, envolvem aspectos peculiares de cada indivíduo que constroem sua leitura com base nos valores e nas situações que o cercam. No contexto, embora as ações da presidente estejam aparentemente de acordo com suas funções de tomada de decisão, surge uma denúncia de supostos atos de improbidade administrativa. No interim do levantamento dos fatos, uma reportagem é publicada por uma revista de grande circulação, lembrando o papel da mulher (evocando o modelo antigo subjetivamente), reforçando como as mulheres interagem com o mundo, o papel que desempenhava na casa, na família e no espaço público. O contexto determina o agir e o reagir, justificado pelos acontecimentos, os quais fazem os sujeitos considerarem: “A mulher não nasceu para governar”; “o homem é mais preparado para tomar decisões”; “Temer estava certo, Dilma não agiu corretamente”. O processo informacional conforma uma centralidade de sentidos para o sujeito, a questão de gênero por exemplo, se liga a vários elementos do processo nos acontecimentos, a atribuição de valor e aderência.

Toda ação do sujeito informacional é elaborante na produção de sentido e interpretação, uma vez que o ato de se apropriar da informação baseia-se na intersubjetividade, fruto das interações sociais (ARAÚJO, 2012). Nesse contexto, a partir do interesse de manter ou escapar das significações sugeridas nas situações vivenciadas, um jogo intencional de condicionantes se forma para enquadrar o entendimento. A ação interpretativa, ou seja, de entender a informação e atribuir valor a ela, pode propiciar a manutenção dos valores, ressignificação desses ou criação de novos valores instituídos, influenciados por intervenientes culturais, mas também por forças do discurso construído, podendo ser induzidos pelo modo como essa informação é transmitida, por quem ela é produzida e como é produzida.

Quanto à construção e à interpretação do regime de informação específico apresentado no estudo, foi realizado uma ligação discursiva dos acontecimentos a partir do entendimento de um contexto comum que justificasse o alinhamento intencional das ações dos sujeitos. Primeiramente quanto ao aspecto da produção para gerar sentido e criar relações baseado nos enquadramentos sociais. No segundo momento, quanto à apropriação e à reflexão da informação realizados pelos sujeitos, tendo como contexto eminente o impeachment e, sobretudo a situação econômica, social e cultural do período, debatido com base na lei e sustentado por argumentos morais. Diz-se sobre a relação dos sujeitos com a instituição de normas e valores que perpassam a tradição, capazes de dar sustentação ao poder, mobilizar as disputas e fortalecer supostas autoridades informacionais.

Interpretado como um movimento construído por trás das ações dos sujeitos para *criar sentidos*, o regime de informação configurou-se na rede, como uma ação estabilizadora neutralizando contradições. A ação informacional nesse aspecto, agenciou a informação que passou a ser relevante, submetida a uma concepção de poder estabelecida na escrita, no discurso. A qual poderia ter se tornado pouco sujeita a questionamentos, vinculando a informação à naturalização da cultura, fortalecida pela exposição no espaço público promovido pelo dispositivo. O estabelecimento da exposição numa ordem de acontecimentos e critérios de valor, como observada no alinhamento dos discursos, diz a respeito do que se fala e quem fala na rede social e nas mídias, numa reciprocidade de sentidos entre usuários e informação, considerando um movimento amplo, que reverbera nas ações dos sujeitos e cria um processo de reforço dos valores que se deseja serem mantidos.

Quanto ao processo de significação e valor, as ocorrências na perspectiva de regime de informação, objetivada nos acontecimentos, abarcam uma efemeridade e emergência nos fatos, que dá impressão aos sujeitos, que se tratam de discussões “quase” sem importância, “coisas de rede social”. Ao mesmo tempo que, silenciosamente, marcam a história a partir de uma construção social. Metaforicamente seria como um grão de areia que se assenta na duna e se move de um lado para outro, mas que, quando encontrada, parece

que sempre esteve lá. Assim, são as mudanças de valor, a mobilidade realizada pelos sujeitos nem sempre é percebida. Os valores são estruturados por uma relação temporal, passam a ser controlados pelos atos normativos e de significação, por vezes limitando os sujeitos a interpretações induzidas dentro de um quadro de valor. Como no caso da reportagem da Revista Veja que ao abordar sobre a mulher, o assunto “mulher” passa a ser relacionado com a moral, com a política, com a família, com beleza e muitos outros aspectos intersubjetivamente construídos, até emergir um valor dentro de um espectro pré-concebido “um tipo ideal de mulher”.

Como defende Latour (2012), as relações informacionais são estabelecidas com agentes humanos e não humanos, ambos actantes no fenômeno informacional, cujo agenciamento acontece na especificidade das relações de poder e importância. Em tal aspecto, o regime específico e as relações feitas pelos sujeitos retratam uma maneira operacional de entendimento da diversidade de dimensões que envolvem a significação da informação pelos sujeitos, suas relações com o mundo, os quais incluem aspectos materiais, subjetivos e intersubjetivos, possíveis de serem percebidos apenas em situações específicas. Assim, a ação de informar está vinculada ao protagonismo dos atores que impregnam de personalidade suas ações, podendo ao mesmo tempo ter aspectos revelados e velados.

O retorno do olhar sobre o dispositivo – Facebook

A pesquisa aqui apresentada elucida a relação dos sujeitos com a informação na rede social. Compreendeu-se que na confluência entre os elementos, rede, ambiente tecnológico e pessoas, a dinâmica inclui enquadramentos sociais e valores, capazes de comporem um universo híbrido de significação. Representam uma transversalidade devido a pluralidade de atores, práticas e recursos que se fundem, conformando um fenômeno informacional. Em tais aspectos os resultados dão destaque para as ações que incidem sobre eles, os próprios sujeitos informacionais e, sobre os diferentes contextos, configurando-se informações com poder de agência, num movimento recíproco, contínuo e potente.

Tudo que existe no mundo, inclusive a informação, é da ordem do vivido, do experimentado e do construído, de fato não existe um mundo pronto do qual nós somos consumidores. O mundo como nós o enxergamos foi construído e da mesma forma pode ser modificado. Modificá-lo significa interagir para criar um mundo comum, plural, com possibilidade de ser melhor com base nas experiências, nas vivências. Compreender tanto as práticas informacionais como às relações informacionais presentes nos regimes de informação, significa conhecer as diferentes dimensões e atravessamentos da informação sobre os aspectos da vida, da realidade que está sendo construída a todo momento, que

conta com atores de diferentes natureza e importância, conforme comprova a tese aqui apresentada.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, J. C. *A construção do olhar*. Belo Horizonte: Livros Horizonte, 2005 (Media e Jornalismo, 15).
- ALVES, B. M. *Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- ARAÚJO, C. A. A. Abordagem interacionista de estudos de usuários da informação. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 4, n. 2, p. 2-32, maio/ jun. 2010. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3856/3403>. Acesso em: 2 jun. 2015.
- ARAÚJO, C. A. A. A ciência da informação como ciência social. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19020.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2015.
- ARAÚJO, C. A. A. As correntes teóricas da ciência da informação. *Ciência da informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009.
- ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. 2, p. 23-39, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6485>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- ARAÚJO, C. A. A. Imaginação e sociabilidade: novos conceitos para o estudo de usuários da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2981/1045>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- ARAÚJO, C. A. A. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 145-159, jan./abr. 2012. Disponível em: http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/12/pdf_d6ab172dde_0000012706.pdf. Acesso em: 29 ago. 2015.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- ARENDT, H. *Remarks to the American Society of Christian Ethics*. 1973. Hannah Arendt Papers at the Library of Congress, speeches and writings file, Box 70.
- AUROUX, S. *A filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora UNICAMP, 1998.
- AUSTIN, J. L. Unfair to facts. *Philosophical Papers*. In: OXFORD: University Press, pp. 154-174, 1961.
- BABO, I. O acontecimento e os seus públicos. *Comunicação e Sociedade*, Braga, v. 23, p. 218- 235, 2013.
- BABO, I. *Espectadores e públicos activos*. Lisboa: Nova Vega, 2015.
- BABO-LANÇA, I. Reprodutibilidade do acontecimento na ordem institucional. In: FRANÇA, V. R. V.; CORRÊA, L. G.(org.). *Mídia, instituições e valores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 13-28

- BAPTISTA, S. G.; CUNHA, M. B. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. *Perspectivas em ciência da informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000200011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 abr. 2013.
- BAUMAN. Z. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN. Z. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- BAUMAN. Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BELA. In: HOUAISS. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- BELL, D. *The coming of post-industrial society*. New York: Collier, 1976.
- BELL, D. *The cultural contradictions of capitalismo*. Nova York: Basic Books, 1978.
- BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas, v.1).
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BORKO, H. Information science: What is it? *American Documentation*, Washington, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.
- BOURDIEU, P. *Distinction: a social critique of the judgement of taste*. London: Routledge, 1984.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BOURDIEU, P. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2003.
- BRAMAN, S. *Change of state: information, policy and power*. Cambridge: MIT Press, 2006.
- BRAMAN, S. The emergent global information policy regime. In: BRAMAN, S (ed.). *The emergent global information policy regime*. Hampshire: Palgrave, 2004. p. 12-37
- BRASIL. [Constituição (1891)]. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil* (De 24 de fevereiro de 1891). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em: 29 fev. 2018.
- BREIGER, R. The duality of persons and groups. *Social Forces*, v. 53, n. 2, p. 181- 190, dez. 1974.
- BRIET, S. *What is documentation?* Lanham, MD: Scarecrow, 1951. Disponível em: <http://chapters.scarecrowpress.com/08/108/0810851091ch1.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2015.

BUCKLAND, M. Information as a thing. *Journal of the American Society of Information Science*, Washington, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: Associação Nacional de pesquisa e Pós graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 15 out. 2017.

CAPURRO, R. *Foundations of information science: review and perspectives*. 1991. Disponível em: <http://www.capurro.de/tampere91.htm>. Acesso em: 19 out. 2017.

CAPURRO, R. *Heidegger y la experiencia del lenguaje*. 1982. Disponível em: <http://www.capurro.de/boss.htm>. Acesso em: 14 out. 2017.

CAPURRO, R. Pasado, presente y futuro de la noción de información. In: ENCUENTRO INTERNACIONAL DE EXPERTOS EM TEORÍAS DE LA INFORMACIÓN, 1, 2009, Leon, ES. *Anais [...]*. Leon: Universidad de Leon, 2008. Disponível em: <http://www.capurro.de/leon.pdf>. Acesso em 22 out. 2017.

CAPURRO, R. *La relevancia del análisis existencial para la relación terapéutica en el marco de la sociedad de la información*. 2000. Disponível em: <http://www.capurro.de/tucuman.html>. Acesso em: 21 out. 2017.

CAPURRO, R. What is information science for?: A philosophical reflection. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B (ed.). *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*. London: Taylor Graham, 1992. p. 82-98.

COELHO, M. *Evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933.

COULON, A. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996 (Coleção TRANS, 3).

DERVIN, B.; NILAN, M. Information needs and uses. *Annual review of information science and technology*, White Plains, NY, v. 21, p. 3-33, 1986.

DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DO LAR. In: DICIONÁRIO Informal da Língua Portuguesa Online. 2018. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/do%20lar/>. Acesso em: 4 fev. 2018.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisa qualitativas. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

DURKHEIM, E. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

EINSTEIN, A. Os Fundamentos da teoria da relatividade geral. *Annalen der Physik*, Lisboa, n. 49, p. 769-822, 1916. Disponível em: http://www.fisica.net/relatividade/teoria_de_relatividade_geral_27022000.pdf. Acesso em: 29 nov. 2017.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELLISON, N. B.; STEINFELD, C.; LAMPE, C. The benefits of Facebook "Friends:" social capital and college students' use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, bOxford, v. 12, p. 1143-1168, 2007.

FERNANDES, C. O que significa aff. *Umcomo*. 2018. Disponível em: <https://educacao.umcomo.com.br/artigo/o-que-significa-aff-24687.html>. Acesso em: 3 fev. 2018.

FERREIRA, D. *Manual de sociologia: dos clássicos à sociedade da informação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

FERREIRA, S. M. S. P. Novos paradigmas e novos usuários de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 1-10, 1995.

FLICK, U. *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLORESTA, N. *Opúsculo humanitário*. São Paulo: Cortez, 1989.

FONTES, B. A. S. *Redes sociais e poder local*. Recife: UFPE, 2012.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, M. *Society must be defended: lectures at the Collège de France, 1975-1976*. New York: Picador, 2003.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANÇA, V. R. V. Comunicação, sociabilidade e cotidiano: o fio de Ariadne e a palavra da rua. In: PINTO, M. J.; FAUSTO NETO, A. *O indivíduo e as mídias: ensaios sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p. 103-111.

FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. de (org). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

FREYRE, G. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L G (org.). *A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 19-34.

FROHMANN, B. Discourses and documentation: some implications for pedagogy and research. *The Journal of Education for Library and Information Science*, State College, Pa, v. 42, n. 1, p. 13- 28, 2001. Disponível em: <http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/frohmann/Documents/Discourse%20and%20Documentation.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2015.

FROHMANN, B. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. *Library Trends*, Champaign, Ill, v. 52, n. 3, p. 387-407, 2004. Disponível em: www.ideals.uiuc.edu/bitstream/2142/1683/2/Frohmann387407.pdf. Acesso em: 18 jul. 2015.

- FROHMANN, B. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. In: OLSON, H. A.; WARD, D. B (org.). ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE. 3., 1995, Edmonton. *Proceeding* [...]. Edmonton, Alberta, 1995. Disponível em: http://www.caicsci.ca/proceedings.1995/frohmann_1995.pdf. Acesso em: 14 ago. 2014.
- GALLUP. *Towards a better future for women and work: voices of women and men*. 2017. Disponível em: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-Moreno/---ilo-brasilia/documents/genericdocument/wcms_546622.pdf. Acesso em: 11 jan. 2018.
- GARCÍA CANCLINI, N. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- GARFINKEL, H. *Studios en etnometodología*. Barcelona: Anthropos, 2006.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GÍRIA. In: HOUAISS. 2018. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1>. Acesso em: 8 fev. 2018.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOFFMAN, E. *Frame analysis*. New York: Harper and Row, 1974.
- GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Garden City, NY: Doubleday, 1967.
- GOFFMAN, E. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOHN, M. G. *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GOHN, M. G. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 2012.
- GOLDENBERG, M.; TOSCANO, M. *A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- GOLPISTA. In: HOUAISS. 2018. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1>. Acesso em: 8 fev. 2018.
- GOMES LOPES, B. A.; MELO, M. S. S. Bela, recatada e 'do lar': uma análise semiolinguística da matéria da revista *Veja*. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 343-365, 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/848/421>. Acesso em: 17 dez. 2017.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Da organização do conhecimento às políticas de informação. *Informare*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 58-66, 1996.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia da pesquisa no campo da ciência da informação. *Datagrama zero: Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.1, n. 6, dez., 2000.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. O objeto de estudo da ciência da informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 117-122, jul./dez. 1990.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; CHICANEL, M. As mudanças de regimes de informação e as variações tecnológicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. Anais[...]. São Paulo: USP, 2008.

HABERMAS, J. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HABERMAS, J. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, J. *Knowledge and human interests*. Cambridge: Polity, 1986.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1984.

HABERMAS, J. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1988. 2v.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamaprina, 2014.

HARVEY, D. A compressão do tempo-espaco e a condição pós-moderna. In: HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 257-276.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições: Loyola. 1992. p.187- 201.

HOLENSTEIN, E. *Introdução ao pensamento de Roman Jakobson*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Porto Alegre: Edpuers, 1996 (Filosofia; 41).

HUSSERL, E. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Lisboa: Casa da Moeda, 1994.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

JAKOBSON, R. Linguistics and poetics. In: SEBEOK, T (org.). *Style in language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1960.

JOHNSON, A. G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

KIRKPATRICK, D. *O efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KUHLTHAU, C. Inside the search process: information seeking from the users perspective. *Journal of the American Society for Information Science*, Washington, v. 42, n. 5, p. 361-371, 1991.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 1994.

LATOUR, B. On recalling ANT. In: HASSARD, J.; LAW, J (org.). *Actor-network-theory and after*. Oxford: Blackwell, 1999, p. 15-25.

LATOUR, B. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

LATOUR, B. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, M.; JACOB, C (coord.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. Rio de Janeiro: UFRJ. p. 21-44. 2008.

LATOUR, B. *War of the worlds: What about peace?* Chicago: Prickly Paradigm Press, 2002.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, P. *A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?* São Paulo: Loyola, 1998.

LINHARES, J. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. *Veja*, 18 abr. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 26 fev. 2018.

LIVET, P. Les normes et les valeurs. In LIVET, P. *Les normes*. Paris: Armand Colin, 2006. p. 7-42.

LIVET, P. *As normas: análises da noção, estudos de textos: Wittgenstein, Leibniz, Kelsen, Aristóteles*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, 1995.

MARTELETO, R. M. Lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos. In: LARA, M. L. G.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P (org.). *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. São Paulo: Néctar; São Paulo: ECA/USP, 2008. p. 13-26.

MARX, K. *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os pensadores).

MATTELART, A. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MORIN, E. *Sociologie*. Paris: Fayard, 1984.

NUNBERG, G. Farewell to the information age. In: NUNBERG, G (ed.). *The future of the book*. Berkeley: University of California, 1996. p. 103-138.

NUNES, J. V. *Vivência em rede: uma etnografia das práticas sociais de informação dos usuários de redes sociais na internet*. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2014.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. *Majoria das mulheres no Brasil e no mundo prefere trabalho remunerado a ficar em casa, mas ainda enfrenta desafios*. 2017. Disponível em: http://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_546625/lang-pt/index.htm. Acesso em: 15 mai. 2017.

OTLET, P. *El tratado de documentación: el libro sobre el libro: teoría y práctica*. Bruselas: Ediciones Mundaneum, Palais Mondial, 1934.

PARISER, E. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PASCHOALIN, M. A. *Minigramática Paschoalin e Spadoto*. São Paulo: FTD, 1997.

PERAYA, D. *Médiation et médiatisation: le campus virtuel*. 1999. Disponível em: http://www.wolton.cnrs.fr/hermes/b_25fr_sommaire.htm. Acesso em: 14 jun. 2014.

PINHEIRO, L. V. R. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; ORRICO, E. G. D (org.). *Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: Edufrn, 2006. p. 111-141.

PORAT, M. U. *The information economy: definition and measurement*. Washington: Department of Commerce - Office of Telecommunications, 1977.

POSTER, M. *Foucault, marxism and history: mode of production versus mode of information*. New York: Basil Blackwell, 1984.

POSTER, M. Postmodern virtualities. In: POSTER, M. *The second media age*. New York: Blackwell, 1995.

QUÉRÉ, L. O caráter impessoal da experiência. In: LEAL, B. S.; GUIMARÃES, C. G.; MENDONÇA, C. M (org.). *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 19-38.

QUÉRÉ, L. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. O.; OLIVEIRA, M. G. de. *Um toque de clássicos*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RECATADO. In: HOUAISS. 2018. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1>. Acesso em: 8 fev. 2018.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RENDÓN ROJAS, M. A. Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia. *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 17-31, 1996.

RENDÓN ROJAS, M. A. Relación entre los conceptos: información, conocimiento y valor: semejanzas y diferencias. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 52-61, maio/ago. 2005.

- RETICÊNCIAS. In: NORMA Culta: Língua Portuguesa em bom português. 2018. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/reticencias/>. Acesso em: 14 fev. 2018.
- RIBEIRO, D. Bela, recatada e do lar: matéria da 'Veja' é tão 1792. *Carta Capital*. 20 abr. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bela-recatada-e-do-lar-materia-da-veja-e-tao-1792>. Acesso em: 11 nov. 2017.
- SALDANHA, G. S. *Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da ciência da informação: uma leitura em diálogo com Wittgenstein*. 2008. 302 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte. 2008.
- SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, maio/ago. 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2018.
- SARACEVIC, T. Information science. *Journal of the American Society for Information Science*, New York, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999.
- SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking approaching information seeking in the context of “way of life”. *Library & Information Science Research*, Norwood, NJ, v. 17, n. 3, 259-294, 1995.
- SHUTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- SIMMEL, G. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SOUZA, J. *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.
- TALJA, S. Constituting “information” and “user” as research objects: a theory of knowledge formations as an alternative to the information man-theory. In: VAKKARI, P.; SAVOLAINEN, R.; DERVIN, B (ed.). *Information seeking in context*. Londres: Taylor Graham, 1996. p. 67-80.
- TAYLOR, R. S. Professional aspects of information science and technology. *Annual Review of Information Science and Technology*, White Plains, NY, v. 1, p. 15-40, 1966.
- TAYLOR, R. S. *Value-added processes in information systems*. Norwood: Ablex, 1986.
- TEIXEIRA, C. Em busca da experiência mundana e seus significados: Georg Simmel, Alfred Schütz e a Antropologia. In: TEIXEIRA, C (org.) *Em busca da experiência mundana e seus significados: Georg Simmel, Alfred Schütz e a antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 9-33.
- THOMAS, W. I. *On social organization and social personality: selected papers*. Chicago: The University of Chicago, 1966.
- THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna: teoria social na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- THOMPSON, J. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VELHO, G. Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 145-148, 2008.

VERUCCI, F. *A mulher e o direito*. São Paulo: Nobel, 1987.

WALBY, S. *Theorizing patriarchy*. Oxford: Brasil Blackwell, 1990.

WEBER, M. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

WEBER, M. *The theory of social and economic organization*. New York: Oxford University, 1947.

WEINBERG, A. M. A chat with Alvin Weinberg. [Entrevista concedida a] Bill Cabage e Carolyn Krause. *Oak Ridge National Laboratory Review*, Oak Ridge, TN, v. 28, n. 1, p. 83-89, Apr. 1995. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=w3fGFpydK5EC&hl=pt&pg=GBS.RA2-PA106>. Acesso em 18 out. 2017.

WEINBERG, A. *An evaluation of basic articulators and their concepts*. 1963. Disponível em: <http://garfield.library.upenn.edu/papers/weinbergreport1963.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2015.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information processing & management*, New York, v. 29, n. 02, p. 229-239, mar. 1993.

WIENER, N. *Cybernetics, or control and communication in the animal and the machine*. Cambridge: The MIT Press, 1948.

WILSON, T. Alfred Schutz, phenomenology and research methodology for information behaviour research. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON INFORMATION SEEKING IN CONTEXT, 4., 2002, Lisboa. [...]. Lisboa: Universidade Lusíada, 2002.

WILSON, T. Human information behavior. *Informing Science*, Brookhill Court, v. 3, n. 2, p. 49-54, 2000.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores, 56).

ZUCKERBERG, M. Bringing the world closer together. 26 jun. 2017. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10103920078253551&set=pb.4.-2207520000.1522862396.&type=3&theater>. Acesso em: 28 mar. 2018.

FONTES DA PESQUISA EMPÍRICA

ALVARENGA, Flávia. Carta de Michel Temer diz que Dilma não confiou nele e no PMDB. *G1*, Brasília, 08/12/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/12/carta-de-michel-temer-diz-que-dilma-nao-confiou-nele-e-no-pmdb.html>. Acesso em: 15 dez. 2017.

ARAÚJO, Carla; PERON, Isadora. Temer não vai à primeira reunião da coordenação política de Dilma em 2016. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15/02/2016. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,temer-nao-vai-a-primeira-reuniao-da-coordenacao-politica-de-dilma-em-2016,10000016457>. Acesso em: 17 dez. 2017.

ARAUJO, Pedro Zambarda de. 20 micos épicos da “grande mídia” brasileira em 2015. *Limpinho & Cheiroso*, 03/01/2016. Disponível em: <https://limpinhoecheiroso.com/2016/01/page/51/> Acesso em: 17 nov. 2017.

BACHINI, Natasha; FERES JR, João. M Facebook : relatório semanal sobre as publicações das dez páginas com maior numero de fãs do Facebook: 5 a 12 de novembro, 2017. *Manchetômetro*, Rio de Janeiro, 16/11/2017. Disponível em: <http://www.manchetometro.com.br/index.php/mfacebook/relatorio-semanal/2017/11/16/principais-publicacoes-5-a-12-de-novembro-de-2017/>. Acesso em: 12 dez. 2017.

BELING, Fernanda. As 10 maiores redes sociais – Atualizado. *Oficina da Net*, 24/02/2016 Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>. Acesso em: 28 mar. 2017.

BRASIL. Câmara dos Deputados. DCR 1/2015: denúncia por crime de responsabilidade. 02/12/2015. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2057823>. Acesso em: 24 mar. 2017.

BRASIL. Senado Federal. Dilma Rousseff perde o mandato e Temer é confirmado presidente. *Senado Notícias*, Brasília, 31/08/2016. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/08/31/dilma-rousseff-perde-o-mandato-e-temer-e-confirmado-presidente>. Acesso em: 15 dez. 2017.

BRASIL. Senado Federal. *Senado Federal como Órgão Judiciário*: sentença. Brasília, 31/08/2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/08/31/veja-a-sentenca-de-impeachment-contra-dilma-rousseff>. Acesso em: 9 maio 2017.

CARTA CAPITAL. *O governo sobrevive à carta de Temer?* 08/12/2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-governo-sobrevive-a-carta-de-temer>. Acesso em: 14 nov. 2017.

CASTILHOS Roniara; MATOSO, Filipe. Após encontro, Dilma e Temer dizem que manterão relação 'institucional'. *G1*, Brasília, 09/12/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/temer-diz-que-tera-relacao-institucional-com-presidente-dilma.html>. Acesso em: 14 dez. 2017.

CRUZ, Valdo; LIMA, Daniela; DIAS, Marina. Em carta, Temer acusa Dilma de mentir e sabotar o PMDB. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 07/12/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/12/1716221-temer-escreve-carta-em-tom-de-desabafo-a-dilma.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2017.

DIAS, marina; URIBE, Gustavo. Temer diz a Dilma que governo precisa 'ouvir mais' e 'ser mais servo'. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20/01/2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/01/1731493-temer-diz-a-dilma-que-governo-precisa-ouvir-mais-e-ser-mais-servo.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2017.

ESTADÃO. Aliados dizem que Temer se arrependeu de carta enviada a Dilma. Brasília, 12/01/2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/01/12/aliados-dizem-que-temer-se-arrependeu-de-carta-enviada-a-dilma.htm>. Acesso em: 19 nov. 2016.

FACEBOOK. *Página inicial*. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso em: 28 mar. 2018.

FOLHAPRESS. De última hora, Dilma chama Temer para mobilização contra a zika. *Valor Econômico*, Brasília, 12/02/2016. Disponível em: <http://www.valor.com.br/politica/4432728/de-ultima-hora-dilma-chama-temer-para-mobilizacao-contra-zika>. Acesso em: 16 nov. 2017.

FOREQUE, Flávia. 'Golpes constroem caos', afirma Dilma sobre impeachment. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 07/12/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/12/1716193-golpes-constroem-caos-afirma-dilma-sobre-impeachment.shtml>. Acesso em: 17 nov. 2017.

FREIRE, Raquel. Entenda a diferença entre smiley, emoticon e emoji. Techtudo, 31/07/2014. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/entenda-diferenca-entre-smiley-emoticon-e-emoji.html>. Acesso em: 18 dez. 2017.

G1. *Jorge Bastos Moreno*: veja repercussão sobre a morte do jornalista. Rio de Janeiro, 14/06/2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/jorge-bastos-moreno-veja-repercussao-sobre-a-morte-do-jornalista.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2017.

KELLY, Heather. Mark Zuckerberg explains why he just changed Facebook's mission. 22 jun. 2017. Disponível em: <https://money.cnn.com/2017/06/22/technology/facebook-zuckerberg-interview/index.html>. Acesso em: 6 jan. 2018.

Lima, Maria; Jungblut, Cristiane; Souza, André de. Moreno, Repórter: vida dedicada ao jornalismo. *O Globo Brasil*, 15/06/2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/moreno-reporter-vida-dedicada-ao-jornalismo-21481011>. Acesso em: 1 nov. 2017.

MASCARENHAS, Gabriel. Marcela Temer grava primeiro vídeo para as redes sociais. *Veja*, São Paulo, 03/05/2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/radar/marcela-temer-grava-primeiro-video-para-as-redes-sociais>. Acesso em: 22 nov. 2017.

Moreno, Jorge Bastos. Exclusivo: carta de Temer a Dilma. *O Globo*, São Paulo, 07/12/2015. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-moreno/post/exclusivo-carta-de-temer-dilma.html>. Acesso em: 25 out. 2017.

MOVIMENTO CONTRA CORRUPÇÃO. *Facebook*. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/MovimentoContraCorrupcao/>. Acesso em: 18 jun. 2017.

O Globo. *Exclusivo*: carta de Temer a Dilma. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/leia-a-%C3%ADntegra-da-carta-httpglobo1jkzdhg-jornaloglobo/1167685626604448/>. Acesso em: 20 abr. 2016.

PACHECO, Paulo. De onde vem o "mimimi"? Criadores do "Fudêncio" criticam mau uso do termo. *UOL*, São Paulo, 06/10/2017. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2017/10/06/de-onde-vem-o-mimimi-criadores-do-fudencio-criticam-mau-uso-do-termo.htm>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PARDELLAS, Sérgio; BERGAMASCO, Débora. Uma presidente fora de si. *Istoé*, São Paulo, 01/04/2016. Disponível em: https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/. Acesso em: 19 nov. 2017.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Revista Época ultrapassa limites e faz 'revelações' sobre vida sexual de Dilma. 21/08/2015. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/08/revista-epoca-ultrapassa-limites-e-faz-revelacoes-sobre-vida-sexual-de-dilma.html>. Acesso em: 22 nov. 2017.

R7. *Matéria que comparou Dilma a "Maria, a Louca" gera polêmica e é chamada de "machista"*. 04/04/2016. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/materia-que-comparou-dilma-a-maria-a-louca-gera-polemica-e-e-chamada-de-machista-04042016>. Acesso em: 14 nov. 2017.

ROUSSEFF, Dilma. *Facebook*. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/DilmaRousseff/>. Acesso em: 10 dez. 2015.

SADI, Andreia. Leia a íntegra da carta enviada pelo vice Michel Temer a Dilma. G1, Rio de Janeiro, 07/12/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>. Acesso em: 23 nov. 2017.

SOLOW, Arthur. A Carta como pretexto: a cronologia dos fatos entre Dilma e Temer. *Terraço Econômico*. 14/02/2016. Disponível em: <http://terracoeconomico.com.br/a-carta-como-pretexto-a-cronologia-dos-fatos-entre-dilma-e-temer>. Acesso em: 14 nov. 2017.

VEJA. *Marcela Temer: bela, recatada e "do lar"*. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/veja/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 20 abr. 2016.

Venturini, Lilian. A carta de Temer a Dilma, contextualizada ponto a ponto. *Nexo*, 08/12/2015. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2015/12/08/A-carta-de-Temer-a-Dilma-contextualizada-ponto-a-ponto>. Acesso em: 23 jan. 2018.

ZUCKERBERG, Mark. *Facebook*. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/MarkZuckerberg>. Acesso em: 28 mar. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Uma nota sobre a experiência do Estágio sanduíche

A ideia de realização de um estágio no exterior para aprofundamento teórico e metodológico sobre o conceito de “acontecimento”, aplicado às práticas informacionais, nasceu em 2015. No período, percebia-se inúmeras informações reverberadas nas postagens no Facebook (então observadas no contexto do projeto de pesquisa já qualificado) às quais se constituíam acontecimentos, apresentadas no espaço virtual e reproduzidas e interpretadas nas apropriações dos sujeitos da rede social. A apreensão de valores do âmbito institucional e social, percebida nesse movimento, trouxe a necessidade para o projeto de se estabelecer uma relação interdisciplinar com o campo da comunicação, compartilhando elementos que pudessem ajudar no desenvolvimento da pesquisa que aqui se apresenta. Conforme defende González de Gómez (1996), para a compreensão dos fenômenos e processos informacionais, é necessário aprofundamento em processos sociais, cognitivos e comunicacionais que se interagem.

Nessa ocasião, obteve-se acesso às publicações da prof. Doutora Isabel Babo que participou de um encontro na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e resultou em reflexões relevantes sobre a temática Mídia, Instituição e Valores. O encontro aconteceu em novembro de 2008, ocasião em que a prof^a Doutora Isabel Babo abriu o I Colóquio sobre Imagem e Sociabilidade na UFMG. No evento, a articulação de conceitos no âmbito da comunicação e sociedade foram discutidos e apresentados em comunicações científicas posteriores, significando um marco para a compreensão dos fenômenos virtuais e do conceito de “acontecimento”.

A Prof. Doutora Isabel Babo é agregada em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (2013), doutora em Sociologia pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris (2001), licenciada em Filosofia pela Universidade do Porto. É reitora da Universidade Lusófona do Porto, desde julho de 2012, onde é diretora da Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação e do programa doutoral em Estudos em Comunicação para o Desenvolvimento. É investigadora do CICANT e as suas áreas de especialização são a sociologia do acontecimento, a sociologia da comunicação e as teorias do espaço público, com livros, artigos científicos e comunicações sobre acontecimento e problema público, acontecimento mediático e jornalístico, configuração mediática dos acontecimentos e memória, teorias dos media, da recepção e dos públicos.

A pesquisadora apresenta em suas produções, argumentos consistentes sobre a constituição de públicos, de **acontecimentos** e **acontecimentos de réplica**, os quais tornaram-se conceitos caros a essa investigação. A autora destaca que os acontecimentos, como no caso dos virtuais que ocorrem na rede social, operam uma ruptura da normalidade

social, desequilibrando normas e convenções institucionais que repercutem e são replicados em diversos meios, escapando aos enquadramentos sociais. As ideias de Babo foram instigantes e inovadoras pela possibilidade de compreensão para questões que, ainda hoje, se colocam como desafios em relação as redes sociais e as interações dos sujeitos. O caminho por meio da verticalização desse conceito, aplicados aos estudos sobre regimes de informação e práticas informacionais fundamentaram parte das argumentações, como é possível constatar.

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista semiestruturada realizada com os sujeitos informacionais que interagiram no Facebook

Primeiro esforço de compreensão: Quem são esses sujeitos informacionais?

Dados pessoais

Como e por que usa o Facebook?

Segundo esforço de compreensão: Como veem a rede social – Facebook?

O que pensa sobre os movimentos e acontecimentos que ocorrem no interior da rede social?

De que maneira entende a relação dos acontecimentos dentro da rede social com os acontecimentos fora da rede social, no cotidiano?

Terceiro esforço de compreensão: Sobre as interações e postagens pessoais:

Com que frequência faz postagens? Quais tipos de postagem tem maior interesse em compartilhar ou publicar? Por quê?

Sobre a interação com as postagens de outros sujeitos ou páginas

O que leva você a curtir uma página? E a comentar?

Quais páginas do Facebook você acessa com maior frequência?

Quais tipos de postagem você não gosta de ver na rede social?

Quais tipos de postagem tem maior interesse em ler

O que leva você a compartilhar uma postagem?

Quando você não concorda com um post o que você faz?

Tem alguém conhecido popularmente que você segue no Facebook? Por que você o segue?

Quais critérios você usa para curtir ou comentar um post?

Sobre o comentário realizado

Por que curtiu esse comentário e comentou?

Você compartilharia esse post? Por que?

ANEXO

ANEXO A

Ranking das maiores redes sociais

Rede social	Usuários ativos
#1 <u>Facebook</u>	2.047.000.000 +107
#2 <u>Youtube</u>	1.500.000.000 +500
#3 <u>WhatsApp</u> -1	1.200.000.000
#4 Facebook Messenger	1.200.000.000
#5 Wechat	889.000.000 +49
#6 QQ	861.000.000 -7
#7 <u>Instagram</u>	700.000.000
#8 QZone	638.000.000 +43
#9 Tumblr	357.000.000 -193
#10 <u>Twitter</u>	328.000.000 +9
#11 Sina Weibo	313.000.000
#12 Baidu Tieba	300.000.000
#13 <u>Skype</u> +1	300.000.000
#14 Viber +1	260.000.000
#15 <u>Snapchat</u> -2	255.000.000 -45
#16 Line	214.000.000 -6
#17 Pinterest	175.000.000 +25
#18 yy	122.000.000
#19 <u>Linkedin</u>	106.000.000
#20 <u>Telegram</u> +1	100.000.000
#21 VKontatke	81.000.000

Fonte: Beling (2016)